

SAMUEL GOMES DE OLIVEIRA

INGLIDING DE VOGAIS TÔNICAS COMO PRÁTICA ESTILÍSTICA
NO FALAR PORTO-ALEGRENSE:
Significados sociais da variação linguística

PORTO ALEGRE

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

INGLIDING DE VOGAIS TÔNICAS COMO PRÁTICA ESTILÍSTICA
NO FALAR PORTO-ALEGRENSE:
Significados sociais da variação linguística

SAMUEL GOMES DE OLIVEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito
parcial para a obtenção do título de
Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

PORTO ALEGRE

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Samuel Gomes de
Ingliding de vogais tônicas como prática
estilística no falar porto-alegrense: significados
sociais da variação linguística / Samuel Gomes de
Oliveira. -- 2018.
230 f.
Orientadora: Elisa Battisti.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Ingliding. 2. Variação linguística. 3. Prática
social. 4. Estilo. 5. Significado social. I.
Battisti, Elisa, orient. II. Título.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisa Battisti

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Presidente

Profa. Dra. Livia Oushiro

Universidade Estadual de Campinas

Membro titular

Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini

Pontifícia Universidade Católica

Membro titular

Profa. Dra. Luciene Juliano Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Membro titular

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me deram apoio durante a realização do Mestrado em Estudos da Linguagem – Sociolinguística. Primeiramente, agradeço aos meus pais, Homilda e Tomaz, e ao meu irmão, Mateus, pelo apoio em todas as etapas da minha formação e por terem me incentivado tanto a seguir os caminhos que me fizessem feliz; à minha cunhada, Aury, por todo o carinho e partilha de sonhos; e ao meu companheiro, Renato, pelo apoio e pela escuta diária.

À professora Elisa Battisti, pela orientação dedicada e por ter me proporcionado tantas oportunidades de crescimento acadêmico. Agradeço pelo conhecimento tão generosamente partilhado e pelos cafés felizes entre uma reunião e outra.

À Débora, amiga de todas as horas e companheira inseparável, por me lembrar de que tudo vai dar certo e por fazer minha vida mais leve e feliz, tanto em momentos de trabalho quanto em momentos de lazer.

Agradeço aos professores do ensino fundamental e médio por terem alimentado sonhos que um dia foram tão distantes, mas que hoje, felizmente, não são mais. Aos professores de Linguística, agradeço por toda a contribuição em minha formação, tanto em disciplinas ministradas quanto em reuniões e eventos científicos. Agradeço, especialmente, à Cláudia Regina Brescancini, à Gisela Collischonn, à Livia Oushiro, à Luciene Juliano Simões, ao Luiz Carlos Schwindt e ao Ronald Beline Mendes. Às professoras Livia, Luciene e Cláudia, que compuseram a banca examinadora deste trabalho, agradeço pela leitura atenta e pelos apontamentos, tão relevantes para a construção da versão final da dissertação.

Aos colegas da pós-graduação, à equipe LínguaPOA e ao Círculo Linguístico, agradeço por todas as valiosas trocas. Ao professor Aduino Locatelli Taufer, pelo aprendizado profissional como docente em Língua Portuguesa. Aos colegas professores e aos estudantes do NELE, por tornarem as idas ao Vale nos sábados de manhã tão valiosas.

Aos amigos que torna(ra)m minha vida mais feliz – Ana Carolina, Ana Paula, Ariane, Bárbara, Bruno, Camilla, Carla, Carol, Deângela, Débora, Duda, Fernanda, Gabi, Helena, Léo, Letícia, Livia, Luiza, Mirko, Nicole, Paula, Paulo, Pedro, Rafa, Renata, Viviane e Vanessa –, agradeço pelas boas lembranças vividas e pela vontade de estar junto. Aos familiares, pelo respeito e pela compreensão de minhas eventuais ausências.

Agradeço ao grupo NEELIC por tantos encontros transformadores, em especial à Desirée, à Vanda, ao Rodrigo e ao Adriano.

Aos informantes do LínguaPOA, por terem disponibilizado uma hora de suas vidas e possibilitado a criação da amostra utilizada neste estudo. Aos criadores dos *softwares* e pacotes de acesso livre, por tornarem viável a realização dos procedimentos metodológicos deste trabalho. Agradeço ao R Core Team (R), ao Johnson (RBrul), ao Boersma e ao Weenink (Praat), e ao Audacity Team (Audacity).

Agradeço à UFRGS por todo o aprendizado; ao Programa de Pós-Graduação em Letras e à PROPESQ, pelos auxílios para participação em eventos científicos; e ao CNPq, pela Bolsa de Mestrado. Por fim, agradeço àqueles que lutaram e àqueles que continuam lutando pela permanência e pelo aperfeiçoamento das universidades públicas brasileiras e dos órgãos de fomento à pesquisa.

"I have resisted the term sociolinguistics for many years, since it implies that there can be a successful linguistic theory or practice which is not social".

WILLIAM LABOV (1972)

"If there are two robust facts about variation, they are that (1) variation is socially meaningful, and (2) variation patterns socially on both the macro- and the microsocial scale".

PENELOPE ECKERT (2016)

RESUMO

Este trabalho investiga o *ingliding* variável de vogais em sílabas tônicas (*né~né[ɐ]*; *agora~ago[ɐ]ra*) no português falado em Porto Alegre (RS). Explora significados sociais e estilos de vida associados à variável, com o objetivo de descobrir e explicar o padrão de variação e as práticas sociais que o sustentam. Para tanto, realiza-se uma análise nas três ondas da sociolinguística (ECKERT, 2005, 2012), entendendo *ingliding* como prática estilística. Parte-se das hipóteses de que o *ingliding*, em termos linguísticos, (a) resulta de marcação de proeminência da frase entoacional (BATTISTI e OLIVEIRA, 2014); (b) surge em contextos de maior duração vocálica; (c) é favorecido por vogais médias-baixas (OLIVEIRA, 2016). Em relação ao encaixamento social, acredita-se que o *ingliding* seja favorecido por agentes sociais da segunda faixa etária, de classe social alta, que frequentam a Zona Central da cidade. Busca-se testar, também, a hipótese de que o processo esteja atrelado a *personae* mobilizadas por jovens que compuseram o movimento do Bom Fim dos anos 1980 (OLIVEIRA, 2016), razão pela qual o processo é percebido como característico do Bom Fim e de pessoas que *têm sotaque* e que podem ser *descontraídas, descoladas, desencanadas e preguiçosas* (OLIVEIRA, 2015). A metodologia do trabalho inclui análise de regra variável (de efeitos mistos) e análise de conteúdo de duas amostras: (1) dados de fala do *Filme Sobre um Bom Fim* (MIGOTTO, 2015); (2) dados de fala de 24 entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA, estratificadas por Gênero, Faixa Etária e Zona. Além disso, realizaram-se procedimentos etnográficos, com o comparecimento a uma edição do Sarau Elétrico, que reúne música e literatura e ocorre no Bar Ocidente (local de relevância para o movimento jovem dos anos 1980). Os resultados confirmam que o *ingliding* ocorre em contexto de proeminência prosódica na frase entoacional, sendo favorecido por vogais médias-abertas – mais próximas ao *glide* central que surge no processo e com maior duração intrínseca (LEHISTE, 1970) – e por pausa ou segmentos seguintes coronais (sendo desfavorecido por segmentos que podem resultar no encurtamento da vogal). Tais resultados indicam que o ditongo centralizado surge a partir da própria vogal nuclear (DONEGAN, 1978). O exame das proporções de aplicação indicam que o *ingliding* ocorre três vezes mais no *Filme Sobre um Bom Fim* (15,5%) do que na amostra do LínguaPOA (5%), o que se pode atribuir à *persona* ‘jovem do Bom Fim’, tomada como modelo cultural (GAL, 2016) e mobilizada por determinados participantes do *Filme Sobre um Bom Fim* para projetar traços de uma identidade social *descolada, transgressora, louca, inovadora*. No Sarau Elétrico, a aplicação de *ingliding* é capital cultural usado por agentes sociais que relembram, com saudade, o passado porto-alegrense. Participar do Sarau Elétrico e do bairro Bom Fim faz surgir um *efeito de clube*, em que os agentes sociais se distinguem dos demais através da detenção de capital econômico, cultural e social, exprimindo, no espaço físico, suas posições relativamente superiores no espaço social (BOURDIEU, 1998 [1993]). Na amostra do LínguaPOA, o *ingliding* é favorecido por homens e por pessoas da segunda faixa etária, o que confirma a hipótese de que o processo deve ter sido estilizado e assim adquirido

alguma saliência social no movimento jovem dos anos 1980 do Bom Fim. Os informantes que mais produzem *ingliding* no LínguaPOA ocupam posições superiores no espaço social, partilham *habitus* de classe e não estão limitados ao gosto da necessidade (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]). Há, no mínimo, dois estilos de vida dentre os informantes do LínguaPOA com falar marcado pelo ditongo centralizado: grupo A (mais afiliado ao estilo dos jovens do movimento dos anos 1980), composto por pessoas que, dentre outros aspectos, circulam a pé pelo centro da cidade (onde realizam práticas culturais), não ouvem rádio, tendem a ser favoráveis à legalização da maconha e mencionam políticos de partidos de esquerda como bons exemplos; grupo B (menos afiliado ao estilo dos jovens do movimento dos anos 1980), composto por pessoas que, dentre outros aspectos, circulam de carro na cidade (não no centro, mas preferencialmente na orla, onde praticam esporte ao ar livre, como corrida), ouvem rádio, são desfavoráveis à legalização das drogas e têm dificuldade em mencionar bons exemplos de políticos. Praticamente todos os informantes que mais produzem *ingliding* têm ocupações que demandam usos públicos eventualmente mais cuidados da linguagem (professores, vendedores), o que acontece também com comunicadores, razão pela qual o processo pode conferir lucro simbólico nessas situações comunicativas. Além disso, como todos esses informantes têm níveis socioeconômicos altos, o *ingliding* pode indexar mobilização de capital econômico. A diferença ideológica entre o grupo A e o grupo B pode significar que os informantes não partilham da mesma história indexical (JAFFE, 2016), razão pela qual constituem campos indexicais distintos, que estão em constante processo de reconstrução (SILVERSTEIN, 2003; ECKERT, 2008). A coerência entre os diferentes campos indexicais está nos traços *descolado*, *despojado* e *descontraído*, presentes nos dois estilos de vida. O grupo A opõe *descolado* a *careta*, podendo indexar, ao *ingliding*, os significados *transgressor*, *louco* e *maconheiro*, como os jovens do Bom Fim nos anos 1980. O grupo B opõe *despojado* a *arrumado*, podendo indexar, ao *ingliding*, os significados *esportista* e *praieiro*. Juntos, os dois grupos compõem diferentes *personae* opostas a uma elite *formal*, *contida* ou *esnobe*. O *ingliding*, que também pode significar pertença a Porto Alegre, não é necessariamente mobilizado conscientemente, o que não atenua os efeitos ideológicos de seu uso (ECKERT, 2016). A *liberdade* associada ao *ingliding* se mostra inclusive nas disposições da *hexis* corporal como um estilo articulatório (BOURDIEU, 2008 [1982]) atrelado não apenas à liberdade financeira, mas também à liberdade estilística.

Palavras-chave: *Ingliding*. Porto Alegre. Português porto-alegrense. Sociolinguística. Variação linguística. Prática social. Estilo. Significado social.

ABSTRACT

This study investigates the variable ingliding in stressed syllables (*né~né[ɐ]*; *agora~ago[ɐ]ra*) in the Portuguese spoken in Porto Alegre (RS). It explores social meanings and life-styles associated with the variable in order to find out and explain the variation pattern and the social practices behind it. For this purpose, an analysis is carried out in the three waves of sociolinguistics (ECKERT, 2005, 2012), considering ingliding as a stylistic practice. It is assumed that the ingliding, in linguistics terms, (a) results from intonational phrase prominence marking (BATTISTI e OLIVEIRA, 2014); (b) occurs in contexts of greater vowel duration; (c) is favored by open-mid vowels (OLIVEIRA, 2016). In relation to the social embedding, it is believed that the ingliding is favored by social agents from the second age group, from high social class, and who attend the central city zone. The study also aims at testing the hypothesis that this process is tied to *personae* claimed by young people who were part of the Bom Fim movement in the 1980s (OLIVEIRA, 2016), which is a reason why the process is perceived as typical from Bom Fim and from people who *have an accent* and who may be *relaxed, cool, carefree* and *lazy* (OLIVEIRA, 2015). The methodology used in this study includes variable rule analysis (with mixed-effects) and content analysis of two samples: (1) speech data from *Filme Sobre um Bom Fim* (MIGOTTO, 2015); (2) speech data from 24 sociolinguistic interviews of LínguaPOA, stratified by Gender, Age Group and Zone. Moreover, ethnographic procedures were carried out, including the attending of a *Sarau Elétrico* edition, which brings together music and literature and takes place at *Bar Ocidente* (a relevant place for the youth movement of the 1980s). The results confirm that the ingliding occurs in a context of prosodic prominence in the intonational phrase, being favored by open-mid vowels – which are closer to the central glide that arises in the process and which have greater intrinsic duration (LEHISTE, 1970) – and by pause or following coronal segments (being disfavored by segments that can unfold vowel shortening). These results indicate that the centring diphthong arises from the nuclear vowel itself (DONEGAN, 1978). The examination of the proportions of application indicates that the ingliding occurs three times more often in the *Filme Sobre um Bom Fim* (15,5%) than in the LínguaPOA sample (5%), which can be attributed to the ‘young person from Bom Fim’ *persona*, taken as cultural model (GAL, 2016) and claimed by certain participants from *Filme Sobre um Bom Fim* to project traits of a *cool, transgressor, crazy, innovative* social identity. In *Sarau Elétrico*, the ingliding application is cultural capital used by social agents who recall, longingly, the porto-alegrense past. Participating in *Sarau Elétrico* and in Bom Fim neighborhood gives place to an *effect of ‘club’*, in which the social agents distinguish themselves from other people through economic, cultural and social capital retention, which expresses, in the physical space, their relatively superior positions in the social space (BOURDIEU, 1998 [1993]). In the LínguaPOA sample, the ingliding is favored by men and by people from the second age group, which confirms the hypothesis that the process may have been stylized and then acquired some social salience in the youth

movement of the 1980s at Bom Fim. The speakers who produce more ingliding in the LínguaPOA occupy relatively superior positions in the social space, share class *habitus* and are not restrained to the necessity taste (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]). There are, at least, two lifestyles between LínguaPOA speakers with centring diphthongs in their speech: group A (more affiliated to the style of the young people from the 1980s movement), composed by people who, among other aspects, circulate on foot around the city center (where they realize cultural practices), do not listen to the radio, tend to be favorable to the decriminalization of marijuana and mention left party politicians as good examples; group B (less affiliated to the style of the young people from the 1980s movement), composed by people who, among other aspects, circulate by car in the city (not in the city center, but preferably by the shore, where they practice outdoor sports, such as running), listen to the radio, are against the legalization of drugs and have difficulty mentioning good examples of politicians. Almost all speakers who produce more ingliding have occupations that demand public uses eventually more monitored of language (teachers/professors, salespeople), which also affects communicators, a reason why the process may give symbolic profit in these communicative situations. Besides that, as all these speakers have high socioeconomic levels, the ingliding may index a claim of economic capital. The ideological difference between group A and group B may mean that the speakers do not share the same indexical history (JAFFE, 2016), a reason why they constitute distinct indexical fields, that are in constant reconstruction process (SILVERSTEIN, 2003; ECKERT, 2008). The coherence between the distinct indexical fields lies on the traits *cool*, *laid-back* and *relaxed*, which are part of both life-styles. Group A opposes *cool* to *squared*, and may index, to the ingliding, the meanings *transgressor*, *crazy* and *stoner*, as the young people from Bom Fim in the 1980s. Group B opposes *laid-back* to *well-dressed*, and may index, to the ingliding, the meanings *sportsperson* and *beach lover*. Together, these two groups compose different *personae* opposed to a *formal*, *stiff*, or *snobbish* elite. The ingliding, which can also mean a belonging to Porto Alegre, is not necessarily consciously claimed, which does not change its ideological effects (ECKERT, 2016). The *freedom* associated with the ingliding is evident including in the body *hexis* dispositions as an articulatory style tied not only to financial freedom, but also to stylistic freedom.

Key-words: Ingilding. Porto Alegre. Porto-alegrense Portuguese. Sociolinguistics. Language variation. Social practice. Style. Social meaning.

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
ObservaPOA	Observatório da Cidade de Porto Alegre
EPTC	Empresa Pública de Transporte e Circulação
ABEP	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
I	Frase entoacional
PT	Partido dos Trabalhadores
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Figura 1 – Campo indexical de /t/ em inglês	28
Figura 2 – Vogais (IPA).....	49
Figura 3 – Representação de <i>ingliding</i> sobre o trapézio das vogais	64
Figura 4 – Espectrogramas de ib[œ]pe.....	65
Figura 5 – Mapa de Porto Alegre (regiões) do ObservaPOA – Responsáveis com renda maior que 10 salários mínimos (legenda 1) e Regiões apontadas por informantes no instrumento de mapas desenhados (legenda 2).....	70
Figura 6 – Campo indexical do <i>ingliding</i> no português de Porto Alegre (RS).....	70
Quadro 1 – Variáveis linguísticas do estudo de <i>ingliding</i> (<i>Filme Sobre um Bom Fim</i>)...	92
Quadro 2 – Variáveis sociais do estudo de <i>ingliding</i> (<i>Filme Sobre um Bom Fim</i>)	94
Quadro 3 – Trechos de fala de Cristiano Z. no <i>Filme Sobre um Bom Fim</i>	102
Quadro 4 – Trechos de fala de Polaca no <i>Filme Sobre um Bom Fim</i>	102
Quadro 5 – Trechos de fala de Marta B. no <i>Filme Sobre um Bom Fim</i>	102
Quadro 6 – Trechos de fala de Biba M. no <i>Filme Sobre um Bom Fim</i>	103
Quadro 7 – Trechos de fala de Emílio C. no <i>Filme Sobre um Bom Fim</i>	103
Quadro 8 – Trechos de fala de Eduardo B. no <i>Filme Sobre um Bom Fim</i>	103
Quadro 9 – Trechos de fala de Marcio P. no <i>Filme Sobre um Bom Fim</i>	104
Quadro 10 – Trechos de fala de Wander W. no <i>Filme Sobre um Bom Fim</i>	104
Quadro 11 – Trechos de fala de Flu S. no <i>Filme Sobre um Bom Fim</i>	105
Quadro 12 – Relato da ida ao Sarau Elétrico (08/08/2017).....	108
Figura 7 – Mapa simplificado de Porto Alegre em quatro zonas.....	137
Quadro 13 – Variáveis linguísticas do estudo de <i>ingliding</i> (LínguaPOA).....	140
Quadro 14 – Variáveis sociais do estudo de <i>ingliding</i> (LínguaPOA)	143
Figura 8 – Amostra de 24 informantes do LínguaPOA em mapa aproximado das quatro zonas de Porto Alegre.	160
Figura 9 – Amostra de 24 informantes do LínguaPOA em mapa do ObservaPOA (rendimento médio dos responsáveis por domicílio)	162
Quadro 15 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 1)	172
Quadro 16 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 3)	173
Quadro 17 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 8)	174
Quadro 18 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 14) ..	175
Quadro 19 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 20) ..	176
Quadro 20 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 23) ..	177

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Distribuição geral de <i>ingliding</i> (<i>Filme Sobre um Bom Fim</i>).....	94
Tabela 2 – Variáveis linguísticas não correlacionadas com <i>ingliding</i> (<i>Filme Sobre um Bom Fim</i>) – análise multivariada de efeitos fixos	95
Tabela 3 – Variável social não correlacionada com <i>ingliding</i> (<i>Filme Sobre um Bom Fim</i>) – análise multivariada de efeitos fixos.....	96
Tabela 4 – Padrão de <i>ingliding</i> de acordo com variáveis linguísticas (<i>Filme Sobre um Bom Fim</i>) – análise multivariada de efeitos mistos	97
Tabela 5 – Proporção de <i>ingliding</i> por participante (<i>Filme Sobre um Bom Fim</i>).....	100
Tabela 6 – Distribuição geral de <i>ingliding</i> (LínguaPOA).....	144
Tabela 7 – Variável linguística não correlacionada com <i>ingliding</i> (LínguaPOA) – análise multivariada de efeitos fixos.....	145
Tabela 8 – Variável social não correlacionada com <i>ingliding</i> (LínguaPOA) – análise multivariada de efeitos fixos	146
Tabela 9 – Padrão de <i>ingliding</i> de acordo com variáveis linguísticas (LínguaPOA) – análise multivariada de efeitos mistos	147
Gráfico 1 – Proporção de aplicação de <i>ingliding</i> por Vogal Nuclear	149
Tabela 10 – Padrão de <i>ingliding</i> de acordo com variáveis sociais (LínguaPOA) – análise multivariada de efeitos fixos.....	157
Tabela 11 – Distribuição geral de <i>ingliding</i> (LínguaPOA: subamostra)	164
Tabela 12 – Variáveis linguísticas não correlacionadas com <i>ingliding</i> (LínguaPOA: subamostra) – análise multivariada de efeitos fixos.....	165
Tabela 13 – Variáveis sociais não correlacionadas com <i>ingliding</i> (LínguaPOA: subamostra) – análise multivariada de efeitos fixos.....	166
Tabela 14 – Padrão de <i>ingliding</i> de acordo com variáveis linguísticas (LínguaPOA: subamostra) – análise multivariada de efeitos mistos.....	167
Tabela 15 – Padrão de <i>ingliding</i> de acordo com variáveis sociais (LínguaPOA: subamostra) – análise multivariada de efeitos mistos.....	168
Gráfico 2 – Tabulação cruzada: Gênero e Faixa Etária (LínguaPOA: subamostra)...	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	22
1.1 Variação linguística e práticas sociais	22
1.2 Estilo de vida	38
2 INGLIDING	47
2.1 A formação dos ditongos	47
2.2 A investigação a respeito do <i>ingliding</i> no falar porto-alegrense	63
3 METODOLOGIA	73
3.1 Análises quantitativas	73
3.2 Análises qualitativas.....	78
4 INGLIDING NO BOM FIM	85
4.1 O Bom Fim e o movimento jovem dos anos 1980	85
4.2 O <i>ingliding</i> no Filme <i>Sobre um Bom Fim</i> e no Sarau Elétrico.....	90
4.3 O <i>ingliding</i> e as <i>personae</i> descoladas do Bom Fim.....	114
5 INGLIDING EM PORTO ALEGRE	132
5.1 Sobre a sócio-história de Porto Alegre.....	132
5.2 O <i>ingliding</i> nas entrevistas do acervo LínguaPOA.....	138
5.3 Os estilos atrelados à produção de <i>ingliding</i> em Porto Alegre.....	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS	210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	219
ANEXOS	226
Anexo 1 – Roteiro de entrevista do LínguaPOA	226
Anexo 2 – Resultados das análises multivariadas de efeitos fixos	227
Anexo 3 – Amostra de 24 informantes do acervo LínguaPOA	230

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo geral de explorar os significados sociais e os estilos de vida associados ao *ingliding* variável de vogais em sílabas tônicas (*né~né[ɐ]*; *agora~ago[ɐ]ra*) no português falado em Porto Alegre (RS), buscando descobrir e explicar os fatores linguísticos e sociais que condicionam o processo. Para tanto, articulam-se métodos quantitativos e qualitativos das três ondas da sociolinguística (ECKERT, 2005, 2012), considerando tanto categorias macrossociais definidas *a priori* quanto práticas sociais de *personae* construídas estilisticamente com o *ingliding*.

O estudo de *ingliding*, processo fonético que cria ditongos centralizados, ainda é pioneiro no Brasil, visto que a variável não foi até então analisada em comunidades de fala que não a porto-alegrense. No falar porto-alegrense, o estudo contou com diversas etapas de investigação (BATTISTI, 2013; BATTISTI e OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA, 2015; OLIVEIRA, 2016; BATTISTI e OLIVEIRA, 2016; OLIVEIRA, 2017; BATTISTI e OLIVEIRA, 2017) em que o *ingliding* foi analisado fonologicamente, inspecionado acusticamente, submetido a instrumentos-piloto de percepção e avaliação e explorado quantitativa e qualitativamente por meio de análise de regra variável e análise de conteúdo de uma amostra-piloto de entrevistas sociolinguísticas do acervo LínguaPOA¹. Embora as etapas anteriores tenham possibilitado a criação de hipóteses a respeito do *ingliding*, não esclareceram o padrão de variação (por análise de regra variável, cf. Labov (2008 [1972])) com uma grande quantidade de dados. Tampouco exploraram a configuração do espaço social porto-alegrense para explicar os significados sociais da variante. O que se busca na etapa atual da pesquisa, portanto, é realizar uma análise mais abrangente do processo linguístico estudado, de modo a responder às seguintes questões-norteadoras:

- (i) Qual é o padrão de variação do *ingliding* em Porto Alegre?
- (ii) Que estilos se constroem nas práticas sociais com o *ingliding*?

¹ Acervo de entrevistas sociolinguísticas realizadas com informantes porto-alegrenses (em constituição). Ver Capítulo 3. Site do LínguaPOA: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/> (Acesso em 23/07/2018).

(iii) Quais são os significados sociais do *ingliding*?

A hipótese a respeito da questão (i) é de que o *ingliding* possua baixa proporção geral de aplicação em Porto Alegre, mesmo que seja uma marca percebida como característica do falar porto-alegrense. Para Oliveira (2015, 2016), a variável é, em termos labovianos, um *estereótipo* para não porto-alegrenses e um *marcador* para porto-alegrenses. Linguisticamente, as motivações para o surgimento do processo devem estar associadas à duração e qualidade vocálica (sendo favorecido por vogais médias-abertas), bem como à marcação de proeminência prosódica, tendo em vista que a análise com amostra-piloto de dados de fala indicou que o processo surge somente no elemento mais proeminente da frase entoacional (OLIVEIRA, 2016). Socialmente, com base no perfil identificado na amostra-piloto, a hipótese é de que o processo seja favorecido por pessoas da segunda faixa etária (40-59 anos de idade), de classe social alta, e que frequentem com regularidade a região central de Porto Alegre.

Em relação à questão (ii), parte-se da hipótese de que *personae* vinculadas ao movimento jovem dos anos 1980 (que teve, em Porto Alegre, o bairro Bom Fim como palco) constituam modelos culturais de que os falantes porto-alegrenses se aproximam com o uso situado do ditongo centralizado. Essa hipótese é resultado da análise de conteúdo da única informante da amostra-piloto com aplicação considerável de *ingliding* (OLIVEIRA, 2016) e engloba os resultados do estudo-piloto de percepção e avaliação sociolinguística. No estudo-piloto, informantes que frequentam o centro de Porto Alegre afirmaram que o *falar porto-alegrense*, definido como *cantado* e percebido como típico do bairro Bom Fim (OLIVEIRA, 2015), está na região central da cidade. O *ingliding* deve ser recurso para construção de estilos associados à juventude, à transgressão e à inovação cultural, artística e política dos anos 1980, bem como às práticas sociais de agentes frequentadores do centro de Porto Alegre.

Os resultados do estudo-piloto de percepção e avaliação apontam significados sociais associados ao *ingliding* que estão na base das hipóteses a respeito da questão (iii). O *ingliding* foi percebido como característico de pessoas que *têm sotaque* e que podem ser *descontraídas, desencanadas, descoladas e preguiçosas*, em oposição a pessoas

que *não têm sotaque* e que podem ser *formais, nerds, conservadoras e trabalhadoras* (OLIVEIRA, 2015). Tais resultados podem ser organizados em um campo indexical (BATTISTI e OLIVEIRA, 2016) do *ingliding*. A análise de conteúdo da amostra-piloto (OLIVEIRA, 2016) sugere que o processo está associado à *liberdade* experimentada com a transgressão e a inovação. Tais características do movimento jovem de efervescência cultural dos anos 1980 se percebem no discurso da informante que produz *ingliding* no estudo de Oliveira (2016). Mas se o *ingliding* constitui um índice de *segunda ordem* (SILVERSTEIN, 2003), seus significados sociais estão sujeitos a reinterpretação a cada novo uso da língua, de modo que uma investigação mais abrangente pode ser capaz de contemplar novos significados.

Em suma, este estudo pretende descobrir tanto *quem* produz *ingliding* no falar porto-alegrense quanto *por que* (com *que propósito*) esses agentes sociais produzem a variante ditongada. Com base nas questões-norteadoras do estudo e nas hipóteses aventadas, o objetivo geral do trabalho pode ser reorganizado, de forma mais detalhada, a partir de duas frentes:

- (a) Desvendar a proporção geral de aplicação de *ingliding* de vogais tônicas no português porto-alegrense de modo a descobrir tendências do processo no âmbito linguístico e no âmbito social, e buscar explicações linguísticas e sociais para os padrões de variação e para as tendências encontradas.
- (b) Investigar os significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas (tomado como prática estilística no falar porto-alegrense), explorando os estilos construídos com a variável (e o lucro simbólico conferido pela mesma em diferentes contextos) e a ligação entre o processo e as categorias macrossociais consideradas.

O que as hipóteses apontam, também, é a necessidade não só de investigar o processo por meio de uma amostra estratificada representativa da cidade de Porto Alegre, como também de incluir os agentes sociais que compuseram o movimento jovem do Bom Fim na análise, ou agentes que, hoje, incorporem *personae* ideologicamente relacionadas ao movimento. Afinal, a suposição de que jovens

representativos do movimento se configuram como modelos culturais requer testagem, tanto para verificar se a aplicação de *ingliding* é mesmo considerável no falar desses agentes sociais, quanto para investigar que jovens são esses (que, integrados ao movimento, produzem *ingliding*) e quais são suas práticas estilísticas.

Embora os objetivos aqui traçados busquem dar conta dos significados sociais e dos estilos construídos com o *ingliding* de vogais tônicas, é preciso fazer a ressalva de que o trabalho em questão não tem a pretensão de explorar tais aspectos em sua totalidade. Afinal, são muitas as possibilidades metodológicas de estudo da significação social e da variação como prática estilística, que englobam desde estudos robustos de percepção sociolinguística até estudos etnográficos extensos em comunidades de prática específicas.

O avanço aqui realizado está limitado aos procedimentos metodológicos empregados, que abarcam análises quantitativas para o desenho do padrão de variação e para investigação de tendências, e análises qualitativas de dados de diferentes fontes para que se possa fazer a interpretação dos dados à luz de uma teoria social. Exploram-se, neste estudo, noções da teoria social de Bourdieu (2015 [1979/1982], 2008 [1982]), que permitem a compreensão das práticas sociais como relacionadas a estruturas sociais que organizam os agentes em grupos, resultando em uma análise das *personae* e pontos de vista projetados, previsíveis a partir dos estilos de vida considerados.

Estilo não é nem totalmente previsível, nem totalmente imprevisível (RICKFORD, 2001), e os índices de significados sociais são socialmente situados (JAFFE, 2016). Há diversas dimensões contextuais que devem ser consideradas em um estudo de estilo e significação social. O estudo aqui realizado não dá conta de todas essas dimensões, mas faz um trabalho que parece ser anterior a esse, na medida em que busca revelar tanto aquilo que estrutura os estilos quanto a coerência ideológica que deve haver por trás de diferentes significados sociais indexados a uma mesma variável.

A presente dissertação se organiza em cinco capítulos, desconsiderando-se a introdução, as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos. O conteúdo de cada capítulo está apresentado, de forma breve, a seguir.

No Capítulo 1, estão reunidos os pressupostos teóricos que embasam o desenvolvimento da dissertação. Abordam-se as diferentes ondas dos estudos sociolinguísticos (ECKERT, 2005, 2012) e suas características, a relação entre variação linguística e práticas sociais, as diferentes concepções de estilo em estudos sociolinguísticos e as noções da teoria social de Bourdieu que são mobilizadas nas análises qualitativas dos dados.

No Capítulo 2, o *ingliding* é explorado linguisticamente. A natureza fonética do processo e algumas descrições fonológicas são abordadas para esclarecer o que constitui os ditongos e quais são suas tendências de formação. Etapas anteriores da investigação a respeito do *ingliding* no falar porto-alegrense são retomadas para que se compreenda em que estágio o estudo se encontra e quais são os aspectos que merecem testagem e aprofundamento.

No Capítulo 3, estão explicados os procedimentos de obtenção e de análise dos dados. Organiza-se o capítulo a partir da natureza das análises empregadas (estatísticas/quantitativas ou interpretativas/qualitativas) e apresentam-se os métodos tanto da análise do *ingliding* no Bom Fim quanto da análise do *ingliding* em Porto Alegre.

No Capítulo 4, estão reunidos os resultados e as discussões a respeito do *ingliding* no Bom Fim. Primeiramente, apresentam-se informações sócio-históricas do Bom Fim e do movimento jovem dos anos 1980. Após, apresentam-se os resultados, que consideram dados de fala obtidos do documentário *Filme Sobre um Bom Fim*, composto de participantes do movimento, e dados a respeito do Sarau Elétrico, que reúne música e literatura e acontece no Bar Ocidente, casa noturna importante para o movimento jovem e que continua aberta até hoje. A análise subsequente busca compreender a relação entre o *ingliding* e as *personae* 'descoladas' do Bom Fim.

No Capítulo 5, estão reunidos os resultados da análise estatística/quantitativa e as discussões a respeito do *ingliding* em Porto Alegre. Primeiramente, apresentam-se informações sócio-históricas e demográficas a respeito da cidade. Após, apresentam-se resultados da análise de regra variável (LABOV, 2008 [1972]) de dados obtidos de amostra estratificada de entrevistas sociolinguísticas com 24 informantes porto-alegrenses do acervo LínguaPOA. A análise esclarece o padrão de *ingliding* variável na correlação com variáveis linguísticas e sociais. Esse padrão é discutido, buscando-se esclarecer a relação entre os condicionadores do processo e os estilos indexados pela variável em Porto Alegre, em comparação com os resultados obtidos para o Bom Fim.

Capítulo 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo apresenta os pressupostos teóricos que embasam esta dissertação de mestrado. Na seção 1.1, discute-se o pano de fundo dos estudos variacionistas e as noções teóricas e metodológicas que permitem que os estudos sociolinguísticos sejam organizados em três ondas. São enfatizadas discussões teóricas de terceira onda, voltadas às práticas estilísticas e aos significados sociais das variáveis. Na seção 1.2, noções da teoria social de Bourdieu são consideradas para que se possa compreender o que, na visão do sociólogo, configura-se como o estilo de vida dos agentes sociais.

1.1 Variação linguística e práticas sociais

Na abordagem de Labov (2008 [1972]), a variação linguística é inerente à língua. A variação na estrutura linguística não é aleatória ou casual. A *heterogeneidade ordenada*, isto é, a variação, é correlacionada a condicionadores linguísticos e sociais. Dessa forma, os componentes sociais são, também, parte da competência linguística, o que faz da linguística uma área que deve se ocupar do estudo da complexa relação entre língua e sociedade, relacionando variação e mudança linguística a mudança social.

Proponente da Teoria da Variação, Labov (2008 [1972]) considera a linguística como o estudo da comunidade social em seu aspecto linguístico, ampliando os recortes dos objetos de estudo das abordagens estruturalista e gerativista da linguagem, de Saussure (1995 [1916]) e de Chomsky (1965), respectivamente. Saussure (1995 [1916]) volta seu estudo para o que chama de *língua* (homogênea, social) – e não para o que considera *fala* (heterogênea, individual) –, defendendo o estudo da língua em si mesma e por si mesma a partir de um recorte sincrônico. Chomsky (1965) opera com a divisão entre *competência* (conhecimento) e *desempenho* (uso) e foca seu estudo na competência linguística, buscando compreender seu processamento. Para tanto, supõe um falante-ouvinte ideal de uma comunidade de fala abstrata e homogênea. Para Labov (2008

[1972]), tais recortes de estudo deixam de lado a variação linguística como inerente à língua e a realidade heterogênea das comunidades de fala, bem como a influência dos fatores históricos e sociais sobre o sistema linguístico.

Eckert (2005, 2012) organiza os estudos da variação linguística em três *ondas*, ou *vertentes*, a partir do foco e das questões de pesquisa do estudo, da amostra considerada e dos métodos empregados. Essas *ondas da sociolinguística*, embora sejam organizadas em *primeira, segunda e terceira*, não respeitam necessariamente uma ordem cronológica de desenvolvimento dos estudos, mas sim uma diferença no recorte, nos objetivos e, conseqüentemente, nos resultados obtidos. Ao organizar os estudos sociolinguísticos dessa forma, a autora propõe uma abordagem complementar entre estudos de diferentes ondas, de maneira a ampliar tanto os achados quanto o poder explicativo dos estudos.

A primeira onda dos estudos variacionistas, comumente denominados ‘quantitativos labovianos’, compreende estudos de larga escala que buscam os padrões de distribuição das variáveis em grandes populações urbanas geograficamente definidas. Nesses estudos, buscam-se as correlações entre as variáveis linguísticas e sociais consideradas (como, por exemplo, a taxa de proporção de uma dada variável linguística em diferentes classes sociais e estilos de fala), bem como a direção da variação e mudança linguística (se variação estável ou mudança em progresso). A hierarquia socioeconômica funciona, em estudos de primeira onda, como um mapa do espaço social, e as variáveis são marcas de categorias sociais primárias que carregam prestígio ou estigma na comunidade. *Estilo* é, na primeira onda, uma noção que diz respeito à atenção prestada à fala e ao prestígio e estigma das formas linguísticas.

Os estudos de primeira onda são realizados a respeito de uma *comunidade de fala* que, para Labov, “não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (2008 [1972], p. 188). Isso significa que os membros de uma comunidade de fala não compartilham necessariamente dos mesmos usos linguísticos, mas sim de atitudes semelhantes a respeito desses usos. Tais estudos

apresentam, como vantagem, a cobertura de grandes comunidades de fala e uso de procedimentos quantitativos replicáveis, já que tomam categorias sociais pré-definidas (como gênero, idade, escolaridade, classe social) como ponto de partida.

O estudo de Labov a respeito do /r/ em final de sílaba no inglês falado em Nova Iorque (LABOV, 2008 [1972]) pode ser considerado um estudo de primeira onda. Baseado em questionários de larga escala, o estudo correlaciona variáveis linguísticas a variáveis sociais, como classe econômica e monitoramento linguístico. Como resultado, Labov (2008 [1972]) descobre que a forma não-vernacular (realização de /r/ em palavras como *floor* – ‘andar (de um edifício)’), em oposição à forma vernacular (apagamento de /r/), possui *status* mais alto e é mais utilizada na fala monitorada.

A busca por compreensão do que as correlações entre variáveis linguísticas e sociais querem dizer motiva estudos de segunda e terceira onda. Esses estudos objetivam desvendar as dinâmicas sociais por trás das categorias tomadas como ponto de partida nos estudos de primeira onda.

A segunda onda da sociolinguística é constituída de estudos que aliam análises quantitativas a estudos etnográficos. Seu foco recai sobre categorias sociais localmente definidas e salientes. Diferentemente da primeira onda, os estudos de segunda onda se voltam a comunidades menores. Considera-se que a estratificação social se desenvolve localmente de diferentes maneiras e, portanto, ao invés de presumir categorias primárias, tais estudos buscam desvendar categorias locais vinculadas a categorias que constituem a demografia da região considerada. As categorias que se busca identificar podem se relacionar às categorias primárias que guiam os estudos de primeira onda, mas a diferença principal é o fato de elas serem desvendadas a partir das práticas sociais locais.

Mais do que investigar a correlação entre variáveis linguísticas e sociais e o emprego da variável estudada, os estudos de segunda onda dão um passo a mais na busca por encontrar identidades sociais locais que possam explicar a motivação para o emprego de uma ou outra variante linguística, portanto. Na segunda onda, *estilo* se constitui como atos de afiliação a uma comunidade, interpretado como relações de

pertença. Nos estudos de segunda onda, a língua é considerada como prática social (ECKERT, 2000) que indexa significados locais essenciais para a construção de categorias.

O trabalho de Eckert (2000) no colégio Belten High, em Detroit, pode ser enquadrado como estudo de segunda onda. A autora conclui que o uso de variantes linguísticas pelos adolescentes é parte da construção de *personae* com estilos atrelados a comunidades de prática salientes entre os alunos, os *jocks* (cultura de classe média com identidades e redes sociais voltadas à escola e às atividades extracurriculares) e os *burnouts* (cultura de classe trabalhadora com identidades e redes sociais afastadas da escola e das atividades extracurriculares). A aplicação de variáveis como a posteriorização e o alçamento de vogais médias e baixas no inglês falado por esses adolescentes americanos ocorria na direção de aproximação ou afastamento ideológico dos alunos em relação aos dois grupos, *jocks* e *burnouts*. A observação etnográfica das práticas escolares e o reconhecimento de membros prototípicos desses grupos permitiu que a autora reconhecesse que as categorias localmente definidas nas comunidades, *jocks* e *burnouts*, se relacionavam a categorias macrossociais, como *classe social*, mas eram mais influentes do que as categorias macrossociais nos usos linguísticos.

A terceira onda da sociolinguística, ou perspectiva estilística, também reúne estudos que partem do princípio de que a língua é uma prática social. O foco dos estudos de terceira onda recai sobre os significados sociais das variáveis linguísticas, buscando estabelecer ligações entre a experiência diária dos falantes e categorias macrossociais abstratas. Considera-se, contudo, que as variáveis se ligam às categorias indiretamente a partir das práticas e ideologias que as constituem.

Na terceira onda, como na segunda, realiza-se estudo etnográfico de *comunidades de prática* (LAVE e WENGER, 1991; WENGER, 2000), agregados de pessoas que se reúnem de forma regular e se engajam em um empreendimento comum (família, time esportivo, sala de aula, etc.) em diferentes níveis de participação (plena, periférica) e tendem a construir uma orientação partilhada para o mundo. Os estudos

etnográficos buscam, portanto, explicar padrões gerais de variação através da seleção de comunidades de prática de particular saliência em relação a esses padrões.

A terceira onda volta-se especialmente para a construção de estilos, considerando que os indivíduos constroem sua identidade a partir de sua (forma de) participação em diferentes comunidades de prática. Até então, *estilo* dizia respeito ao ajuste situacional no uso de variáveis (fala 'formal' x fala 'informal', por exemplo). Na terceira onda, *estilo* diz respeito a como os falantes criam formas distintas de falar, através da combinação de variáveis, para construção de *personae* (tipos sociais explicitamente localizados na ordem social). Nessa perspectiva, *estilo*, assim como a língua, não é uma *coisa*, e sim uma *prática* que se constitui através de um processo de *bricolagem* (HEBDIGE, 1984), em que elementos (linguísticos e não linguísticos) disponíveis se prestam a novas combinações na construção de novos significados e modificação dos significados antigos.

Com a terceira onda, os estudos sociolinguísticos exploram a variação no interior de grupos sociais, organizados em comunidades de prática. Os grupos podem contar com agentes tomados como ícones estilísticos, referências na criação de estereótipos e fontes de pistas sobre práticas compartilhadas dentre os membros. Esses grupos sociais, contudo, não são rigidamente compostos de pessoas de estilo idêntico, mas comportam variações estilísticas entre pessoas que compartilham, em outros aspectos, semelhantes práticas.

As variáveis sociais não portam significados sociais estáticos, afinal, nem a língua e nem o mundo social são estáticos. As variáveis projetam posturas, indexando significados sociais dinâmicos a atividades e características. O significado da variação emerge na construção de estilos, de modo que o estudo da variação nas práticas estilísticas não envolve apenas associar variáveis a estilos, mas sim compreender a localização das variáveis em estilos como parte integral da construção do significado social. Buscam-se, portanto, os significados que motivam performances variáveis particulares, considerando que a prática estilística (negociação, interpretação e produção de estilos) está intrinsecamente ligada à ordem social mais ampla.

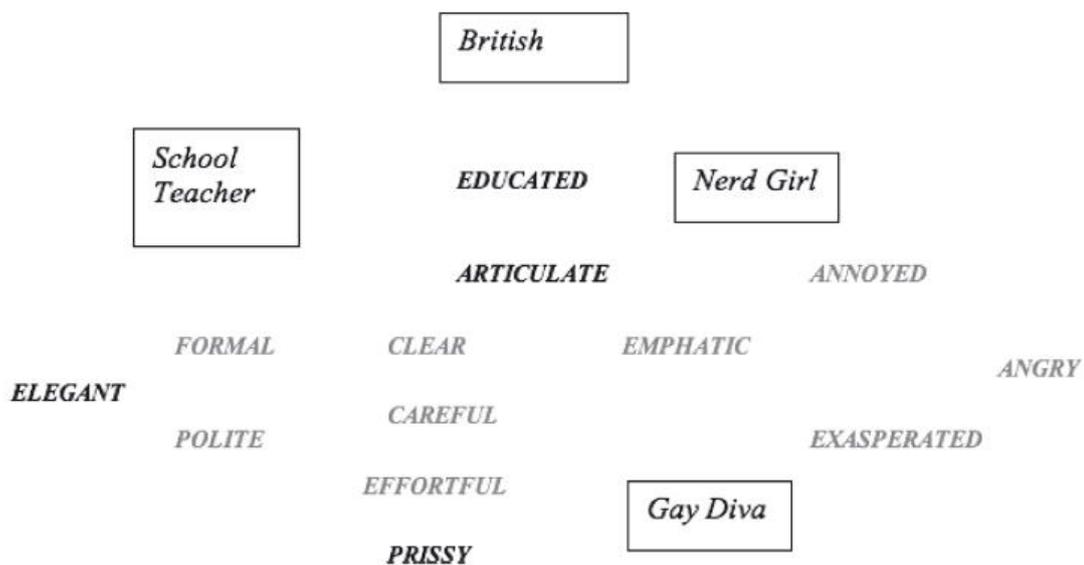
O estudo de Podesva (2006a, 2006b) a respeito da relação entre o uso de variantes linguísticas e identidades sociais de um falante *gay* norte-americano em situações distintas pode ser considerado um estudo de terceira onda. Na clínica em que trabalha como médico, o falante faz uso de variantes linguísticas do inglês (realização de /t/ e /d/ em final de palavra e frequente hiperarticulação desses segmentos; produção de sentenças declarativas com entoação ascendente; voz em falsete) que denotam formalidade, competência, educação, postura acolhedora e expressividade moderada, características que, reunidas, são parte de um estilo relacionado à *persona* de doutor zeloso/dedicado, de importância simbólica para o ambiente de trabalho. Já no churrasco entre amigos, a diferença no uso das mesmas variáveis (apagamento de /t/ e /d/ associado a hiperarticulação desses segmentos quando pronunciados; produção de sentenças com entoação descendente; voz em falsete) denota qualidades diferentes: informalidade, meticulosidade, criticidade, animação, extroversão. Reunidas, essas características constroem a *persona* “diva gay”, de importância simbólica para essa situação, mas não para a situação de trabalho. De um lado, portanto, o mesmo falante faz uso diferente das variantes linguísticas a depender do contexto em que está inserido. De outro, a depender desse contexto, o uso das mesmas variantes denota um significado diferente e, por consequência, compõe uma *persona* diferente. Isso significa que os usos linguísticos não se unem diretamente a categorias macrosociais, mas primeiro estão atrelados a categorias constituídas em contextos específicos.

Para representar a relação entre os significados sociais e a variável linguística que se está estudando, Eckert (2008) baseia-se em Silverstein (2003) e propõe o conceito de *campo indexical*. Um *campo indexical* constitui-se de uma constelação de significados potenciais ideologicamente relacionados que organiza possíveis associações de significados à variável linguística estudada. Por serem relativos, os significados que cada indivíduo atribuirá ao traço linguístico dependerá da perspectiva do ouvinte e do estilo ao qual ele está incorporado, que por sua vez relaciona-se com as comunidades de prática em que os sujeitos estão inseridos. A atribuição de

significados sociais a cada traço linguístico depende da percepção dos falantes a respeito do seu estilo e do estilo dos outros e considera que os movimentos estilísticos são sempre ligados a questões ideológicas salientes, à maneira como os usuários da língua posicionam-se no mundo. Além disso, tais significados estão sujeitos a reinterpretação constante a cada novo uso da língua.

Reunindo resultados de diferentes estudos a respeito da pronúncia hiperarticulada de /t/ final em palavras do inglês, como *cat* ('gato'), Eckert (2008) propõe um campo indexical para a variante. Se diferentes estudos revelam relação entre a variante e tipos sociais de características distintas, o campo indexical da variante deve articular ideologicamente todos esses significados, que, embora estejam todos disponíveis para significação social no momento da produção da variante, podem ser ativados em conjuntos distintos. É o que mostra a Figura 1.

Figura 1 – Campo indexical de /t/ em inglês



Caixas = tipos sociais; Preto = qualidades permanentes; Cinza = posturas

Fonte: Eckert (2008, p. 469)

No campo indexical proposto por Eckert (2008), significados sociais bastante diferentes estão ideologicamente articulados por proximidade ou distância. Tais significados reúnem tipos sociais (*professor*, *britânico*, *garota nerd*, *diva gay*), qualidades

ou características permanentes (*educado, articulado, elegante, fresco*), e posturas ou características temporárias (*formal, polido, claro, cuidadoso, esforçado, enfático, irritado, exasperado, bravo*). Assim, é provável que, a depender da situação, alguém possa ser percebido como *elegante, formal* e *polido* e atrelado ao tipo social *professor* a partir de sua pronúncia de /t/ final. Da mesma forma, é improvável que, numa mesma situação, a pronúncia de /t/ final ative simultaneamente as qualidades *polido* e *exasperado*, já que as mesmas se encontram distantes no campo, próximas a diferentes tipos sociais.

Labov (2008 [1972]) classifica as formas envolvidas na variação e na mudança linguística como *indicadores, marcadores* e *estereótipos* de acordo com a avaliação social que recebem e com o nível de consciência dos falantes sobre o uso e sobre a avaliação das formas linguísticas. Nessa classificação, *indicadores* são variáveis que não estão sujeitas à variação em relação à formalidade de fala e têm pouca força avaliativa, constituindo-se como traços linguísticos encaixados numa matriz social. *Marcadores*, diferentemente, exibem tanto estratificação em relação à formalidade de fala quanto estratificação social. Seu uso pode se dar de maneira inconsciente, de forma que seus usuários não apresentam discurso metalinguístico acerca do uso e do julgamento das variantes, e seu julgamento social, apesar de inconsciente, produz respostas regulares em testes de percepção e avaliação subjetiva. *Estereótipos*, por sua vez, são “formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (LABOV, 2008 [1972], p. 360), o que faz com que sejam alvo de comentários metalinguísticos explícitos e conscientes relacionando as formas linguísticas a avaliações sociais, que podem estar voltadas ao prestígio ou ao estigma.

Para Silverstein (2003), base de Eckert (2008) para a proposição do conceito de campos indexicais, as formas linguísticas são classificadas a partir da lógica de ordem indexical em *índices de primeira ordem* e em *índices de segunda ordem*. O *índice de primeira ordem* indexa participação em uma comunidade. Esse índice se torna um *índice de segunda ordem* quando o resultado da avaliação social dos falantes que empregam determinadas formas é internalizado e fica disponível para indexação de outros significados, ou seja, quando a avaliação social passa a se associar ao índice e às

próprias formas. Os *índices de segunda ordem* contam, portanto, tanto com indexação associada a categorias macrossociais quanto com indexação de avaliação social e ideologia dos falantes sobre as formas em questão. Os índices de Silverstein (2003) admitem ressignificação conforme o uso das formas em diferentes contextos, visto que os falantes sempre podem adicionar ou modificar elementos nos índices a cada novo uso da língua, reconstruindo-os.

O que tanto as noções de Labov (2008 [1972]) quanto as de Silverstein (2003) apontam é que as formas linguísticas podem ser mais ou menos salientes socialmente, o que, por sua vez, depende tanto das formas quanto da percepção das formas, associada às características dos falantes que as percebem. A saliência social de uma forma linguística depende de fatores sociais e individuais e afetam tanto a percepção da forma linguística quanto sua avaliação social (LEVON e FOX, 2014). É na relação entre produção, percepção e avaliação linguística que se constroem os *estilos* enquanto categorias identitárias, centro da atenção de estudos de terceira onda.

Jaffe (2016) aborda a noção de *indexicalidade* compreendendo um signo *indexical* como um signo ancorado no contexto temporal, espacial e social da ação linguística. Os índices, de acordo com a autora, apontam *de* posições estratégicas socialmente situadas *para* aspectos do mundo social. O *índice* se diferencia de *ícone* na medida em que o último está mais “fundido” com seu objeto a partir de uma relação de similaridade tida como “natural”. Nesse sentido, o processo de *iconização* convencionaliza associações indexicais e funciona ideologicamente para naturalizar conexões entre a linguagem e o mundo social, apagando a natureza situada e política das relações indexicais entre prática linguística/semiótica e o mundo social. Indexação e iconização, para a autora, estão em um processo dinâmico de tensão na vida social.

Gal (2016) também opera com a noção de *ícone*, ressaltando que os ícones podem resultar de um processo discursivo, considerando que os essencialismos não surgem apenas de percepções de similaridade, mas de discursos elaborados sobre as mesmas. Gal (2016) aponta que os significados sociais da variação linguística são relacionados a *modelos culturais* que associam tipos, traços tipificados, atividades, práticas e valores

a um registro ou estilo. Para a autora, os falantes se orientam a partir desses modelos (*personae*), alinhando-se ou não com estereótipos (e com os interlocutores) na busca dos seus objetivos interacionais. Na interação, portanto, os falantes invocam aspectos de uma dada *persona*. O que os estudos sociolinguísticos empíricos examinam não são os modelos em si, mas suas instanciações nas interações, considerando que as formas linguísticas são registradas (conceito de *enregisterment*, SILVERSTEIN, 2003), ou seja, que convencionalmente indexam modelos culturais.

Jaffe (2016) defende que a postura (do inglês *stance*) dos falantes tem papel na ordenação interna tanto dos campos indexicais quanto dos *campos de indexicalidades* (campos que mapeiam as variáveis linguísticas e semióticas associadas a um objeto social particular, caminho inverso dos campos indexicais). A ordenação interna dos campos resulta de ideologia e de relações de poder. Para a autora, a coerência dos campos indexicais ou de indexicalidades não é necessariamente um traço dos campos, mas sim uma propriedade emergente da ação social em relação a esses campos, de forma que a desestabilização da coerência pode motivar a mudança.

O uso indexical, para Jaffe (2016), não é apenas sensível ao contexto (do inglês *context-sensitive*), mas também cria contextos (do inglês *context-creative*). As relações indexicais, para a autora, são constantemente produzidas e reproduzidas em contextos particulares. Esses contextos abrem margem para redefinições nas relações que, com o passar do tempo, podem ser convencionalizadas. É no contexto, portanto, que a indexicalidade pode ser interpretada, e as relações devem, como recupera a autora, ser interpretadas diferentemente a depender do que está saliente em dado contexto. Essa interpretação também dependerá da história indexical em jogo. Histórias indexicais constituem um pano de fundo para a interpretação dos significados sociais, de modo que a interpretação reflete indexicalidades pré-existentes associadas a estilos.

A definição de *estilo* não é nem trivial, nem consensual na sociolinguística. Labov (2008 [1972]) trata estilo como atenção prestada à fala, que pode ser mais ou menos monitorada. O autor assume que, ao considerar tais categorias, não está operando com unidades naturais de variação estilística, mas sim realizando divisões

formais em um *continuum* para os propósitos de medir a variação fonológica no eixo estilístico. Coupland (2001) faz uma crítica às abordagens quantitativas de estilo, e entende que estilo é um correlato situacional, não um processo ativo, motivado e simbólico, o que explica a importância de considerar o contexto das situações comunicativas nos estudos. Rickford (2001) discorda desse aspecto da visão de Coupland (2001), e aponta para a necessidade de pesquisas empíricas que investiguem quais aspectos dos estilos dos falantes são previsíveis, tanto a partir do contexto sociocultural de suas performances quanto a partir das teorias existentes. Rickford (2001) destaca a visão de estilo como recurso e estratégia, um processo interativo e dinâmico.

A crítica de Rickford (2001) ao texto de Coupland (2001) – que por sua vez critica as abordagens quantitativas de estilo – traz importantes considerações a respeito do (estudo do) estilo. Primeiramente, o autor acredita que considerar a *identidade* como um único fator, ou como o fator primordial que afeta o estilo, é um problema. Afinal, outros fatores têm papel nas mudanças estilísticas (como propósito, audiência, tópico, etc.) mesmo quando a identidade é constante. Além disso, Rickford (2001) relembra que, de acordo com o modelo de Le Page e Tabouret-Keller (1985), o processo pelo qual indivíduos podem conscientemente adaptar seu estilo para projetar uma certa *persona*, ou para se identificar com um certo grupo particular, é limitado.

Ao mesmo tempo em que a crítica de Rickford (2001) dá força a concepções amplas do conceito de *estilo*, englobando inúmeros fatores (dentre eles os contextuais/situacionais), ela também aponta para a previsibilidade do *estilo*. Para o autor, tanto abordagens que consideram o estilo como totalmente previsível quanto abordagens que o consideram como totalmente imprevisível são inadequadas. Por mais ampla que a noção seja, portanto, há espaço para previsibilidade e regularidade. A esse respeito, o autor retoma o argumento de Irvine (2001) de que a noção de estilo como *distintividade* depende da compreensão do que é não distintivo ou previsível. Como sugestão, Rickford (2001) afirma que os estudos devem conciliar modelos unidimensionais e multidimensionais, explorando abordagens unidimensionais até o

seu limite, a partir de aspectos considerados mais importantes, e modificando-as e ampliando-as somente quando necessário. Afinal, embora as abordagens unidimensionais não possam dar conta de todos os aspectos da variação estilística, elas possibilitam a falseabilidade e a replicabilidade, essenciais ao fazer científico.

Rickford (2001) concorda com a visão de Coupland (2001) de que a sociolinguística autônoma é limitada e acredita que o estudo de estilo pode ser um bom caminho para ir além dessa concepção. Nesse sentido, a sociologia e a antropologia podem fornecer explicações para os resultados quantitativos obtidos a respeito da distribuição das formas em categorias sociais, por exemplo. A necessidade de buscar respostas em teorias sociais é, para o autor, mais fundamental na medida em que os estudos se pretendem explicativos, e não somente descritivos.

Também Eckert (2016) aborda a expansão que a terceira onda da sociolinguística promove nos estudos da variação linguística. Um estudo centrado no estilo deve considerar uma gama muito maior de variáveis do que aquelas categorias tradicionalmente consideradas nos estudos variacionistas, mas essa multiplicidade não significa, para a autora, que o estudo se mova em direção a uma heterogeneidade desordenada, e sim propõe novas exigências para que o pesquisador encontre a ordem. Assim, a autora ressalta ser crucial reconhecer a variação como um processo que não é aleatório. Além disso, afirma que é necessário buscar padrões que expliquem o macrossocial, o que não é uma forma de negar sua importância.

Os movimentos estilísticos são, para Eckert (2016), movimentos criativos que funcionam como micro-organismos da estabilidade e da mudança linguística e social. As pessoas socialmente mais próximas tendem, como afirma a autora, a ter experiências mais semelhantes. Assim, à medida em que indivíduos participam das mesmas comunidades de prática, eles estão mais propensos a, juntos, apropriarem-se de recursos de estilos mais distantes. Essas similaridades, de acordo com a autora, se acumulam em padrões sociais maiores que se incrementam nas diferenças macrossociais. Nesse sentido, pode-se compreender que a paisagem social engloba o *continuum* estilístico.

Para Eckert (2016), as variáveis possuem três propriedades importantes que são fundamentais para que se possa entender a natureza do significado social da variação: implicitude (o significado das variáveis é implícito, raramente abertamente construído e eminentemente negável), subespecificação (o significado das variáveis é subespecificado, de forma que as variáveis nunca têm um único significado, mas diversos significados potenciais que se especificam em contexto) e combinabilidade (as variáveis sociais não assumem significados isoladamente, mas sim combinadas, como componentes estilísticos). Essas propriedades, segundo a autora, fazem com que o significado social da variação seja eminentemente mutável. A variação, nessa perspectiva, não só reflete, mas também recria o social, o que justifica o foco na prática da terceira onda da sociolinguística. Interessantemente, o que afirma a autora sobre o significado social da variação pode, na verdade, se dizer a respeito do *sentido* na linguagem em uma acepção mais ampla.

Se as práticas sociais ganham destaque na terceira onda da sociolinguística, as *atitudes*, que antecedem e determinam as práticas, também importam. Falantes tendem a regular suas atitudes com as atitudes dos grupos de que participam e a ajustá-las em relação a normas e pressões sociais. Para Deprez e Persoons (1987), as *atitudes* carregam diferentes componentes, de modo que as pessoas possuem crenças (componente cognitivo), valores afetivos sobre essas crenças (componente avaliativo) e intenções comportamentais determinadas pelas crenças e pelos valores atribuídos às crenças (componente conativo). Se a língua é uma prática, e se os sujeitos falantes têm espaço nos estudos, as *atitudes* perante a língua e perante o mundo merecem atenção na terceira onda.

Considerar o estilo e as atitudes como parte do estudo da variação linguística pode alimentar a ideia de que as variáveis linguísticas em questão devem ser conscientemente empregadas pelos falantes para que possam ser utilizadas como recurso de construção estilística. Eckert (2016) busca justamente desmistificar essa noção ao afirmar que *agência* não implica necessariamente *consciência*. A autora explica que o *status* das variáveis utilizadas no estudo da variação não pode ser estabelecido a

priori, pois mesmo as variáveis compreendidas como *intencionais* não são aleatoriamente distribuídas, mas sim fazem parte da mesma estrutura social das variáveis tipicamente consideradas como associadas diretamente a categorias macrossociais (variáveis muitas vezes entendidas como *não conscientes* nos estudos).

Para Eckert (2016), a linha entre o que é consciente e não consciente e a separação estrita entre o social e o linguístico não são centrais para as teorias da variação. A autora critica a crença comum de que o social é externo à cognição, sendo compreendido como estando em um nível *acima*. Para a autora, o social é tão interior e tão básico quanto o linguístico, estando incorporado no inconsciente no mesmo grau, da mesma forma e na mesma linha do tempo do que o linguístico. Como exemplos, a autora cita estudos experimentais de percepção linguística que mostram que a percepção dos significados sociais das variáveis pode operar em um nível inconsciente tanto para estereótipos (HAY e DRAGER, 2010) quanto para mudanças em progresso (D'ONOFRIO, 2014), e que a informação social está na base da percepção, sendo inseparável do processamento fonológico.

A autora destaca a possibilidade de movimentos estilísticos bastante intencionais se tornarem automáticos. Se, em um primeiro momento, os falantes sabem o que estão fazendo ao utilizar uma dada variante linguística, à medida em que seu uso se torna integrado ao estilo, ele se torna, também, mais suave e mais automático. A mudança pode, segundo Eckert (2016), progredir de inconsciente para consciente, e vice-versa. Para a autora:

Certamente nós fazemos coisas inconscientemente o tempo todo, e nossa falta de consciência não atenua seu efeito ou o nosso papel sobre esse efeito. *Personae* não são necessariamente totalmente intencionais. Até mesmo tiques involuntários se tornam parte do estilo de uma pessoa, independentemente de a pessoa gostar ou não disso, já que o estilo não está na intenção, mas sim no espaço intersubjetivo entre produção e percepção.²

(ECKERT, 2016, p. 79)

² Tradução própria. Texto original: "Certainly we do things unconsciously all the time, and our lack of consciousness does not mitigate its effect or our role in its effect. *Personae* are not necessarily entirely intentional. Even involuntary tics become part of a person's style, whether that person likes it or not, since the style is not in the intent but in the intersubjective space between production and perception".

Essa abordagem da prática estilística, segundo Eckert (2016), não desfaz a importância da automaticidade e da sistematicidade da mudança, mas busca compreender o processo pelo qual a mudança sonora se transforma em signo. Para Eckert (2016), portanto, é no espaço intersubjetivo entre produção e percepção que se localiza o estilo. Embora os movimentos estilísticos sejam sempre ideológicos, tais movimentos não são sempre intencionais e conscientes.

Os estudos de terceira onda aproximam ainda mais a sociolinguística da antropologia linguística que, conforme Duranti (1997), já eram áreas próximas. Uma das diferenças entre as áreas é, para o autor, a diferença de interlocução: enquanto a sociolinguística tem, como interlocutores, linguistas formais e históricos, a antropologia linguística mantém um maior diálogo com as ciências sociais e suas subáreas, como a própria antropologia. Estudos de terceira onda tendem a aproximar os estudos sociolinguísticos das ciências sociais, incorporando conceitos dessas áreas.

Duranti (1997) apresenta princípios norteadores da reflexão sobre linguagem e cultura, relevantes para estudos que consideram a prática linguística como uma prática social. O autor aponta que, de um lado, agentes sociais precisam ter maneiras de fazer previsões na vida social para que a vida não se torne caótica; de outro, os agentes são seres complexos que participam de sistemas complexos, o que faz com que sempre exista a possibilidade de comportamento imprevisível que, embora seja de difícil interpretação, pode ser tratado como manifestação da conduta natural humana (não totalmente previsível), que é um componente importante dos mecanismos de atribuição de sentido que caracterizam a vida social. Além disso, os estudiosos devem suspender as interpretações mais óbvias para os fatos sociais, considerando a possibilidade de o “natural” poder ser, na verdade, “cultural”. Confessar ignorância é, para o autor, tão importante ao pesquisador quanto prover explicações razoáveis para o comportamento observado.

Duranti (1997) também aponta a importância de os pesquisadores descobrirem a frequência de ocorrência dos fenômenos analisados, visto que tal frequência é importante na vida das pessoas. O pesquisador sempre pode, ao analisar um

fenômeno específico, buscar pelo geral no particular ou pelo particular no geral. Há uma questão teórica e empírica que se impõe a respeito da base das generalizações aventadas, das categorias consideradas e de onde as evidências para tal foram procuradas.

Por fim, Duranti (1997) afirma que todas as teorias são mortais e chama atenção para o fato de que os atores sociais estão, eles mesmos, envolvidos no trabalho de fazer com que suas ações e interpretações se enquadrem em modelos particulares, que podem ser desvendados através de uma análise das ações específicas dos atores em questão. Metáforas e representações formais são desenvolvidas para certas funções, e os pesquisadores precisam estar cientes de suas vantagens e limitações para que possam monitorar seus próprios procedimentos.

Faz sentido, em estudos de terceira onda, considerar *cultura* como um sistema de práticas, conceito pós-estruturalista que, segundo Duranti (1997), considera que os atores só existem culturalmente como participantes em uma série de atividades habituais tanto pressupostas quanto reproduzidas por ações individuais. Tais reproduções, contudo, não são completamente previsíveis como postulariam teorias deterministas. De acordo com Duranti (1997), para Bourdieu, sociólogo pós-estruturalista, a cultura não é nem algo simplesmente externo ao indivíduo, nem algo interno, mas existente em ações rotinizadas que incluem tanto condições materiais quanto a experiência dos agentes sociais no uso de seus corpos enquanto se movimentam em um espaço familiar.

Para Bourdieu (1977), em sua teoria da prática, os atores sociais não são nem produto completo de condições materiais externas, nem independentes dessas condições materiais. Explorar as noções da sociologia de Bourdieu em estudos sociolinguísticos de terceira onda parece uma boa estratégia em razão da sintonia entre a abordagem sociológica do autor e o conceito de língua adotado como ponto de partida nos estudos. Conforme explica Duranti (1997), sociólogos como Bourdieu enfatizam a importância da linguagem como sistema ativamente definido por processos sociopolíticos. Tratar de linguagem, nessa abordagem, implica considerar

suas condições sociais, visto que a linguagem se configura como um conjunto de práticas revestidas de poder simbólico.

1.2 Estilo de vida

Bourdieu (1977) explora as práticas para compreender e interpretar a ordem social. Para tanto, o autor se vale de noções como a de *estilo de vida*, que se pode associar à concepção de *estilo* na terceira onda da sociolinguística. Considerando o ganho no poder explicativo que a abordagem de Bourdieu apresenta para o estudo sociolinguístico, torna-se relevante explorar a noção de *estilo de vida* que, conforme aborda o autor, não existe sozinha. Para compreendê-la é preciso, também, percorrer outras noções.

Dentre essas noções, tomadas como fundamentais para a sociologia de Bourdieu, está a noção de *espaço social*. O autor descreve o *espaço social* como:

um espaço multidimensional de posições tal que toda posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem aos valores de diferentes variáveis pertinentes.

(BOURDIEU, 1984 *apud* BONNEWITZ, 2003, p. 53)

Para o autor, os agentes sociais são definidos por suas posições relativas no espaço social a depender não só do volume, mas do tipo de seu capital, que pode ser econômico, cultural, social ou simbólico. O capital econômico se constitui por diferentes fatores de produção (fábricas, trabalho) e pelo conjunto de bens econômicos (renda, patrimônio, bens materiais). O capital cultural diz respeito ao conjunto de qualificações intelectuais, podendo existir em estado incorporado, como disposição duradoura do corpo (como facilidade de expressão em público); em estado objetivo, como bem cultural (como posse de obras de arte); e em estado institucionalizado, sancionado por instituições (como títulos acadêmicos). O capital social corresponde ao conjunto de relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo, de maneira que sua detenção implica um trabalho de sociabilidade (convites, atividades em comum) para instauração e manutenção das relações sociais. O capital simbólico diz respeito aos rituais ligados à honra e ao reconhecimento (como as boas maneiras e o protocolo)

e constitui vantagens sociais para os agentes dotados de crédito e autoridade suficiente para que seu volume de capital seja reconhecido.

O espaço social é hierarquizado, já que a distribuição desses capitais é desigual. A posição dos agentes no espaço obedece à lógica da distinção social: um agente social constitui-se pela sua diferença em relação aos demais agentes sociais. É por isso que o espaço social configura e garante a ordem social, mesmo que seja composto de lutas (simbólicas), de classe e de concorrência, por posições relativamente superiores.

Além do espaço social, também a noção de *campo* é importante para a compreensão da sociedade pela teoria social de Bourdieu. A sociedade é um conjunto de campos sociais mais ou menos autônomos, atravessados por lutas de classe. A constituição dos campos permite analisar as relações entre os agentes sociais e suas posições relativas no espaço social.

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (*situs*) atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes esferas de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com as outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc.).

(BOURDIEU e WACQUANT, 1992 *apud* BONNEWITZ, 2003, p. 60)

A sociedade é, então, um conjunto de campos sociais. O campo é, conforme analogia do autor, um mercado em que os agentes se comportam como jogadores. Dessa forma, ele é dotado de regras e configura-se como um espaço de forças opostas em que o capital aparece como meio e como fim. Ou seja, o capital garante a dominação do campo, e os agentes sociais podem mobilizar estratégias para conservação ou para apropriação do capital.

Além disso, o campo estrutura o *habitus*. Para o autor, o *habitus* configura-se como disposições duradouras para produzir e apreciar práticas, atuando, portanto, tanto nos esquemas de percepção quanto na ação (produção das práticas) dos agentes sociais. O *habitus* incorpora o social ao cognitivo, e é atrelado ao *habitus* que se constituem os *estilos de vida*:

O *habitus* é, com efeito, *princípio gerador* de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, *sistema de classificação* (*principium divisionis*) de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de apreciar essas práticas e esses produtos (gostos), é que se constitui o *mundo social representado*, ou seja, *o espaço dos estilos de vida*.

(BOURDIEU, 2015 [1979/1982], p. 162)

Vale dizer, são as práticas sociais que constituem os diferentes *estilos de vida*, mas esse caminho não é direto. Primeiramente, as condições de existência condicionam e produzem o *habitus*, que engendra práticas que, por sua vez, exprimem as diferenças presentes nas condições de existência. Essas práticas são percebidas por agentes sociais dotados de esquemas de percepção e apreciação. Os *estilos de vida* se constituem na relação entre prática e percepção da prática.

As noções de *doxa*, *ethos* e *hexis* corporal compõem o que Bourdieu chama de *habitus*. *Doxa* se define como um conjunto de pressupostos que temos antes de iniciar e de reproduzir práticas e que nos permite prever os resultados das práticas. *Ethos* diz respeito à forma não-consciente e interiorizada da moral como esquemas que regulam a conduta de ação. *Hexis* corporal se define como conjunto de disposições, posturas do corpo e relações ao corpo, também interiorizadas ao longo da história. Ao nosso *habitus* primário, constituído de disposições mais duradouras e anteriormente adquiridas, somam-se *habitus* secundários, conjunto de disposições que adquirimos ao longo da vida.

A noção de *habitus* como algo partilhado de geração em geração por grupos sociais une passado e presente e explica repetições nas práticas ao longo do tempo por membros de um mesmo grupo. As práticas e representações dos agentes não são nem totalmente determinadas e nem totalmente livres, ou seja, fazemos escolhas, mas essas escolhas são orientadas pelo *habitus*, que se reestrutura segundo a trajetória social percorrida pelo agente. Há espaço para mudança e mobilidade social, no jogo travado pelas relações de distinção, mas essa mudança necessita de um grande esforço para que se galguem posições do espaço social: de um lado, agentes mobilizam estratégias para conservação da ordem; de outro, agentes desprovidos de capital buscam

apropriar-se dele. Se a lógica da distinção opera na organização do espaço social, a própria noção de *habitus* dá conta de explicar, portanto, a reprodução social por meio da semelhança nas práticas de agentes sociais dotados de condições de existência semelhantes, mesmo que isso não se dê de maneira intencional ou consciente:

todas as práticas e as obras do mesmo agente são, por um lado, objetivamente harmonizadas entre si, fora de qualquer busca intencional de coerência, e, por outro, objetivamente orquestradas, fora de qualquer concertação consciente, com as de todos os membros da mesma classe.

(BOURDIEU, 2015 [1979/1982], p. 164).

Uma classe de agentes sociais se define pela oposição a outras classes de agentes sociais. Membros de uma mesma *classe* partilham, portanto, *habitus*. Mas embora exista uma harmonização das práticas entre membros de uma mesma classe, essa harmonização não é completa. Surge, novamente, a noção de *estilo de vida*: diferentes *estilos de vida* podem compor uma mesma *classe*. Bonnewitz (2003, p. 82), ao organizar o pensamento de Bourdieu, se vale da noção *estilo de vida* como “um conjunto de gostos, crenças e práticas sistemáticas característicos de uma classe ou fração de classe dada”. O autor explica que *estilo de vida*, para Bourdieu, corresponde a uma dimensão qualitativa das práticas, diferentemente do nível de vida, que diz respeito à quantidade de bens e serviços de que dispõe um agente ou um grupo. Assim, tanto práticas culturais, alimentares, sexuais, quanto modos de vestir, crenças filosóficas, convicções morais e opiniões políticas, por exemplo, compreendem o *estilo de vida*. Os *estilos de vida* são compostos de intenções expressivas dos agentes sociais, essas realizadas consciente ou inconscientemente.

Bonnewitz (2003) exemplifica a organização de diferentes *estilos de vida* em uma mesma *classe* ao abordar a sociedade francesa. A *classe dominante*, por exemplo, embora partilhe um *habitus* fundado na noção de distinção, é composta de dois *estilos de vida* a depender do capital de maior volume que possuem: de um lado, os detentores de capital econômico buscam a distinção por meio de viagens, posse de obras de arte e carros de luxo; de outro, os detentores de capital cultural se distinguem por meio de leituras, amor à música clássica ou interesse pelo teatro.

Tanto a *classe* quanto os *estilos de vida* definem os gostos e orientam o consumo. A esse respeito, Bourdieu (2015 [1979/1982]) afirma:

O acordo que se estabelece, assim, objetivamente entre classes de produtos e classes de consumidores só se realiza no consumo por intermédio dessa espécie de *senso da homologia entre bens e grupos*, que define o gosto: ao proceder a uma escolha segundo seus gostos, o indivíduo opera a *identificação* de bens objetivamente adequados à sua posição e ajustados entre si por estarem situados em posições sumariamente equivalentes a seus respectivos espaços (...) ajudado, neste aspecto, por instituições, butiques, teatros, críticos, jornais e semanários, escolhidos, aliás, segundo o mesmo princípio; além disso, por serem definidas por sua posição em um campo, elas próprias devem ser objeto de uma identificação distintiva.

(BOURDIEU, 2015 [1979/1982], p. 217)

O gosto é, para Bourdieu (2015 [1979/1982], p. 165), a fórmula geradora que se encontra na origem do *estilo de vida*, este definido como “conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou *hexis* corporal – a mesma intenção expressiva”.

Bourdieu (2015 [1979/1982]) concebe o corpo como a objetivação mais irrecusável do gosto de classe, que se manifesta de diferentes maneiras, seja na aparência e nas formas em que se exprime a relação com o corpo, seja na maneira de tratá-lo, considerando desde as preferências no consumo alimentar até os usos do corpo no trabalho e no lazer. Notam-se, no corpo, diferenças de conformação acentuadas por diferenças de *atitude*: a relação com o mundo social se exprime pelas diferenças de portar o corpo, de apresentar-se e de comportar-se. O *esquema corporal* é entendido, nessa perspectiva, como depositário de uma verdadeira visão do mundo social. A título de exemplo, enquanto aborda esquemas corporais relacionados a práticas esportivas, Bourdieu (2015 [1979/1982], p. 205) aponta a maneira tipicamente burguesa de uso do corpo como dotada de certa amplitude de gestos e forma de andar (manifestando, na posição ocupada no espaço físico, o lugar ocupado no espaço social) e de um tempo contido, compassado, ponderado (oposto à pressa popular e à precipitação pequeno-burguesa). Isso está presente também no uso burguês da linguagem, em que se expressa a confiança de poder tomar o seu tempo e o dos outros.

Se os gostos de um agente social estão atrelados aos gostos dos demais membros de sua *classe* e grupo social, a mudança nos gostos pode ser resultado da mudança de condições de existência, o que, por sua vez, gerará mudança no *habitus*, nas práticas e nos *estilos de vida*. Passar a gostar de algo quando se tem mais capital econômico, por exemplo, é uma forma de reproduzir *habitus* de uma nova classe e a ela integrar-se, evitando a realização de práticas pouco ou não adaptadas a essas condições.

Os gostos e o consumo operam, então, como resultado do que Bourdieu chama de *senso da homologia entre bens e grupos*: consome-se aquilo que se entende que está de acordo com sua posição no espaço social, e essa percepção é ditada pelo que se observa no outro – o que explica a eficácia das campanhas de *marketing* que operam nos esquemas de percepção através de modelos do que é ser de uma ou de outra classe. Segundo Bourdieu (2015 [1979/1982]), se as classes dominantes são marcadas pelos *gostos de luxo*, as classes dominadas estão fadadas ao *gosto da necessidade*. Da mesma forma, o gosto e o consumo podem ser estratégias de enquadramento a um determinado *estilo de vida* e a uma determinada *classe* de que se quer fazer parte. Como as práticas sociais, os gostos não são, portanto, apenas resultado da escolha livre dos agentes, mas estão engendrados de maneira a situar os agentes no espaço social.

Bourdieu (1998 [1993]) também compara *espaço social* a *espaço físico*, afirmando que, em uma sociedade hierarquizada, não há espaço que não exprima tais hierarquias e distâncias sociais.

Para o autor,

O espaço social reificado (isto é, fisicamente realizado ou objetivado) se apresenta, assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens ou de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados (enquanto corpos ligados a um lugar permanente) e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e desses serviços mais ou menos importantes (em função de seu capital e também da distância física desses bens, que depende também de seu capital). É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões no espaço social reificado.

(BOURDIEU, 1998 [1993], p. 161)

Para Bourdieu (1998 [1993]), o espaço social se retraduz no espaço físico, e a posição dos agentes no espaço social se exprime em sua posição no espaço físico, de

maneira que a posição relativa da localização de certos agentes difere da posição de outros agentes. Essa relação entre espaço social e físico explicaria parte da inércia das estruturas do espaço social, visto que, se as estruturas sociais estão inscritas no espaço físico, as mudanças exigiriam um trabalho custoso de transplantação, de mudança das coisas e de desenraizamento ou deportação de pessoas.

O espaço físico, como o espaço social, é um espaço de lutas. Os ganhos no espaço físico podem tomar diferentes formas, como ganhos de localização, de classe e de ocupação. Tais ganhos estão sujeitos ao volume de capital dos agentes sociais: são aqueles que detêm capital que são capazes de dominar o espaço, apropriando-se de bens raros e de pessoas e coisas desejáveis, assim mantendo-se à distância de coisas e pessoas indesejáveis. Essa proximidade no espaço físico permite proximidade no espaço social e favorece acumulação de capital social, garantindo que um espaço seja “bem frequentado”. Certos espaços físicos demandam que seus frequentadores detenham capital econômico, cultural e social, o que resulta em um *efeito de clube* que, por sua vez, proporciona capital cultural e simbólico a seus membros, que se destacam por não serem comuns na medida em que excluem aqueles não considerados desejáveis.

Nessa perspectiva, um bairro chique consagra simbolicamente seus habitantes, enquanto um bairro estigmatizado degrada simbolicamente seus habitantes. Contudo, o autor ressalta que, de um lado, o analista não pode se deixar enganar por estigmas associados a espaços físicos, mas deve, pelo contrário, estar a par do que acontece nos espaços físicos independentemente das propriedades positivas ou negativas associadas a ele. De outro lado, Bourdieu (2008 [1982]) afirma que abordar conceitos como o de região, por exemplo, gera confusão quando há uma preocupação de submeter as categorias do senso comum e os princípios práticos do juízo cotidiano à crítica lógica e aos critérios controlados e empiricamente fundados na ciência. Há de haver um meio termo na exploração dessas classificações, considerando que “classificações práticas estão sempre subordinadas a funções práticas e orientadas para a produção de efeitos sociais” (BOURDIEU, 2008 [1982], p. 107).

A teoria social de Bourdieu também aborda as trocas linguísticas, entendidas como trocas econômicas. Para o autor,

Sendo uma relação de comunicação entre um emissor e um receptor, fundada no ciframento e no deciframento, e portanto na operação de um código ou de uma competência geradora, a troca linguística é também uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força simbólica entre um produtor, provido de um dado capital linguístico, e um consumidor (ou um mercado), capaz de propiciar um certo lucro material ou simbólico. Em outros termos, os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos, decifrados; são também *signos de riqueza* a serem avaliados, apreciados, e *signos de autoridade* a serem acreditados e obedecidos.

(BOURDIEU, 2008 [1982], p. 53)

Para Bourdieu (2008 [1982]), é no mercado linguístico que os discursos alcançam seu valor e seu sentido. Esse mercado é constituído de negociações em busca de lucro simbólico, e o valor das formas linguísticas depende da relação de forças estabelecida entre o capital linguístico dos locutores. Aqueles que ocupam posições superiores no mercado linguístico são os que possuem competência legítima, isto é, capacidade reconhecida de empregar a língua considerada legítima.

Na perspectiva de Bourdieu, os agentes sociais são providos de *habitus* linguístico. Esse *habitus* tem como resultado inconsciente a antecipação dos lucros, isto é, disposição para apreciar as probabilidades (censura antecipada) do mercado – uma vez que se conhecem suas leis – que determina o valor, a maneira e o que será dito. A competência linguística – capacidade de (impor critérios de) produção, apropriação e apreciação – constitui-se como uma dimensão da *hexis* corporal, e o corpo inteiro responde à tensão do mercado. Assim sendo, há um estilo articulatório (estilo de vida que se fez no corpo) que determina os traços fonológicos característicos de uma pronúncia de classe. Vale dizer que o *habitus* linguístico é uma dimensão do *habitus* de classe que exprime, no corpo, a posição ocupada, sincrônica e diacronicamente, no espaço social.

O que circula no mercado linguístico, para Bourdieu (2008 [1982], p. 25), não é a língua propriamente dita, mas “discursos estilisticamente caracterizados”, tanto da perspectiva da produção quanto da percepção. O *estilo* é então definido como um

“desvio individual em relação à norma linguística”, um conjunto de diferenças sistemáticas classificadas e classificantes, uma elaboração que confere propriedades distintivas ao discurso e que, tal qual o *estilo de vida* propriamente dito, só se concretiza em relação aos esquemas de percepção dos agentes sociais, que estabelecem distinções entre *maneiras de dizer*. Falar, nessa perspectiva, é apropriar-se de *estilos expressivos* que, constituídos no e pelo uso, são tanto hierarquizados quanto hierarquizantes, marcando aqueles que deles se apropriam no espaço social.

O presente trabalho, assentado no pressuposto de Labov (2008 [1972]) de que a variação é condicionada linguística e socialmente, busca desvendar o padrão de variação do *ingliding* em Porto Alegre. Além disso, ao explorar identidades e categorias sociais locais, o trabalho reúne questões que norteiam estudos nas diferentes ondas da sociolinguística conforme formalizadas por Eckert (2005, 2012). Interessa saber quais são os significados sociais do *ingliding*, considerando, na investigação, as noções de *indexicalidade* e postura (ECKERT, 2008; JAFFE, 2016) e tomando a variável como *índice de segunda ordem* (SILVERSTEIN, 2003). Para tanto, parte-se da noção de estilo como *prática*, não necessariamente consciente, de construção de *personae* (ECKERT, 2005, 2012, 2016). Além disso, entende-se estilo como um recurso, em um processo dinâmico, que não é nem totalmente previsível, nem totalmente imprevisível (RICKFORD, 2001). Nessa perspectiva, é relevante explorar o que é previsível no estilo daqueles que produzem *ingliding*.

A teoria social de Bourdieu oferece conceitos que são, no estudo de *ingliding* como prática estilística, tomados como noções operacionais. A noção de *estilo de vida* como uma dimensão das práticas, composta de intenções expressivas dos agentes sociais, é central para este estudo, que busca compreender que estilos são construídos com a realização de *ingliding*. Além disso, busca-se entender quais *capitais* são mobilizados pelo *ingliding* e que *lucro simbólico*, em um *mercado linguístico*, conferem a seus usuários. Para tanto, as noções de *campo*, *habitus*, *gosto* e *classe* precisam ser consideradas. O bairro Bom Fim e a cidade de Porto Alegre são, neste estudo, compreendidos não apenas como *espaço físico*, mas também como *espaço social*.

Capítulo 2

INGLIDING

Este capítulo apresenta e discute o objeto linguístico desta dissertação. Na seção 2.1, aborda-se a formação de ditongos com base, principalmente, em descrições articatórias. Essas definições embasam o que se entende como o processo fonético de *ingliding* e o seu resultado, o ditongo centralizado. Na seção 2.2, as etapas do estudo do *ingliding* no falar porto-alegrenses são recuperadas e sistematizadas de maneira a esclarecer o que já foi feito e o que ainda está por fazer. Nessa seção, descrevem-se as descobertas a respeito do processo no âmbito linguístico e no âmbito social.

2.1 A formação dos ditongos

Em seu Dicionário de Linguística e Fonética, Crystal (2008) afirma que a vogal é uma das duas categorias utilizadas para classificação dos sons da fala, sendo a outra categoria a de consoantes. Articulatoriamente, a diferença entre vogais e consoantes é muitas vezes resumida à distinção na obstrução da passagem de ar entre as duas categorias de sons: enquanto há maior obstrução na passagem de ar na articulação das consoantes, as vogais são produzidas com menor obstrução. É o caso da definição de Silva (2011) que, em seu Dicionário de Fonética e Fonologia, define a vogal como “som produzido sem obstrução da passagem de ar” (p. 220).

A definição de Crystal (2008) é mais completa, visto que o autor se preocupa em abordar a definição de vogais tanto em termos fonéticos quanto em termos fonológicos. Foneticamente, afirma o autor, as vogais são articuladas sem um completo fechamento da boca, ou seja, sem um grau de estreitamento que produziria fricção audível, pois o ar escapa uniformemente sobre o centro da língua.

Essa reflexão é apresentada de maneira mais detalhada por Catford (1988) ao diferenciar *fricativas* de *aproximantes*. O autor afirma que uma aproximante possui um espaço articatório ligeiramente mais aberto do que uma fricativa. A diferença mais

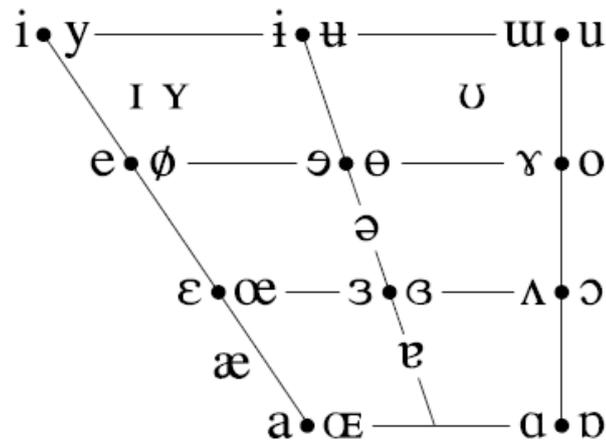
relevante entre essas categorias de sons diz respeito, então, à fricção/turbulência causada pelo menor ou maior estreitamento da passagem do ar: a corrente de ar de uma fricativa passa por um espaço articulatorio estreito de modo a ficar turbulenta (o que explica o ruído fricativo), enquanto a corrente de ar de uma aproximante, por passar por um espaço articulatorio menos estreito, não é turbulenta, ou seja, não provoca ruído fricativo. Nesse sentido, as vogais seriam, de acordo com Catford (1988), sons aproximantes, pois possuem uma corrente suave (não turbulenta) quando vozeadas, e uma corrente turbulenta (com ruído) quando desvozeadas.

Fonologicamente, conforme explica Crystal (2008), as vogais são unidades que ocupam o centro/núcleo das sílabas. Como existem sons articulatoriamente semelhantes às vogais que não ocupam o núcleo de sílabas – como consoantes aproximantes, por exemplo: [ɹ]ed ('vermelho') e ca[ɹ] ('carro') –, alguns autores referem-se a *vogais* ao tratar do nível fonológico de análise, e utilizam o termo *vocoides* para o nível fonético (da mesma forma, distinguem *consoantes* de *contoides*).

As vogais podem ser *orais*, quando o ar escapa somente pela cavidade oral, ou *nasais*, quando o ar escapa simultaneamente pelas cavidades oral e nasal. Além disso, conforme explica Catford (1988), existem três variáveis que especificam as vogais, ou o formato da boca na articulação das vogais: posição vertical da língua (alto-baixo), posição horizontal da língua (posterior-anterior), e posição dos lábios (arredondado-não arredondado). Essas características estão expressas no quadrilátero das vogais elaborado pelo IPA (International Phonetic Alphabet: 'Alfabeto Fonético Internacional'), reproduzido na Figura 2.

As três linhas verticais referem-se a, respectivamente e da esquerda para a direita, vogais *anteriores*, *centrais* e *posteriores*. De cima para baixo, as linhas horizontais referem-se, respectivamente, a vogais *fechadas* ou *altas*, *médias-fechadas* ou *médias-altas*, *médias-abertas* ou *médias-baixas*, *abertas* ou *baixas*. Quando os símbolos aparecem em pares, o símbolo da direita representa uma vogal *arredondada*.

Figura 2 – Vogais (IPA)



Fonte: IPA

O quadrilátero das vogais apresenta uma idealização que serve de referência para a articulação das vogais nas línguas do mundo. Esse quadrilátero é composto de Vogais Cardinais (aquelas localizadas nos extremos do quadrilátero), Vogais Cardinais Secundárias (contraparte arredondada/não arredondada das vogais cardinais e vogais centrais altas), Vogais Centrais (demais vogais centrais) e demais vogais adicionais (símbolos especiais que se referem a vogais que estão em demais pontos do quadrilátero). Catford (2008) enfatiza o fato de que o sistema de vogais cardinais não foi extraído de uma língua particular, mas é composto de vogais sistematicamente estabelecidas, não associadas a uma língua, que funciona como referência universal. Há, portanto, variação na realização dessas vogais nas diferentes línguas do mundo.

Acusticamente, as vogais podem ser analisadas a partir dos seus formantes, definidos como “zonas de frequência intensificadas pelas cavidades de ressonância de acordo com as diferentes configurações assumidas pelo trato vocal” (SILVA, 2011, p. 120). De acordo com Barbosa e Madureira (2015), a configuração assumida pelo trato oral na produção de uma vogal oral envolve um movimento gradual, de abertura e depois fechamento, do(s) articulador(es) ativo(s) para o passivo. Os formantes geralmente utilizados em estudos acústicos sobre vogais são os dois primeiros formantes, F1 e F2, medidos em Hertz. Os valores de F1 representam informações a

respeito da altura das vogais, enquanto os valores de F2 são usados para medir anterioridade/posterioridade das vogais.

Também a semivogal pode ser definida a partir de sua natureza articulatória ou de sua posição na sílaba. No dicionário de Silva (2011), *glide* e *semivogal* ou *semiconsoante* são termos equivalentes. A autora define *glide* como “segmento que apresenta características articulatórias de uma vogal, mas que não pode ocupar a posição de núcleo de uma sílaba” (p. 127). A autora afirma que os *glides* ocorrem tipicamente nas línguas naturais como vogais altas assilábicas, mas que existem outros *glides* a depender da classificação dos ditongos em que aparecem. Em suma, nessa perspectiva, semivogais, ou *glides*, são vogais que ocorrem em ditongos ou tritongos e não ocupam o núcleo da sílaba em que aparecem.

Catford (1988) define as semivogais, do ponto de vista articulatório, como aproximantes momentâneas. A semivogal [j] é uma vogal [i] ultra-curta, assim como a semivogal [w] se refere a uma vogal [u] ultra-curta. Se forem prolongadas, as semivogais [j] e [w] voltam a ser vogais. Catford (1988) explica, então, que as vogais possuem três fases: início (*on-glide*), retenção e soltura (*off-glide*). As semivogais, momentâneas não possuem a fase de retenção, em que os articuladores permanecem na mesma posição. Quando a semivogal é inicial, não possui início audível e não possui retenção, mas apenas uma soltura rápida. Quando a vogal é medial, o início é seguido imediatamente por uma soltura, sem uma retenção entre as fases.

No IPA, as semivogais [j] e [w] são descritas como aproximantes. Embora tal classificação também possa se estender às demais vogais, como afirma Catford (1988), as semivogais diferem quanto ao grau de constrição em relação às vogais. A esse respeito, Ladefoged e Maddieson (1996) afirmam que, em comparação com suas vogais correspondentes, as semivogais são produzidas com mais constrição do trato vocal.

As definições de *ditongo* variam de acordo com o ponto de vista adotado, se fonético ou fonológico, e podem variar mesmo do ponto de vista articulatório. Silva (2011) utiliza poucas palavras para a definição de ditongo em seu dicionário:

“sequência de segmentos vocálicos ocorrendo em uma mesma sílaba, sendo que um deles é um *glide*” (p. 94). Tal definição busca na noção de sílaba a definição de ditongos. A silabicidade prevê uma vogal como núcleo silábico, não duas. Portanto, o ditongo, do ponto de vista fonológico, é necessariamente definido como uma sequência de vogal nuclear e vogal assilábica: a semivogal ou *glide*³.

Crystal (2008) também faz referência à sílaba em sua definição de ditongo, mas sua definição é mais abrangente ao considerar os aspectos fonéticos do ditongo e defini-lo como uma vogal em que há uma única mudança de qualidade perceptível durante a sílaba. Essa é, também, a visão de Laver (1994), que afirma que a transcrição fonética de um ditongo faz referência ao ponto inicial e ao ponto final da articulação do mesmo. Da mesma forma, Ladefoged e Maddieson (1996) consideram o ditongo como uma vogal com mudança de qualidade, ou seja, que possui dois alvos de gestos vocálicos distintos, enquanto as vogais que não são ditongos possuem um só alvo, e as vogais longas possuem dois alvos idênticos.

Por comparação, um *monotongo* não possui mudança de qualidade audível, e um *tritongo* possui duas mudanças audíveis na realização vocálica, apresentando o que Laver (1994) chama de trajetória complexa composta por ponto inicial, curso medial e alvo final. Crystal (2008) menciona a equivalência do termo *ditongo* ao de *gliding vowel*, de difícil tradução para o português, mas que se refere justamente ao ditongo como uma vogal que sofre um processo fonético – o *gliding* – que ocasiona a mudança relevante de qualidade.

As definições de Silva (2011), Crystal (2008), Laver (1994) e Ladefoged e Maddieson (1996) convergem na medida em que presumem que o ditongo ocorre necessariamente em uma mesma sílaba, mas divergem em sua definição dos elementos que o compõem: para Silva (2011), o ditongo é formado de uma sequência de vogal + *glide*; para os demais autores, o ditongo é resultado de um processo fonético em que há mudança de qualidade perceptível de uma única vogal. O *glide* é, para Crystal

³ Considerando a visão de Silva (2011) de que os termos *semivogal* e *glide* são equivalentes.

(2008), não equivalente a uma *semivogal*, mas um som transicional que surge quando o trato vocal se movimenta em direção (*on-glide*) ou na direção contrária (*off-glide*) a uma articulação específica, ou o termo utilizado para uma vogal que apresenta mudança audível em qualidade. Nessa perspectiva, ditongos e tritongos são tipos de *glide* ou *gliding vowels*.

Barbosa e Madureira (2015), em sua descrição experimental acústica do português, definem o ditongo também como uma sequência de vogal e semivogal, diferenciando-o de uma sequência de vogais distintas. As vogais distintas são compostas por configurações de trato diferentes que geram, acusticamente, de acordo com os autores, formantes com amplitudes, larguras de banda e frequências distintas. Nos ditongos, durante a produção da semivogal, a língua muda rapidamente para uma configuração próxima à da vogal homorgânica. Análises acústicas de frases veículo mostram não só variação dos formantes de cada vogal a depender da variedade de português estudada, como também diferenças em relação ao quão estacionários são os segmentos vocálicos e qual a duração da semivogal em relação à sílaba, que pode, em alguns casos, acabar sendo maior do que se esperaria.

A definição de Catford (1988) de ditongo difere das apresentadas anteriormente. Para o autor, um ditongo não se define como uma vogal com mudança audível de qualidade, nem como uma sequência de vogal e semivogal, mas sim como uma sequência de vogais distintas que ocorrem numa mesma sílaba (embora tal sequência seja *percebida* como um som transicional – *gliding* – que começa em um elemento e termina em outro). Ao referir sílaba, o autor não está necessariamente tratando de um conceito da fonologia que englobaria moldes silábicos de línguas específicas, mas abordando um conceito que, articulatoriamente, diz respeito a pulso acentual/pulso iniciador. Estar em uma mesma sílaba é, portanto, ser produzido a partir de um só pulso iniciador.

Os ditongos do inglês são, para Catford (1988), ditongos decrescentes, já que o acento decai ao longo da sílaba e seu pico está no início do ditongo. Ao abordar a possibilidade de haver ditongos crescentes no inglês, Catford (1988) afirma que esses

ditongos, embora possam existir, na maioria das vezes são transcritos como uma sequência de semivogal e vogal, e não como ditongos. Isso mostra que Catford (1988) não chama de *ditongo* uma sequência de semivogal e vogal, mas o faz somente quando a sequência é formada por duas vogais, uma das quais receberá, na transcrição fonética, um diacrítico para marcar o elemento fraco ou não acentuado do ditongo.

Cagliari (1981) diferencia, em sua tese de livre docência, as duas noções utilizadas na definição de ditongos: a noção de silabidade (ditongo ocorre em uma mesma sílaba: vogal e semivogal) e a noção de movimento articulatorio (ditongo é uma vogal que muda de qualidade). A noção de ditongo como uma sequência de vogais em uma mesma sílaba, como sugere Catford (1988), é, segundo Cagliari (1981), resultado de uma interpretação confusa das duas definições mencionadas. Para o autor, para discutir a noção de ditongo, é preciso que se discuta, também, os problemas da noção de sílaba.

Articulatoriamente, Cagliari (1981) define as sílabas como jatos de ar de duração, volume e pressão variáveis que compõem a fala, não constituída de um fluxo de ar constante e contínuo. Essa lógica leva o autor a afirmar que “é um erro dizer que existem elementos silábicos e elementos não-silábicos na fala. Tudo o que ocorre na fala, ocorre dentro de uma sílaba” (p. 56). O que normalmente se chama de silábico é o “pico da ondulação silábica”, enquanto o não-silábico se refere às rampas da ondulação silábica, o que, para Cagliari (1981), é uma ideia não somente confusa como também errada.

Foneticamente, afirma o autor, uma sílaba pode ser constituída só por vogal, por vogal associada a consoantes ou só por consoantes. A distinção entre vogais e consoantes não é, para Cagliari (1981), satisfatória, e pode somente diferenciar classes operacionais em descrições de línguas. Em relação à percepção daquilo que faz parte de uma sílaba, o autor afirma que a única explicação está no fenômeno da empatia fonética, associada ao fenômeno de cinestesia. O padrão silábico da língua surge a partir desses fenômenos, e não o contrário: “o falante fala sílabas que ele ‘sente’ através

da cinestesia, e que o ouvinte ‘sente’ sintonizando-se biologicamente através da empatia” (p. 57).

Para Cagliari (1981), portanto, “o ditongo se realiza por um movimento contínuo da língua, indo de uma posição articulatória própria de uma vogal à posição articulatória própria de outra vogal” (p. 58), o que produz auditivamente um som vocálico de qualidade em constante mudança. Os pontos iniciais e finais são, perceptualmente, os mais salientes. Contudo, afirma o autor, seria possível estabelecer as condições vocálicas de cada pedaço, referentes aos estágios do movimento articulatório da língua, se alongássemos eletronicamente um ditongo.

O ditongo é, conforme Cagliari (1981), diferente de uma sequência de vogais que ocorre em sílabas distintas (hiato), já que duas vogais em sequência possuem duração maior de suas qualidades básicas e transição extremamente rápida entre essas qualidades. Cagliari (1981) também não considera os ditongos como sequências de vogal e semivogal, pois acredita que não há, em princípio, nenhum problema em se admitir, foneticamente, a ocorrência de duas vogais numa única sílaba. Sendo assim, o autor não vê necessidade, ou mesmo vantagem, em chamar de vogal a parte mais proeminente de um ditongo, e semivogal a parte menos proeminente.

O que as concepções dos autores aqui revisados mostram é que não há uma única definição de *ditongo* consensual na literatura, mas diferentes abordagens que ora se apoiam no nível fonético, ora utilizam preceitos da fonologia. A revisão teórica realizada buscou autores que defendessem diferentes definições a respeito dos *ditongos* para que convergências e divergências teóricas pudessem ser analisadas de modo a enriquecer tal discussão. As definições apresentadas⁴ podem ser reunidas em três possibilidades mais gerais:

⁴ Diversos outros autores poderiam, certamente, ser acrescentados à discussão aqui apresentada. O que se buscou foram representantes das três concepções descritas.

- (1) Ditongo é composto por duas vogais (CATFORD, 1988);
- (2) Ditongo é composto por uma única vogal com mudança perceptível de qualidade (CAGLIARI, 1981; CRYSTAL, 2008; LADEFOGED e MADDIESON, 1996; LAVER, 1994);
- (3) Ditongo é composto por uma vogal e uma semivogal (SILVA, 2011; BARBORA e MADUREIRA, 2015).

É consenso entre esses autores a noção de sílaba como fundamental para a definição de um ditongo, seja ela abordada do ponto de vista fonológico, seja ela descrita do ponto de vista articulatorio. A definição de Catford (1988), de que o ditongo é composto por duas vogais, aproxima-se à definição 2, visto que o autor considera que os ditongos, embora compostos de duas vogais numa mesma sílaba, são *percebidos* como uma vogal em transição. Para os autores que utilizam a definição 2, essa percepção diz respeito à própria natureza do ditongo. É interessante notar, também, que os autores que adotam a definição 2 transcrevem o ditongo com base em seus pontos iniciais e finais, ou seja, acabam por transcrever duas vogais foneticamente, mesmo que apontem com diacríticos qual é a porção menos proeminente.

As definições 2 e 3 diferenciam-se na medida em que, se na definição 2 o ditongo é um só elemento com mais de uma qualidade vocálica, para adeptos da definição 3, a qualidade vocálica que o ditongo assume equivale ao surgimento de uma semivogal na sequência. Parecem duas formas de se dizer a mesma coisa, visto que a semivogal é, articulatoriamente, breve e menos proeminente do que a vogal homorgânica, como se espera da parte menos proeminente de um ditongo definido como em 2. O que a definição 3 parece deixar de lado é que a diferença articulatória entre vogais e semivogais pode dizer respeito não somente à duração e proeminência dos segmentos, mas também ao grau de constrição do trato vocal. Ou seja, considerar que todo ditongo é composto por vogal e semivogal limita as possibilidades de ditongação quando, articulatoriamente, elas podem ser diversas.

Se as semivogais são, conforme Ladefoged e Maddieson (1996), produzidas com mais constrição do trato vocal do que as vogais correspondentes, uma sequência de

vogal e semivogal é articulatoriamente distinta da realização de uma vogal com mudança de qualidade audível, já que essa qualidade vocálica pode manter traços articulatorios das vogais sem chegar ao nível de constrição que define uma semivogal. Nessa perspectiva, as emissões [ej] e [eɪ], por exemplo, não apenas representam duas concepções distintas de ditongo, mas duas possibilidades da articulação desses sons, mesmo que semelhantes e de difícil diferenciação de oitiva. A questão que se coloca é, então: qual(is) dessas emissões representa um ditongo?

Para Catford (1981), a segunda. Para Cagliari (1981)⁵, Crystal (2008), Ladefoged e Maddieson (1996) e Laver (1994), também, embora a transcrição fonética em duas vogais seja uma forma encontrada de demonstrar a diferença relevante da qualidade vocálica de uma só vogal (ditongada). Para Barbosa e Madureira (2015), as realizações não produziriam diferenças relevantes, e o ideal de representação seria [ej]. Tal visão é resultado da concepção de que todo ditongo é formado por vogal e semivogal.

Em Silva (2011), as definições podem estar sobrepostas por questões relativas à nomenclatura *glide*/semivogal. Ao transcrever os ditongos, a autora utiliza símbolos de vogais com diacrítico de assilabidade, como em [e̠] e [o̠], mas chama-os de *glide*. O que faz a autora, bem como alguns outros estudiosos, é utilizar *semivogal* como equivalente, ou tradução, de *glide*, referindo-se à parte assilábica de um ditongo, e não à natureza articulatória de uma semivogal. Tanto que, ao transcrever foneticamente os ditongos, a autora não utiliza símbolos referentes a semivogais, o que aponta que a nomenclatura utilizada é mais funcional do que de natureza articulatória. Silva (2011) não faz referência à mudança de qualidade da vogal como geradora do *glide*, mas apenas assume que um ditongo é uma sequência de dois elementos. Em verdade, mesmo autores que consideram que o ditongo surge por mudança de qualidade vocálica podem chamar de *glide* a porção assilábica, ou menos proeminente, da sequência vocálica. Contudo, essa nomenclatura nem sempre, como faz Silva (2011), é tomada como sinônimo de semivogal, em razão de sua natureza articulatória.

⁵ Cagliari (1981) utiliza outros símbolos em suas transcrições dos ditongos do português que equivalem, em sua localização no quadrilátero das vogais, a [i] e [u].

Outra possibilidade de transcrição fonética do ditongo, definido como decorrência de mudança audível de qualidade vocálica, pode representar o elemento menos proeminente sobrescrito, como, por exemplo, [e^h] ou [e^h]. As transcrições variam, obviamente, não só de acordo com a abordagem e percepção do analista, mas também a partir das convenções de cada língua. O *handbook* referente ao IPA (1999) exemplifica tais diferenças ao ilustrar transcrições e explicar convenções adotadas para diferentes línguas.

A esse respeito, Laver (1994) afirma que as realizações de ditongos que são fonemas de duas línguas distintas, mesmo que transcritas fonologicamente da mesma forma, podem se diferenciar em características fonéticas. Assim, a porção final dos ditongos pode diferir em fins detalhes em sua qualidade fonética, bem como a velocidade relativa com que a trajetória dos ditongos ocorre pode diferir entre as duas línguas. Em sua definição de vogais, Crystal (2008) afirma que a sua classificação é geralmente realizada a partir de critérios acústicos ou auditivos, já que os pequenos movimentos de língua, embora produzam realizações bastante distintas, são difíceis de ver ou sentir.

Considerando a definição de ditongo como composto de uma única vogal, pode-se chegar à seguinte questão: se movimentos sutis da língua podem causar mudanças consideráveis, e se análises acústicas podem apontar variações formânticas na realização das vogais, seja em função de coarticulação, seja em função do falante ou variedade analisada, como diferenciar uma vogal pura de um ditongo? Para responder a essa pergunta, é preciso recuperar a noção de que os ditongos apresentam mudanças *audíveis* de qualidade, o que demonstra a importância da percepção em sua definição.

Nesse caso, vale ressaltar que a percepção dos ouvintes está sujeita ao sistema fonológico de sua língua, o que faz com que as mudanças de qualidade vocálica só sejam relevantes se atingirem sons existentes nessa língua. Da mesma forma, ditongos fonéticos, não distintivos, podem não ser facilmente percebidos pelos falantes. É o caso do ditongo variável [ẽj] (você tá entend[ẽj]do?) do falar paulistano (OUSHIRO, 2015), que, embora seja considerado estereotípico por não paulistanos, não é objeto de

comentários metalinguísticos por paulistanos. Ou seja, os paulistanos, que percebem uma certa “prosódia” no falar de sua comunidade de fala, não demonstram perceber o surgimento do ditongo variável.

A grande variação nas realizações vocálicas possui uma explicação articulatória, e tanto é verdadeira que as vogais cardinais são consideradas vogais de referência, não vogais reais, tendo em vista a diversidade de produções possíveis nas diversas línguas do mundo. Por serem produzidas com menos obstrução à passagem de ar do que as consoantes e por não possuírem anteparo em sua articulação, é natural que haja maior variação na produção das vogais. Utilizando o exemplo do ditongo variável [êj] citado anteriormente, como é possível classificá-lo como ditongo se os falantes que o produzem não o percebem?

Nesse caso, como em diversos outros, cabe ao analista a identificação dos ditongos. Tendo em vista a variação esperada nas realizações vocálicas, mesmo vogais puras podem ser produzidas com mais ou menos estabilidade, podendo, inclusive, sofrer alterações, como centralização, abaixamento e levantamento, a serem também reconhecidas pelo analista. Um ditongo só é reconhecido como tal quando a variação na qualidade vocálica é suficiente para causar o efeito auditivo de duas vogais. Perceptualmente, um analista treinado em fonética articulatória poderá ser capaz de identificar se, a despeito da variação esperada na realização de uma vogal pura, tal segmento constitui-se de uma vogal pura ou possui a mudança de qualidade necessária para que possa ser considerado como um ditongo.

Os ditongos são classificados, primordialmente, em duas categorias: ditongos *decrecentes* e ditongos *crescentes*. Essa classificação independe da definição de ditongo adotada, já que pode tanto se referir à posição da semivogal em relação à vogal no ditongo, quanto à organização entre o que é silábico e não silábico, mais ou menos proeminente. É consenso entre os autores referidos, quando abordam tal classificação, que um ditongo como [ej] ou [eɨ] é decrescente (primeira parte mais proeminente/silábica/vogal, segunda parte menos proeminente/assilábica/semivogal),

enquanto [je] ou [ɪe] constitui um ditongo crescente (primeira parte menos proeminente/assilábica/semivogal, segunda parte mais proeminente/silábica/vogal).

Somada à essa classificação, os ditongos podem também ser classificados a partir da direção do movimento articulatorio realizado no trato vocálico. Laver (1994) baseia-se na língua inglesa para elencar dois tipos de ditongos: *closing diphthongs* ('ditongos fechados'), quando o movimento articulatorio é para cima (ex.: [aɪ], [aʊ]); *centring diphthongs* ('ditongos centralizados'), quando o movimento articulatorio é em direção ao centro do espaço vocálico (ex.: [ɛə], [uə]).

Donegan (1978), em seu estudo sobre fonologia natural de vogais e ditongos, faz uma descrição mais detalhada dos tipos de ditongos a partir de seu movimento no trato vocálico. A autora divide os ditongos decrescentes em dois tipos: *up-gliding* ou *out-gliding* (em que o *glide* é mais alto, tenso, ou mais cromático⁶ do que a vogal silábica), quando o movimento no trato oral para realização do ditongo é *para cima* ou *para fora*, como em [eɪ], [aʊ] e [iɪ]; *in-gliding* ou *down-gliding* (em que o *glide* é mais baixo, distenso, ou menos cromático do que a vogal silábica), quando o movimento no trato oral para realização do ditongo é *para dentro* ou *para baixo*, como em [eə], [iə] e [oə].⁷

Para Donegan (1978), a sequência *glide-vogal* dos ditongos crescentes é, de alguma maneira, mais assemelhada a uma sequência consoante-vogal do que à sequência vogal-vogal, do ditongo decrescente, considerado como o "verdadeiro" ditongo. Um dos argumentos utilizados é a atribuição de moras aos ditongos, em que os ditongos decrescentes receberiam duas moras, mas os crescentes apenas uma, visto que o elemento não silábico dos ditongos crescentes conta como o ataque silábico. Tal ditongo não possui, portanto, função na análise prosódica. Essas razões levam a autora

⁶ Vogais que não são nem palatais nem labiais são consideradas acromáticas. Vogais que são palatais, palatais e labiais, ou labiais são consideradas cromáticas. O grau de cor de uma vogal varia de maneira inversa ao seu grau de sonoridade. Ver *Lista de Símbolos em Donegan (1978: p. v)*.

⁷ A nomenclatura utilizada por Donegan (1978) em tipos de *gliding* diz respeito, como já mencionado, ao movimento articulatorio que envolve a produção dos ditongos. Os ditongos podem ser chamados, segundo Donegan (1978), de *up-/out-/in-/down-gliding diphthongs*, *up-/out-/in-/down-gliding vowels*, ou *up-/out-/in-/down-glides*. Esses termos são de difícil tradução para o português. No dicionário de Silva (2011), somente *ditongo centralizado*, resultante de *in-gliding*, e equivalente a *centring diphthong*, recebe uma entrada (p. 94).

a não classificar os ditongos crescentes em *up-/out-gliding* x *in-/down-gliding*, bem como o fato de, em seu estudo, ter constatado que ditongos crescentes possuem um elemento não silábico que é pelo menos tão alto ou pelo menos tão cromático quanto o elemento silábico. Essa constatação é feita com base em levantamentos que, em dados sincrônicos, não encontrou contraexemplos.

Donegan (1978) explica os três contextos em que, em sua abordagem, ocorre a ditongação: (i) vogal + consoante, ou consoante + vogal: consoantes são vocalizadas e se transformam em *glides*, o que ocorre tipicamente quando uma consoante em final de sílaba é enfraquecida e cria um ditongo decrescente; (ii) vogal + vogal: quando há justaposição de vogais, em que uma é ou passa a ser assilábica, e elas passam a pertencer a uma mesma sílaba, pode surgir um ditongo crescente ou decrescente; (iii) uma única vogal: quando há mudança na qualidade de parte da duração da vogal – a ocorrer preferivelmente sobre vogais longas ou alongadas –, surge um ditongo, tipicamente decrescente (embora possa sofrer um processo de mudança de silabidade).

Para Donegan (1978), portanto, o ditongo é definido como uma sequência de vogal e *glide*, que é compreendido como assilábico, mas não como articulatoriamente equivalente a semivogal. Esse *glide* pode surgir a partir do encontro de uma vogal com uma consoante (i) ou outra vogal (ii), mas também de uma única vogal (iii). Quando ocorre a partir de uma vogal, portanto, o ditongo define-se como mudança de qualidade vocálica, mas nos outros casos o ditongo surge a partir da transformação de segmentos vizinhos às vogais.

Há que se diferenciar o processo de ditongação (que pode ser descrito das três maneiras acima) e o ditongo do ponto de vista articulatorio. Uma definição calcada em critérios fonológicos não invalida uma descrição puramente fonética/articulatoria, e vice-versa, bem como algumas definições podem misturar tais critérios de análise, ou considerá-los de forma integrada. Sendo assim, a ditongação conforme descrita por Donegan (1978) não invalida definições que não consideram os processos de formação

dos ditongos, mas sim os descrevem a partir sua realidade fonética considerando sua natureza articulatória.

A possibilidade (iii) evidencia uma tendência apontada por Donegan (1978) a respeito da relação entre alongamento e ditongação. A autora afirma, em seu estudo, que o alongamento favorece a ditongação: “quanto maior é a duração de uma vogal, maior é a oportunidade para uma articulação heterogênea, e maior é a possibilidade que dois alvos – articulatórios e perceptuais – substituam um” (p. 118)⁸. O ditongo que surge, nesse caso, é uma espécie de ditongo espontâneo. De acordo com a autora, não só o alongamento distintivo favorece a ditongação, como também alongamento determinado contextualmente, e mesmo alongamento intrínseco. Assim sendo, não é apenas a presença ou preservação da distinção de duração que motiva a ditongação, mas a própria duração fonética das vogais ditongadas, o que retoma o quadro teórico utilizado pela autora de que substituições fonológicas, e as mudanças históricas que resultam delas, são foneticamente, e não fonologicamente, motivadas.

Também Hayes (2009), em seu livro de introdução à fonologia, aborda, ao tratar de traços fonológicos, diferenças fonéticas das vogais que revelam tendências de formação de ditongos. De acordo com o autor, há tendências diferentes na formação de ditongos a depender do traço [\pm tenso]. Assim, vogais com o traço [+tenso] tendem a ditongar em direção a uma vogal mais alta, enquanto vogais com o traço [-tenso] tendem a formar ditongos com a inserção de um *schwa*. Adaptando à nomenclatura utilizada por Donegan (1978), vogais tensas, quando formam ditongos, tendem a realizar o movimento de *up-/out-gliding*, enquanto vogais distensas, quando ditongadas, tendem a realizar o movimento de *in-/down-gliding*. Vale ressaltar que, para Hayes (2009), as vogais altas e médias-altas possuem o traço [+tenso], enquanto as vogais baixas e médias-baixas possuem o traço [-tenso].

⁸ Tradução própria. Texto original: “The greater the duration of a vowel, the greater the opportunity for heterogeneous articulation, and the greater the possibility that two targets – articulatory and perceptual – will replace one”.

As tendências na formação de ditongos apontadas por Donegan (1978) e Hayes (2009) revelam fatos interessantes a respeito da motivação fonética por trás de processos fonológicos estudados nas línguas do mundo. É importante frisar que elas são, de fato, *tendências*, e não regras absolutas: descrevem grande parte dos ditongos das línguas do mundo através de levantamentos feitos pelos pesquisadores, mas possuem exceções atestadas, como ressalta Donegan (1978) em diversos momentos de seu estudo.

As definições discutidas neste trabalho apontam diferentes compreensões acerca da natureza articulatória do ditongo. A noção de ditongo como formado necessariamente por vogal e semivogal é, nesse sentido, a mais limitadora, pois deixa de lado diversas possibilidades de formação de ditongo que, se tomado como vogal com mudança audível de qualidade vocálica, pode ter sua parte menos proeminente ou assilábica como equivalente a praticamente qualquer ponto do trato vocálico.

Algumas tendências foneticamente motivadas podem ser apontadas para a formação do ditongo. Tais tendências merecem atenção em estudos linguísticos que podem, com base em dados reais, reforçá-las ou enfraquecê-las. Da mesma forma, as convergências e divergências teóricas aqui apresentadas precisam ser problematizadas em estudos sobre os ditongos que estejam interessados em descrevê-los com precisão articulatória.

O *ingliding* do português porto-alegrense parece ser, como se verá a seguir, um processo que gera ditongos centralizados a partir uma única vogal, possibilidade descrita por Donegan (1978) como possivelmente associada a alongamento vocálico. Neste estudo, adota-se, portanto, a concepção de ditongo como uma vogal com mudança perceptível de qualidade (CAGLIARI, 1981; CRYSTAL, 2008; LADEFOGED e MADDIESON, 1996; LAVER, 1994).

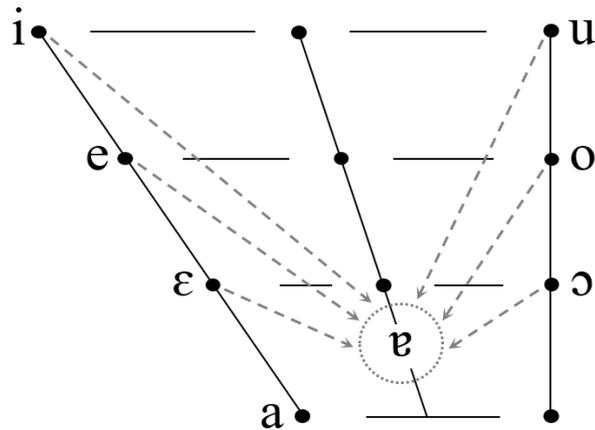
2.2 A investigação a respeito do *ingliding* no falar porto-alegrense

Battisti (2013) descreve como *ingliding* o tema de estudo desta pesquisa. Com base em Clements e Hertz (1996), a autora explica que o *ingliding* é uma realização ditongada que, acusticamente, é composta de dois estágios estacionários que resultam da centralização vocálica. Não determinado coarticulatoriamente, o *ingliding* resulta numa estrutura de contorno que é intrínseca ao fone vocálico. Segundo Battisti (2013), Labov, Ash e Boberg (2006) definem *ingliding* como um tipo de realização vocálica em que há distanciamento dos pontos periféricos (anterior e posterior) do espaço vocálico.

Para compreender o processo no português brasileiro, é interessante contrastá-lo com outros tipos de ditongação, como faz Battisti (2013), que retoma as propostas de Bisol (1989, 1994, 2012). Segundo Battisti (2013), Bisol (1989, 1994, 2012) constrói a hipótese de que existem, em termos fonológicos, dois tipos de ditongos decrescentes no português brasileiro: os ditongos decrescentes verdadeiros (não-derivados) e os ditongos decrescentes falsos (derivados). Os ditongos verdadeiros possuem duas vogais subjacentes – uma das quais se torna semivogal por silabação (*leite, grau, boina*). Já os ditongos falsos possuem uma só vogal na subjacência – a semivogal é derivada de regra assimilatória em razão do segmento seguinte (/S, ʃ, ʒ, r/) –, razão pela qual estão sujeitos a redução variável (*peixe~pexe, caixa~caxa, feira~fera, ouro~oro, homem~home*). Para Battisti (2013), como não há condicionamentos segmentais específicos para a ditongação percebida no falar porto-alegrense, objeto deste estudo, esse processo trata-se de *ingliding*, e não da ditongação assimilatória conforme caracterizada por Bisol em seus estudos sobre outras ditongações do português.

Considera-se, neste estudo, portanto, *ingliding* como um processo fonético que cria ditongos centralizados e que, no português falado em Porto Alegre, afeta vogais em sílabas tônicas, conforme mostra a Figura 3.

Figura 3 – Representação de *ingliding* sobre o trapézio das vogais



Fonte: o autor, adaptado de Oliveira (2016, p. 33)

A análise acústica de vogais tônicas com obstruintes ou pausas nas bordas⁹ de dados de fala de uma falante porto-alegrense (55 anos, comunicadora de rádio), tomada como protótipo do padrão com *ingliding*, foi realizada com o *software* Praat (BOERSMA e WEENINK, 2016) por Battisti e Oliveira (2014). Os dados de fala, obtidos de uma palestra realizada na UFRGS em maio de 2013, foram analisados através das medidas de duração absoluta (em milissegundos), de F2 e de F0 – ou *pitch*¹⁰ – (em Hertz). Os resultados dessa análise apontaram que as realizações que soam ditongadas possuem tanto aumento de duração quanto considerável variação de F2 rumo à centralização. Esse resultado teve como comparação as médias de F2 da própria falante prototípica, o que mostrou que, na pauta tônica, o valor de F2 do *glide* central que surge de uma emissão com *ingliding* é bastante próximo ao da vogal [a] nuclear dessa falante.

Battisti e Oliveira (2014) exemplificaram o surgimento do *ingliding* com a comparação de duas emissões da palavra “ibope” pela falante prototípica. Uma das emissões, alongada e com *ingliding*, teve duração absoluta de 320 ms, F2 inicial de

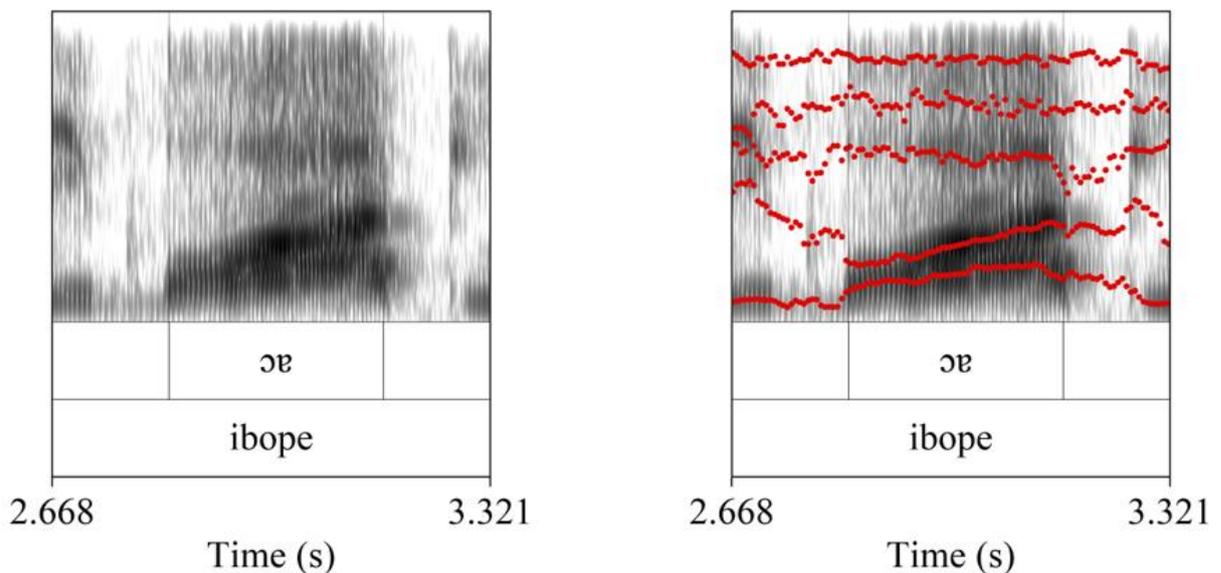
⁹ Obstruintes nas bordas de vogais tônicas facilitam a visualização do início e do final da emissão vocálica nos espectrogramas.

¹⁰ *Pitch* é a altura relativa da voz conforme percebe o ouvinte e o principal correlato acústico do tom e da entoação.

855 Hz, e F2 final de 1355 Hz¹¹. A outra emissão, sem alongamento e *ingliding*, teve duração absoluta de 96 ms, F2 inicial de 1053 Hz e F2 final de 1166 Hz.

A Figura 4 a seguir é da emissão de “ibope” com *ingliding* (ib[ə̞]pe), obtida através do Praat, com segmentação do ditongo centralizado. À esquerda, apresenta-se o espectrograma; à direita, acrescenta-se ao espectrograma o rastreamento dos formantes, realizado pelo Praat através da opção *Formant > Show formants*. Observa-se, nos espectrogramas, a centralização formântica que caracteriza o ditongo centralizado.

Figura 4 – Espectrogramas de ib[ə̞]pe



Fonte: o autor, adaptado de Battisti e Oliveira (2014, p. 49)

A análise também mostrou alguns casos em que houve centralização formântica captada pelo programa de análise acústica, mas não ditongação perceptível de oitiva. Esses casos, outrora chamados de *ingliding* não percebido, parecem não se tratar de *ingliding* propriamente dito, mas do surgimento de um fone intermediário mais centralizado em relação à vogal nuclear, ou de uma variação na emissão vocálica que não resulta em dois alvos articulatorios perceptíveis. A realização foco deste estudo, aqui referida como *ingliding*, é aquela em que há ditongação perceptível. Tal

¹¹ A média de F2 da vogal [a] desta falante, obtida por Battisti e Oliveira (2014, p. 50), foi de 1417 Hz.

ditongação, quando submetida a análise acústica, pode ser constatada em virtude da centralização da porção final da vogal.

Os resultados apontam que o *glide* central que emerge das realizações com *ingliding* parece ser equivalente a [ɐ]. O processo pode ocorrer com qualquer das vogais tônicas [i, e, ε, ɔ, o, u] e parece não ocorrer com [a], justamente em razão do fato de que o espaço articulatorio que ocupa o *glide* central é bastante semelhante à articulação de [a] em posição nuclear. Dessa forma, possíveis movimentos de centralização de [a] não são percebidos como um ditongo centralizado, mesmo que a vogal em questão sofra alongamento. A diferença entre um [a] alongado e um ditongo homorgânico [aɐ] tende a ser, portanto, imperceptível.

Além disso, testou-se a motivação entoacional e prosódica do processo com base em Ladd (2008) e Frota (1998), a partir da hipótese de que o *ingliding* poderia estar relacionado à proeminência silábica na frase e à posição proeminente em relação à frase entoacional. Para Frota (1998), há dois tipos de efeitos de marcação de constituinte prosódico: duracionais (alongamento de segmentos finais pré-fronteira, pausas, alongamento pré-pausa) e melódicos (movimento de *pitch*, altura de picos e vales na vizinhança de fronteiras). A coocorrência desses efeitos demarca limite de constituintes prosódicos mais altos, como a frase entoacional.

A análise qualitativa dos movimentos de *pitch*, somada aos resultados obtidos para duração, parece ir ao encontro da hipótese de motivação entoacional e prosódica: o surgimento do *ingliding* parece ocorrer no último elemento tônico de frases entoacionais, como em: [o jabá é um termo ant[iɐ]go]_I [n[ɛɐ]]_I [quer diz[eɐ](r)]_I. As realizações com *ingliding* podem, então, ocorrer como efeito de marcação de limite de frase entoacional, recaindo no elemento mais proeminente do constituinte, onde também recai o tom.

Associado a um falar com vogais longas, manhosas, preguiçosas, arrastadas e afetadas, conforme levantamento em *blogs* e outras fontes (BATTISTI, 2013), o *ingliding* é popularmente percebido como relacionado a pessoas de classe social alta e que compõem um estilo associado ao *magrão* porto-alegrense. Essas intuições motivaram o

estudo-piloto de percepção e atitudes a respeito do falar com *ingliding* (OLIVEIRA, 2015), que contou com a técnica de falsos pares (LAMBERT *et al.*, 1960) e com a técnica de mapas desenhados (PRESTON, 1989) para elaboração de instrumentos que medissem atitudes de informantes porto-alegrenses em relação à cidade de Porto Alegre e a seus falares. A elaboração dos instrumentos (questionários e mapas) foi baseada em Oushiro (2015) e Rosa (2014). Os instrumentos foram aplicados presencialmente a oito informantes (ouvintes) nativos porto-alegrenses, sendo um do gênero masculino e um do gênero feminino para cada uma das quatro zonas da cidade (central, norte, leste e sul).

Na técnica de falsos pares, estímulos (leitura de um texto¹² em voz alta) foram produzidos por dois homens e duas mulheres, e cada um deles realizou duas leituras distintas: uma com *ingliding*, outra sem. Após ouvir a gravação dos estímulos, os oito ouvintes selecionados responderam a um questionário que contava com um conjunto de questões envolvendo variáveis contínuas/quantitativas organizadas em diferenciais semânticos de cinco pontos, sendo 1 equivalente a *pouco* e 5 a *bastante*; e com um conjunto de questões envolvendo caixas de seleção com características pessoais das quais os informantes poderiam escolher a quantidade que julgassem relevante, de um total de 30 opções.

Os fatores constantes no questionário (em itálico), por questão, foram: (1.a) Para você, o falar dessa pessoa é: *Agradável, Confortável (inteligível/claro), Prestigiado*; (1.b) Para você, essa pessoa parece: *Extrovertida, Escolarizada, Inteligente, Feminina/Masculina, Formal, Amigável, Porto-alegrense, Ter sotaque, Ter amigos*; (1.c) Essa pessoa deve morar num: *Bairro mais periférico-Bairro mais central*; (2) Considerando o que você ouviu, essa pessoa deve ser: *Patricinha/Mauricinho, Trabalhadora, Preguiçosa, Sociável, Maconheira, Prática, Confiante, Religiosa, Deprimida, Gay/Lésbica, Simples, Confiável, Caipira, Conservadora, Solidária, Mimada, Tímida, Mal-educada, Engraçada, Independente,*

¹² O texto lido foi retirado por Oliveira (2015) de um trecho da palestra da falante tomada como protótipo do falar com *ingliding* por Battisti e Oliveira (2014). Há, no texto, uma explicação a respeito do que a falante chamou de “*top quarenta*”, formato utilizado pelas rádios (selecionam-se 40 músicas para reproduzir repetidamente). O trecho de texto pode ser consultado em Battisti e Oliveira (2016, p. 29).

Sofisticada, Negra, Branca, Articulada, Nerd, Metida, Desencanada, Irritante, Descolada, Sincera.

Os resultados, comparados em pares de falares com e sem *ingliding* de um mesmo falante, mostram uma grande diferença entre as médias no fator *porto-alegrense*: para a maioria dos informantes, o falar com *ingliding* é percebido como típico de Porto Alegre. Além disso, os fatores *formal* e *ter sotaque* revelaram-se estatisticamente significativos: o falar com *ingliding* foi relacionado ao de alguém menos formal (*descontraído*) e com *sotaque*.

Em relação às caixas de seleção, as características mais frequentemente selecionadas para a oposição entre os dois falares foram: *desencanado, descolado e preguiçoso*, para o falar com *ingliding*; *trabalhador, nerd e conservador*, para o falar não marcado pelo processo. O falar com *ingliding* também chegou a ser associado a *patricinha/mauricinho, maconheiro e gay*. Não foram realizados testes de significância estatística para as respostas dadas nas caixas de seleção.

Na técnica de mapas desenhados, os informantes foram solicitados a marcar, conforme sua percepção, áreas de Porto Alegre em que as pessoas possuíssem um jeito *diferente* de falar, podendo essa diferença ser de qualquer tipo. Após localizar no mapa, os informantes deveriam registrar as características que definiriam os falares mencionados. Os informantes recebiam um mapa em branco da cidade de Porto Alegre (ROSA, 2014, p. 72), com alguns pontos turísticos de referência, e um mapa com bairros vigentes como fonte de consulta (ROSA, 2014, p. 73).

As três áreas que foram recorrentemente desenhadas pelos informantes estão representadas no mapa da Figura 5. Nele, a sistematização dos desenhos recorrentes foi sobreposta a um mapa do ObservaPOA¹³ que distingue regiões pela renda familiar em uma escala contínua de 5 pontos (cores).

A zona central da cidade foi apontada como associada ao *sotaque porto-alegrense*,

¹³ Observatório da Cidade de Porto Alegre, projeto que disponibiliza informações georeferenciadas sobre o município de Porto Alegre com vistas a contribuir para a consolidação da participação cidadã na gestão da cidade. Site: <http://www.observapoa.com.br/> (Acesso em 24/07/2018).

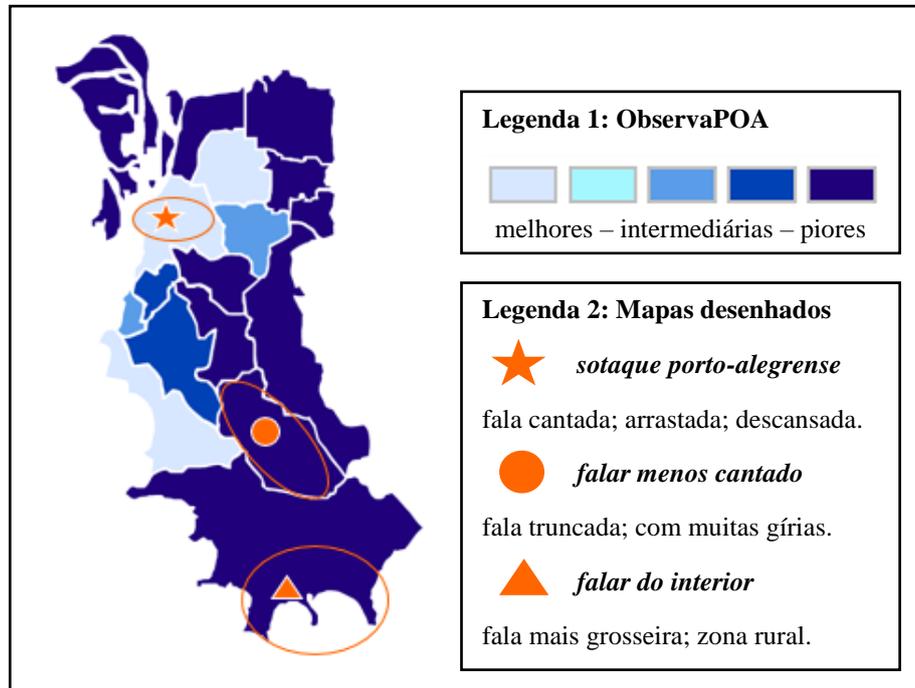
falar referido por todos aqueles que frequentam a zona central regularmente ou que gostam da região. Nos desenhos que fizeram dos mapas, além de circular a zona central, os informantes indicaram o bairro Bom Fim como local em que se ouve o falar “cantado” característico de Porto Alegre. Parece haver, então, associação entre o processo e regiões que gozam de bons níveis econômicos, ou seja, entre o falar com *ingliding* e *status* social, concepção que levaria em conta tanto fatores objetivos (como renda) quanto subjetivos (como hábitos de consumo, acesso a bens culturais, opções de lazer, etc.) associados a classe social.

Como a zona central e seus frequentadores (de classe alta) compõem, em geral, as mídias da cidade, faz sentido que o falar tido como característico dessas regiões seja tomado como *estereótipo* do falar porto-alegrense como um todo. As demais regiões assinaladas no mapa são regiões de baixos níveis econômicos. Dentre elas, destaca-se o bairro Restinga, que acolhe diversas famílias em programas de habitação popular, e a região extremo sul, que conta com pequenas propriedades rurais de produção agroecológica e de criação de animais.

Os resultados de Oliveira (2015) sugerem que, em termos labovianos, a variante com *ingliding*, embora seja um *estereótipo* para quem não é porto-alegrense, seja um *marcador* da fala porto-alegrense para os próprios habitantes da cidade, por gerar resultados regulares nos testes de atitudes subjetivas e ser associado a estilo. Os porto-alegrenses, em geral, reconhecem o falar como “cantado”, mas não fazem discursos metalinguísticos específicos a respeito das vogais tônicas e sua associação a perfis sociais, o que colabora para a hipótese.

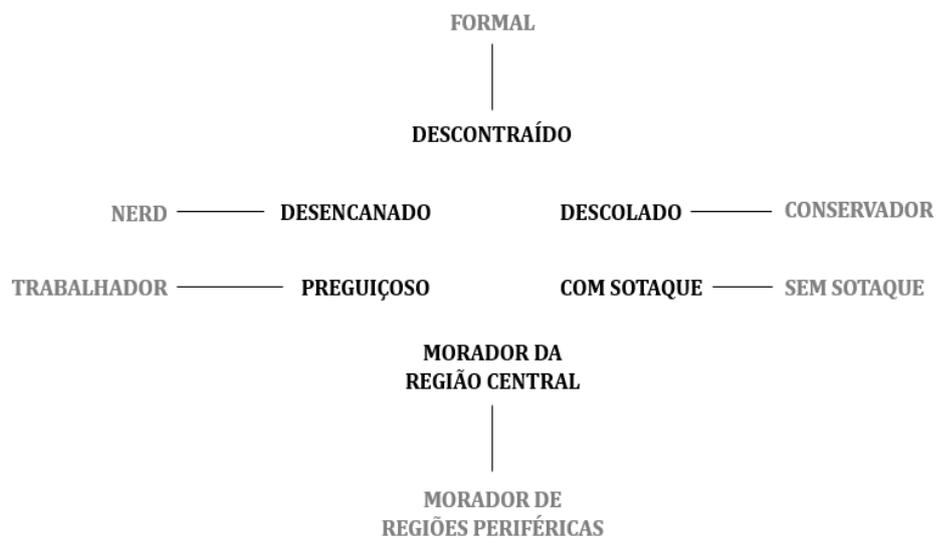
Tais resultados também mostram que uma variável como o *ingliding* não possui significados fixos, mas sim significados gerais que podem se especificar em certos contextos. Um campo indexical (ECKERT, 2008) da variável seria constituído das características selecionadas pelos informantes, que são significados potenciais associados ao *ingliding*, como mostra a Figura 6.

Figura 5 – Mapa de Porto Alegre (regiões) do ObservaPOA – Responsáveis com renda maior que 10 salários mínimos (legenda 1) e Regiões apontadas por informantes no instrumento de mapas desenhados (legenda 2)



ObservaPOA: legenda 1; Oliveira (2015): legenda 2.
 Fonte: Oliveira (2015, p. 371)

Figura 6 – Campo indexical do *ingliding* no português de Porto Alegre (RS)



Preto: significados associados à presença de *ingliding*
 Cinza: significados associados à ausência de *ingliding*
 Fonte: Battisti e Oliveira (2016, p. 24)

A Figura 6 apresenta, portanto, uma possível representação de um campo indexical do *ingliding* de Porto Alegre, que reúne os significados potenciais mais relevantes obtidos através dos experimentos de percepção e avaliação. A representação é baseada em Eckert (2008, p. 466) e opõe os principais significados associados à variante ditongada aos significados associados ao falar sem *ingliding*¹⁴.

Oliveira (2016), dando continuidade aos estudos a respeito do *ingliding*, investigou o processo por meio de análise de regra variável e análise de conteúdo de uma amostra-piloto do acervo LínguaPOA composta de 8 informantes: um homem e uma mulher para cada uma das quatro zonas da cidade. Desses informantes, foram analisados os dados de fala da única informante da amostra com considerável aplicação do processo.

Os resultados de Oliveira (2016) reforçam hipóteses a respeito do *ingliding*. O estudo mostra que, de fato, o *ingliding* é efeito de marcação de frase entoacional, surgindo nesse contexto. Além disso, o processo é favorecido por vogais médias-abertas – próximas, em termos articulatórios, do *glide* central – e tende a ocorrer em sílaba aberta – estrutura favorecedora de aumento de duração. Embora seja frequentemente associado ao falar porto-alegrense, a proporção de aplicação do processo é baixa: 9,5%, em apenas uma de oito informantes.

Do ponto de vista social, as hipóteses de um perfil favorecedor como alguém que frequenta a vida cultural da zona central da cidade com regularidade são, também, reforçadas. Além disso, para Oliveira (2006), o *ingliding*, que se associa aos significados

¹⁴ Os pares de opostos estão propostos na Figura 6 considerando que, embora exista gradiência entre os significados sociais associados a variáveis linguísticas, os agentes sociais, conforme Bourdieu (2008 [1982]), estabelecem distinções entre maneiras de dizer e negociam sentidos a partir de oposições. Há que se considerar, contudo, que características diferentes não são necessariamente diametralmente opostas, e que uma mesma característica pode ser associada tanto ao falar com *ingliding* quanto ao falar sem *ingliding*, com notas mais altas ou mais baixas atribuídas nos testes de percepção. Os significados na Figura 6 são, portanto, alusivos ao campo indexical, não captam toda sua fluidez e dinamicidade. Estudos de percepção sobre o falar com *ingliding*, a contar com um número robusto de respostas, poderão embasar novas proposições de campos indexicais da variável que não se organizem em posturas binárias e que, como no modelo de *árvore de distâncias mínimas* (OUSHIRO, 2015), representem quais termos são relativamente mais associados entre si e quais são as possíveis rotas de associação feitas pelos ouvintes.

sugeridos no estudo de percepções e atitudes, compõe um estilo vinculado ao movimento jovem ocorrido no Bom Fim nos anos 1980 – marcado por inovação cultural, transgressão e busca por liberdade nas formas expressão. Isso explica tanto os resultados de Oliveira (2015) quanto o fato de que a informante que produz *ingliding* na amostra-piloto participou das manifestações dos anos 1980 no Bom Fim e partilha, conforme o que declara em sua entrevista, traços do estilo desses jovens.

O que se pôde concluir a partir da investigação, também, é que o *ingliding* está sujeito a ressignificação a cada novo uso da língua, como se espera de índices de segunda ordem (SILVERSTEIN, 2003). Dessa forma, mais do que significar pertença a Porto Alegre, o *ingliding* associa-se àquilo que seus usuários acreditam que um porto-alegrense é.

A análise do processo a partir de noções da teoria social de Bourdieu, de Battisti e Oliveira (2017), parece um bom caminho para compreender e explicar o *ingliding* como prática estilística. Tal análise deu seus primeiros passos retomando os resultados e as conclusões de Oliveira (2015, 2016) e pareceu frutífera. Localizou possíveis produtores de *ingliding* no espaço social porto-alegrense e sugeriu explicações, à luz de uma teoria social, para seus movimentos estilísticos. Segundo os autores, quem produz *ingliding* no movimento jovem dos anos 1980 no Bom Fim deve ocupar posições relativamente superiores no espaço social e mobilizar, com o emprego da variante, capital cultural.

Neste trabalho, parte-se da análise de Battisti e Oliveira (2017) para o *ingliding*. Amplia-se o grupo de sujeitos, contemplando frequentadores e não frequentadores do Bom Fim nos anos 1980, e exploram-se tanto os significados sociais da variável para diferentes falantes porto-alegrenses quanto o lucro simbólico do uso da variante ditongada na construção estilística.

Capítulo 3

METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa desta dissertação, tanto para a obtenção quanto para a análise dos dados, cujos resultados são apresentados e discutidos nos capítulos 4 e 5. O Capítulo 4 conta com análise do *Filme Sobre um Bom Fim*, dirigido por Migotto (2015), do qual se extraem dados de fala para análise de regra variável e excertos para análise de conteúdo. Além disso, o relato de uma visita ao *Sarau Elétrico*, evento que acontece no Bar Ocidente, no bairro Bom Fim, é considerado na análise e relacionado a demais materiais obtidos sobre o evento. No Capítulo 5, descrevem-se e analisam-se resultados da análise de regra variável dos dados da amostra composta a partir de entrevistas de 24 informantes porto-alegrenses, extraídas do acervo LínguaPOA, hoje em constituição. As seções seguintes apresentam a metodologia empregada nas análises quantitativas e qualitativas realizadas.

3.1 Análises quantitativas

O *Filme Sobre um Bom Fim* é um filme-documentário que retrata o movimento jovem ocorrido em Porto Alegre nos anos 1980 e que teve o bairro Bom Fim como palco. No filme, dirigido por Migotto (2015), 51 pessoas abordam diferentes aspectos do movimento em questão a partir daquilo que pensam e daquilo que vivenciaram no bairro. Como resultado, tem-se um registro de 88 minutos de relatos de sujeitos que participaram de diferentes maneiras de um momento histórico que, por hipótese (OLIVEIRA, 2016), tem relação com os significados sociais hoje atrelados ao *ingliding* de vogais tônicas.

Com vistas a testar a hipótese de que o *ingliding* tem a ver com *personae* mobilizadas por frequentadores do Bom Fim nos anos 1980, dados de fala com vogais tônicas passíveis de *ingliding* do *Filme Sobre um Bom Fim* foram levantados e

submetidos à análise de regra variável. Os resultados dessa análise, comparados com os da análise da amostra estratificada na cidade de Porto Alegre com dados do LínguaPOA, mostrarão se a taxa de proporção de aplicação é, como se espera, maior para quem frequentou do Bom Fim dos anos 1980. Se confirmada a diferença de proporção de aplicação, é importante saber se os condicionamentos linguísticos e sociais são os mesmos nas duas amostras e buscar explicações para as semelhanças e/ou diferenças.

Embora possa trazer respostas para a pergunta em questão, a comparação entre as duas amostras requer cuidados especiais, visto que o contexto de obtenção dos dados difere substancialmente. Os participantes do documentário sabem os propósitos da gravação que fazem e sabem que estão compondo um documentário e que sua imagem será divulgada de modo público, diferentemente dos informantes das entrevistas sociolinguísticas, que sabem que sua identidade será preservada e que, no desenrolar da entrevista, entregam-se a uma situação de menor monitoramento da fala (se a entrevista for bem-sucedida). Além disso, o número bruto de dados por informante é substancialmente menor no documentário. Os resultados precisam ser interpretados, portanto, considerando-se esses fatos.

Para a análise, o *Filme Sobre um Bom Fim* foi transformado, na íntegra, em um arquivo de áudio de formato .wav com o programa Audacity (AUDACITY TEAM, 2017). O levantamento dos contextos foi realizado através do *software* Praat (BOERSMA e WEENINK, 2016), que permite, com a criação de *TextGrids*, a sincronização entre o áudio e os contextos levantados. A codificação entre presença *versus* ausência de *ingliding* foi, primeiramente, realizada de oitiva. Em um segundo momento, as informações obtidas a partir do *software* Praat (espectrograma, forma de onda sonora) resolveram casos duvidosos a respeito da realização do ditongo centralizado e permitiram a revisão da codificação de maneira a torná-la mais confiável.

As variáveis linguísticas consideradas na análise dos dados do *Filme Sobre um Bom Fim* são as mesmas consideradas na análise dos dados do LínguaPOA: Vogal

Nuclear, Contexto Fônico Precedente, Contexto Fônico Seguinte, Tipo de Sílabas, Número de Sílabas, Tonicidade da Palavra e Item Lexical. Como os participantes do filme não foram contatados pelo pesquisador, as únicas variáveis sociais consideradas na análise foram Gênero, pressuposto a partir das características físicas e do vestuário de cada participante, e Participante (variável aleatória). A cidade de origem e de residência atual dos participantes tampouco pôde ser considerada. O que se pode pressupor é que todos viveram boa parte de sua adolescência e início da vida adulta no Bom Fim (década de 1980), e que a maioria deles, pelo conteúdo do que falam e pela forma como se referem à cidade, ainda vivem em Porto Alegre. Supõe-se, também que a maioria dos participantes esteja na segunda faixa etária (40-59 anos).

Já a amostra de 24 informantes do LínguaPOA é estratificada a partir das variáveis Gênero (masculino, feminino), Zona (central, norte, leste, sul) e Faixa Etária (20-39 anos, 40-59 anos, 60+ anos). Além destas, outras variáveis sociais também são incluídas nas análises: Idade, Escolaridade, Estrato Socioeconômico, Renda do Bairro e Informante. As variáveis linguísticas e sociais serão discutidas detalhadamente no Capítulo 5.

O LínguaPOA é um banco de entrevistas sociolinguísticas que reúne registros de fala de porto-alegrenses coletados por pesquisadores do Instituto de Letras da UFRGS desde 2015, sob coordenação da Profa. Dra. Elisa Battisti, no qual atuou. Fazem parte do acervo entrevistas de informantes nascidos em Porto Alegre, ou que tenham se mudado para a cidade até os 5 anos de idade e nela tenham vivido a maior parte da vida. Os informantes do LínguaPOA são distribuídos conforme os seguintes critérios de estratificação:

- (i) Gênero: masculino, feminino
- (ii) Zona: central, norte, sul, leste
- (iii) Faixa Etária: 20-39 anos, 40-59 anos, 60+ anos
- (iv) Escolaridade: Fundamental, Médio, Superior
- (v) Renda do bairro: renda alta, renda baixa (renda do responsável por domicílio, conforme ObservaPOA)

Os informantes são selecionados conforme esses critérios e contatados por conveniência, isto é, por sua acessibilidade ao pesquisador. As entrevistas sociolinguísticas têm duração média de 50 minutos. Todos os informantes assinam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preenchem uma Ficha de Entrevista, com informações pessoais, e um Questionário Socioeconômico (Critério Brasil 2015¹⁵), que enquadra os indivíduos em estratos socioeconômicos¹⁶. A decisão por 24 informantes tem a ver com o tamanho da amostra do LínguaPOA à época da codificação dos dados.

Foram codificados dados das vogais tônicas [i, e, ε, ə, o, u] na posição mais proeminente da frase entoacional, conforme resultados de Oliveira (2016), nas duas amostras, do *Filme Sobre um Bom Fim* e do LínguaPOA. Considerando a natureza do processo linguístico analisado, e o elevado número de dados de vogais tônicas disponíveis para codificação, não se faz necessário, para fins estatísticos, considerar a totalidade da entrevista, visto que se parte do pressuposto de que os padrões revelados por um certo número de dados devem se manter constantes. Foram considerados, portanto, 15 minutos de cada entrevista do LínguaPOA. Os primeiros 10 minutos de entrevista foram desprezados, considerando a possibilidade de o informante não estar, no início, suficientemente confortável com a situação de gravação. Analisaram-se, então, para cada informante, os minutos 10 a 25 da entrevista, o que totalizou, em média, 350 ocorrências codificadas para cada um dos 24 informantes.

O recorte do áudio da entrevista completa foi realizado com o programa Audacity (AUDACITY TEAM, 2017) e, como na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, os dados foram levantados com auxílio do Praat (BOERSMA e WEENINK, 2016), de

¹⁵ Critério Brasil de Estratificação Econômica da ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa) válido a partir de 01/01/2015. Disponível em: <http://www.abep.org/> (Acesso em 07/06/2018).

¹⁶ A distribuição em estratos socioeconômicos, chamados 'classes' no Questionário do Critério Brasil, obedece a um sistema de pontos atribuídos de acordo com as variáveis: itens de conforto (quantidade de banheiros, automóveis, geladeiras, etc.); grau de instrução do chefe da família, isto é, pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio (nível de escolaridade); e acesso a serviços públicos (distribuição de água, pavimentação da rua). Os pontos relativos a cada variável são proporcionais à influência de cada fator no cálculo geral. Quanto mais pontos um informante obtém, mais alto é seu índice de classe social conforme a ordenação a seguir: A > B1 > B2 > C1 > C2 > D-E.

maneira a tanto facilitar o processo quanto garantir uma codificação acurada. Considera-se, neste estudo, ditongo como uma vogal com mudança perceptível de qualidade (CAGLIARI, 1981; CRYSTAL, 2008; LADEFOGED e MADDIESON, 1996; LAVER, 1994), de forma que a codificação foi realizada de oitiva e realizou-se verificação acústica somente em casos ambíguos. Em ambas as amostras, desprezam-se os contextos inaudíveis (por quaisquer motivos) e afetados por fatores como riso, choro, etc. Desprezam-se, também, contextos em que a vogal tônica em questão é imediatamente seguida por [a], o que impossibilita detectar a realização do ditongo centralizado sob investigação.

As análises estatísticas foram realizadas com o programa R, versão 3.5.0 (CORE TEAM, 2018) com auxílio do pacote RBrul, versão 3.1.1 (JOHNSON, 2017). Foram realizadas análises multivariadas (regressões logísticas) de efeitos fixos e de efeitos mistos (fixos e aleatórios). As variáveis predictoras que se configuram como efeitos fixos são aquelas representativas da amostra e que podem ser replicadas em outros estudos. Os efeitos aleatórios, por outro lado, referem-se somente à amostra analisada. São variáveis aleatórias consideradas neste estudo o Item Lexical e o Informante¹⁷. Johnson (2009) afirma que, na análise de efeitos mistos, são selecionadas como estatisticamente significativas somente as variáveis que demonstram correlações fortes o suficiente para superar a variação inter-sujeitos. Tais análises produzem, portanto, resultados mais confiáveis.

Na amostra do LínguaPOA, considerou-se, além da variável Faixa Etária, a variável Idade como variável contínua. A primeira, variável de estratificação, divide os informantes em grupos etários. A segunda considera a idade real de cada informante no momento da entrevista, captando possíveis diferenças entre os próprios grupos etários. Para Oushiro (2015, p. 57), é preferível analisar variáveis efetivamente contínuas enquanto tal. De acordo com a autora, no RBrul, o resultado para variáveis contínuas é fornecido em *logodds*, que, como explica Johnson (2009), é o logaritmo da

¹⁷ Para a amostra do *Filme Sobre um Bom Fim* preferiu-se o termo “Participante”, já que sua contribuição ao documentário não se deu com os mesmos fins da contribuição dos informantes do LínguaPOA.

probabilidade de um evento ocorrer dividido pela probabilidade de não ocorrer. Como a variável Idade é medida em anos, o resultado indica em quanto aumenta ou diminui a probabilidade de ocorrer *ingliding* a cada ano. Para as demais variáveis, os resultados são apresentados tanto em *loggods* quanto em pesos relativos no RBrul.

Os resultados das análises quantitativas estão apresentados e analisados nos capítulos 4 e 5. Em termos linguísticos, buscam-se explicações para os resultados encontrados a partir de noções fonéticas e fonológicas. Já a interpretação dos condicionamentos sociais será relacionada à análise do *ingliding* como prática estilística, o que torna necessário não só incluir, no estudo, informações sócio-históricas de Porto Alegre, como também realizar análises qualitativas dos dados.

3.2 Análises qualitativas

O *Filme Sobre um Bom Fim* é analisado neste trabalho também como fonte bibliográfica de pesquisa, uma vez que reúne relatos sobre um período histórico de interesse. Diferentemente das entrevistas do LínguaPOA, no *Filme Sobre um Bom Fim* os participantes não respondem a mais ou menos as mesmas perguntas. Pelo contrário, as contribuições de cada um dependem de sua forma de participação no que está se considerando como movimento jovem dos anos 1980. Além disso, a versão que temos dos relatos passou pelas mãos de um diretor que decidiu quais trechos seriam considerados e quais seriam descartados para a versão final do documentário. Levando isso em consideração, não há como comparar os posicionamentos e práticas declaradas de todos os participantes a partir dos mesmos critérios. Por esse motivo, optou-se por selecionar os relatos daqueles que, da amostra, tem maiores proporções de aplicação de *ingliding*.

A análise do conteúdo dos relatos dos sujeitos com maior produção de *ingliding* da amostra é feita sob hipótese de que esses agentes sociais estão na base do estereótipo que se tem do falar em questão, ou seja, que se configuram como ícones estilísticos ou modelos culturais, *personae* de referência para os significados sociais indexados pelo

processo. Na edição final do documentário, o diretor provavelmente deve ter optado por preservar o que há de mais interessante ou relevante na contribuição de cada participante para a compreensão do que foi a década de 1980 em termos culturais. Assim, o conteúdo desses relatos tem o potencial de evidenciar traços marcantes dos estilos desses sujeitos.

Para compreender de que forma o *ingliding* é parte das identidades que compõem o imaginário social de Porto Alegre, explorando sua relação com o bairro Bom Fim, outro procedimento metodológico faz-se necessário: *conhecer* o Bom Fim e, na medida do possível, *participar* do bairro. O Bom Fim dos anos 1980, retratado por Migotto (2015), não é o mesmo Bom Fim dos dias atuais. Hoje, a avenida Osvaldo Aranha não é mais tomada pelos frequentadores do bairro, que se reuniam nos bares da região. Contudo, um bar que, no filme-documentário de Migotto (2015), tem papel importante para o movimento dos anos 1980 por promover os artistas locais, continua de portas abertas e em plena atividade. Trata-se do *Bar Ocidente*, localizado na rua General João Telles, na esquina com a avenida Osvaldo Aranha. Dentre os eventos que acontecem no bar está o *Sarau Elétrico*, que ocorre nas noites de terça-feira e reúne música e literatura. Por acontecer no Bar Ocidente e por reunir comunicadores porto-alegrenses – como a falante tomada como protótipo do falar com *ingliding* (BATTISTI, 2013; BATTISTI e OLIVEIRA, 2014) – e demais representantes da vida cultural da cidade, como músicos e escritores, o Sarau Elétrico foi escolhido como relevante para os propósitos da pesquisa.

Explorar a relação entre o *ingliding* e o bairro Bom Fim não tem o objetivo de explicar o uso da variante por meio de uma lógica de causa-consequência (é do Bom Fim = aplica *ingliding*). Buscam-se os estilos por trás dessa associação encontrada nos resultados dos testes de percepção e avaliação (OLIVEIRA, 2015). A baixa proporção de aplicação até então encontrada (OLIVEIRA, 2016) para uma variante associada ao protótipo do falar porto-alegrense por aqueles que não moram na cidade mostra que, se a variante é mesmo pouco utilizada, os agentes sociais que se utilizam de *ingliding* devem ser aqueles que têm influência considerável na composição do imaginário

social da cidade. Nesse contexto, explorar o Sarau Elétrico é uma maneira de buscar compreender como se configuram as construções das identidades porto-alegrenses indexadas pelo *ingliding* por aqueles que, supõe-se, partilham características com os jovens que, na década de 1980, frequentavam o Bom Fim. Em verdade, frequentadores do Sarau podem ter participado efetivamente desse período de efervescência cultural. É o caso de Katia Suman, que trabalhou na Ipanema FM, rádio de suma importância para difusão das produções culturais porto-alegrenses no período que envolve os anos 1980. A comunicadora comanda o Sarau Elétrico e é também responsável por sua divulgação em mídias virtuais e pela transmissão ao vivo do programa em sua rádio: a Rádio Elétrica. Os Saraus ficam arquivados em site da Rádio Elétrica e podem ser posteriormente ouvidos na íntegra.

A *descoberta* do Sarau Elétrico é resultado, portanto, do que mostraram as etapas anteriores da pesquisa. A busca pela falante tomada como protótipo do falar com *ingliding* e pelo bar de papel importante para o movimento jovem associado à variante teve como resultado o Sarau Elétrico. Tomada essa decisão, a busca por procedimentos técnicos próprios da pesquisa etnográfica guiou a metodologia adotada para o estudo do evento.

Para Malinowski (1922), estar familiarizado com seus últimos resultados não é o mesmo que estar sobrecarregado de “ideias pré-concebidas”. Em uma etnografia, ir a campo com ideias pré-concebidas e com o objetivo de comprovar as hipóteses criadas, sem considerar a possibilidade de alterar o ponto de vista que já se tem, é, para o autor, um trabalho inútil. Contudo, a antecipação dos problemas, resultado de estudos teóricos, e a disposição a adaptar as hipóteses em razão dos fatos observados são fundamentais para uma pesquisa etnográfica.

Meu esforço ao frequentar o evento, sabendo não só das perguntas de pesquisa como das hipóteses acerca de estilos que poderiam ser indexados pelo *ingliding*, é o de questionar e colocar à prova tais hipóteses. Assim sendo, o intuito é abarcar a visão dos agentes sobre si mesmos e sobre identidades dos porto-alegrenses, considerando suas formas de falar e analisando-os a partir de noções teóricas de Bourdieu que

consideram suas práticas sociais. A ideia é considerar o esforço das pesquisas etnográficas de observar o outro e escrever sobre ele partir de sua perspectiva, mesmo que guiado por hipóteses e noções de uma teoria social previamente definida, e com sensibilidade para colocar em xeque, modificar e refutar as hipóteses aventadas.

Quando descobri a existência do Sarau Elétrico, decidi não buscar maiores informações sobre seu funcionamento antes de frequentá-lo. Meu intuito era o de *frequentar* o Sarau Elétrico sem estar totalmente preparado para o que iria encontrar. O objetivo dessa medida foi facilitar meu processo de estranhamento. Embora conheça a Osvaldo Aranha e a General João Telles, e já tenha frequentado, em alguma medida, o Bom Fim, tentei estar atento e, nas notas de campo, dar conta de expressar o resultado de um estranhamento mesmo das coisas que me eram familiares, buscando produzir, posteriormente, um relato da tensão entre desconhecimento, dúvida e empenho em descobrir saber (SILVA, 2009).

Embora inspirado nas características da pesquisa etnográfica, é necessário ressaltar que o resultado atingido neste estudo não é, por conta dos métodos adotados, uma etnografia propriamente dita. Ao abordar a etnografia, Fonseca (1999) afirma que é necessário captar a experiência dos participantes através de um longo trabalho de observação participante, o que requer paciência e coragem. Frequentar uma edição do Sarau Elétrico não proporciona uma geração de dados suficiente para uma pesquisa etnográfica robusta, que requereria extensa observação participante e conversas com os participantes que englobassem as perguntas de pesquisa.

Embora as limitações metodológicas estejam presentes, a busca por procedimentos adotados em pesquisas etnográficas tem o objetivo de fazer com que o estudo da construção estilística com o *ingliding*, revelada pelas práticas dos agentes sociais, tenha, como base, respeito às visões dos outros sobre si mesmos. Para tanto, e com o intuito de suprir em parte a falta de um longo trabalho de campo realizado neste estudo, o breve relato produzido sobre as notas que resultaram da participação no Sarau não é a única fonte de dados sobre o evento, mas sim está associado a: pesquisa bibliográfica; trechos de relatos escritos por outros agentes sobre o Sarau e sobre o

Ocidente; dados obtidos de uma edição do Sarau Elétrico, salva no *podcast* da Rádio Elétrica, intitulada “Sarau da Memória”; breve trecho de entrevista sobre a Ipanema FM em que Katia Suman aborda seu próprio falar.

Essa busca por outras fontes de dados é uma maneira de dar conta de perguntas que não pude fazer diretamente aos que comandam o Sarau Elétrico. Esses dados exploram o que os agentes sociais dessa comunidade de prática – frequentadores do Sarau Elétrico – pensam sobre o Bom Fim, sobre o Sarau Elétrico e sobre suas formas de falar, buscando realizar o procedimento de triangulação de dados (JUNG, 2009), gerados por meio de diferentes instrumentos de pesquisa, o que garante mais de um olhar para os mesmos aspectos. Nesse caso, os instrumentos de pesquisa são dados públicos que não foram criados nem por mim, nem para esta pesquisa. A proximidade com a visão êmica dos participantes surge a partir de recortes de instrumentos que foram criados com outros intuitos, compostos de momentos em que os frequentadores do Sarau Elétrico abordam, por motivos diversos, direta ou indiretamente, os temas que estão contidos nas perguntas de pesquisa deste estudo.

Nos termos de Erickson (1990), este estudo constitui-se como uma pesquisa qualitativa interpretativa por estar interessado no significado local das ações dos agentes sociais, considerando seu ponto de vista. A *interpretação* do meu relato sobre o Sarau Elétrico, então, é casada com informações sobre o Sarau vindas de outras fontes. Ampliam-se as possibilidades de encontrar significados sociais locais, estudados em sua associação a significados sociais indexados pelo *ingliding*.

Também as entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA possibilitam análises qualitativas dos dados. Graças a um roteiro de entrevista (Anexo 1) que não só suscita fala espontânea, mas que também engloba assuntos relevantes para a pesquisa do ponto de vista estilístico-ideológico, é possível considerar as práticas dos informantes e, através da teoria social de Bourdieu, investigar a relação entre os resultados obtidos na análise de regra variável e as práticas dos falantes no espaço social. As perguntas do roteiro de entrevista permitem a busca por semelhanças, diferenças e repetições nas práticas (relatadas) dos agentes sociais que os encaixam em grupos e comunidades de

prática. Para a análise de conteúdo, qualitativa interpretativa, é preciso sistematizar, portanto, o que afirmam os informantes sobre suas práticas cotidianas.

Se o *ingliding* é uma prática estilística, dentre outras, é preciso compreender que outras práticas estilísticas são comuns entre os informantes que fazem uso da variável. Essa análise deverá apontar estilos associados ao processo, bem como motivações para os resultados encontrados na análise de regra variável. Tais métodos permitem compreender os significados sociais e o lucro simbólico que os ditongos centralizados permitem aos agentes sociais obter. Para tanto, organizaram-se informações declaradas pelos informantes com proporção de aplicação considerável de *ingliding* (mais de 10%) em quadros que, além de evidenciar o perfil desses informantes, resumem o que eles afirmam a respeito dos seguintes temas e aspectos: Relação com Porto Alegre; Relação com bairro/zona; Práticas cotidianas/de lazer e gostos; Circulação nas zonas; Necessidades de Porto Alegre; Veículos de mídia/comunicação; Religião; Línguas adicionais; Posicionamento: legalização das drogas; Posicionamento: política brasileira.

Unindo os resultados da análise de regra variável aos resultados da análise de conteúdo, tanto na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim* quanto na amostra do LínguaPOA, é possível explorar o espaço social porto-alegrense e entender o *ingliding* no mercado linguístico, como estratégia de mobilização de *capital* que gera lucro simbólico para agentes situados em campos. Os estilos de vida são levados em consideração e a noção de *habitus* é explorada a partir da partilha de práticas relatadas entre membros de um mesmo grupo. Os gostos dos informantes, bastante explorados nas entrevistas, também têm muito a dizer sobre como eles percebem suas posições relativas no espaço social e como, na lógica da distinção, se aproximam ou se afastam dos outros agentes. Nessa perspectiva, realizar mais ou menos *ingliding* é parte de um estilo de vida, resultado de um *habitus* linguístico, que deve ser explorado em relação às demais noções da teoria social de Bourdieu.

Considerar o que dizem os informantes e explorar o conteúdo das entrevistas, bem como relacionar com significados locais atribuídos ao *ingliding*, tendo uma teoria

social como norteadora, faz deste estudo um estudo que integra procedimentos de primeira, segunda e terceira onda da sociolinguística. Assim, o estudo não perde de vista os resultados de larga escala, mas não se limita a esses resultados. Realiza-se um estudo de larga escala e discute-se seus importantes resultados *macro* acerca dos padrões de variação, mas também se atinge o *micro*, ou seja, a perspectiva do informante em uma teoria da prática, que considera o uso da língua como uma dentre as várias práticas sociais realizadas pelos agentes cotidianamente.

Capítulo 4

INGLIDING NO BOM FIM

Este capítulo apresenta e discute os resultados das análises quantitativas e qualitativas do *ingliding* no bairro Bom Fim a partir do *Filme Sobre um Bom Fim* e do *Sarau Elétrico*. A seção 4.1 reúne revisão bibliográfica a respeito da sócio-história do bairro e do movimento jovem dos anos 1980, relevantes para a discussão dos resultados. Os resultados são apresentados e descritos na seção 4.2 e, na seção 4.3, são interpretados com base nas noções teóricas que embasam este trabalho, considerando *ingliding* como recurso para construção estilística.

4.1 O Bom Fim e o movimento jovem dos anos 1980

De acordo com o texto *História dos Bairros de Porto Alegre*¹⁸, o bairro Bom Fim foi inicialmente chamado de *Campo da Várzea*, área que servia para guardar o gado, e teve seu nome alterado em virtude da construção da Capela Senhor do Bom Fim (de 1867 a 1872), passando a se chamar Campo do Bom Fim. Ao fim do século XIX, o bairro abrigava poucas casas, algumas chácaras e sítios e matas nativas que serviam de refúgio para os escravos, em região que, após a abolição, se chamou popularmente de “Campo da Redenção”. Na segunda década do século XX, famílias judaicas se instalaram nas imediações do Bom Fim e construíram suas casas, sua Sinagoga e pequenos comércios e oficinas que fizeram com que o bairro se tornasse residencial e comercial.

O texto trata o perfil do bairro Bom Fim como “bastante diversificado” em termos de cultura e lazer. O cinema Baltimore, por exemplo, foi inaugurado no bairro em 1931. Além disso, o bairro comportava diversos bares e restaurantes tradicionais.

¹⁸ Texto disponibilizado pela PROCEMPA, resultado de pesquisa do Centro de Pesquisa Histórica vinculada à Coordenação de Memória Cultural da Secretaria Municipal de Cultura. Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/historia_dos_bairros_de_porto_alegre.pdf (Acesso em 21/08/2017).

Nas décadas de 70 e 80, houve o auge da música que referenciava o Bom Fim, bairro que é lembrado até hoje, de acordo com o texto em questão, por sua “boemia e intelectualidade”.

Em sua *Breve História de Porto Alegre*, Monteiro (2012) também menciona o período de inovação cultural ocorrido nos anos 1980 no bairro Bom Fim. De acordo com o autor, nos anos 1980 Porto Alegre atingiu o patamar de 1.125.000 habitantes, época em que o processo de metropolização da cidade se aprofundou com o deslocamento de indústrias e trabalhadores para municípios da Grande Porto Alegre. A cidade sofreu impactos de crescimento urbano por conta do Primeiro Plano de Desenvolvimento Urbano e Ambiental, de 1979, que buscava expansão viária, zoneamento, desenvolvimento econômico e preservação ambiental. O Bom Fim, como outros bairros, passou a não mais apresentar apenas casas térreas, mas a abrigar edifícios e apartamentos.

Segundo Monteiro (2012, p. 104), “na década de 1980, a vida noturna da cidade concentrava-se nos bares do bairro Bom Fim, nas margens e arredores da avenida Oswaldo Aranha”. O Bar Ocidente, com seus shows de rock e apresentações teatrais, é mencionado pelo autor por marcar uma “época de ouro da cultura jovem do período, com lançamento de várias bandas de rock e punk” (MONTEIRO, 2012, p. 104). Muitas pessoas passeavam no Brique da Redenção, que começou a funcionar em 1982, almoçavam em restaurantes nas redondezas e ficavam até o entardecer para beber nos bares do Bom Fim. Nessa época, muitos músicos e bandas brasileiras passaram pelo Bom Fim, e Porto Alegre entrou na rota de grandes shows nacionais e internacionais.

É o período dos anos 1980 que aborda Migotto (2015) em *Filme Sobre um Bom Fim*. Migotto (2015) afirma retratar, no filme, um movimento jovem ocorrido em Porto Alegre nos anos 1980, sintonizado com a efervescência cultural de outras capitais brasileiras. O final dos anos 1970 e anos 1980 foi um contexto de abertura política, associado ao fim da ditadura militar no Brasil. Movimentos sindicais ganhavam força nesse período em busca de melhores salários, bem como movimentos estudantis, o movimento negro e a criação de novos partidos de oposição se intensificavam. Nessa

época, houve o movimento *Diretas Já*, em 1984, para que em 1989 os brasileiros pudessem voltar a eleger o Presidente da República por voto direto.

Em razão disso, a efervescência cultural do Bom Fim reivindicava a liberdade, contando com movimentos de contracultura e passando por transformações de comportamento. No filme-documentário de Migotto (2015), os frequentadores afirmam que se tratava de uma época de enfrentamento que carregava, no jovem, o desejo de chocar as pessoas e de entrar em conflito. Dentre as práticas relatadas, estava a participação em movimentos estudantis, o uso de álcool e drogas e a participação de festas e eventos culturais na cidade. Era um momento de interinfluência entre os movimentos artísticos que aconteciam em diversas capitais brasileiras, que teve, em Porto Alegre, apoio da rádio Ipanema FM e do Bar Ocidente.

Pedroso (2009) também aborda o período entre as décadas de 1980 e 1990 em sua dissertação de mestrado intitulada *Transgressão do Bom Fim*. Para o autor, a vida no Bom Fim foi transformada por práticas criativas cotidianas que modificaram o bairro e as representações do bairro. Para ele, “as bandas que surgiram, ensaiaram e tocaram por ali carregaram consigo o sotaque, as histórias e a vontade de transgressão” (PEDROSO, 2009, p. 112). O autor, assim como Monteiro (2012), fala da importância da *Esquina Maldita*, conjunto de bares próximos à UFRGS que serviram de porta de entrada para esse novo Bom Fim, onde era possível explorar novos caminhos e maneiras de produzir arte na cidade e praticar novas formas de comportamento. Para Pedroso (2009, p. 5), o Bom Fim configurou-se como um “espaço aberto, jovem, de boemia transgressora e produção artística intensas, peculiares e criativas”.

O Bar Ocidente teve, de acordo com Pedroso (2009), papel importante na abertura e na ocupação do centro do Bom Fim, bem como na transformação do bairro em um espaço para transgressão, por ter relação com a história do bairro, por estar ligado à música de Porto Alegre e por oferecer novidades aos seus frequentadores. O bar era procurado por jovens e servia de espaço para shows de novas bandas de *rock* porto-alegrense. Fiapo Barth, sócio fundador do bar, afirma, em seu relato a Pedroso (2009), que estava interessado nas artes cênicas e que o bar teria o propósito de ser um

espaço para apresentações teatrais. De acordo em ele, o bar não era direcionado a um público *gay*, mas passou a ser frequentado por ele em virtude de ser um bar “liberal” e permissivo. A proposta do Ocidente era que o bar fosse um lugar mais charmoso e misterioso, com iluminação mais intimista, diferentemente dos bares do Bom Fim que, até então, tinham luz fluorescente. A intenção era, de acordo com Fiapo Barth, criar um local com eventos de palco que organizassem uma agenda da vida noturna porto-alegrense.

Pedroso (2009) explica, a partir do relato de Fiapo Barth, que o Bar Ocidente passou a ser frequentado por pessoas envolvidas com teatro e artes plásticas. Os funcionários do bar não eram profissionais do ramo, mas estudantes universitários e artistas, com um nível de informação elevado, que estavam ali de passagem e podiam conversar com qualquer cliente que sentasse sozinho no balcão. Fiapo Barth afirmou inclusive que, em dada época, o caixa do bar falava cinco idiomas. O público do bar era composto por adultos, menores de idade não tinham entrada permitida. Aos poucos, o Ocidente começou a ser um espaço para os músicos da cidade, sendo muitas vezes espaço para estreia de bandas hoje conhecidas, e tornou-se também um espaço de discoteca, atraindo cada vez mais pessoas.

Em relação ao que acontecia no bar, Pedroso (2009) conta que

O músico podia não tocar direito ou a banda não ser muito boa. O público apoiaria da mesma forma. As bandas que surgiram atenderam a demanda, assimilando várias referências, entre elas as punks, com shows performáticos, com sons ruidosos, com letras bem humoradas, falando de sexo, drogas, rock-and-roll, com uma linguagem que se aproximava das dos jovens nas ruas, se comunicava com eles.

(PEDROSO, 2009, p. 80-81)

Além dos que entravam no Bar Ocidente ou em outros bares, como o Lola, localizado nos arredores, muitos ficavam na rua mesmo, bebendo vinho barato e cachaça, como relata Pedroso (2009), e ouvindo as músicas que se espalhavam através das janelas do Ocidente. As pessoas faziam das ruas um espaço de convivência entre pessoas de diferentes estilos, que se apropriavam, transgrediam e transformavam as ruas do Bom Fim na busca por novas maneiras de estar na sociedade, novos espaços

físicos e sociais de ação, num clima de abertura política e conquista de espaço em que a esquerda buscava se afirmar.

Em 1990, afirma Monteiro (2012), a vida noturna de Porto Alegre desloca-se do Bom Fim para a Cidade Baixa e para o bairro Moinhos de Vento. Esse período é retratado com tristeza pelos frequentadores do bairro nos anos 1980, em seus relatos de vivências no filme-documentário de Migotto (2015). De acordo com essas pessoas, o que levou ao esvaziamento cultural do bairro e dissipação de seus frequentadores foi uma soma de fatores, como a negociação política para o fechamento dos bares, o aumento do controle e policiamento em virtude de reclamação por parte dos moradores sobre barulho e depredação das ruas, e o interesse imobiliário na área, que recebeu o apoio da mídia. Para Pedroso (2009), a vida noturna do Bom Fim não está mais lá devido à imposição de um disciplinamento no final da década de 1980 que acabou com as características de inovação e transgressão do Bom Fim. O bairro passou a ser considerado violento por moradores que, conforme Pedroso (2009), não compreendiam as práticas urbanas introduzidas pelos jovens que frequentavam o Bom Fim desde 1980. Essa sensação de violência era muitas vezes intensificada por relatos expostos na mídia. O disciplinamento, aos poucos, proibia a circulação das pessoas nas ruas do bairro e modificava as características do Bom Fim. O medo da violência dos moradores do Bom Fim é resultado, para Pedroso (2009), de uma vontade de defesa de propriedade invadida.

Mas o Bar Ocidente ainda continua ativo em 2018. O que torna o Ocidente ainda interessante, de acordo com Pedroso (2009), é a ambientação: o tom de luz, as cores das paredes e os formatos e distribuições das salas. O autor afirma que o bar não tem letreiro e raramente se faz publicidade dele, mas os eventos e shows que acontecem lá são divulgados.

4.2 O *ingliding* no Filme *Sobre um Bom Fim* e no Sarau Elétrico

Os resultados de Oliveira (2016) apontam, na análise quantitativa de uma entrevista sociolinguística, que o *ingliding* de vogais tônicas do falar porto-alegrense ocorre somente no elemento mais proeminente da frase entoacional, o que vai ao encontro das hipóteses iniciais a respeito do processo. Como no estudo de Oliveira (2016), a lógica usada para compreensão do constituinte *frase entoacional* foi baseada em Serra (2009) – que opta por nomear o constituinte como *sintagma entoacional*. Considera-se, portanto, conforme a autora, que:

Toda sequência não estruturalmente anexada à oração raiz ou todas as sequências de ϕ s em uma oração raiz são mapeadas dentro de I (Nespor e Vogel 1986, Frota 2000). A formação de I está sujeita a condições de tamanho prosódico: sintagmas longos (em número de sílabas e de palavras prosódicas) tendem a ser divididos, da mesma forma que sintagmas pequenos tendem a formar um único I com um I adjacente, o que leva à formação de sintagmas equilibrados.

(SERRA, 2009, p. 70-71)

Considera-se, portanto, a possibilidade de reestruturação da frase entoacional e de formação de frases entoacionais equilibradas, já prevista em Nespor e Vogel (1896). No fluxo da fala, o algoritmo ideal de formação de constituintes prosódicos sofre algumas alterações. Serra (2009) ressalta a diferença entre leitura e fala espontânea, afirmando que, na última, grande parte do planejamento se realiza juntamente com a produção da fala. Isso faz com que o falante nem sempre alcance êxito na primeira tentativa (no processo de decidir sobre a mensagem que quer transmitir, formalizá-la com estrutura sintática e semântica apropriada e realizar a seleção do léxico), o que o leva a, muitas vezes, interromper a produção do enunciado, reformulá-lo, voltar a produzi-lo, etc. As hesitações, repetições, falsos começos e alongamentos excessivos reestruturam, portanto, a organização dos trechos de fala em frases entoacionais.

Ladd (2008) assume que as fronteiras de frases entoacionais parecem aceitar uma grande variedade de manifestações, o que torna sua delimitação ambígua. No estudo de *ingliding* em sílabas tônicas, a divisão dos dados em frases entoacionais consideram fronteiras e rupturas perceptíveis que delimitam o constituinte. Além disso, a curva de F0, no *software* Praat, auxilia na identificação de casos duvidosos.

Contudo, não se descarta a possibilidade de que outros pesquisadores frente aos mesmos dados possam delimitar as frases entoacionais diferentemente.

O primeiro resultado relevante ao estudo de *ingliding* diz respeito, justamente, à corroboração do que a análise de Battisti e Oliveira (2014) sugeriu e a de Oliveira (2016) apontou: o processo ocorre somente no elemento mais proeminente da frase entoacional. Mesmo que possa haver discordância em alguns casos sobre o limite considerado ser de uma frase entoacional ou de uma frase fonológica, é certo que o processo acontece associado a proeminência prosódica. Por esse motivo, vogais em sílabas não proeminentes não foram consideradas na análise, já que inibem o processo.

A possível percepção de que o falar com *ingliding* seja um falar “cantado” parece, portanto, claramente motivada pelo fato de o processo ser efeito da marcação da frase entoacional. Na frase entoacional, coocorrem efeitos duracionais e melódicos (FROTA, 1998) que podem estar atrelados à realização de *ingliding*. A proeminência é assinalada por um complexo de pistas fonéticas, de acordo com Ladd (2008), que refletem maior força articulatória e possível regularidade rítmica. Por surgir na frase entoacional, o *ingliding* acaba por acentuar a marcação de ritmo, razão pela qual é muitas vezes associado a um falar cantado.

Nos dados de fala do *Filme Sobre um Bom Fim*, a delimitação de frases entoacionais deu-se de forma um tanto mais fácil do que nas entrevistas da amostra do LínguaPOA. Isso pode ser explicado a partir da diferença de registro das amostras: dados públicos *versus* dados privados. Imagina-se que, uma vez contatados para participar do documentário, os falantes construíram ideias sobre aquilo que poderiam dizer, o que difere da maioria dos questionamentos realizados aos informantes do LínguaPOA, que tinham de planejar suas respostas no momento de sua produção. Além disso, é preciso ressaltar que há, na versão final do filme, uma seleção de trechos de cada participante. Supõe-se que trechos mais confusos, que poderiam dificultar a codificação dos dados em frases entoacionais, tenham sido eliminados do filme.

Apresentam-se, a seguir, as variáveis linguísticas e seus fatores que compõem a análise de dados da amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*.

Quadro 1 – Variáveis linguísticas do estudo de *ingliding* (Filme Sobre um Bom Fim)

Vogal Nuclear	[i]: “a <u>í</u> , d <u>i</u> sco” [e]: “c <u>e</u> na, be <u>b</u> er” [ɛ]: “ab <u>e</u> rto, é <u>p</u> oca” [ɔ]: “m <u>o</u> da, mel <u>h</u> or” [o]: “diret <u>o</u> r, ho <u>j</u> e” [u]: “m <u>ú</u> sico, t <u>u</u> do”
Contexto Fônico Precedente	[p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, r, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, h, l, λ, i, e, ε, a, ə, o, u] ou pausa
Contexto Fônico Seguinte	[p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, r, r, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, h, l, λ, j, ɥ] ou pausa
Tipo de Sílab	aberta: “su <u>ç</u> esso, cin <u>e</u> ma” fechada: “c <u>o</u> rte, trabalh <u>a</u> dor”
Número de Sílabas	1 sílaba: “é, ter” 2 sílabas: “Paris, vendo” 3 sílabas: “beleza, chinelo” 4 ou mais sílabas: “acomodou, discernimento”
Tonicidade da Palavra	monossílabo tônico: “ <u>f</u> ez, <u>n</u> ós” oxítona: “a <u>q</u> ui, b <u>a</u> ter” paroxítona: “pan <u>e</u> la, m <u>o</u> stra” proparoxítona: “ó <u>t</u> ima, m <u>ú</u> sico”
Item Lexical (efeito aleatório)	

Tem-se, como hipóteses para as variáveis linguísticas, que o *ingliding* seja condicionado por Vogal Nuclear e Tipo de Sílab, conforme resultados de Oliveira (2016), sendo favorecido por vogais médias-baixas, mais próximas articulatoriamente do *glide* central que surge, e sílabas abertas, que favorecem, também, alongamento vocálico. A inclusão das demais variáveis visa a testar se não há, mesmo, algum efeito segmental ou relacionado à estrutura acentual da palavra. Além disso, a inclusão de Item Lexical tem, como um de seus propósitos, investigar os resultados para a pergunta de confirmação “né”, muito frequente nos dados e que é comumente imitada com aplicação de *ingliding* (*néah*). Considerando essa variável, é possível verificar se os resultados, por exemplo, que apontaram as médias-baixas e as sílabas abertas como

correlacionadas ao *ingliding* em Oliveira (2016), dizem respeito realmente à estrutura linguística ou se referem especificamente ao “né”.

Com o intuito de verificar a necessidade de considerar vogais nasais [ĩ, ê, õ, û] e orais como fatores diferentes da variável Vogal Nuclear, foram realizadas análises *one-level* e um teste de qui-quadrado para verificar se há diferença estatisticamente significativa entre considerar vogais nasais separadamente das orais. O resultado do teste de qui-quadrado ($\chi^2 = 2,108(4)$, $p > 0,7$) aponta que não há diferença estatística significativa em considerar vogais nasais independentemente, de maneira que se optou por não fazer tal distinção, o que reduz o número de fatores da variável Vogal Nuclear.

As variáveis Contexto Fônico Precedente e Contexto Fônico Seguinte consideram coarticulação com itens que precedem e sucedem as vogais em questão, mesmo que não se encontrem no mesmo item lexical da vogal. Assim, em um contexto como “(...) os ônibus” [ʊz'onibus], considera-se [z] o contexto precedente à vogal tônica. Tanto Contexto Fônico Precedente quanto Contexto Fônico Seguinte foram codificados de acordo com seu segmento fonético e posteriormente organizados em Ponto de C (CLEMENTS e HUME, 1995): labial, coronal, dorsal, ou pausa. Contextos seguintes em que houve 0% de aplicação do processo foram excluídos das análises. Foram excluídos os contextos: [r] (1 ocorrência); [f] (2 ocorrências); [ʃ] (6 ocorrências); [ŋ] (7 ocorrências); [ʎ] (10 ocorrências); [ɲ] (269 ocorrências).

É importante, no estudo de *ingliding*, descobrir se há contextos seguintes que impeçam o surgimento do ditongo centralizado. Das exclusões realizadas, a maioria pode ter se dado em razão do baixo número de ocorrências do contexto, de modo que não se pode afirmar que o contexto em questão bloqueie o *ingliding*. É o caso de [r], [f], [ʃ], [ŋ] e [ʎ]. A nasal palatal [ɲ], contudo, teve um expressivo número de ocorrências na amostra (269 ocorrências) e 0% de aplicação de *ingliding*. Nesse caso, é possível supor que esse contexto seguinte (*tinha* [ˈtʃɲɐ], *gente* [ˈzẽˈtʃɲ]) impeça o surgimento do ditongo centralizado.

Na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, a única variável social que pôde ser considerada foi Gênero. Além desta, a variável Participante foi incluída como aleatória. É o que se mostra no Quadro 2.

Quadro 2 – Variáveis sociais do estudo de *ingliding* (*Filme Sobre um Bom Fim*)

Gênero	masculino feminino
Participante (efeito aleatório)	

O estudo de Oliveira (2016) apontou uma falante do gênero feminino como a única de uma amostra-piloto (8 informantes) que tinha considerável proporção de aplicação de *ingliding* a partir da oitava das entrevistas. Tal resultado não é suficientemente robusto para que se possa partir da hipótese de que o gênero feminino deva ter papel, o que justifica a inclusão da variável na análise.

Do modo como o envelope da variação está definido, a amostra de dados de fala do *Filme Sobre um Bom Fim* contou com um total de 1667 ocorrências, as quais foram consideradas nas análises multivariadas de efeitos fixos e de efeitos mistos. As variantes distribuem-se conforme mostra a Tabela 1¹⁹.

Tabela 1 – Distribuição geral de *ingliding* (*Filme Sobre um Bom Fim*)

Codificação	Nº de ocorrências	Proporção
Monotongo	1409	84,5%
Ditongo centralizado	258	15,5%
Nº total	1667	

Mesmo que possa ser considerada como parte de um estereótipo do Bom Fim, a realização do ditongo centralizado não é predominante na amostra, visto que tem proporção de aplicação de 15,5%. O que se verá ainda nesse capítulo é que há grande

¹⁹ Buscou-se apresentar as tabelas de resultados do Capítulo 4 e do Capítulo 5 seguindo orientações de Oushiro (2017) e nos moldes de Oushiro (2015).

diferença entre as proporções de aplicação quando se observam as porcentagens individuais dos participantes: uns produzem muito mais *ingliding* do que outros.

Dentre as seis variáveis linguísticas consideradas, somente duas são selecionadas como significativamente correlacionadas à realização de ditongo centralizado na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim* a partir da análise multivariada de efeitos fixos: Vogal Nuclear e Contexto Fônico Seguinte. Os resultados para as demais variáveis estão apresentados na Tabela 2, que reúne, portanto, as variáveis não selecionadas como significativas: Contexto Fônico Precedente, Tipo de Sílabas, Número de Sílabas e Tonicidade da Palavra.

Tabela 2 – Variáveis linguísticas não correlacionadas com *ingliding* (*Filme Sobre um Bom Fim*) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Contexto Fônico Precedente – Ponto de C^a				
pausa	[0,55]	0,204	18,6%	70
labial	[0,53]	0,119	17,3%	404
coronal	[0,49]	-0,033	15,2%	964
dorsal	[0,43]	-0,289	12,2%	229
Tipo de Sílabas^b				
aberta	[0,54]	0,16	17%	1034
fechada	[0,46]	-0,16	13%	633
Número de Sílabas^c				
1 sílaba	[0,50]	-0,015	15,3%	281
2 sílabas	[0,47]	-0,115	14,1%	683
3 sílabas	[0,54]	0,161	17,7%	491
4+ sílabas	[0,49]	-0,031	15,1%	212
Tonicidade da Palavra^d				
monossílabo tônico	[0,54]	0,172	15,4%	280
oxítona	[0,50]	0,012	13,4%	254
paroxítona	[0,57]	0,264	16,6%	1043
proparoxítona	[0,39]	-0,448	8,9%	90

^aInput: 0,157. ^bInput: 0,149. ^cInput: 0,155. ^dInput: 0,132.

[] indicam a não seleção da variável como significativa.

Apresentam-se, nessa tabela, os pesos relativos e os *logodds* obtidos a partir de análises univariadas (*one-level*) da primeira etapa do *step-up*. Observe-se que, com raras

exceções, os pesos relativos e os *logodds* estão próximos do ponto neutro (0,50 e 0, respectivamente), o que indica que é mesmo provável que as diferenças entre os fatores não sejam significativas. A variável que possui fatores mais distantes do ponto neutro é Tonicidade da Palavra, com peso relativo de 0,57 para paroxítonas e 0,39 para proparoxítonas. Percebe-se um grande desequilíbrio no número de dados entre esses dois fatores, o que já é esperado em dados do português.

É interessante observar, nesses dados, que Tipo de Sílabas não foi selecionada como correlacionada ao *ingliding*, o que difere do resultado da análise da amostra-piloto do LínguaPOA. Isso pode significar que o aumento de duração vocálica característico de sílabas abertas não seja, enfim, significativo a ponto de favorecer a realização do ditongo centralizado, conforme o resultado inicial de Oliveira (2016) levou a crer.

Embora agrupadas em uma mesma tabela, variáveis excludentes entre si foram analisadas separadamente de modo a evitar enviesamento nos resultados. É o caso, por exemplo, de Contexto Fônico Precedente e Tonicidade da Palavra, visto que não há contextos de vogais tônicas de palavras oxítonas que possam ter *pausa* como contexto fônico precedente.

A variável Gênero tampouco foi selecionada como correlacionada ao processo. O resultado para Gênero está apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 – Variável social não correlacionada com *ingliding* (*Filme Sobre um Bom Fim*) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Gênero				
feminino	[0,54]	0,144	18,9%	254
masculino	[0,46]	-0,144	14,9%	1413

Input: 0,168. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

Como para as variáveis linguísticas, observa-se que os resultados para pesos relativos e *logodds* estão próximos do ponto neutro. Além disso, é interessante destacar o grande desequilíbrio do número de dados por gênero no *Filme Sobre um Bom Fim*. Os

participantes homens têm mais de 5 vezes mais dados do que as participantes mulheres, o que, por si só, pode configurar um resultado interessante. Se a seleção de participantes para o documentário teve, como critério, a atuação no movimento jovem dos anos 1980 no Bom Fim, pode-se supor que o movimento tenha sido configurado com maior participação masculina do que feminina. Mais sobre a relação entre a variável Gênero e *ingliding* se discutirá no Capítulo 5, na discussão dos resultados das análises multivariadas para a amostra do LínguaPOA, que conta com dados equilibrados por gênero.

Os resultados das variáveis linguísticas que são correlacionadas ao *ingliding* a partir da análise multivariada de efeitos mistos estão expressos na Tabela 4. Os resultados da análise de efeitos fixos estão apresentados nos anexos (Anexo 2, Tabela A).

Tabela 4 – Padrão de *ingliding* de acordo com variáveis linguísticas (*Filme Sobre um Bom Fim*) – análise multivariada de efeitos mistos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Vogal Nuclear				
[ɔ]	0,84	1,661	34,2%	111
[ɛ]	0,75	1,115	23,6%	335
[e]	0,68	0,755	21,5%	404
[o]	0,48	-0,060	11,7%	256
[i]	0,30	-0,866	5,5%	399
[u]	0,07	-2,605	1,2%	162
<i>Range</i>	77			
Contexto Fônico Seguinte – Ponto de C^a				
pausa	0,58	0,313	16,8%	310
coronal	0,55	0,197	17,2%	963
labial + dorsal	0,37	-0,510	10,2%	394
<i>Range</i>	21			

Input: 0,078. ^a $\chi^2 = 1,434(1)$, $p > 0,20$.

Vogal Nuclear foi a primeira variável selecionada, apresentando forte correlação com aplicação de *ingliding*. A ordem de correlação assemelha-se ao encontrado em Oliveira (2016), em que já se observava as médias-baixas como mais

propensas a sofrer *ingliding*. Neste resultado, contudo, [ɔ] tem valores de peso relativo (0,84) e proporção superiores a [ɛ] (0,75), o que difere dos resultados encontrados na amostra-piloto e, também, como se verá, dos resultados para a amostra do LínguaPOA, apresentados no Capítulo 5. A vogal [e] apresenta peso relativo também favorecedor (0,68), ao passo que a vogal [o] apresenta peso relativo neutro (0,48). As vogais baixas desfavorecem o processo, tendo pesos relativos de 0,30 para [i] e de 0,07 para [u]. A vogal [u] apresenta baixíssima aplicação do processo, tendo apenas 1,2% de proporção de aplicação. Esse resultado assemelha-se ao da amostra-piloto em que, para a única falante considerada, não houve aplicação de *ingliding* em [u].

Os resultados para Vogal Nuclear apontam vogais de mesma altura aparecendo juntas na ordem de pesos relativos e *logodds* e revelam que vogais mais baixas (mais próximas de [a]) favorecem o processo, ao passo que vogais mais altas (mais distantes de [a]) desfavorecem. Entretanto, amalgamar os fatores de forma a organizá-los por altura vocálica (vogais médias-baixas, vogais médias-altas e vogais altas) resulta em significativa perda estatística, conforme aponta o resultado do teste de qui-quadrado: $\chi^2 = 21,966(3)$, $p < 0,001$. Dentre vogais de mesma altura, portanto, as diferenças encontradas são, também, significativas.²⁰

Contexto Fônico Seguinte, organizado em ponto de consoante, também foi selecionada como variável correlacionada ao processo. Em Oliveira (2016), contexto seguinte não teve papel. Contudo, nesse estudo, as consoantes foram organizadas de diferente forma e não foram excluídos dados de contextos seguintes com 0% de aplicação de *ingliding*, o que pode explicar, nas decisões metodológicas, a diferença nos resultados. Os resultados apontam *coronal* e *pausa* como favorecedores do *ingliding*, mas ainda com resultados para pesos e *logodds* próximos ao ponto neutro. Os pontos *labial* e *dorsal*, amalgamados, desfavorecem o processo. Uma possível razão para esse resultado pode estar atrelada à justificativa da decisão de reunir esses dois pontos em um único fator: tratam-se daqueles sons articulados nos extremos do trato oral.

²⁰ A diferença entre as vogais [ɛ] e [e] não é estatisticamente significativa: $\chi^2 = 0,331(1)$, $p > 0,56$.

As discussões e a busca por explicações para as correlações encontradas estão devidamente apresentadas no Capítulo 5, acompanhadas dos resultados para a amostra de 24 informantes do LínguaPOA que consideram as mesmas variáveis linguísticas. No capítulo em questão, faz-se relação com os resultados encontrados para a amostra do *Filme Sobre um Bom Fim* de maneira a comparar os valores.

Para desvendar *personae* e estilos que possam estar relacionados ao *ingliding* de vogais tônicas na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, analisam-se os resultados de proporção de aplicação do processo por participante. Se a proporção de aplicação geral foi de 15,5% na amostra, resta saber se todos os participantes se comportam de maneira semelhante, ou se, pelo contrário, há discrepâncias expressivas. A Tabela 5 reúne tais informações por participante, apresentando gênero, ocupação, proporção de aplicação de *ingliding* e número total de ocorrências na amostra.

De 51 participantes do documentário, 6 tiveram seus dados de fala excluídos da análise por conta do baixo número de ocorrências produzidas. Como é de esperar, na edição final do documentário, uns falam mais do que outros, o que explica o desequilíbrio de número de ocorrências encontrado para cada participante. Numa tentativa de preservar tantos dados quanto possível, muitos participantes foram mantidos mesmo com um pequeno número de ocorrências, mas optou-se por excluir aqueles que possuíam menos de 0,5% das ocorrências totais codificadas: José G. (masculino, joalheiro e frequentador, 2 ocorrências, 100% de *ingliding*); Cikuta K. (feminino, *hostess* do Bar Ocidente, 6 ocorrências, 50% de *ingliding*); Julio R. (masculino, músico, 3 ocorrências, 33,3% de *ingliding*); Necca W. (feminino, frequentadora, 8 ocorrências, 12,5% de *ingliding*); Cláudio H. (masculino, guitarrista d'Os Replicantes, 5 ocorrências, 0% de *ingliding*); Glênio P. (masculino, professor de Cinema, 6 ocorrências, 0% de *ingliding*).

Feitas as exclusões, somente uma participante não apresentou variação em relação à aplicação de *ingliding* em seu trecho de fala no documentário. Por ser a única participante da amostra com essa característica, seus dados foram, também, excluídos

Tabela 5 – Proporção de *ingliding* por participante (*Filme Sobre um Bom Fim*)

Participante	Gênero	Ocupação	%	Nº Total
Cristiano Z.	masculino	jornalista e frequentador	47,4%	38
Polaca	feminino	frequentadora	42,1%	19
Marta B.	feminino	atriz e cineasta	40,6%	32
Biba M.	feminino	baterista (DeFalla)	40%	10
Emílio C.	masculino	publicitário	35,7%	28
Eduardo B.	masculino	jornalista e escritor	33,3%	96
Marcio P.	masculino	músico	33,3%	30
Wander W.	masculino	músico	30,4%	23
Flu S.	masculino	baixista (DeFalla)	30%	30
Hilton Z.	masculino	proprietário (Zil Vídeo)	27,3%	11
Toninho E.	masculino	proprietário (Escaler)	27,3%	11
Paulo C.	masculino	jornalista e escritor	23,9%	46
André S.	masculino	produtor musical e cineasta	23,5%	17
Otto G.	masculino	cineasta	23,5%	17
Biah W.	feminino	cineasta	23,1%	13
Frank J.	masculino	músico	23,1%	26
Luciana T.	feminino	cineasta	20,6%	34
Juarez F.	masculino	jornalista e crítico musical	18,8%	16
Marcélo F.	masculino	jornalista	18,8%	16
Arthur F.	masculino	crítico musical	16%	25
Mauro B.	masculino	radialista	15,2%	46
Elmar B.	masculino	editor (Jornal Já)	15%	20
Paulo F.	masculino	ator	15%	40
Carlos G.	masculino	cineasta	13,1%	107
Mary M.	feminino	radialista	11,9%	42
Nelson N.	masculino	cineasta	10,9%	55
Paola O.	feminino	produtora musical	10,7%	28
Fiapo B.	masculino	proprietário (Bar Ocidente)	10,6%	85
Nei L.	masculino	músico	9,1%	44
Adriano L.	masculino	publicitário e frequentador	8%	25
Beto S.	masculino	cineasta	7,9%	38
Moah S.	masculino	multimídia	7,9%	38
Jorge F.	masculino	cineasta	7,8%	77
Beto R.	masculino	cineasta	7,7%	13
Egisto D.	masculino	músico e produtor musical	7,1%	14
Juremir M.	masculino	escritor e jornalista	7%	57
Ana L.	feminino	cineasta	6,6%	76
Werner S.	masculino	músico	5,7%	70
Carlos E.	masculino	produtor musical	5,2%	58
Claudinho P.	masculino	DJ	4,9%	41
Marcos B.	masculino	ator	4,3%	23
Lucio F.	masculino	historiador	4%	25
Giba A.	masculino	cineasta	3,5%	57
Edu K.	masculino	vocalista (DeFalla)	2%	50

das análises multivariadas. Trata-se da participante Vera G. (feminino, dirigente partidária, 17 ocorrências, 0% de *ingliding*). Os dados analisados, conforme a Tabela 5, portanto, são de 44 participantes (36 homens; 8 mulheres).

Nesses dados, observa-se que a proporção de aplicação de *ingliding* varia consideravelmente entre os participantes. Enquanto o participante que menos produz *ingliding* tem 2% de proporção de aplicação, o que mais produz apresenta 47,4% de proporção de aplicação. Sob hipótese de que aqueles que mais produzem *ingliding* configurem-se como ícones estilísticos, criando modelos que servem de referência para demais porto-alegrenses a respeito do uso da variante ditongada, analisou-se qualitativamente o conteúdo de suas contribuições presentes no *Filme Sobre um Bom Fim*. Foram selecionados todos os participantes com proporção de aplicação de *ingliding* igual ou superior a 30% para esta análise, ou seja, os primeiros 9 participantes apresentados na Tabela 5.

Considerando-se as ocupações dos 9 participantes que mais produzem ditongos centralizados, observa-se que cinco são artistas, dois são jornalistas e um é publicitário. Uma das participantes é referida como *frequentadora*, sem uma ocupação especificada. É interessante notar que a maioria desses participantes é composta de artistas e jornalistas/comunicadores que possuem uma relação direta com os meios midiáticos, muitas vezes estando diante das câmeras ou microfones, falando para grandes públicos.

Os trechos de fala desses participantes no filme, transcritos de maneira aproximada a convenções de escrita, estão expressos nos quadros que seguem. Cada trecho iniciado e finalizado por aspas diz respeito a um trecho diferente do filme. Em cada quadro, ao lado do nome de cada informante, apresenta-se sua proporção de aplicação do processo.

Quadro 3 – Trechos de fala de Cristiano Z. no *Filme Sobre um Bom Fim*

Cristiano Z. (47,4%)
<p>“Há 25 anos atrás [...] se a gente tivesse num domingo, aqui, isso aqui ia tá uma loucura, né meu, ia tá uma fumaceira do cacete”.</p> <p>“Mas nessa época o que era o... o afudê era isso, porque não existia SMIC, não existia porra nenhuma. O cidadão simplesmente alugava uma casa por aqui, botava a ceva pra vender e não tinha autorização, não tinha nada”.</p> <p>“Então dum lado era os punk, do outro lado era os gótico, new-wave, o heavy metal, o corredor de ônibus não funcionava, todo mundo ali andando de skate, queimando beque, e briga, daqui a pouco vinha a polícia”.</p> <p>“[...] misturando malandro com trabalhador, né cara, com punk com new-wave, com heavy metal, com vagabundo, com chinelo... Aqui era um puta dum palcão, né, o som comendo, e beque afu liberado, e vinha polícia de cavalo e dava correria prum lado e correria pro outro, e eu trazia alguns amigos meus que até nem eram de Porto Alegre, né, o cara de outro estado e tal... O cara não conseguia entender aquilo ali. Porra, isso aqui lá em Belo Horizonte não existe, em São Paulo nunca... Dum lado tu tem uma igreja, do outro lado tu tem o posto da polícia, do outro lado tem o quartel general do exército... Né, cara, e os loco aqui tomando conta da parada duma maneira, né, avassaladora, o cara não entendia aquilo ali”.</p> <p>“Aqui na Osvaldo Aranha tu não andaria 15 metros sem alguém te oferecer alguma substância ilícita, né”.</p>

Quadro 4 – Trechos de fala de Polaca no *Filme Sobre um Bom Fim*

Polaca (42,1%)
<p>“O Ocidente tinha teatreiro, tinha viado, tinha artista, tinha músico, roqueiro, era todo mundo misturado”.</p> <p>“A Ipanema era na JB, aqui na José Bonifácio, a Ipanema, era um casarão, onde é uma sorveteria hoje, eu acho... E a gente chegava na janela da rádio Ipanema e alcançava as fitas cassete pros caras tocarem. Qual é a rádio no mundo que faz isso?”</p> <p>“Porque o Gerbase tinha essa, já tinha uma outra visão, né, um jornalista, uma cabeça ótima... Então os cliques dos Replicantes eram muito bons. Eu me lembro perfeitamente da gravação do ‘Surfista Calhorda’ que foi, nossa, inovação”.</p>

Quadro 5 – Trechos de fala de Marta B. no *Filme Sobre um Bom Fim*

Marta B. (40,6%)
<p>“Pegar carona, ir pra praia, tomar chá de cogumelo, beber, fumar maconha... Pega a chave na imobiliária e transa com a namorada pra ter lugar pra transar... É... questionamento de movimento estudantil, participação em passeatas”.</p> <p>“Esse grupo que formou o ‘Vende-se Sonhos’, ele saiu do ‘Grêmio Dramático Açores’ que era um grupo de teatro amador dentro do Teatro de Arena. O Pedro Santos, que é o protagonista do ‘Deu Pra Ti Anos 70’, o Marcos Sório, eu... Bom, e depois tinha outros atores que não foram pro ‘Vende-se Sonhos’, como o Sérgio Luken, outros atores... Nós formamos o grupo ‘Vende-se Sonhos’, também inspirados pela trajetória e pela abordagem do grupo ‘Asdrúbal Trouxe o Trombone’ que teve em Porto Alegre com a peça ‘Trate-me Leão’”.</p> <p>“Foi um... Não, a gente pode fazer... Um grupo pode falar das suas inquietações, das suas coisas. Quais são as nossas inquietações? É... Sair de casa, É... Escolher o que que quer fazer depois da escola, como, viver com quem...”</p> <p>“Eram episódios escritos pelo Giba e interpretados pelo ‘Vende-se Sonhos’”.</p>

Quadro 6 – Trechos de fala de Biba M. no *Filme Sobre um Bom Fim*

Biba M. (40%)
<p>“É que tem um choraminguê também né, clássico, que é muito chato, na real. [De como era bonito?] É, de tudo, na real, como agora é não sei o quê, e naquela época também a gente, todo mundo falava assim. Não sei, diz o Miranda que isso é coisa e gaúcho. [O quê?] Ficar choramingando, de, né... ‘Ai, essa cidade é uma merda, agora tá tudo uma merda, porque ah, porque que bosta!’”.</p>

Quadro 7 – Trechos de fala de Emílio C. no *Filme Sobre um Bom Fim*

Emílio C. (35,7%)
<p>“O Bom Fim, depois dos anos 1990, dos anos 2000, ele basicamente começa a expulsar isso, né. A comunidade, a repressão, né, vários agentes, né, várias, é, atitudes começam lentamente a expulsar o pessoal. Um dos mais atingidos por isso foi o Escaler, por exemplo, né”.</p> <p>“Ele é hoje, uma coisa, só uma referência mesmo do que foi, né. Acho que a gente não tem mais muito, né, é... Fora os lugares muito pontuais, assim, que se vai ainda, né. Hoje ele tá muito mais, é... é... Mais tranquilo, né. Os cafés, as lancherias, as confeitarias, livrarias...”</p>

Quadro 8 – Trechos de fala de Eduardo B. no *Filme Sobre um Bom Fim*

Eduardo B. (33,3%)
<p>“Era um super cinema, né, era o nosso cinema, né, inclusive tinha o melhor banheiro de cinema do mundo, porque tu podia subir na privada e dava pra fumar um com uma janela basculante... assim, pra fora, e daí não ficava o cheirão lá dentro do banheiro, entendeu, melhor banheiro de cinema da história: fumava um, ia lá ver o filme. Aí, o que que é hoje o Baltimore e o Bristol? Foi derrubado, destruído, tem um prédio horroroso. Claro que agora, nesse momento que eu tô falando isso, vai entrar essa parte no filme, vai aparecer a fachada daquela merda que construíram no lugar. Aliás tem que dar o nome das construtoras. Tem que ter uma lei que essas construtoras têm que ter o nome estampado na fachada dos prédios delas, Goldsztein, Melnick Even, entendeu? Pras pessoas saberem no futuro quem é que destruiu essa cidade”.</p> <p>“Foi o sucesso do ‘Quizumba’ que fez com que eles resolvessem criar o ‘Pra Começo de Conversa’. Só que o ‘Pra Começo de Conversa’ era diário, né. Era diário, era todos os dias das sete às sete e meia. E depois, como eu falava o triplo do Cunha Júnior, passou a ser das sete às oito, cara”.</p> <p>“Mas uma telespectadora ligou, e disse assim... Véia, né. Véia! É uma maravilha, véia, porque ela tinha quarenta e cinco anos, bá, daí a gente achou, assim, ‘Como é que um idoso vê essa merda desse programa, né, cara?’ Quarenta e cinco. Aí eu, ela ligou e disse assim: ‘Por que que o apresentador está sempre com os olhos vermelhos?’. E aí me passaram a pergunta no ar, o programa era ao vivo. Eu digo ‘A Dona Iolanda, aqui’, eu tô inventando, ‘A Dona Adelaide, aqui, de quarenta e cinco anos, ligou pra perguntar por que que o apresentador tá sempre com os olhos vermelhos’. ‘Fecha aqui! Fecha aqui!’, eu disse pro câmera, né, ‘Fecha aqui! Fecha aqui!’, né. Aí disse ‘Tá vermelho, não tá vermelho? Pois eu vou lhe responder, Dona Iolanda. Sabe por que que tá vermelho? Porque eu sou jornalista, Dona Iolanda. E aí... E sou casado, Dona Iolanda. E o jornalista pra sustentar sua família, tem que trabalhar vinte horas por dia. Então eu tenho um emprego de manhã, um emprego de tarde e outro emprego de noite, Dona Iolanda. Eu mal durmo! Por isso tô assim oh, com os olhos vermelhos!’”.</p> <p>“Grandes aves pretas, da família dos cracídeos, os jacus viviam em bandos tão grande à beira desse rio que acabaram dando seu nome a ele’. Hein? Hein? Que conhecimento, hein, cara, família dos cracídeos, cara”.</p>

“E o Bom Fim sempre teve um comportamento desviante, né, era o lugar de negro, depois era o lugar de judeu, sempre foi lugar de minoria, então isso é autêntico, e isso é verdade. Mas essa história do Bom Fim contracultural, efervescente, assim, eu tenho cá minhas dúvidas, entendeu. Pra mim contracultural, efervescente, foi a Rive Gauche em Paris nos anos 1950, foi o Greenwich Village anos 1950 e 1960, foi São, certas partes de São Francisco na Califórnia, entendeu. São lugares que produziram coisas e movimentos mesmo. Qual é o movimento de verdade que o Bom Fim produziu? Qual é a obra de arte de verdade que o Bom Fim produziu? Qual eram os polos culturais autênticos, genuínos, que o Bom Fim de fato teve? Me diz que eu tô louco pra ler, tô louco pra ouvir, tô louco pra saber. Esses anos 1980 é uma fraude, fraude. Pô, eu tenho um certo discernimento na porra da vida, né. Então tu, pá, distancia, e mesmo tu te vendo ali ‘Bah, oh, aquele ali sou eu, olha como eu fiz merda’, né, mas pô, aí quando tu coloca em perspectiva... Aí pô! Tãn! Quêdê?”

“Teve coisas, né. Portanto quando tu puser o meu depoimento lá falando mal do Bom Fim, tu bota essa parte falando bem também. Porque teve, é óbvio que teve. Mas tinha que ter tido mais, e tinha que ter continuado. Entendeu? E eu acho que não continuou e não teve mais por... Se tem algum culpado, somos nós!”

Quadro 9 – Trechos de fala de Marcio P. no *Filme Sobre um Bom Fim*

Marcio P. (33,3%)

“Tu ficar parado com um copo [...] na mão e cada um que passava no balcão, assim, enchendo os copos, sabe? Tipo, um troço, assim, meio surreal, assim, né”.

“E aí tu tá ali, pô, os Replicantes, galera do teatro, do cinema, nego que fazia serigrafia, fotografia, não sei o quê”.

“Pô, me lembro que uma época o baterista saiu, recebeu um convite pra ir tocar com uma outra galera porque os cara, pô, os cara tinha uma música que tocava na Ipanema e nós não tinha, tu me entende?”

“Pô, semana passada eu fui tocar no interior. Com uma gurizada local, assim, me acompanhando. E tipo, eu chego lá e os caras conhecem todas as músicas que são da minha história ali, né. Tipo, eu não preciso... Nada, entendeu, não preciso ensaiar, a gurizada se puxou pra caramba pra me pagar um cachê legal, ficaram super faceiro de eu ir lá tocar com eles, e querem fazer mais, e tal. Pô, isso aí não tem preço, né. E aí, tipo, tu faz um show que todo mundo canta todas as músicas o tempo inteiro”.

“O rock tava na moda até, né, bicho, sabe. Isso é uma coisa que eu costume dizer, né. Que, tipo assim, pô, tu quer tá up-to-date tu tem que curtir um rock gaúcho, tu me entende, então isso faz muita diferença, né”.

“Os cara reclamando da cidade, gurizada que tem banda no interior reclamando ‘Não, porque aqui é muito provinciano’, então assim... Pô, cara, Porto Alegre é igual né, Porto Alegre é uma grande cidade do interior, assim”.

Quadro 10 – Trechos de fala de Wander W. no *Filme Sobre um Bom Fim*

Wander W. (30,4%)

“O Bom Fim é mais do que só um bairro. Ele é o centro da história, mas as coisas se esparramam até o centro”.

“Isso que eu falo é os anos 1970, entende. Nos anos 1970 começa a mudar, mas até os anos 1970 a história era parecida com os anos 1960 e com os anos 1950, isso é que é interessante. O mundo é um até o final dos anos 1970, ali começa a mudar a história”.

“Não precisava pensar em nada, só ficava circulando, a gente ia encontrando as pessoas e ia conversando, e as conversas eram sobre criação, sempre. A gente fazia filmes, peças, música.... Tudo acontecia nos encontros”.

Quadro 11 – Trechos de fala de Flu S. no *Filme Sobre um Bom Fim*

Flu S. (30%)
<p>“[Entrevistador: Tá, e tu identificou algum lugar no Rio ou em São Paulo que fosse alguma pilha próxima do que foi o Bom Fim nos anos 1980?] Nunca, nunca. Eu sempre comento isso aí, cara, não existe lugar tão, onde tem personagens tão fortes como aqui, não existe lugar no mundo que eu, pelo menos que eu fui, assim. [Será?] Claro que sim. [Talvez porque a gente viva aqui, mas em São Paulo acho que também teve essa, essa história, tipo, na Augusta] Mas eu morei cinco anos. Ah, mas é que tu pega... Diz um louco, diz um louco, diz um louco paulista aí. [Ah, louco louco?] João Gordo? É... O João Gordo? João Gordo trabalha na Record. Sabe, louco não, louco não sabe nem o que que é trabalhar [risos]. Tu pega um Paulo Alex, um Júpiter, um Wander, um Edu K.”</p> <p>“Era uma cidade careta, ainda é, mas naquela época a gente, jovem, talvez, e, e nós tomando conta assim da ‘Ah, nos precisamos ser os loucos pra alguma coisa acontecer’, entendeu? Pra ter shows e pras pessoas se divertirem, ou pra ficar louca, ou pra detestar, sabe?”</p>

Em relação ao conteúdo do que é dito, há recorrência na definição do jovem dos anos 1980 que frequentava o Bom Fim. Cristiano Z. enfatiza o uso de drogas e a *loucura* da época, que reunia diferentes grupos num mesmo lugar. A partir de seu relato, entende-se o Bom Fim como um espaço de transgressão, em que os jovens que ali se reuniam (do “trabalhador” ao “vagabundo”, “chinelo”), *tomavam conta da parada*, desafiando até mesmo a polícia. No discurso de Polaca, a reunião de diferentes grupos também é mencionada, tomando como exemplo o Bar Ocidente, onde todos se misturavam (*teatreiro, viado, artista, músico, roqueiro*). Além disso, a frequentadora menciona a rádio Ipanema como uma rádio que dava voz aos artistas locais, e a inovação das criações artísticas, tomando o clipe de *Surfista Calhorda* como exemplo.

Marta B. também aborda a inovação cultural por meio da criação do grupo de teatro *Vende-se Sonhos*, por sua vez inspirado no grupo carioca Asdrúbal Trouxe o Trombone. Assim como Cristiano Z., Marta B. inclui, nas práticas que lista dos jovens da época, o uso de álcool e maconha. Ela também menciona a ida à praia como uma prática comum, bem como a participação em passeatas e os questionamentos dos movimentos estudantis. Eduardo B. também inclui o uso de maconha em seu relato, quando aborda, com saudade, os cinemas da época que hoje não existem mais, e, com humor, a “denúncia” de uma das telespectadoras de um programa que apresentava a respeito de ele estar com os *olhos vermelhos*. Ele define o Bom Fim como um bairro de comportamento *desviante* e um lugar de minorias, mas tem suas reservas sobre os anos

1980 terem configurado, no Bom Fim, de fato um movimento contracultural como em outras partes do mundo. Por fim, Eduardo B. faz questão de ressaltar que houve coisas no Bom Fim, sim, mas que mais coisas deviam ter acontecido e que isso tinha que ter *continuado*.

A própria postura de Eduardo B. configura-se, em certo modo, como desafiadora/transgressora. Ele não tem pudores em culpar as construtoras pela destruição dos cinemas Baltimore e Bristol, citando seus nomes. Além disso, inclui-se de maneira mais explícita dentre os jovens que faziam uso de substâncias ilícitas como a maconha, o que é muitas vezes parte do discurso dos demais participantes do documentário, mas sem uma declaração sobre serem ou terem sido, eles mesmos, usuários de drogas. Eduardo B. não tem pudores, também, em criticar a própria noção de que houve um movimento contracultural no Bom Fim, mote do documentário de que está fazendo parte. Ele considera que é culpa dos próprios frequentadores não se poder tomar, hoje, os acontecimentos do Bom Fim como um movimento jovem.

Para Marcio P., o rock estava na moda nos anos 1980, e quem queria estar atualizado deveria *curtir um rock gaúcho*. Ele aborda, também, a prática de ingerir bebidas alcólicas. Por fim, afirma que considera Porto Alegre, hoje, uma *grande cidade do interior*.

Já para Wander W., o Bom Fim é mais do que um bairro, pois configura-se como o *centro* da história. Ele acredita que o mundo começou a mudar a partir do final dos anos 1970. Relata que, na época, não era preciso fazer *nada* além de circular e encontrar pessoas, e que as conversas eram todas sobre criação (de peças, filmes, músicas).

Emílio C. afirma que o movimento começa a entrar em decadência depois dos anos 1990 e 2000, em que vários agentes começam a expulsar os frequentadores, de modo que o bairro é, hoje, *só uma referência* do que foi. Para ele, existem alguns lugares muito pontuais que ainda são frequentados, mas o Bom Fim é hoje mais *tranquilo*, comportando cafés, lancherias, confeitarias, livrarias, etc.

Biba M. e Flu S. são entrevistados juntos. Biba M. aborda a tendência das pessoas em acreditar que no passado tudo era melhor, afirmando que *naquela época*

eles também pensavam o mesmo. Ao ilustrar essa reclamação (“choraminguê”), fazendo uma imitação daqueles que costumam reclamar dessa forma, ela produz *ingliding*. Flu S. acredita que não existe lugar no Brasil com personagens *tão fortes* como os do Bom Fim, ao que Biba M. questiona (Será?). Flu S., para embasar seu raciocínio, pede para que Biba M. cite um *louco* paulista. Ele afirma que *louco não sabe nem o que que é trabalhar*, e que, na época, os jovens pensavam que precisavam ser os *loucos* para alguma coisa acontecer, para que shows surgissem e para que as pessoas pudessem se divertir, *ficar louca*, ou mesmo detestar.

O Bar Ocidente, conforme relato de Polaca, é um dos bares que reunia diferentes perfis, característica associada ao movimento dos anos 1980 pelos participantes do documentário mencionados. Para Emílio C., embora o Bom Fim tenha mudado, alguns lugares continuam os mesmos. É o caso, justamente, do Bar Ocidente, que, hoje, é restaurante vegetariano, bar, discoteca e palco de eventos de diversas naturezas, como o Sarau Elétrico, que completou 18 anos de existência em 2017. Apresento, no Quadro 12, meu relato da ida ao Sarau Elétrico no dia 08/08/2017.

No site do bar, em seção dedicada à sua *história*²¹, Jimi Joe define o Ocidente como “um lugar mágico onde tudo, literalmente tudo, pode acontecer” que, para quem nunca entrou no bar, “é um antro de orgias colossais, um ponto gay na geografia da cidade, uma sucessão de noites de luxúria e pecados”. O encerramento desse texto de apresentação do Ocidente celebra o bar como ponto de encontro de todas as tribos com a afirmação de que “Sim: o Ocidente é a mais perfeita tradução de diversidade em todas as instâncias”.

O Sarau Elétrico é comandado por Katia Suman, Luís Augusto Fisher e Diego Grando, e acontece nas terças à noite no Bar Ocidente. É transmitido ao vivo pela Rádio Elétrica, rádio *online* de Katia Suman, e posteriormente armazenado em um *podcast* da

²¹ <http://barocidente.com.br/historia> (Acesso em 21/08/2017).

Quadro 12 – Relato da ida ao Sarau Elétrico (08/08/2017)

Relato da ida ao Sarau Elétrico

A General João Telles estava tranquila, sem muito movimento, em uma terça-feira à noite. A entrada no Bar Ocidente estava livre, sem qualquer fila. De fora, o casarão parece meio que escondido em uma pintura roxa que, na Osvaldo Aranha, tem uma livraria no primeiro andar. Não há qualquer fachada que identifique o bar por seu nome. Na entrada, havia um segurança e um homem cuidando da bilheteria. A compra de ingressos é rápida: 15 reais em troca de um pedaço de papel prontamente entregue ao segurança que observava a transação. A bilheteria, com tijolos à vista, dava uma atmosfera de lugar antigo ao espaço.

O Sarau iria acontecer no segundo andar. As escadas permitiam observar uma parte desativada do bar naquela noite, um espaço maior em que há um globo de luz e canhões de iluminação desligados, onde provavelmente acontecem as festas maiores do Ocidente em outros dias da semana. Os degraus da escada eram coloridos, iluminados com cores *neon* que contrastavam com a atmosfera da bilheteria. No segundo andar, a primeira coisa que se pode ver são cartazes de eventos colados em uma parede pintada de verde. Todas as divulgações são de eventos que acontecem no próprio bar, em sua maioria festas com temática *pop*, que reconheço como voltadas para o público LGBTQ+. Dentre elas, uma festa que promete uma *noite Madonna* e que anuncia estar ativa há 15 anos.

À direita, em direção ao local em que ocorrem os Saraus, passo por um bar, com uma bancada típica e *vodcas* à mostra em uma parede de azulejos brancos. O corredor está vazio, e até então não encontrei ninguém além do segurança e do bilheteiro na entrada. No fim do corredor, à direita, encontro o local em que acontecerá o Sarau. Um globo de luz e uma luz azul iluminam o espaço, repleto de mesas e cadeiras de madeira que, num canto, visível para todos, há quatro microfones e bancos preparados, esperando aqueles que fariam o Sarau acontecer.

Todo o espaço, desde a entrada até o ambiente em que o Sarau acontece, produz em mim a sensação de que o lugar se trata de um ambiente *cultural*. O casarão tem janelas enormes e um pé direito alto. Sobre cada mesa, uma garrafa de vinho vazia é o suporte de uma vela com cera seca escorrida. As velas estão apagadas até o momento em que as pessoas chegam. Quando alguém ocupa uma mesa vazia, o garçom vem até ela e acende a vela. Tudo no bar, desde a tinta rosa ou vermelha descascando no lugar em que ocorre o Sarau até o lustre de vidro pouco visível e a vestimenta do garçom, que está de preto, *jeans* e suspensório, parece celebrar o antigo. Por esse motivo, para mim, o enorme ar condicionado *split* no canto da sala parece não pertencer àquele local.

Sento em um dos cantos do espaço, perto de um dos janelões que fica de frente para a Osvaldo Aranha. Consigo observar a Redenção pela janela. Há um som ambiente, alguma banda de *rock* que não reconheço mas que associo como parecida, em sonoridade, com *The Killers*. Katia Suman, Diego Grandó e Luís Augusto Fischer estão sentados no bar, no canto oposto ao que me encontro, bebendo e conversando. Junto com eles está o convidado da noite: Rafael Iotti. Um olhar às pessoas que conversam e bebem cervejas e *drinks* entre si, nas mesas, me diz que elas são o público esperado para eventos culturais. Pouco sei de nomes de peças de roupa e acessórios, mas os localizo como semelhantes às vestimentas daqueles que encontro em filas de teatro. Todas as mesas do local pouco a pouco vão sendo ocupadas, mas o lugar é espaçoso e não está lotado a ponto de estar desagradável. Julgo que as pessoas parecem confortáveis em seus lugares.

Pouco depois das nove, os quatro encaminham-se para os bancos e ajustam-se atrás dos microfones à medida que a música ambiente silencia. Todos se ajustam, em suas mesas, para assistir ao Sarau. Sou, nesse momento, um dos únicos com o celular em mãos, utilizando-o para realizar anotações. O público varia, pelo que consigo supor a partir da aparência física, entre pessoas jovens e de meia idade. Não é, de maneira nenhuma, um público adolescente. Dentre o que posso observar, há tanto casais heterossexuais quanto homossexuais no local, o que indica que o ambiente respeita a diversidade de sexualidade, algo, por vezes, raro em Porto Alegre.

Katia Suman faz a testagem de som e dá início ao Sarau. Ela explica, depois de apresentar as pessoas que estão ali, que escolheu a temática (*Pós-Amor*) em virtude do convidado especial da noite, o escritor Rafael Iotti. A escolha se deu pelo tema ser recorrente na obra do autor, que apresentou, no Sarau, vários de seus poemas.

A partir daí, o Sarau seguiu basicamente a mesma lógica: os apresentadores faziam leituras de trechos de diversas obras, de alguma forma relacionadas à temática escolhida. Sentados nos bancos atrás dos microfones, os quatro traziam consigo diversos livros, que utilizavam no momento das leituras, nada de folhas avulsas e nada de leitores digitais. As pessoas que assistiam se envolviam nas histórias contadas e nos poemas declamados, reagindo com exasperação, aprovação, sorrisos e gargalhadas. Por vezes, comentavam baixinho sobre o que achavam da leitura com aqueles que compartilhavam sua mesa.

Na busca de não deixar nenhum elemento importante ficar de fora de minhas anotações, acabei por não conseguir acompanhar e aproveitar as leituras como os demais participantes no início do evento. Até que, quando percebi que o Sarau seguiria a mesma sistemática até o fim, deixei as anotações de lado para de fato participar do momento. Percebi, depois de um tempo, que fiquei absorto nas histórias, em umas mais do que em outras, como quem acompanha um filme ou um espetáculo de teatro.

De oitiva, durante o sarau, percebi que os quatro alongam as vogais em finais de frase entoacional em suas narrativas e conversas ao microfone, o que certamente é identificado como característico do sotaque porto-alegrense. O *ingliding* é marcado, nos falares deles, em diferentes níveis. Rafael Iotti, o convidado, e Luís Augusto Fischer, não têm um falar – em minha percepção, e naquele momento específico – muito marcado pelo processo. O fazem esporadicamente, talvez de maneira mais sutil. Diego Grando produz um *ingliding* mais perceptível, e Katia Suman produz mais do que todos, de maneira mais marcada e sistemática. Os quatro parecem estar bem à vontade. Katia, que é a responsável principal pela condução do Sarau, desde sua abertura até o momento em que *passa a vez* para outros participantes, é, de todos, quem tem, a meu ver, a voz mais marcante, não só em virtude do *ingliding*. É uma voz que eu, particularmente, gosto de ouvir.

Por vezes, em meio às leituras, as visões políticas dos quatro ficam evidentes. Eles criticam, por exemplo, a reforma trabalhista recentemente encabeçada pelo governo Temer. Além disso, em dado momento, ao abordar um protótipo irreal de uma “mulher boazinha” durante uma das leituras realizadas, todos riem ao afirmar que a Marcela Temer é um exemplo dessa mulher. O público acompanha a brincadeira com gargalhadas, indicando haver concordância com tal visão ideológica.

Passados dez minutos das dez da noite, Katia Suman encerra essa etapa do Sarau para dar início à *canja*, chamando o convidado Sérgio Tavares, músico que cantaria Lou e Bowie. Nesse momento, decido pedir comida ao garçom. As opções são vegetarianas: *esfilhas abertas* ou *chapatis*. Depois de comer, um pouco antes do término do número de Sérgio Tavares, levanto-me para ir embora. Dos quatro que comandaram o Sarau, só enxergo Diego Grando na plateia. As mesas continuam ocupadas e seus ocupantes me parecem animados quando me retiro do bar.

mesma. Em sua página de Facebook²², diversos artistas frequentadores do Sarau Elétrico tiveram relatos publicados, os quais homenageavam a existência do evento. Os trechos a seguir foram selecionados de alguns desses relatos por representarem as impressões dos frequentadores do Sarau Elétrico sobre sua atmosfera que remonta, de alguma maneira, o que se viveu no Bom Fim em 1980.

O Sarau Elétrico é dessas coisas que Porto Alegre tem, um evento literário que faz a ponte entre gerações e épocas culturais se preservando fiel e firme em sua proposta, mantendo a vitalidade e a relevância no tumulto das transformações nem sempre positivas que a cidade enfrenta.

(Daniel Galera, 08/07/2017).

O Érico Veríssimo dizia que vinha de uma cidade que tinha uma Orquestra Sinfônica. Eu digo que venho de uma cidade que tem um Sarau de literatura e música há 18 anos. E o pessoal fica pasmo. Quando eu digo que é num bar mítico da cidade e, seguidamente, enche, o pessoal fica MAIS pasmo. E, se é músico, diz que quer tocar. Aí, quando eles vêm à cidade, tocam e se apaixonam também.

(Arthur de Faria, 09/07/2017)

Bah, 18 anos? Já?!?

É tão difícil projetos bacanas assim terem vida longa na nossa cidade.

Mais difícil ainda que mantenham a jovialidade.

O Sarau segue. E segue jovem.

(Humberto Gessinger, 09/07/2017)

O Sarau Elétrico é o meu melhor programa semanal nessa cidade. Sou um frequentador habitual do Ocidente nas noites de terça há mais de uma década. É uma programação única e original com a cara dessa cidade, com nosso sotaque e jeito de ver as coisas. Graças ao Sarau Elétrico a literatura e boas gargalhadas passaram a fazer parte do meu cardápio semanal.

(Marcelo Branco, 10/07/2017)

Em tempos de tantas trevas na área da Cultura, não apenas por falta de grana, mas por falta de luzes em geral, o Sarau Elétrico é um farol de inteligência, tolerância e alto astral iluminando as noites do Bom Fim. Que bom morar numa cidade que tem o Sarau Elétrico.

(Cláudia Laitano, 11/07/2017)

Tire a pompa, sobram as histórias. E a plateia parece ser o retrato desta qualidade: pessoas que claramente gostam de ouvir, abertas a serem surpreendidas, que escutam em silêncio dando espaço para reflexão, sem a ansiedade das respostas imediatistas e impensadas.

Eu adoro o Sarau.

(Diego de Godoy, 11/07/2017)

²² Os trechos aqui reproduzidos podem ser encontrados na página do Sarau Elétrico no Facebook, no link: <https://www.facebook.com/saraueletrico/> (Acesso em 21/08/2017).

Com a participação do público, viajando pelo interior do Estado, cada edição do Sarau tem representado também, um pouco da história de Porto Alegre e da cultura gaúcha.

(Cíntia Moscovich, 11/07/2017)

O sarau elétrico é um patrimônio cultural da cidade, um programa que nunca sai de moda e um prazer para quem participa - seja lendo, seja ouvindo. tudo é bom de ver, como diria o caetano: o público em silêncio a luz de velas, a naturalidade do time residente da casa, o prazer dos convidados por estarem lá e a canja gostosa que vem depois. ao ser convidado para participar de um sarau elétrico, o escritor sabe que passa a fazer parte de uma equipe pra lá de especial.

(Clara Corleone, 11/07/2017)

Entre as lembranças mais fortes, como convidado, lembro de uma vez que fui de bombacha; como espectador, fumei maconha com dois alemães e recebi ameaça de morte de um criminoso (em momentos não relacionados); como autor declamado, sempre me afetam as diversas vezes em que nem a Kátia, nem o Fischer, nem ninguém consegue se manter imune ao derretimento por gargalhada pra chegar até o fim de algum texto.

(André Czarnobai, 14/07/2017)

Os relatos mostram a importância dada ao Sarau Elétrico: seus frequentadores elogiam sua existência duradoura em um bar “mítico” por ser um evento cultural acessível e qualificado que mantém sua jovialidade e representa a história de Porto Alegre e sua maneira de ver as coisas. A celebração do passado percebida nesses relatos fica clara, também, na edição do Sarau intitulada “Sarau da Memória”. O texto de divulgação dessa edição está reproduzido a seguir.

Recordações, reminiscências, saudades.

Memória é o que realmente houve ou o que parece que aconteceu?

As delicadas e complicadas lembranças que nunca deixam de existir dentro da gente são o tema do próximo SARAU ELÉTRICO.

Infância, adolescência, verdes anos – lembranças de um tempo em que caminhar na rua não era perigoso e o máximo de preocupação de uma mãe era se o filho tinha levado o casaco.

Lembranças de um tempo em que dava até pra sonhar com um mundo melhor. Com a turma toda em estado de nostalgia: LUÍS AUGUSTO FISCHER, DIEGO GRANDO, ELIANA MARA CHIOSSI e KATIA SUMAN.

SARAU DA MEMÓRIA.

Vale a pena tomar um Fosfol pra não esquecer.

Canja: QUARTETO DAS MARÉS

(Rádio Elétrica, 21/03/2017)²³

²³ Disponível em: <http://www.radioelettrica.com/blog/2017/03/31/sarau-da-memoria-canja-quarteto-das-mares-21-03-17/> (Acesso em 21/08/2017).

O “Sarau da Memória”, edição de comemoração ao aniversário do Sarau Elétrico, retomou lembranças de Porto Alegre. A chamada para o Sarau destaca o que é, de fato, a memória, e deixa claro que o momento será de nostalgia. No programa em questão, Katia Suman explica que o tema do Sarau é a memória, o passado, a “nossa história”, o que inclui falar de Porto Alegre. A comunicadora, que afirma que faz 60 anos de idade no ano da gravação do programa (2017), conversa com Luís Augusto Fischer, que é apenas um ano mais novo, sobre a época em que não existia muro às margens do Guaíba. Um dos textos lidos por Fischer chama-se “Banhos de Rio”, de Gaston Mazon, que retrata a época – em 1940 – em que Porto Alegre era lugar de veraneio. Ele menciona que as pessoas saíam dos bailes com a sunga embaixo do braço, quando banhar-se no Guaíba era uma prática frequente.

A escritora Eliana Mara Chiossi, convidada dessa edição, estava pronta para se mudar para o Rio de Janeiro no momento em que o Sarau ocorreu. Nascida em São Paulo, a escritora já morou em Aracaju e em Salvador. Em Porto Alegre, morou de 1994 a 1996, e depois retornou em 2011, para ir embora, em 2017, para o Rio de Janeiro. Ela levou para o Sarau o que chamou de *Rascunho de Carta para Porto Alegre*, transcrita a seguir praticamente na íntegra:

Hoje, exatamente hoje, por volta de meio dia e meia, saiu minha mudança. Meus objetos, minhas roupas de cama, meus sapatos, meus objetos sem classificação, fotografias, todo o mosaico do passado, e meus livros. Ai, são tantos. Quando vi o caminhãozinho se ajeitando, pensei: onde estão os cachorros do meu tempo que caíam das mudanças? Vou morar na quinta cidade. Saí de São Paulo, cidade natal, morei em Aracaju, vim pra Porto Alegre, depois fui pra Salvador, e tô indo pro Rio agora. Eu cheguei a fazer uma ponte aérea que era assim: [...] Porto Alegre, Londres, Oxford, Paris, caí em Salvador, onde minha família já tava me esperando, meus filhos. Nova cidade, outro mundo. Eu e os filhos resmungando nos primeiros meses, eles também estranharam Salvador em relação ao que eles tinham vivido na Porto Alegre de 1994 a 1996, acho até que os gaúchos têm muita saudade dessa Porto Alegre (Katia: é verdade), imagino que não seja só a gente. É saudade de tudo, Porto Alegre era mágica. Melhor cidade. Outono, a melhor carne, o GreNal. Aderimos ao Inter talvez porque a bandeira fosse vermelha, como a do PT. Cidade generosa, pioneira, delicada, fervendo em cultura e gestos sociais. Porto Alegre fazia o Brasil melhor. Comecei a fazer terapia: largar o marido ou Porto Alegre? Venceu a família. Salvador com seus encantos outros, sem chance concorrer com o mar exposto diariamente com água bonita e quente. Ah, e os baianos. Uma doçura, uma festa, e aos poucos, descobrindo também, muito trabalho. Mas o frio ficou pra trás. O que fazer com tanto casaco? Nem

lembro pra onde foram. Em 2011, voltei com meu filho. Morava no Rio Branco, mas era fascinada pelo Bom Fim. Até que Marília, minha amiga, foi explícita: você tem de morar no Bom Fim, é a tua cara! E, por coincidência do destino, uma vizinha endiabrada me perseguiu tanto, porque ela sabia que meu filho fumava ‘umas maconha’, e aí o cheiro ia pra casa dela... Ela tinha quase que a idade do Lucas, mas era muito perturbada, e ela ameaçava que ia denunciar. E aí começou a ficar impossível, né. Ela tinha uns advogados, a família era toda de advogados, eu digo: ‘vai sobrar pra mim, vou-me embora’. E aí consegui vir pro Bom Fim. E achei meu apartamento na João Telles. Era meu. Fiz dele meu ninho. Eu era do Bom Fim. E ganhei tudo que o Bom Fim podia me dar. Até o medo de que Dentinho, o morador de rua, morresse em cada inverno que passava. Ficou quase normal esbarrar com Nei Lisboa no Zaffari. Nunca tive coragem de dizer pra ele ‘você é incrível!’. Então veio: Palavrarias, domingos fotográficos, [...] a fruteira do Lelo, até que ela não é mais do Lelo, oficinas na Casa de Cultura, e quase todo domingo a minha Redenção. Então algumas coisas que aconteceram comigo [...] Primeiro que eu conheci o cemitério de Belém Novo, que pouca gente conhece, um cemitério pequenininho... E eu não só conheci, como eu fui fotografada lá abraçada nas tumbas. Teve gente que não entendeu, era um projeto coletivo. Eu descobri, com o coletivo Catarse, como fazer mate, o *carijo*, tem bastante gaúcho que não sabe. Então eu fui lá pra São Miguel das Missões e tive a chance de ver fazendo como os índios guarani faziam, né, foi muito emocionante, também. O gafe no Sarau. Quando eu vim aqui, convidada por causa do meu livro, eu li um texto, do meu livro, que é horroroso... Que fala, assim, de dor e dor, várias imagens ruins pra dizer como é – agora eu posso dizer –, como é duro, como deve ser difícil ter um filho assassinado. Tava Fischer e o Moreno com filhos pequenos na onda, e eu assim ‘putz, ferrou, né’, mas já tinha lido, pior texto que eu podia ter escolhido. Eu tinha medo da Katia... Uma confissão... Não tenho mais, amo de paixão, mas eu tinha medo. Eu quase me apaixonei pelo Fischer, mas era eu e, né, eu e a torcida do GreNal, né... Não é novidade, mas foi engraçado porque depois eu virei professora e substituta, eu tive que ficar bem na minha, assim. Eu vou sempre ao mesmo chaveiro. Eu entristeço quando eu tenho medo de sair do Ocidente... Eu moro na João Telles, ali, e tenho medo de ir a pé. Isso é a cidade de hoje, né, eu penso em pegar um táxi pra ir pra minha casa (Katia: aliás, já pegou, né). Já peguei. Eu descobri que a fruteira Mãe Preta é um boteco disfarçado que quase não vende fruta. Com muita tristeza, um lugar que foi minha casa, minha casa de história, de eventos, de formação, de abrigo: a Palavraria, fechou. Eu entrei na contramão na Rio Branco quando os azulzinhos andavam pela cidade... E aí a placa era de Salvador [...] Aí eu apertei no sotaque: ‘Moço eu num sabia não que aqui era contramão, desculpe, por onde eu volto agora? Nem sei onde eu tô!’ E aí ele: ‘Tá, mas então aproveite e bota o cinto, né!’. Eu tava sem cinto também. Eu tive noitadas acordadas enquanto esperava o filho voltar da cidade. Eu descobri que a Protásio não tem fim. (Fischer: acaba em Viamão, né) E num dos eventos do domingo fotográfico, a Carla Osório quase foi esfaqueada por uma moradora de rua que a gente fotografou. Ela veio me atacar e perguntou: ‘Quê que cês tão fazendo? Tão fotografando?’. Eu disfarcei: ‘Não, é só da fonte, do jardim’. Aí ela olhou, se não era eu era a Carla. Aí ela foi atrás da Carla Osório com uma faca, e eu não podia fazer nada. Mas não matou, assim, quase. Chorei muito com o incêndio do mercado municipal. Uma tarde, o Vitor Ramil caminhava na Osvaldo, todo de cinza com um guarda-chuva, e

eu fiquei perplexa, parada, na chuva, pra vê-lo passar. A mim aquilo era um milagre. Eu virei compositora [...], fiz cinema com o coletivo Catarse... Eu sei que no sábado à tarde, pessoas saem das revistas e desfilam na Padre Chagas, mas não são reais. Eu tenho chorado um pouco todo dia nesses dias de despedida. Tudo é cíclico, me dizem, mas dessa vez talvez eu não volte, porque o Rio continua lindo, o que é que eu vou fazer? Foi difícil no início, eu confesso que os gaúchos não são fáceis, mas gosto de saber que vou embora gostando deles, e sei o que é sair de mala e cuia, literalmente, porque muita gente no Brasil fala isso mas não sabe o que tá falando. E uma música que traduz o que vai pelo meu coração hoje, que eu não vou ler agora, seria Ramilonga, que é a grande composição do Vitor Ramil.

(Eliana Mara Chiossi, Rádio Elétrica, 21/03/2017)

Interessa, aqui, a visão da escritora sobre Porto Alegre e sobre o bairro Bom Fim, bem como suas práticas declaradas. Em seguida à leitura da carta, Katia brinca ao dizer que o Zaffari do Bom Fim é o Zaffari dos artistas. Posteriormente, a comunicadora, que afirma já ter ido para o colégio de bonde, após leitura em que há afirmação de que cafés de esquina estão sendo substituídos por agências financeiras em Porto Alegre, diz que Porto Alegre perdeu sua identidade original, ao que Fischer concorda, e afirma que eles precisam mudar isso.

Katia não trata, nessa edição do Sarau, sobre o seu próprio falar. Em entrevista sobre a rádio Ipanema FM²⁴, no entanto, Katia aborda seu próprio falar de maneira breve. Essa passagem é explorada em Battisti e Oliveira (2016, p. 26): “[...] eu lia bem devagarinho. Eu falava bem devagar e as pessoas achavam que eu (es)tava drogada. Eu ria.’ Uma fala mais vagarosa, arrastada, propicia imprimir maior duração às vogais, principalmente as tônicas, de que o *ingliding* emerge”. Esse e os demais dados apresentados nesta seção serão analisados a seguir.

4.3 O *ingliding* e as *personae* descoladas do Bom Fim

Considerando o *ingliding* como uma prática estilística, e partindo do princípio de que, conforme Eckert (2005, 2012), *estilo* se refere a como os falantes combinam variáveis para a construção de *personae*, analisam-se as práticas declaradas dos

²⁴ Disponível em: <http://jackoldpunk.blogspot.com.br/2013/08/a-historia-da-radio-ipanema-fm.html> (Acesso em 13/04/2016).

participantes do *Filme Sobre um Bom Fim* e do *Sarau Elétrico*, das quais a realização da variante ditongada, objeto desta pesquisa, faz parte. Consideram-se, para tanto, noções teóricas de Bourdieu.

Na terceira onda de estudos sociolinguísticos, é importante explorar o interior de grupos sociais em suas comunidades de prática, considerando que tais grupos podem contar com ícones estilísticos tomados como modelos para a diferenciação social. Se a referência ao bairro Bom Fim é frequente entre os ouvintes do teste de percepção e avaliação a respeito do *ingliding*, é provável que exista alguma relação entre ícones estilísticos e o bairro em questão, o que pode ser nitidamente interpretado quando se analisam os resultados das análises multivariadas dos dados de fala do *Filme Sobre um Bom Fim*.

As práticas relatadas pelos 9 informantes que mais produzem *ingliding* no documentário (proporção de aplicação superior aos 30%) permitem compreender o motivo que faz com que, conforme apontou o estudo-piloto de percepção (OLIVEIRA, 2015), o falar com *ingliding* seja associado a pessoas *descontraídas*, *descoladas*, *desencanadas* e até mesmo *preguiçosas*. As contribuições desses participantes para o documentário dizem muito sobre as práticas estilísticas dos jovens da década de 1980, sujeitos que construíram o que pode ser chamado de movimento jovem no Bom Fim. Nessas práticas, há recorrente menção à transgressão, ao uso de drogas ilícitas e à *loucura* desse jovem dos anos 1980, que busca ocupar os espaços da cidade, inovar no fazer artístico e se marcar como destemido, preparado para entrar em conflito.

Os participantes em questão frequentemente abordam a diversidade que permeava os espaços do Bom Fim à época e a mistura tão característica de diferentes grupos sociais no bairro, onde os mesmos espaços eram ocupados por *malandros*, *trabalhadores* e *vagabundos*, e onde um mesmo bar reunia *teatros*, *viados*, *rockeiros* e *artistas*. Essa abertura para o diferente opõe-se ao conservadorismo da época da ditadura e marca um momento de inovação cultural na história de Porto Alegre. Era preciso, como diz um dos participantes, que os jovens fossem os “loucos” para que alguma coisa acontecesse e mudasse em uma cidade que ainda era *careta*. Essa

inovação certamente traz consigo práticas estilísticas que precisam identificar esses jovens como inovadores e *descolados*, e, considerando os resultados das análises quantitativas, a realização de *ingliding* pode se configurar como uma dessas marcas de distinção de quem é *descolado-inovador* em oposição a quem é *careta-conservador*.

Para Bourdieu (2015 [1979/1982]), as escolhas dos agentes sociais são orientadas pelo *habitus*, que explica a reprodução social (consciente ou não) a partir da semelhança nas práticas de agentes dotados de semelhantes condições de existência. Grupos sociais partilham, portanto, um *habitus* e têm semelhantes estilos de vida. Os estilos são interpretados, no espaço social, como diferenças expressivas (por exemplo, *descolado-inovador* ou *careta-conservador*), a depender das oposições distintivas relevantes no próprio espaço social.

A esse respeito, é fundamental fazer uma ressalva quanto ao que se pode associar a um *estilo do jovem do Bom Fim dos anos 1980*. Essa expressão certamente reduz uma heterogeneidade que não poderia deixar de estar presente, e que é atestada inclusive pela diferença de proporção de aplicação de *ingliding* observada entre os participantes do documentário. Nem todos os jovens que compuseram o movimento possuem seu falar marcado pelo processo, bem como nem todos os jovens associados ao estilo *descolado, inovador* ou *transgressor* são do Bom Fim. Certamente, existiam muitos estilos ali presentes. Contudo, o *louco que não sabe nem o que é trabalhar*, que fuma maconha no banheiro do cinema e que entra em conflito com a polícia constitui um modelo de transgressão que muitos imitam. Por vezes, adotar algumas marcas estilísticas desses ícones é uma estratégia para fazer parte do grupo, mas é certo que nem todos os agentes sociais do documentário partilhavam ou queriam partilhar desse estilo.

Nessa perspectiva, é interessante retomar um trecho de fala de Giba A., um dos participantes que menos²⁵ produz *ingliding* na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim* (proporção de aplicação de 3%). Ele afirma que:

²⁵ É importante fazer a ressalva de que não se sabe se aqueles que menos produzem *ingliding* no *Filme Sobre um Bom Fim* teriam, também, produzido menos *ingliding* nos anos 1980.

Eu sempre me senti muito mais filiado à tradição da rebeldia hippie e à geração paz e amor, etc., e me senti muito agredido quando apareceram os punks, new-waves. Me senti, de repente eu cheguei... Eu não sabia se eu tava, se eu tinha ficado velho, ou se eu tinha ficado careta. Ou as duas coisas ao mesmo tempo.

(Giba A. em *Filme Sobre um Bom Fim*)

O interessante desse relato é que o participante em questão se considera filiado à *tradição da rebeldia hippie* e à *geração paz e amor*, mas se opõe aos *punks* e *new-waves*. Ou seja: há, em sua prática relatada, uma busca por inovação, e mesmo uma rebeldia, que não é a mesma de outros grupos. Seu relato se opõe ao de Cristiano Z. que, com certo orgulho, relata a mistura entre grupos e menciona os *punks* e *new-waves*. Cristiano Z. é o informante que mais produz *ingliding* na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, o que não parece fortuito. O *ingliding* parece indexar estilos atrelados ao movimento jovem dos anos 1980 do Bom Fim, mas não todos. Há, nos participantes que mais produzem *ingliding* no *Filme Sobre um Bom Fim*, uma liberdade nos modos de agir mais marcada e evidente, o que se observa tanto em suas escolhas lexicais (que incluem palavras e expressões evitadas por quem busca um discurso mais formal, por exemplo, como *cacete, afudê, puta, vagabundo, beque, porra, viado, transar, merda, bosta*), quanto em suas disposições corporais no momento da entrevista, configuradas por gestos largos e/ou relaxamento corporal.

De acordo com Bourdieu (2015 [1979/1982]), o esquema corporal é um depositário de uma verdadeira visão do mundo social, de modo que as diferenças de portar o corpo exprimem a relação com o mundo social. A *hexis* corporal dos participantes do *Filme Sobre um Bom Fim* que mais produzem *ingliding* se relaciona com o que o autor afirma ser a maneira tipicamente burguesa de portar o corpo, com amplitude gestual e tempo compassado, de maneira a manifestar no espaço físico o lugar que se ocupa no espaço social. Esse modo livre e relaxado de usar o corpo tem a ver com *ingliding*, que surge em posições de proeminência prosódica como resultado de relaxamento articulatorio. Bourdieu (2008 [1982]) também explica que o estilo articulatorio é um estilo de vida que se fez no corpo e que determina uma pronúncia de classe. *Ingliding* parece ser uma característica desse estilo articulatorio determinada

pelo *habitus* e que expressa uma dimensão da *hexis* corporal que responde à tensão do mercado linguístico: a variante ditongada, por si só, é uma ferramenta de transgressão articulatória, empregada por aqueles que se marcam como tendo liberdade para tal, como dotados de competência linguística para impor critérios de produção, apropriação e apreciação. Nesse sentido, o *ingliding* pode ser interpretado, na linguagem, como um dos componentes do estilo *transgressor*.

Por ser recurso de construção estilística, os significados sociais indexados pelo *ingliding* remontam características compartilhadas com o estilo de alguns dos jovens tomados como modelos. Quem ouve ou produz a variante ditongada, mais ou menos conscientemente, o faz ativando significados sociais que resultam da construção estilística desses jovens, portanto. Tais agentes sociais partilham gostos que, para Bourdieu (2015 [1979/1982]), se encontram na origem do estilo de vida. Para o autor, consome-se aquilo que se entende que está de acordo com sua posição no espaço social. Assim, se a maior proporção de aplicação de *ingliding* nos 9 participantes selecionados indica que eles partilham um estilo de vida semelhante, eles também devem partilhar gostos.

O consumo de drogas (legalizadas, como o álcool, e não legalizadas, como a maconha) é um elemento presente nos relatos de vários dos participantes, como se pôde observar, o que permite supor que esses participantes partilham semelhante *habitus* de classe. Ele não está presente só no *Filme Sobre um Bom Fim*, mas também no Sarau Elétrico. Além disso, o gosto musical semelhante também é bastante evidente. Dos 9 participantes considerados, 4 são músicos de bandas de *rock*. A relação com a música é bem ilustrada por Polaca ao explicar como funcionava a rádio Ipanema, que tocava músicas a pedido dos frequentadores do bairro. Além disso, ela menciona o clipe dos Replicantes, banda de *punk rock*, como exemplo de inovação para a época.

Também Marcio P. faz afirmações a respeito do gosto partilhado por *rock* na época, afirmando que o gênero musical estava *na moda* e que quem quisesse estar atualizado, por dentro do que estava acontecendo, tinha que *curtir um rock gaúcho*. Se, conforme aponta Bourdieu (2015 [1979/1982]), o gosto e o consumo podem se

configurar como estratégias de enquadramento a um determinado estilo de vida ou a uma classe da qual se quer fazer parte, o consumo de drogas e o gosto por *rock gaúcho* são algumas dessas estratégias de enquadramento a um estilo de vida. Supõe-se que, linguisticamente, a aplicação de *ingliding* seja, também, uma dessas estratégias.

A relação com a música, nos anos 1980, é um reflexo da sócio-história de Porto Alegre e do Brasil na época. Faria (2001) explica que, nos anos 1970 havia três possíveis opções frente à ditadura militar, o que tinha impactos no dia a dia: (i) tentar não ver o que estava acontecendo – o que era *até fácil*; (ii) partir para o enfrentamento – a partir das *letras 'engajadas'* ou da *guerrilha*; (iii) entregar-se às drogas – para entrar num *mundo paralelo, mais feliz do que este*. Para o autor, nos anos 1970 era preciso ser *um tanto de herói* para buscar uma carreira musical. Se nos anos 1970 a música porto-alegrense tem muito a ver com a *Continental AM*, no anos 1980 a música na capital passava diretamente pela *Ipanema FM*, afirma o autor, rádio que ficava no coração do Bom Fim, que, para ele, foi o bairro porto-alegrense por excelência nos anos 1980, onde os bares *Escaler* e *Ocidente* acabavam de abrir. O autor chega a comparar, em 1985, a *Ipanema* com a *Rádio Atlântida*. A primeira, de importância *quase heroica*, como voz e veículo de uma realidade local. A segunda, *comercial*, ainda que tivesse um maior número de ouvintes, não tinha ouvintes tão “in”. Em relação ao Bar Ocidente, Faria (2011) afirma que, em 1984, o espaço começa a se definir tanto como base quanto como porta-voz de uma geração que quer ser roqueira, londrina, *dark*, *punk* ou *new-wave*. Todas essas pessoas, para o autor, muitas vezes se confundiam num mesmo *caldeirão*.

Para Faria (2001), a década de 1980 se consagrou pelo rock gaúcho:

Tudo tem a ver (como sempre) com contexto histórico. Em 82, com a abertura política, se realizavam as primeiras eleições democráticas em longos anos. Era o fim do bipartidarismo maniqueísta de ARENA e MDB. Jair Soares (PDS), Pedro Simon (PMDB), Alceu Colares (PDT) e Olívio Dutra (PT) disputavam o governo. A oposição ganhou, depois de quase vinte anos só brincando de mórmon – batia na porta mas não entrava. Isso, junto com a abertura política, foram os explosivos necessários para detonar, entre os jovens, o rock brazuca. E o rock gaúcho. É claro que já existia rock brasileiro e rock gaúcho, falamos disso horas a fio. O que surge ali é o contexto de *movimento* englobando uma verdadeira explosão de um gênero até então desprezado nacionalmente.

(FARIA, 2001, p. 288)

Faria (2001) explica que, no Brasil, tudo começa em 1982 com a *Blitz* e o seu rock *carioca* e *teatral* emplacando o hit *Você Não Soube me Amar*. Aos poucos, se estabelecia uma cena roqueira e *underground* ligada ao *movimento punk* e à *new-wave*. Em 1984, os Replicantes lançam um disco que Faria (2001) considera como um dos mais fundamentais para a história do rock brasileiro, um compacto envolvendo as músicas *Nicotina* e *Surfista Calhorda*, ambas reproduzidas no *Filme Sobre um Bom Fim*. Faria (2001) também afirma que os Replicantes se configuram como a banda *punk* mais influente dos anos 1980, e que o clipe de *Surfista Calhorda* causou polêmica, visto que muitos afirmavam que a banda *não sabia tocar*. É essa onda *punk* e *new wave* que fez com que Giba A., por exemplo, se sentisse *agredido*.

O contexto histórico abordado por Faria (2001) conforma-se à tese de Bourdieu do gosto e do consumo como orientados por um *habitus* partilhado, o que significa que esses não são resultado de livre escola. Pelo contrário, os gostos dos agentes sociais estão atrelados aos gostos daqueles que partilham um estilo de vida, de modo que a mudança no gosto deve ser resultado da mudança de condições de existência, o que tem impactos sobre o *habitus* e as práticas sociais. Vale dizer, portanto, que gostar de *rock gaúcho* nos anos 1980 não diz respeito unicamente ao gosto musical, mas também a posições ideológicas em um contexto histórico que, por sua vez, estão na base da construção do estilo de vida.

Um olhar sobre as ocupações dos participantes do *Filme Sobre um Bom Fim* leva a crer que o *ingliding* pode conferir lucro simbólico a determinados campos sociais, como os campos dos artistas e comunicadores. A sociedade é composta de campos sociais, de acordo com Bourdieu, de maneira que cada campo se configura como um mercado dotado de regras, um espaço de forças opostas e lutas simbólicas por capital. Se membros de um mesmo campo social produzem mais *ingliding* do que os demais, deve haver aí uma mobilização de capital a partir do uso da variante nesse mercado linguístico.

Embora possa se considerar que houve um *movimento* jovem nos anos 1980, permeado por *transgressão* e *enfrentamento* (das marcas) da ditadura, os significados

sociais do *ingliding* não parecem estar necessariamente relacionados a essa noção de engajamento político, mas sim a um estilo de vida que, nas palavras de Flu S., faz referência ao *louco* dos anos 1980 que transgride no consumo de álcool e no fazer artístico, mas que também não trabalha. Em verdade, uma das características associadas ao falar com *ingliding* no teste-piloto de Oliveira (2015) foi *preguiçoso*, o que pode remontar justamente essa concepção.

A esse respeito, cabe trazer para a discussão duas reações de pessoas que estiveram presentes em eventos científicos nos quais divulguei etapas desta pesquisa. São reações de um homem e uma mulher que, conforme me disseram, foram jovens nos anos 1980 e frequentaram o Bom Fim. Ambos relataram que situavam a variante ditongada na época em questão, mas seus comentários sobre aqueles que produzem *ingliding* revelam algo interessante.

O homem afirmou que, já nos anos 1980, o falar marcado por *ingliding* era imitado, alvo de piadas, dentre seu grupo de amigos. Para ele, era um falar característico do estereótipo que se tinha do *surfista* do Rio de Janeiro, imitado por porto-alegrenses. Essas pessoas, segundo ele, não faziam parte do movimento cultural e político propriamente dito. A mulher também reconheceu o falar como característico de outros grupos que não o dela enquanto frequentadora do Bom Fim. Para ela, quem falava assim eram os *filhinhos de papai* que tinham dinheiro para ficar o dia todo bebendo nos bares.

O interessante desses relatos é que eles reforçam a noção de que os agentes sociais mobilizam estratégias para que possam fazer parte de um ou outro estilo de vida. De um lado, produzir *ingliding* pode ser uma forma de vender uma ideia, partilhar uma posição ideológica que tem a ver com inovação e transgressão, mas que não necessariamente se concretiza nas ações (políticas, por exemplo). A esse respeito, vale notar que Vera G., única participante do *Filme Sobre um Bom Fim* que atua como dirigente partidária, teve 0% de aplicação de *ingliding* em seu trecho de fala no filme. Isso confirma que, no Bom Fim, circulavam não apenas os protagonistas do

movimento cultural, mas uma diversidade de tipos sociais, com diferentes posições ideológicas.

De outro, querer se afastar do estilo de vida percebido como de quem produz *ingliding* também é uma estratégia estilística. Se o falante que produz *ingliding* é aquele que pouco trabalha, pode-se querer fazer movimentos de distanciamento desse falar, e por consequência, desse estilo de vida. O *louco* e o *vagabundo* dos anos 1980 que hoje consagrou-se como músico, mesmo que não trabalhasse, de algum modo deveria conseguir seu sustento. O relato sobre serem *filhinhos de papai* pode ter a ver com o fato de que essas pessoas tenham tido, de fato, apoio financeiro dos pais durante a juventude. Por outro lado, não é incomum a visão de que artista é aquele que não trabalha, o que pode estar na base do pensamento de que quem produz *ingliding* é *preguiçoso*.

Por fim, a associação de quem produz *ingliding* com o estilo *surfista* também pode ser recuperada a partir do *Filme Sobre um Bom Fim*. É certo que a figura do *surfista* foi relevante para o momento em questão. Uma evidência disso é a própria música *Surfista Calhorda*, dos Replicantes, mencionada tanto no filme de Migotto (2015) quanto no livro de Faria (2001). Na letra, faz-se uma crítica ao estilo surfista (Tem duas *surfshops* que só abrem ao meio-dia / Vive da herança milionária de uma tia / Vai pra Nova Iorque estudar advocacia) que, embora construa um estilo de vida em volta do surfe, em verdade *não surfa nada*. Pode ser que o *ingliding* faça parte desse estilo *surfista*, pode ser que faça parte do estilo daqueles que se marcam como amantes do *rock gaúcho*, e pode ser que esteja presente em ambos, com significados sociais próximos, ressignificados. Embora conscientemente se possa fazer uma oposição entre ser ou não do estilo *surfista* em Porto Alegre e sua relação com *ingliding*, não é tão conscientemente que as pessoas operam com realizações linguísticas no mundo social. Se há alguma coisa em comum entre o *surfista hippie paz e amor* e o jovem *punk, transgressor e combativo*, é a liberdade nos modos de agir, seja pela situação financeira confortável, seja pela busca consciente dessa liberdade nas formas de expressão. Essa liberdade tem, conforme já se discutiu, impactos na *hexis* corporal a partir de movimentos

amplos e de um relaxamento de tensão articulatória que, para Bourdieu (2008 [1982]), tem a ver com a recusa das censuras motivadas pelo decoro sobre um corpo investido de *tabus*. Essa recusa é, de diferentes formas, parte dos estilos de vida aqui comparados, de forma que, se o *ingliding* tem a ver com esse relaxamento articulatório, pode estar associado a diferentes estilos de vida de pessoas que, por uma razão ou por outra, podem ser consideradas *descoladas*.

Há, nos anos 1980, influência do Rio de Janeiro sobre Porto Alegre em alguns aspectos. O ‘movimento jovem’ (da época), conforme os participantes do filme de Migotto (2015), afetou diversas capitais brasileiras. Sobre a interinfluência entre Rio de Janeiro e Porto Alegre, Marta B. relata que o grupo de teatro de que fez parte foi inspirado em um grupo de teatro carioca, o *Asdrúbal Trouxe o Trombone*. O ator Marcos B. também trata do grupo de teatro em questão, definindo-o como composto de uma *garotada cabeluda do Rio de Janeiro, falando de surfe, de baseado, as gatinhas de Ipanema*. Para o ator, o grupo abordava o teatro com *leveza, alegria e propriedade*, e eram um exemplo da *juventude falando dela mesma*. Se o *ingliding* se verifica também no falar carioca, supõe-se que tomar os cariocas como modelo pode ter inspirado artistas porto-alegrenses e ter tido impactos sobre as proporções de aplicação de *ingliding*. Não há estudos, contudo, sobre o *ingliding* no falar carioca²⁶ do ponto de vista estilístico que permitam que se fale sobre proporções de aplicação e significados sociais naquela variedade.

A interpretação dos resultados do *Filme Sobre um Bom Fim* tomam o Bom Fim não apenas enquanto espaço físico, mas também enquanto espaço social. Para Bourdieu (1998 [1993]), a relação entre a distribuição dos agentes e dos bens no espaço físico define o valor das diferentes regiões no espaço social reificado. Dessa forma, a proximidade no espaço físico permite a proximidade no espaço social, o que faz com

²⁶ Embora não tenham sido encontrados estudos a respeito do ditongo centralizado, existem menções sobre a relação entre o processo e o falar carioca. Para Colley (2009, p. 55), a presença do ditongo centralizado parece comum no Rio de Janeiro, mais perceptivelmente em *alô* [aloə] e *é* [eə]. Para Silva (2011, p. 94), ocorrem ditongos centralizados em sílabas tônicas no português falado no Rio de Janeiro, como em *bela* [‘bɛəla] e *todo* [‘toədo].

que os frequentadores do Bom Fim nos anos 1980 acumulem, juntos, capital social. Interessa saber, neste estudo, em que medida o Bom Fim, espaço físico, continua (ou não) se configurando como o mesmo espaço social dos anos 1980.

Já se sabe, pelos relatos dos participantes do *Filme Sobre um Bom Fim* e pelas informações bibliográficas levantadas, que a dinâmica do bairro mudou muito. Mas se alguns lugares emblemáticos permanecem presentes e fazem referência ao Bom Fim do passado, há características que devem persistir. É necessário explorar informações sobre os espaços físicos de Porto Alegre para que se compreenda a atual relação entre os agentes sociais com o bairro Bom Fim.

Segundo Fedozzi e Soares (2015), a maioria dos porto-alegrenses tem ocupações médias, categoria que sofreu uma pequena redução no período de 1980 a 2010, período em que a cidade se elitizou, o que foi um dos fatores que ocasionou o fim do Bom Fim como era durante o movimento jovem dos anos 1980. Essa elitização, contudo, não eliminou grandes diferenças sociais ocasionadas por desigualdade de distribuição de renda, o que afeta a organização dos bairros da cidade, em que os bairros centrais, como o Bom Fim, são habitados por agentes de categorias médias ou superiores, enquanto as áreas periféricas são povoadas por trabalhadores do setor secundário, não especializado e agricultores.

Relatos sobre o Sarau Elétrico consideram que, ainda hoje, a programação tem “a cara” de Porto Alegre, o “sotaque” e o “jeito de ver as coisas”, e que representa “um pouco da história de Porto Alegre e da cultura gaúcha”, sendo “um patrimônio cultural da cidade”. Mas o Sarau da Memória, que buscou representar, em certa medida, o passado da cidade, fez pouca menção a bairros periféricos da cidade. A carta de Eliana Chiossi para Porto Alegre, por exemplo, quando retoma o que de bom viveu na cidade, torna explícita sua paixão pelo Bom Fim e o orgulho de ser do bairro e explorar todas as suas vantagens culturais, mas pouco fala de demais regiões de Porto Alegre. Ao falar que conhece o cemitério de Belém Novo, bairro afastado da região central, a escritora enfatiza que pouca gente o conhece, o que dá início de que sua

rede de contatos é aquela que frequenta, como ela, locais centrais de melhores índices econômicos.

O que se percebe disso é que a Porto Alegre representada no Sarau Elétrico não é a Porto Alegre com menor capital econômico, mas sim a Porto Alegre das ocupações médias ou superiores. Isso acontece, de acordo com Monteiro (2012), desde o século XIX, quando os saraus de música e poesia eram práticas de lazer da elite porto-alegrense. Da perspectiva dos frequentadores do Sarau Elétrico, o Bom Fim é um bairro de referência para Porto Alegre, sendo de suma importância para a representação que fazem (e difundem) da cidade como um todo. Isso não significa que esses frequentadores ignorem a existência da desigualdade de distribuição de renda da cidade, ou que não estejam cientes do fato de que existem muitas diferenças entre os bairros, mas suas vivências em grupos de amigos, centradas em bairros como o Bom Fim, 'apagam' outros estilos de vida e tipos sociais, conduzindo-os a uma representação do porto-alegrense distinta da representação dos porto-alegrenses das regiões periféricas da cidade.

Os grupos e agentes sociais que frequentam o Sarau Elétrico partilham, portanto, um *habitus de classe*, noção que, para Bourdieu (2015 [1979/1982]), atua tanto nos esquemas de percepção quanto na ação dos agentes sociais, produzindo estilos de vida definidos pelo conjunto de práticas que determinam a classe e seus sinais distintivos. Os frequentadores do Sarau Elétrico possuem práticas harmonizadas entre si, mesmo que inconscientemente, por serem membros de uma mesma classe social. Se os estilos são mesmo resultado de um processo *bricolagem*, essas práticas englobam diversas combinações de elementos, como a vestimenta (por mim percebida como típica de agentes culturais em meu relato sobre a ida ao Sarau Elétrico) e os usos da linguagem, de que faz parte a aplicação de *ingliding*. Além disso, o *habitus* garante, como se afirmou, semelhantes esquemas de percepção. Isso explica o fato de os agentes sociais que frequentam o Sarau Elétrico terem uma percepção semelhante sobre o que é Porto Alegre e quem são os porto-alegrenses típicos.

O que parece diferente entre o Bom Fim dos anos 1980 e o Bom Fim de hoje diz respeito à mistura de agentes sociais com diferentes volumes de capital econômico, relatada no *Filme Sobre um Bom Fim*, mas pouco presente, ao menos a partir da minha interpretação enquanto participante do Sarau Elétrico, no bar Ocidente dos dias atuais. É claro que ter frequentado o evento uma única vez não permite que se faça uma generalização desse porte, mas a isso se associam os levantamentos históricos que descrevem a elitização do Bom Fim nos últimos anos.

No falar dos agentes do campo da produção cultural, o *ingliding* se salienta. Faz sentido, portanto, que o falar porto-alegrense seja percebido como marcado por *ingliding* independentemente de sua real proporção de aplicação na cidade de Porto Alegre, em razão do papel de ‘difusor’ (da cultura e de modelos culturais) que esses agentes desempenham. Se o porto-alegrense que configura as mídias da cidade e que tem poder simbólico legitimado para construir representações da cidade aplica *ingliding* em seu falar (como faz Katia Suman), a variante passa a ser representativa e não só associada ao estilo do grupo de falantes que a utiliza, mas ao falar porto-alegrense como um todo para quem não é da cidade.

A hipótese de que o falar com *ingliding* – percebido como de pessoas *descoladas*, *descontraídas*, *desencanadas* e *preguiçosas*, que falam com *sotaque* e que frequentam regiões *centrais* – indexe estilos de vida com atributos das práticas jovens no Bom Fim dos anos 1980 ganha força na medida em que um evento que celebra o passado porto-alegrense (o Sarau Elétrico) tem, como sua principal porta-voz, uma falante que utiliza frequentemente a variante em seu falar. Mais do que isso, as características do movimento dos anos 1980 estão presentes nos dados apresentados sobre as práticas dos frequentadores do Sarau Elétrico, tais como: posições político-ideológicas de esquerda; visões não conservadoras em relação ao uso de drogas como a maconha; incentivo à realização de eventos culturais e artísticos na cidade. Isso não significa que todos aqueles que partilham do *habitus de classe* em questão tenham seu falar marcado pelo ditongo centralizado que resulta do *ingliding*, mas aponta que o *ingliding* é um dos traços que pode ser partilhado por esse grupo.

Para além disso, há a evidente mobilização de capital cultural dos frequentadores do Sarau Elétrico. A frequente celebração do passado, que o tempo todo está presente no Ocidente, desde as características físicas do prédio até a forma como seus frequentadores relembram nostalgicamente os tempos idos, é, por si só, uma maneira de mobilizar capital cultural. Afinal, ter participado de um movimento que pode ser considerado como de vanguarda, como o dos anos 1980 do Bom Fim, é uma forma de marcar-se como portador de capital cultural perante outros membros da elite porto-alegrense que não participaram desse momento. Nesse sentido, o estilo de vida daqueles que partilham traços atribuídos aos jovens dos anos 1980 difere da elite mais conservadora que teria sido uma das responsáveis pela mudança sofrida no Bom Fim a partir dos anos 1990, em que o bairro deixou de ser espaço de inovação e transgressão. Essa transgressão é celebrada nos relatos sobre o Sarau Elétrico.

Passados alguns anos, ter feito parte do que se pode considerar, hoje, um *movimento* jovem, é um sinal distintivo. Para aqueles que também integraram o movimento, o *ingliding* deve indexar significados sociais contextualizados, identificadores de grupos distintos do movimento. Já para quem não fez parte, a simples realização de *ingliding* já pode ser suficiente para indexar participação no movimento e associação a um estilo de vida relacionado à vida cultural porto-alegrense. É por esses motivos que o *ingliding* configura-se como uma das estratégias de mobilização de capital cultural na busca por posições superiores no espaço social, configurado pela luta de classes. O *ingliding* parece indexar, como se suspeitava, traços incorporados de juventude, inovação, transgressão e busca por liberdade promovida pelos agentes sociais do movimento cultural do Bom Fim.

Mais importante do que ter, de fato, feito parte do movimento jovem dos anos 1980 no Bom Fim, é sentir saudade do “passado” porto-alegrense. Esse movimento de celebração do passado, mesmo que não se volte diretamente para os anos 1980, confere legitimidade a agentes sociais que não precisarão comprovar sua participação na vanguarda artística dos anos 1980, mas que se afiliam a ela quando relembram o passado da cidade. Isso se observa no relato de Eliana Mara Chiossi, que afirma ter

saudade da Porto Alegre de 1994 a 1996, tendo a aprovação de Katia Suman para essa afirmação. No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o Bom Fim já sofria o processo de disciplinamento que, de acordo com Pedroso (2009), modificou o bairro rumo ao fim do caráter de inovação e transgressão. Assim, Eliana Chiossi e Katia Suman não estão fazendo referência ao período de vanguarda dos anos 1980 quando mencionam o ano de 1994, mas não deixam de demonstrar conhecimento do que é a Porto Alegre do passado quando afirmam sentir falta dela. Isso é uma maneira de marcar-se como um porto-alegrense que, por ter ciência das modificações da cidade, possui bom volume de capital cultural.

Assim como os participantes que mais produzem *ingliding* no *Filme Sobre um Bom Fim*, os participantes do Sarau Elétrico partilham, não por acaso, gostos. Isso explica porque o Bar Ocidente, mesmo que seja aberto à diversidade e tenha o intuito de reunir pessoas de diversas tribos, não é frequentado por pessoas de posições relativamente inferiores no espaço social. Gostar de frequentar eventos culturais como o Sarau Elétrico é um privilégio de que membros de classes mais baixas estão privados por suas condições de existência, o que repercute em seus gostos e no consumo. Isso que faz com que frequentar o Sarau Elétrico e ter seu falar marcado por *ingliding* sejam estratégias de distinção social. Consumir *rock'n'roll*, não apenas mundial, mas também local, e interessar-se por literatura são características de um estilo de vida que está sintonizado com atributos do estilo do jovem dos anos 1980, partilhados por agentes com posições relativamente elevadas no espaço social.

Há, nos relatos dos frequentadores do Sarau Elétrico, não só a saudade da Porto Alegre e do Bom Fim do passado, como a manutenção de certo misticismo em volta daquilo que ocorre no Bar Ocidente, definido no texto de seu site como “um lugar mágico onde tudo, literalmente tudo, pode acontecer”. Embora eu, ao frequentar o Sarau, compreenda de que “magia” seus frequentadores tratam, associa-a mais diretamente à atmosfera do casarão, à tentativa de deixar o Ocidente de hoje semelhante ao Ocidente de 1980 e às experiências sensíveis que as leituras e as músicas podem promover em cada um. Como não frequentador assíduo do local, falho em ver

mais do que isso, mas consigo entender que a história compartilhada por aqueles que vivenciaram o Ocidente dos anos 1980 seja responsável por fazer com que o bar seja, para eles, mais mágico do que é para os outros. Nesse aspecto, estou fora desse grupo (não partilho da mesma história indexical das variáveis mobilizadas), mesmo que, pessoalmente, seja apreciador de trabalhos artísticos enquanto profissional de Letras e ator. Isso se observa, também, em minha decisão de não ficar até o final da *canja* que ocorreu no dia em que frequentei o Sarau, visto que a música não me interessou tanto.

Para aqueles que vivenciaram o Bom Fim nos anos 1980, a afirmação de que “tudo pode acontecer” no Ocidente tem outro peso, e a afirmação constante de perceber esse misticismo e rememorar a liberdade do passado de maneira nostálgica confere legitimidade e autenticidade a quem comanda esses eventos e aos frequentadores assíduos. Assim, o Ocidente, que continua sem fachada e sem divulgação excessiva, é frequentado por um grupo, de certa forma, seletivo, provido de capital social e cultural, um grupo que se considera qualificado, mesmo que isso não seja consciente para seus frequentadores que, em verdade, criticam a pompa que muitas vezes recobre o consumo de obras literárias. Ora, só é capaz de tecer tais críticas quem é conhecedor e estudioso de literatura. Além disso, frequentar (e afirmar conhecer) o Bom Fim, bairro que, conforme relatos de seus frequentadores, promove cultura e abriga o supermercado “dos artistas”, já é, por si só, uma maneira de mobilizar capital cultural. O Bom Fim consagra simbolicamente seus moradores e frequentadores, o que pode explicar a frequente menção ao bairro, que é entendido como signo.

Há no Sarau Elétrico, no Bar Ocidente e, de maneira mais ampla, no bairro Bom Fim, o que Bourdieu (1998 [1993]) chama de *efeito de clube*, visto que participar desses espaços demanda que seus frequentadores detenham capital econômico, cultural e social, e isso proporciona capital cultural e simbólico a seus membros, que se destacam em relação aos demais. Pertencer a certas categorias macrossociais é essencial, mas não suficiente para que se faça parte do clube. A *classe* a que um agente pertence, por

exemplo, é determinante para que ele possa ou não fazer parte no clube, mas sua real entrada depende de outros aspectos da construção de seu *estilo de vida*.

O *ingliding* é, nos termos de Bourdieu (2008 [1982]), parte de um mercado linguístico, onde os discursos alcançam valor e sentido a partir de negociação de significados sociais. Se a estrutura social se faz presente nas interações entre agentes e grupos sociais, e se os agentes dominantes (em razão do capital social e cultural que detêm) do mercado linguístico do Sarau Elétrico fazem uso de *ingliding*, o processo passa a ganhar força simbólica como signo de riqueza, capaz de propiciar lucro simbólico. No Sarau Elétrico, quem possui maior volume de capital simbólico é quem fala, e quem fala determina qual é a língua legítima: as pessoas que estão atrás dos microfones (comunicadores, artistas, produtores culturais). Afinal, todos aqueles sentados às mesas silenciam-se e voltam-se para ouvi-los, pois é por isso que estão ali. Nesse mercado, o *ingliding*, que pode ser percebido como “afetado” e falado por pessoas “preguiçosas” em outras circunstâncias, reveste-se de valor simbólico.

No que diz respeito à *hexis* corporal, o que se observa nos participantes do *Filme Sobre o Bom Fim* é reforçado, também, pelo discurso de Katia Suman em sua entrevista. A comunicadora reconhece que algumas pessoas achavam que estava drogada por conta de seu falar mais arrastado que, como visto em etapas anteriores da pesquisa, desencadeia o *ingliding* característico do falar da comunicadora. Ler e falar devagar pode ser uma estratégia da comunicadora para evitar equívocos em seu trabalho, mas a produção de *ingliding* resultante dessa forma de falar acaba indexando significados sociais já mencionados, que contribuem para a criação de uma *persona* associada ao movimento dos anos 1980. Além disso, o capital cultural, em estado incorporado, funciona como uma disposição duradoura do corpo, em que se pode se observar tanto o relaxamento da tensão quanto a facilidade de expressão em público, presentes nos agentes produtores de *ingliding* até então considerados.

É preciso destacar, é claro, que os significados das variáveis linguísticas, que podem ser representados por meio de campos indexicais, não são precisos ou fixos (SILVERSTEIN, 2003; ECKERT, 2008; JAFFE, 2016). Os significados sociais ativados

pelo *ingliding*, portanto, bem como os traços distintivos que o uso dessa variante projeta, podem resgatar características herdadas do movimento artístico-cultural dos anos 1980. Mas se os valores sociais atribuídos ao *ingliding* estão potencialmente sujeitos a reinterpretação e à história indexical partilhada pelos agentes sociais, a aplicação de *ingliding* pode se estender a pessoas que, tendo ou não feito parte desse movimento, encontram-se em posições semelhantes no espaço social e partilham *habitus* de classe e estilos de vida mais ou menos aproximados ideologicamente. É o que buscou medir na comunidade de fala de Porto Alegre como um todo, conforme se relata no capítulo a seguir.

Capítulo 5

INGLIDING EM PORTO ALEGRE

Neste capítulo, os resultados das análises quantitativas e qualitativas a respeito do *ingliding* em Porto Alegre, a partir de amostra estratificada de 24 informantes do acervo LínguaPOA, são apresentados e discutidos. Um pouco sobre a sócio-história de Porto Alegre é apresentado na seção 5.1. Os resultados são apresentados e sistematizados na seção 5.2: nesta seção, discutem-se os resultados das análises multivariadas com dados do LínguaPOA em comparação com os resultados da amostra do *Filme Sobre um Bom Fim* (Capítulo 4) e apresentam-se, também, dados sistematizados para análise (qualitativa) de conteúdo. Na seção 5.3, aprofunda-se a interpretação dos resultados quantitativos para variáveis sociais à luz da análise (qualitativa de conteúdo), considerando *ingliding* como prática estilística no falar porto-alegrense.

5.1 Sobre a sócio-história de Porto Alegre

A fundação de Porto Alegre, conforme Monteiro (2012), é parte do processo de conquista e expansão dos domínios de Portugal na região sul do Brasil em direção ao Prata, rio cuja foz era espaço estratégico, no século XVIII, a ser conquistado em razão da prata e do ouro extraído das minas do Peru e da Bolívia que por ali escoavam. A necessidade de animais (para o transporte de ouro e mercadorias, bem como para que deles se obtivesse carne seca e couro) promoveu a exploração do Sul do Brasil, que teve seu gado livre descoberto por tropeiros paulistas. O autor explica que tanto a Capitania quanto a população sul-rio-grandense se formaram a partir de disputas, trocas comerciais e acordos políticos entre dois polos: as iniciativas da Coroa Espanhola a partir das Missões Jesuíticas, de um lado; as investidas da Coroa Portuguesa a partir da Colônia de Sacramento, de São Vicente e de Laguna, por outro.

A primeira fase da conquista de Porto Alegre foi marcada por incursões por terra para apresamento de gado xucro e construção de currais.

Enquanto as disputas entre as Coroas de Portugal e da Espanha por territórios missioneiros se entendiam (foram concluídas somente em 1801), os colonos precisaram criar suas lavouras próximas ao riacho Dilúvio, em local conhecido como Porto do Dorneles, para promover sua subsistência. De Porto do Dorneles, o local passou a ser chamado de Porto dos Casais, conforme Monteiro (2012), após a construção de uma capela devotada ao santo popular dos Açores. Em 1772, os caminhos que ligavam Viamão a Porto dos Casais foram melhorados pelo governador da Capitania, Manuel de Sepúlveda. Em 26 de março de 1772, data considerada por historiadores como a de fundação de Porto Alegre, o povoamento desvincula-se de Viamão e é elevado a Freguesia de São Francisco da Chagas, dando início a registros de nascimentos, batismos, casamentos e óbitos.

A capital da Província é transferida de Viamão para a Freguesia de São Francisco de Chagas em 1773 por razões militares, visto que a região era localizada em ponto elevado, o que facilitava a proteção do território ao permitir visualizar um eventual movimento de tropas invasoras. Ao ser considerada capital, a localidade recebeu outro nome: Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre. O povoamento se deu às margens do Guaíba, responsável pelo abastecimento direto de água da população em uma região que ainda não contava com ruas calçadas, esgoto canalizado, limpeza urbana e iluminação pública.

Porto Alegre foi elevada à condição de vila em 1808, e à categoria de cidade em 1822. No século XIX, os largos eram os principais espaços para sociabilidades públicas na área urbana central. Tais sociabilidades ocorriam nos salões das casas de membros da elite, nos saraus, que contavam com música e poesia. As camadas médias, por outro lado, dançavam na Sociedade Bailante. Tavernas e botequins eram frequentados principalmente por homens, enquanto as mulheres ficavam em casa ou conversavam à beira do Guaíba, no mercado ou arredores, além de participar de missas e festas da igreja.

Em 1874, surgiu a primeira linha de bondes de tração animal em Porto Alegre, medida que resultou do crescimento dos arraiais e da extensão da cidade. Nesse período, a importância da presença alemã crescia através de sociedades para as práticas esportivas. Uma nova fase se inicia com a Proclamação da República, caracterizada pela complexificação e reorganização social do espaço urbano decorrente de mudanças políticas, sociais e econômicas, como: a abolição da escravidão, as mudanças na participação política, a imigração intensa de trabalhadores livres para cobrir a demanda de mão de obra na agricultura e na indústria, e a ampliação das camadas médias, decorrentes do crescimento do comércio, dos serviços e da burocracia do estado republicano. Essa reorganização social e espacial foi marcada por novos paradigmas de higienização e embelezamento inspirados em modelos urbanísticos europeus. Em 1880, quando a população de Porto Alegre era de 52 mil habitantes, as reformas urbanas se tornam mais visíveis na área central. Tais reformas obedeciam a uma concepção burguesa da cidade, em que o Centro deve ser ocupado pela burguesia e os arrabaldes pelos proletários.

Com o crescimento econômico de Porto Alegre no decorrer do tempo, novos prédios monumentais redesenham a paisagem urbana do Centro de maneira a atender novas perspectivas e espaços de sociabilidades para as elites que, na década de 1920, tornavam as confeitarias e os cafés na Rua da Praia pontos de encontro de intelectuais, advogados, políticos e artistas. Além disso, há um aumento nos meios de transporte público. A classe alta passou a se deslocar para fora do Centro, buscando regiões elevadas como os bairros Independência e Moinhos de Vento. Ao mesmo tempo, houve uma periferização da força de trabalho para novas áreas da cidade, sobretudo para o norte, em arrabaldes industriais e operários como São João e Navegantes. As melhorias urbanas que se iniciavam no Centro demoravam muito para chegar às regiões periféricas.

A Colônia Africana (de negros, escravos libertos e seus descendentes) localizava-se no terceiro distrito, prolongando-se ao norte a partir do Caminho do Meio (atual Protásio Alves) e do Campo da Redenção (atual parque Farroupilha). Já a

parte mais ao sul foi gradualmente ocupada por imigrantes italianos e judeus recém-chegados à cidade após a abertura de ruas e construção de residências modernas, baseadas em novos padrões arquitetônicos, em busca de um branqueamento da população da região.

Na década de 1940, Porto Alegre possuía quase 300 mil habitantes. A população começa a se afastar das margens do Guaíba após as enchentes causadas pelas chuvas incessantes de abril e maio de 1941. Nos anos 1950, começam a aumentar o número de apartamentos em edifício. Os meios de comunicação crescem, e o automóvel e o ônibus se firmam como meios de transporte. Em 1960, quando a cidade já conta com 641 mil habitantes, ocorre o processo de metropolização de Porto Alegre, resultando num acelerado crescimento da periferia ao longo das principais avenidas em direção aos municípios vizinhos, criando grandes vazios urbanos. O bonde entrou em processo de sucateamento, até desaparecer em 1970, ano em que a cidade conta com 885 mil habitantes. A época é marcada pelo fim da cultura urbana ligada aos cafés e por uma reurbanização da cidade que provoca, na população, a sensação de ruptura com o passado. Após denúncia de poluição do Guaíba, o afastamento em relação às suas margens aumenta.

Nos anos 1980, conforme mencionado no Capítulo 4, Porto Alegre sofreu um significativo incremento populacional que intensificou o número de moradores de apartamentos em edifícios. A vida noturna no Centro da cidade, na década de 1980, concentrava-se no bairro Bom Fim. A partir dos anos 1990, Porto Alegre vive um *boom* de empreendimentos imobiliários que culmina na criação de bairros, como Jardim Planalto e Jardim Europa. Tais empreendimentos, bem como reclamações de moradores acerca do barulho e de insegurança nas ruas, contribuem para o que os frequentadores do Bom Fim dos anos 1980 consideram um esvaziamento cultural do bairro, que deixa de ter suas ruas tomadas por jovens. Áreas da região central da cidade e da zona sul passam por um processo de elitização, sendo alvo de investimentos imobiliários voltados para camadas superiores da população.

Atualmente²⁷, Porto Alegre conta com área de 496,682 km² (2016), população estimada de 1.484.941 habitantes (2017) e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,805 (2010), o 7º melhor índice dentre as capitais brasileiras. A periferização persiste na cidade, que ainda conta com desigualdade social entre regiões centrais e periféricas no espaço urbano. O fato de o centro da cidade se localizar não no centro geográfico, mas em uma extremidade, à noroeste da cidade, acentua a dificuldade de acesso à região.

Embora não conste em nenhum mapa oficial, a divisão da cidade em quatro zonas (central²⁸, norte, leste e sul) é comumente referida entre os porto-alegrenses, mesmo que em alguns momentos demonstrem incerteza sobre os seus limites. Essa é a divisão realizada pela Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) para a circulação de ônibus em Porto Alegre, em que cada zona da cidade é atendida por determinada(s) empresa(s)²⁹. A cor dos ônibus os identifica por zona da cidade atendida. Essa divisão da cidade em quatro zonas é a utilizada para composição do acervo LínguaPOA. Baseado no mapa de circulação de ônibus em Porto Alegre, elaborou-se o mapa simplificado da Figura 7.

A área pontilhada do mapa diz respeito à Zona Central do mapa dos ônibus em Porto Alegre. Para o LínguaPOA, contudo, os limites do centro foram ampliados para que se possa englobar, em uma mesma zona, aqueles bairros cortados pela delimitação da linha pontilhada. Assim, bairros que, no mapa de transporte, são considerados como parte Zona Central, parte outra zona, foram tratados integralmente como da Zona Central³⁰.

²⁷ Dados extraídos do IBGE no site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama> (Acesso em 08/04/2018).

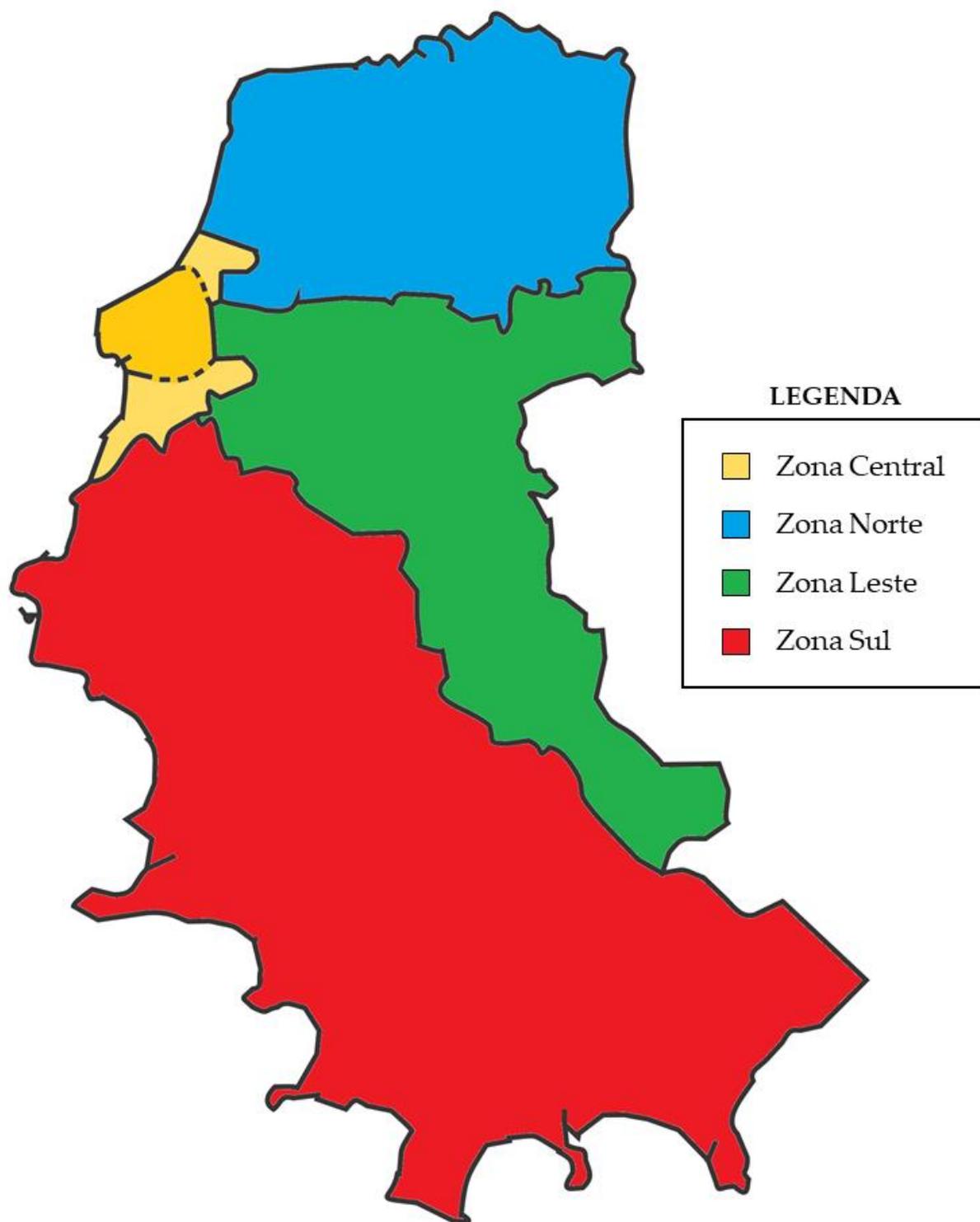
²⁸ Essa zona é comumente referida simplesmente como *centro*. A opção pela nomenclatura *Zona Central* tem a função distinguir a *zona* em questão do *bairro* Centro Histórico.

²⁹ Disponível em:

http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/cs/usu_img/regioes_atendimento_cores.jpg (Acesso em 07/06/2016).

³⁰ Isso facilita substancialmente a seleção dos informantes, na medida em que a informação do bairro em que moram é suficiente para saber de que zona fazem parte, dispensando a necessidade de solicitar, logo no primeiro contato, seu endereço de residência.

Figura 7 – Mapa simplificado de Porto Alegre em quatro zonas



Fonte: o autor.

5.2 O *ingliding* nas entrevistas do acervo LínguaPOA

Assim como apontam os resultados da amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, os dados de fala considerados na amostra de 24 informantes do LínguaPOA mostram que o *ingliding* ocorre somente no elemento mais proeminente da frase entoacional. Isso reforça a hipótese já discutida no Capítulo 4 de que o *ingliding* resulta da marcação de proeminência na frase entoacional. Em Battisti e Oliveira (2014), resultados da análise acústica de uma falante prototípica apontam que o *ingliding*, para ser perceptível, deve estar associado a alongamento vocálico. Nesse estudo, há uma comparação de duração absoluta entre vogais com e sem *ingliding*. Contudo, o estudo considerou todas as vogais tônicas (com obstruintes ou pausas nas bordas), independentemente de sua posição na frase entoacional. Os resultados da análise de regra variável com amostra-piloto do LínguaPOA (OLIVEIRA, 2016), somados aos resultados aqui apresentados, parecem corroborar a hipótese aventada de que o *ingliding* surge como efeito da marcação da frase entoacional, razão pela qual se associa ao alongamento vocálico natural dessa posição de proeminência.

Apresenta-se, a seguir, um trecho de fala (Informante 23) como exemplo de segmentação em frases entoacionais. Estão demarcados (negrito, entre colchetes) os contextos em que há possibilidade de surgimento do ditongo centralizado.

[quando se tem um bairro modificando] I
 [tá mudando o perfil da Cidade Baixa] I
 [mas ainda existem morad[o]res] I
 [(da) ant[i]gos] I
 [há esse tipo de ch[ɔv]que] I
 [mas isso só acontece o ch[ɔv]que] I
 [porque não existe mais a possibilidade] I
 [de haver um abafam[e]nto] I
 [de certas (vozes)] I

A segmentação em frases entoacionais respeita as rupturas realizadas pelos informantes no fluxo da fala. Há uma ruptura, por exemplo, no trecho de fala em que a informante 23 diz “(...) mas ainda existem moradores antigos (...)”. A informante

faz uma pausa após “moradores” e, após a pausa, reformula o que diz: inicia seu trecho de fala com “da” e imediatamente o reorganiza para acrescentar o adjetivo “antigos”, fazendo nova pausa e instaurando outra frase entoacional. Por fim, a palavra “vozes” está registrada entre parênteses por não ter sido articulada de maneira suficientemente clara, ou seja, não foi pronunciada de forma satisfatoriamente audível para que se pudesse considerar esse contexto como de possível aplicação de *ingliding*.

Este estudo não se propôs a fazer análise acústica dos dados codificados para as análises multivariadas de efeitos mistos, ou seja, não foi realizado controle quantitativo dos valores de F1 e F2 das vogais codificadas. Opera-se com a noção de ditongo como uma vogal com mudança perceptível de qualidade (CAGLIARI, 1981; CRYSTAL, 2008; LADEFOGED e MADDIESON, 1996; LAVER, 1994), de modo que a codificação se deu a partir do ouvido treinado do pesquisador com auxílio do *software* Praat em casos duvidosos, ferramenta também utilizada para levantamento de contextos.

O que se considerou como *ingliding* não percebido de oitiva em Battisti e Oliveira (2014) não é objeto de estudo desta pesquisa. Afinal, diferenças formânticas que indiquem centralização vocálica não necessariamente atestam a presença de um ditongo. Supõe-se, nesse sentido, que em um falar marcado por ditongos centralizados possa acontecer, também, a emissão centralizada de vogais tônicas, processo que só pode ser estudado a partir de um exame acústico detalhado. O recorte feito para este estudo considera casos de ditongos centralizados propriamente ditos, ou seja, de vogais com dois alvos articulatorios, e não os casos de monotongos centralizados.

O Quadro 13 apresenta as variáveis linguísticas e os fatores que compõem as análises de dados da amostra de 24 informantes do LínguaPOA.

Quadro 13 – Variáveis linguísticas do estudo de *ingliding* (LínguaPOA)

Vogal Nuclear	[i]: “ <u>i</u> ss <u>o</u> , p <u>e</u> r <u>f</u> is” [e]: “c <u>e</u> ntro, m <u>e</u> sa” [ɛ]: “ac <u>e</u> ss <u>o</u> , f <u>e</u> sta” [ɔ]: “g <u>o</u> sta, ad <u>o</u> ro” [o]: “ <u>ô</u> nibus, ar <u>o</u> z” [u]: “t <u>u</u> do, berm <u>u</u> da”
Contexto Fônico Precedente	[p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, r, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, h, l, λ, i, e, ε, a, ɔ, o, u] ou pausa
Contexto Fônico Seguinte	[p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, r, r̄, t̄, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, h, l, λ, ī, ū] ou pausa
Tipo de Sílab	aberta: “util <u>i</u> zo, cho <u>q</u> ue” fechada: “g <u>e</u> nte, p <u>o</u> rta”
Número de Sílabas	1 sílaba: “s <u>ó</u> , q <u>u</u> er” 2 sílabas: “rest <u>o</u> , dent <u>o</u> ” 3 sílabas: “ó <u>t</u> imo, mom <u>e</u> nto” 4 ou mais sílabas: “hist <u>ó</u> rico, medicam <u>e</u> nto”
Tonicidade da Palavra	monossílabo tônico: “ <u>d</u> e <u>z</u> , <u>f</u> iz” oxítona: “at <u>e</u> , f <u>i</u> zer” paroxítona: “per <u>c</u> ebo, <u>n</u> ove” proparoxítona: “pr <u>ó</u> ximo, <u>é</u> poca”
Item Lexical (efeito aleatório)	

Considerando os resultados da amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, optou-se por não operar com a distinção entre vogais orais e nasais na variável Vogal Nuclear. Considera-se, portanto, que há, fonologicamente, uma vogal oral seguida de uma consoante nasal (LOPEZ, 1979) nesses casos, como em “vendo” ([v’ẽ̃ndu]), em que a vogal é parte do fator [e] de Vogal Nuclear e tem [n] como fator de Contexto Fônico Seguinte. Contexto Fônico Precedente e Seguinte seguem os mesmos padrões de codificação da amostra do *Filme Sobre um Bom Fim* e estão organizados em Ponto de C (CLEMENTS e HUME, 1995): labial, coronal, dorsal, ou pausa. Contextos seguintes com 0% de aplicação de *ingliding* foram excluídos das análises: [r] (3 ocorrências); [f] (7

ocorrências); [r] (29 ocorrências); [ŋ] (42 ocorrências); [dʒ] (55 ocorrências); [ʊ] (319 ocorrências); [i] (656 ocorrências); [j] (1250 ocorrências).

Em comum com a amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, os contextos [r], [f], [ŋ] e [j] foram excluídos na amostra do LínguaPOA. O baixo número de ocorrências para essas consoantes impede que se afirme seu caráter bloqueador do *ingliding*, com exceção da nasal palatal, que em ambas as amostras apresenta 0% de aplicação do processo para um número expressivo de ocorrências. A representação autosegmental da nasal palatal como um segmento geminado e complexo, dotado de um nó vocálico com as mesmas características de [i], pode explicar o fato de a nasal inibir o *ingliding* da vogal que a precede. Admitindo essa representação, a presença da nasal palatal no contexto seguinte influencia a vogal tônica na direção da vogal alta [i], que compõe uma das constrições simultâneas da nasal palatal. Além disso, ao discutir a natureza geminada das soantes palatais, Wetzels (2000) aponta que a nasal palatal nunca pode ser precedida por ditongo: sua presença prevê que uma sequência de vogal e [i] sempre seja partida em duas sílabas, como ocorre com *rainha* e *moinho*.

Observa-se o seguinte em relação aos demais contextos excluídos: [t] foi excluído na amostra do LínguaPOA e não surgiu na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*; [ʃ] e [ʎ] foram excluídos na amostra do *Filme Sobre um Bom fim* e mantidas na amostra do LínguaPOA; [dʒ], [ʊ] e [i] foram excluídos da amostra do LínguaPOA e mantidos na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*. Novamente, na maioria dos casos, embora tenha-se optado pela exclusão dos dados com vistas a evitar enviesar os resultados, o baixo número de ocorrências nos *corpora* pode ser a explicação de não ter sido verificada ocorrência de *ingliding*.

As vogais não silábicas [j] e [ʊ], contudo, são numerosas no *corpus* do LínguaPOA e não apresentaram aplicação de *ingliding*. No *corpus* do *Filme Sobre um Bom Fim*, embora tenham sido mantidas, esses são os contextos seguintes em que menos ocorreu aplicação de *ingliding*, limitada às ocorrências *entendeu* [ʊ], *foi* [i] e *depois* [i]. O surgimento de *ingliding* precedido de [i] e [ʊ] se dá em contextos em que há três alvos articulatorios na emissão de uma mesma vogal, o que constitui um tritongo. Os

tritongos são estruturas que ocorrem pouco em português, estando limitadas a contextos em que [ʊ] precede a vogal nuclear e é precedido por uma oclusiva velar. Sugere-se que, de fato, os tritongos não ocorram em português, mas sim uma sequência de oclusiva velar complexa, com dupla articulação, seguida de um ditongo (SILVA, 2011, p. 214). Isso pode explicar o fato de que o *ingliding* tende a não surgir antes de vogais não silábicas.

A seleção das variáveis expressas no Quadro 13 considera as hipóteses acerca do processo de *ingliding*, já apresentadas no Capítulo 4. Diferentemente da amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, consideram-se, na amostra de 24 informantes do LínguaPOA, oito variáveis sociais. Gênero, Faixa Etária e Zona são variáveis utilizadas para estratificação da amostra em questão, de modo que estão devidamente equilibradas. Buscou-se, também, certo equilíbrio entre as variáveis Escolaridade e Renda do Bairro³¹. Além destas, Estrato Socioeconômico é considerado na análise. Idade é considerada como variável contínua e Informante como variável aleatória. As variáveis sociais e seus fatores estão expressas no Quadro 14.

Em relação às variáveis sociais, as hipóteses são de que a Zona Central favoreça a aplicação de *ingliding*. Isso se relaciona à hipótese (OLIVEIRA, 2016) de que há relação entre o uso dos ditongos centralizados e as identidades que compuseram o movimento jovem dos anos 1980 no bairro Bom Fim, o que os resultados discutidos no Capítulo 4 reforçam. Além disso, entende-se, como discutido no Capítulo 4, que o *ingliding* esteja associado a estilo de vida e, conseqüentemente, a classe social. Sendo assim, é provável que o processo seja favorecido por escolaridade *superior*, bairros de *renda alta* e estratos socioeconômicos também *superiores*, como A e B1. Esses são os

³¹ Em cada zona há três bairros de renda alta e três bairros de renda baixa, bem como dois informantes com escolaridade até o ensino médio e quatro informantes com escolaridade a partir do ensino superior. Dos seis informantes que moram em bairros de renda baixa, três são homens e três são mulheres. O mesmo se aplica para informantes que moram em bairros de renda alta. Dos oito informantes de ensino médio, três são homens e cinco são mulheres. Embora tenha se buscado minimizar o desequilíbrio, ele permanece presente, razão pela qual os resultados precisam ser interpretados considerando esse fato.

perfis sociais pressupostos daqueles com maior proporção de *ingliding* no *Filme Sobre um Bom Fim*.

Quadro 14 – Variáveis sociais do estudo de *ingliding* (LínguaPOA)

Gênero	masculino feminino
Faixa Etária	1ª faixa etária: 20 a 39 anos 2ª faixa etária: 40 a 59 anos 3ª faixa etária: 60 ou mais anos
Idade	(variável contínua: 21 a 78)
Zona	Zona Central Zona Norte Zona Leste Zona Sul
Escolaridade	até Ensino Médio Ensino Superior
Estrato Socioeconômico	A (renda média domiciliar ³² : R\$20.272,56) B1 (renda média domiciliar: R\$8.695,88) B2 (renda média domiciliar: R\$4.427,36) C1 (renda média domiciliar: R\$2.409,01) C2 (renda média domiciliar: R\$1.446,24) D-E (renda média domiciliar: R\$639,78)
Renda do Bairro	renda alta ³³ renda baixa
Informante (efeito aleatório)	

Além disso, se há relação entre aplicação de *ingliding* e a década de 1980, a faixa etária que deve favorecer a aplicação do processo é a segunda faixa etária (40-59 anos), composta por aqueles que, por volta dos anos 1980, eram jovens ou adolescentes. É preciso investigar, também, se a variável Gênero condiciona o processo. O fato de o *Filme Sobre um Bom Fim* contar com muito mais dados de homens do que de mulheres

³² Dados obtidos do Critério Brasil de Estratificação Econômica da ABEP válido a partir de 01/01/2015.

³³ Dados obtidos do ObservaPOA.

pode indicar que o perfil social em questão, que deve ter motivado a seleção dos participantes do filme, deve ser principalmente composto por homens.

É importante ressaltar que, embora se explore a hipótese de relação entre *ingliding* e o movimento jovem dos anos 1980, não está se partindo do princípio de que o *ingliding* esteja limitado ao bairro Bom Fim, ou àqueles que participaram do movimento. É justamente isso que motiva a comparação de dados entre o *Filme Sobre um Bom Fim* e a amostra do LínguaPOA.

Considerando os critérios apresentados, a amostra de dados de 24 informantes do LínguaPOA contou com um total de 6101 ocorrências consideradas nas análises multivariadas de efeitos fixos e de efeitos mistos. A distribuição geral das variantes está expressa na Tabela 6.

Tabela 6 – Distribuição geral de *ingliding* (LínguaPOA)

Codificação	Nº de ocorrências	Proporção
Monotongo	5799	95%
Ditongo centralizado	302	5%
Nº total	6101	

O *ingliding*, ainda que seja associado a uma marca característica do falar porto-alegrense, apresenta apenas 5% de proporção de aplicação na amostra considerada. Os resultados são interessantes se comparados com os da amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, que apresenta uma proporção total de aplicação de *ingliding* mais de três vezes maior: 15,5%. Esse resultado revela que a percepção de que o *ingliding* deve ter a ver com o falar do Bom Fim não parece estar equivocada. Entram em jogo, na comparação, contudo, não só a diferença nos perfis sociais de quem compõe as duas amostras, mas também a diferença no método de obtenção dos dados.

Se, de um lado, o resultado permite que se pense que, de fato, os perfis sociais e os estilos daqueles que falam no *Filme Sobre um Bom Fim* devem estar fortemente atrelados à produção de *ingliding*, de outro, é possível que a maior proporção tenha a ver com a própria situação comunicativa de discurso público. Os dados, nas

entrevistas sociolinguísticas, são anônimos e se pretendem espontâneos. Já no *Filme Sobre um Bom Fim*, os participantes estão cientes de seus falares irão compor um documentário, ou seja, sabem que seus dados são públicos e que serão consumidos por certa audiência.

De acordo com Rickford (2011), as oportunidades para estilização crescem junto com a audiência, o que significa que as performances que envolvem grandes audiências são mais estilizadas pelo fato de, nessas situações, as pessoas estarem tentando projetar *personae* de maneira mais consciente do que o fazem no dia a dia. É exatamente isso que pode estar acontecendo no *Filme Sobre um Bom Fim*, o que pode tornar esses agentes sociais ícones estilísticos que, no filme, falam para uma audiência considerável. Para além disso, pode-se supor que, em alguma medida, o *ingliding* tem relação com um falar midiático em Porto Alegre.

Somente uma das seis variáveis linguísticas consideradas na análise multivariada de efeitos fixos não foi selecionada como correlacionada ao *ingliding*. Trata-se da variável Tipo de Sílabas, expressa na Tabela 7 a seguir.

Tabela 7 – Variável linguística não correlacionada com *ingliding* (LínguaPOA) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Tipo de Sílabas				
aberta	[0,51]	0,033	5%	4680
fechada	[0,49]	-0,033	4,7%	1421

Input: 0,049. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

Na Tabela 7, apresentam-se os resultados nos mesmos moldes do que se fez no Capítulo 4: para as variáveis não selecionadas, apresentam-se *logodds* e pesos relativos obtidos de análises univariadas da primeira etapa do *step-up*. Tanto os pesos relativos quanto os *logodds* estão extremamente próximos do ponto neutro, o que reforça a probabilidade de as diferenças não serem estatisticamente significativas. Esperava-se que, como nos resultados da amostra-piloto (OLIVEIRA, 2016), Tipo de Sílabas se configurasse como correlacionada ao processo, o que não se comprovou em nenhuma

das amostras consideradas nesse estudo. O alongamento a que sílabas abertas estão sujeitas, portanto, não causa suficiente impacto nas sílabas proeminentes da frase entoacional para que favoreça o *ingliding*.

Dentre as variáveis sociais, somente Renda do Bairro não foi selecionada como correlacionada ao processo. É o que se observa na Tabela 8.

Tabela 8 – Variável social não correlacionada com *ingliding* (LínguaPOA) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Renda do Bairro				
renda alta	[0,55]	0,216	5%	3058
renda baixa	[0,45]	-0,216	4,7%	3043

Input: 0,048. [] indicam a não seleção da variável como significativa.

Novamente, os resultados estão próximos do ponto neutro. Como se verá a seguir, outras variáveis associadas a classe social – Escolaridade e Estrato Socioeconômico – foram selecionadas como correlacionadas. A não seleção de Renda do Bairro, portanto, não significa que o processo não esteja correlacionado à classe social dos informantes. O que o resultado mostra é, na verdade, que não necessariamente quem mora em um bairro de renda baixa possui estrato socioeconômico inferior ou menor nível de escolaridade. Em um mesmo bairro, vivem pessoas de renda mensal alta e baixa. Se moradoras de prédios seguros e condomínios fechados, e se transitam de carro pela cidade, essas pessoas podem ser pouco afetadas pelas características do bairro em que moram como um todo. Os critérios Estrato Socioeconômico e Escolaridade parecem, portanto, mais reveladores do perfil socioeconômico dos informantes.

Em relação às variáveis linguísticas correlacionadas ao processo, repete-se a ressalva do Capítulo 4 de que variáveis excludentes/dependentes entre si foram analisadas separadamente, embora estejam apresentadas numa mesma tabela. Os resultados para essas variáveis na análise multivariada de efeitos mistos estão apresentados na Tabela 9 a seguir.

Tabela 9 – Padrão de *ingliding* de acordo com variáveis linguísticas (LínguaPOA) – análise multivariada de efeitos mistos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Vogal Nuclear^a				
[ɛ]	0,80	1,407	11%	1376
[ɔ]	0,74	1,035	7,1%	703
[e]	0,60	0,382	4,5%	1301
[o]	0,49	-0,038	3%	659
[i]	0,28	-0,937	1,3%	1608
[u]	0,14	-1,849	0,4%	454
<i>Range</i>	66			
Contexto Fônico Seguinte – Ponto de C^{a b}				
pausa	0,57	0,298	6,9%	1772
coronal	0,57	0,268	4,8%	3306
labial + dorsal	0,36	-0,565	2%	1023
<i>Range</i>	21			
Número de Sílabas^{c d}				
1 sílaba	0,58	0,31	8,6%	1439
2+ sílabas	0,43	-0,31	3,8%	4662
<i>Range</i>	15			
Tonicidade da Palavra^e				
monossílabo tônico	0,63	0,543	8,6%	1439
oxítone	0,45	-0,203	2,5%	773
paroxítone	0,49	-0,044	4,1%	3646
proparoxítone	0,43	-0,295	3,7%	243
<i>Range</i>	20			

^aInput: 0,008. ^b $\chi^2 = 0,864(1)$, $p > 0,30$. ^cInput: 0,012. ^d $\chi^2 = 0,566(2)$, $p > 0,70$.

^eInput: 0,009.

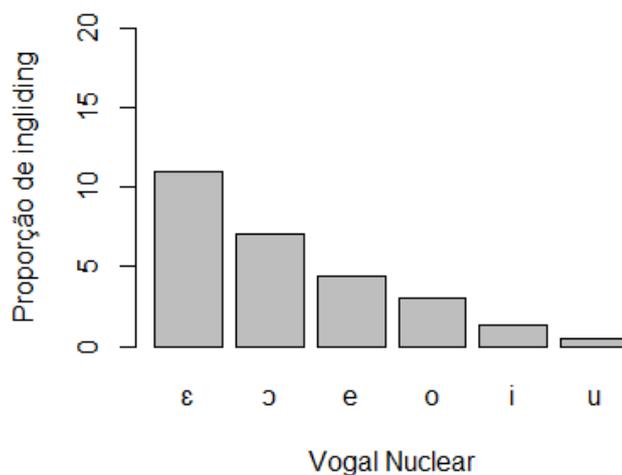
Como ocorreu na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, Vogal Nuclear e Contexto Fônico Seguinte foram selecionadas como fortemente correlacionadas ao *ingliding*. Diferentemente, contudo, outras duas variáveis foram selecionadas: Número de Sílabas (amalgamado) e Tonicidade da Palavra. Na análise multivariada de efeitos fixos (Anexo 2, Tabela B), Contexto Fônico Precedente também foi selecionada como correlacionada, o que não se sustenta quando se incluem Informante e Item Lexical como variáveis aleatórias.

Os resultados para Vogal Nuclear e Contexto Fônico Seguinte são semelhantes aos resultados da amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*. Para Vogal Nuclear, as médias-baixas são favorecedoras, juntamente com a média-alta anterior. A média-alta posterior apresenta valor neutro, e as altas desfavorecem o processo, sendo a vogal alta posterior a mais desfavorecedora. O que difere nas amostras é que, no *Filme Sobre um Bom Fim*, a vogal [ɔ] tem peso relativo superior a [ɛ], o contrário do que ocorre no LínguaPOA. Para Contexto Fônico Seguinte, pausa e ponto coronal, respectivamente favorecem o processo, enquanto os pontos labial e dorsal, amalgamados, desfavorecem.

Resultados semelhantes para Vogal Nuclear já haviam sido encontrados em amostra-piloto do LínguaPOA (OLIVEIRA, 2016), quando se supôs que a explicação para o favorecimento das médias-baixas tinha a ver com sua posição no trato vocálico, próxima à posição que em geral ocupa o *glide* central que se caracteriza como o segundo alvo articulatorio do ditongo centralizado. Sendo o *glide* resultante de *ingliding* um *glide* central próximo a [a] no espaço vocálico, tal resultado faz sentido articulatoriamente. Afinal, se a ditongação estudada não surge em razão do segmento vizinho, mas sim da própria vogal tônica, é de se esperar que seja favorecida por vogais mais próximas ao *glide* central, o que demanda menor esforço e movimento articulatorio entre o ponto inicial e final do ditongo.

O fato de Vogal Nuclear ser selecionada como a variável mais fortemente correlacionada ao *ingliding* a partir da ordem de seleção apresentada nas rodadas com o Rbrul pode ter relação com a decisão de manter as vogais altas como fatores da variável, mesmo que possuam baixa aplicação do processo. Isso faz com que o *range* de pesos relativos dessa variável seja bastante alto. O Gráfico 1 a seguir facilita a visualização da relação entre *ingliding* e a altura da vogal nuclear em que ocorre.

Gráfico 1 – Proporção de aplicação de *ingliding* por Vogal Nuclear



Fonte: o autor.

As proporções de aplicação de *ingliding* são mais baixas quanto mais alta for a vogal nuclear. Além disso, a diferença entre vogais de altura distinta é estatisticamente significativa, como mostram testes de qui-quadrado. Em relação a vogais de mesma altura, observa-se diferença estatisticamente significativa somente entre [ε] e [ɔ] ($\chi^2 = 7,508(1)$, $p < 0,01$). A diferença entre as médias-baixas ($\chi^2 = 1,961(1)$, $p > 0,10$) e entre as altas ($\chi^2 = 1,683(1)$, $p > 0,10$) não é estatisticamente significativa.

Donegan (1978) afirma que é comum *up-/out-gliding* e *in-/down-gliding* ocorrerem na mesma língua ou dialeto, mas os dois fenômenos são independentes, não diretamente relacionados nem fonética nem fonologicamente. É o que parece ser o caso para os ditongos do português brasileiro. Battisti (2013) retoma análises de Bisol (1989, 1994, 2012) sobre verdadeiros (*leite, bairro, oito*) e falsos ditongos (*caixa, peixe, dinheiro, ouro*) no português e os compara ao *ingliding*. Verifica que as motivações fonético-fonológicas do *ingliding* não são as mesmas. Se os falsos ditongos (do tipo *up-/out-gliding*) surgem da assimilação de ponto do segmento vizinho, o ditongo centralizado no português de Porto Alegre surge da vogal sozinha, uma das possibilidades de ditongação exploradas por Donegan (1978). O processo parece ser, como observou Battisti (2013), seguindo Clements e Hertz (1996), intrínseco ao fone vocálico.

Embora os dados neste estudo não tenham sido submetidos a análise acústica para atestar a proximidade entre [a] e as vogais médias-baixas, Sândalo *et al.* (2013),

em uma comparação de valores de F1 para os dialetos porto-alegrense e baiano, mostram que a grande diferença entre eles diz respeito justamente aos valores das vogais médias-baixas: no dialeto porto-alegrense, tais vogais tônicas estão mais próximas de [a], enquanto essas mesmas vogais estão mais próximas das médias-altas no dialeto baiano. Soma-se à proximidade articulatória a motivação mencionada por Hayes (2009), de que as vogais com o traço [-tenso] (baixas e médias-baixas, em sua concepção) tendem a realizar o movimento de *in-/down-gliding* quando formam ditongos.

Para Donegan (1978), alongamento e ditongação são processos distintos (sendo o primeiro prosódico e o segundo segmental), mas um pode influenciar o outro: quanto maior é a duração, maior é a possibilidade de uma articulação heterogênea que ocasione a mudança de qualidade perceptível que constitui o ditongo. A autora aponta que vogais tensas e vogais distensas alongadas são extraordinariamente suscetíveis à ditongação em línguas germânicas. A ditongação não ocorre apenas, ou principalmente, como uma maneira de manter ou apagar uma duração distintiva. Um exemplo disso é o fato de que as ditongações nas línguas românicas ocorreram, como afirma a autora, depois da perda de distinção associada à duração do Latim Clássico. Assim, não é o alongamento distintivo, apenas, que favorece a ditongação, mas também o alongamento intrínseco e o alongamento contextualmente determinado.

Não é à toa, portanto, que o *ingliding* no português de Porto Alegre ocorra em sílabas tônicas e em contexto de proeminência nas frases entoacionais, afinal tanto um contexto quanto outro têm, como resultado, o aumento de duração vocálica. No que diz respeito à duração intrínseca, afirmar que o *ingliding* decorre de aumento de duração também faz sentido quando se observam os demais resultados para variáveis linguísticas aqui apresentados.

Um aspecto considerado universal para Lehiste (1970) a respeito da duração vocálica intrínseca diz respeito à natureza da própria vogal (ponto e modo de articulação), considerando *duração intrínseca* como a duração do segmento conforme determinado pela qualidade vocálica. A duração intrínseca das vogais estaria

correlacionada com a altura da língua: uma vogal alta é mais curta do que uma vogal baixa. A autora afirma que é provável que as diferenças na altura vocálica de acordo com grau de abertura das vogais sejam fisiologicamente condicionadas e, portanto, universais: a maior duração das vogais baixas se deve à maior extensão dos movimentos articulatorios envolvidos na sua produção.

A distribuição de *logodds* e pesos relativos da variável Vogal Nuclear podem estar correlacionados, portanto, à duração intrínseca das vogais consideradas, visto que a ordem se conforma a esse padrão: quanto mais baixa a vogal, mais favorecedora de *ingliding*. Mesmo a diferença nos resultados para a amostra do *Filme Sobre um Bom Fim* não afeta essa tendência – embora haja uma inversão entre as médias-baixas anterior e a posterior, ambas continuam favorecendo o processo mais do que todas as outras. Como não há certeza da proveniência de todos os participantes do filme, o resultado obtido com dados dos informantes do LínguaPOA é mais confiável em relação ao padrão da comunidade.

Barbosa (1996) atesta essa e outras afirmações de Lehiste (1970) em estudo acústico com dados do português brasileiro, obtidos de um falante paulista de 30 anos de idade. As médias das durações vocálicas confirmam o esperado, mostrando as vogais médias-baixas como as de maior média de duração, tanto entre as vogais anteriores quanto entre as vogais posteriores. O mesmo se observa em Escudero *et al.* (2009), que consideram dados de homens e mulheres falantes de Português Brasileiro e de Português Europeu.

O resultado para Contexto Fônico Seguinte reforça a ideia de que o *ingliding* não resulta de assimilação. Afinal, o contexto mais favorecedor é o contexto de pausa, quando não há segmento adjacente. Mesmo Contexto Fônico Precedente, embora deixe de ser selecionado na rodada com variáveis aleatórias, apresenta o mesmo resultado para contextos de pausa. Esses achados reforçam a possibilidade de que deve haver algo na própria vogal que motive a ditongação.

Colley (2009), em seu estudo da ditongação de vogais antes de /s/ em final de palavra no português carioca, realiza exames acústicos em diferentes ambientes

fonéticos. Embora não seja o objeto de estudo de Colley (2009), o autor encontra realizações de ditongos centralizados em contexto pré-pausa. O autor afirma que os *glides*, nesses contextos, tendem a se movimentar na direção das vogais centrais [a], [ə] ou [i], o que atribui ao movimento da língua em direção à posição de repouso antes do término do vozeamento da vogal. O autor encontrou exemplos de *off-glides* longos em direção a vogais centrais (em ambiente tônico, pré-pausa, em final de palavra) para todas as vogais exceto /a/.

Para Colley (2009), a presença do *glide* central parece comum no Rio de Janeiro e é particularmente perceptível quando as pessoas atendem ao telefone (*alô* [aloə]) e na palavra *é* [ɛə] quando utilizada como uma forma de *backchanneling*³⁴. Embora isto não tenha sido abordado por Colley (2009), os resultados deste estudo podem fornecer explicações para a observação do autor, na medida em que evidencia a relação entre *ingliding* e proeminência prosódica. Afinal, os exemplos mencionados pelo autor são de contextos em que os itens lexicais em questão formam frases entoacionais sozinhos.

Mas o que explicaria o fato de o ponto coronal ser, também, favorecedor, enquanto os pontos labial e dorsal desfavorecem a aplicação do processo? E qual a explicação para os resultados de Número de Sílabas e Tonicidade da Palavra, selecionados para a amostra de 24 informantes do LínguaPOA? Interessantemente, há uma possibilidade de interpretar esses resultados também em função da duração dos segmentos.

Lehiste (1970), ao tratar da duração intrínseca, também menciona a influência dos segmentos precedentes e seguintes à vogal em sua duração. O primeiro estudo mencionado por Lehiste (1970) sobre esse aspecto, considerado pela autora como um dos mais cuidadosamente controlados a respeito do assunto, é o de Fischer-Jørgensen (1964) sobre o dinamarquês. Ao resumir os achados de Fischer-Jørgensen (1964), Lehiste (1970) explica que a duração da vogal depende do tamanho do movimento dos

³⁴ De acordo com Crystal (2008, p. 48), *backchanneling* é um termo utilizado na Pragmática e na Sociolinguística como parte do estudo do comportamento do ouvinte na interação. Faz referência a reações dadas ao falante como uma forma de *feedback* (respostas monossilábicas, repetições do enunciado, acenos de cabeça, etc.).

órgãos da fala desde a posição da vogal até a posição da consoante que segue: quanto maior for o movimento, mais longa será a vogal. Isso explica o fato de que todas as vogais estudadas ([i, u, y]) se mostraram mais curtas antes de /b/ do que de /d/ e /g/. Na sequência entre vogal e consoante labial, estão envolvidos dois articuladores diferentes, de modo que não há atraso no movimento do alvo vocálico para o alvo consonantal. No estudo, exemplifica Lehiste (1970), houve aumento da duração antes de /d/ e valor intermediário antes de /g/ para a vogal /u/. A autora argumenta que os resultados de Fischer-Jørgensen (1964) estão de acordo com achados reportados para o inglês por Peterson e Lehiste (1960), em que as vogais curtas foram mais longas antes de /t/, mais curtas antes de /k/ e mais curtas antes de /p/. Para as vogais longas, sonoras ou surdas, as coronais aumentaram sistematicamente a duração da vogal se comparadas com labiais e dorsais (entre essas últimas, as labiais são sempre as que mais incorrem em encurtamento da vogal). A exceção se dá apenas na nasal velar, contexto excluído da análise de *ingliding*. Comparando a nasal alveolar e a bilabial, a primeira propicia maior duração vocálica do que a segunda, em conformidade com os demais resultados. Em sua revisão dos resultados, contudo, Lehiste (1970) afirma que esses padrões podem variar de língua para língua, embora exista uma tendência em presumir que o que acontece com o inglês, língua mais extensivamente estudada, deve acontecer também com outras línguas.

Em seu *Manual de Fonética Acústica Experimental*, Barbosa e Madureira (2015) ilustram o efeito do tepe alveolar sobre os formantes das vogais adjacentes. Tal efeito do tepe é, como explicam os autores, similar àquele das oclusivas alveolodentais, que também são articulados com a ponta da língua e possuem um ponto de articulação próximo ao do tepe. Tais segmentos reduzem o F1 das vogais adjacentes e ocasionam abaixamento/levantamento de F2 e F3 a depender da qualidade da vogal em questão, se anterior ou posterior: abaixamento à margem das vogais anteriores e aumento à margem das demais vogais. Abaixamento de F2 nas vogais anteriores e aumento de F2 nas vogais posteriores é justamente o que acontece na criação de ditongos centralizados. Os autores explicam que a produção do tepe e das oclusivas

alveolodentais gera um *locus* acústico entre a frequência de F2 das vogais anteriores e das posteriores – uma frequência de F2 mais centralizada, portanto. Tais indícios podem apontar que há correlação, também, entre o ponto coronal e a possível centralização vocálica. Contudo, as medidas formânticas das vogais sofrem outras perturbações em outros contextos consonantais, de modo que a generalização não pode ser feita com precisão.

A aparente universalidade da duração intrínseca das vogais mais baixas, somada à posição articulatória das mesmas, fornece mais segurança para interpretar os resultados para Vogal Nuclear do que para Contexto Fônico Seguinte. É interessante notar, contudo, que a nova organização de Contexto Fônico Seguinte em Ponto de Consoante fez com que a variável passasse a ser selecionada como correlacionada ao *ingliding*, algo que não aconteceu na amostra-piloto do LínguaPOA, em que não se operou com essa organização. Além disso, o amálgama de labial com dorsal é, como mostra o teste de qui-quadrado, estatisticamente justificável, o que sugere que esses pontos de consoante podem partilhar características que desfavorecem o surgimento do ditongo centralizado. Tais interpretações dos resultados aqui sugeridas devem ser submetidas a análises mais detidas, a contar com medições acústicas, para que possam ser validadas ou refutadas.

Em relação a Número de Sílabas e Tonicidade da Palavra, antes que se passe à discussão dos resultados, é preciso que se faça a ressalva de que, em alguma medida, ambos os resultados podem potencialmente estar dizendo a mesma coisa. Em Número de Sílabas, itens de uma sílaba favorecem a aplicação de *ingliding*; em Tonicidade da Palavra, os monossílabos tônicos favorecem a aplicação. Ora, nos dados considerados, todos os itens de uma só sílaba são monossílabos tônicos. Manter ambas as variáveis, contudo, permitiria compreender o que está em jogo, se tonicidade ou tamanho da palavra. Contudo, isso é difícil de distinguir a partir dos resultados obtidos.

Lehiste (1970) aborda também outro fator que influencia a duração de um som: sua posição dentro de uma unidade fonológica mais alta. Em algumas línguas, afirma a autora, parece que duração da palavra como um todo tende a permanecer constante,

de modo que quanto maior o número de segmentos, menor a duração de cada segmento. Para ilustrar, a autora recupera um estudo do húngaro de Tarnóczy (1965) que mostra que quanto maior a palavra, menor é a duração das vogais, o que faz com que uma vogal longa fonologicamente acentuada em uma palavra relativamente longa tenha seu valor de duração comparável a uma vogal curta não acentuada fonologicamente. A duração na língua continua contrastiva, de forma que se deve concluir que os ouvintes interpretam a duração de um som particular relacionando-o com a duração da palavra como um todo.

Esse aspecto teria de ser testado no português para que se pudesse verificar se há maior duração vocálica em monossílabos do que em palavras com mais sílabas, de maneira a influenciar os resultados aqui obtidos. Além disso, o resultado de monossílabos, nos dados analisados, sofre influência tanto da vogal nuclear quanto do contexto seguinte, o que dificulta sua análise em isolado. Dos 1439 *tokens* de monossílabos, 1215 têm pausa como contexto seguinte (dito de outra forma, de 1772 ocorrências de pausa como contexto seguinte, 1215 são de monossílabos). Em relação à vogal nuclear, dos 1439 monossílabos, 809 são da vogal média-baixa anterior. Dessas, 302 ocorrências são ocorrências de “é” e 478 são ocorrências de “né”, os dois itens lexicais mais frequentes no *corpus* (com proporções de aplicação de *ingliding* de 14,2% e 11,7%, respectivamente).

Isso significa, portanto, que se a vogal média-baixa anterior e a pausa como contexto seguinte têm papel sobre o *ingliding*, o resultado para monossílabos pode estar apenas refletindo esses aspectos. Essa é uma limitação do método quantitativo aqui empregado, em que se busca o equilíbrio de ocorrências para fatores de determinadas variáveis sociais, mas não para as variáveis linguísticas.

A respeito da diferença entre as amostras do LínguaPOA e do *Filme Sobre um Bom Fim* na seleção das variáveis linguísticas como correlacionadas ao *ingliding*, é necessário levar em conta alguns aspectos associados às diferenças nas situações comunicativas. Nas entrevistas sociolinguísticas, em que os informantes podem ser surpreendidos pelas perguntas realizadas, e que nenhuma edição de seu falar é feita,

tem-se uma proporção geral de pausa como contexto seguinte de 29%. Já na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, uma versão editada dos relatos que deram os participantes, que provavelmente sabiam sobre o que iriam falar (e tiveram, portanto, certo tempo para planejar o que diriam), a proporção geral de pausa como contexto seguinte é de 18,6%.

Esse fato deve afetar os resultados quantitativos obtidos, portanto. “É” e “né” são monossílabos precedidos por pausas que muitas vezes têm a função de preencher espaços vazios no discurso, quando se está pensando no que vai ser dito ou quando se reformula o dito. Na amostra do LínguaPOA, as proporções gerais de “é” e “né” como itens lexicais são de, respectivamente, 4,95% e 7,83%. No *Filme Sobre um Bom Fim*, as proporções são bem mais baixas: 2,22% e 4,86%, respectivamente. Também nessa amostra, esses são os itens lexicais mais frequentes, com proporções de aplicação de *ingliding* de 37,8% e 17,3%, respectivamente.

Considerando as limitações da comparação, e englobando tais limitações na interpretação dos resultados, o que se pode concluir é que as variáveis selecionadas em ambas as amostras devem ser aquelas que estão mais fortemente correlacionadas ao *ingliding*. A isso soma-se o fato de que, na amostra do LínguaPOA, em que, talvez pelo maior número de dados, há seleção de outras variáveis, Vogal Nuclear e Contexto Fônico Seguinte são, dentre as linguísticas, as primeiras selecionadas nas análises com o Rbrul, nessa ordem. Também os resultados para os fatores dentro de cada variável apontam que os condicionamentos linguísticos devem ser os mesmos nas duas amostras. Pode-se supor que os porto-alegrenses repetem os modelos dos ícones estilísticos, mesmo que com menores taxas de aplicação.

Em relação às variáveis sociais, os resultados da análise multivariada de efeitos mistos são reveladores: nenhuma variável social é selecionada. Isso significa que o processo é favorecido somente por alguns informantes da amostra, mas não pelas características macrossociais desses informantes, como uma análise de efeitos fixos pode levar a crer. Os resultados para as variáveis sociais na análise de efeitos fixos (Tabela 10) apontam Estrato Socioeconômico, Escolaridade, Faixa Etária, Gênero e

Zona como variáveis correlacionadas ao *ingliding*. Embora não tenham sido selecionadas na análise de efeitos mistos, os resultados para as variáveis sociais selecionadas na análise de efeitos fixos serão brevemente discutidos. Tais discussões serão recuperadas em nova análise, reportada mais adiante, a partir de um recorte da amostra de 24 informantes do LínguaPOA.

Tabela 10 – Padrão de *ingliding* de acordo com variáveis sociais (LínguaPOA) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Estrato Socioeconômico^{a b}				
A/B1	[0,68]	0,771	6,9%	3886
B2/C1/C2	[0,32]	-0,771	1,6%	2215
<i>Range</i>	36			
Escolaridade^c				
Ensino Superior	[0,65]	0,618	6,5%	4032
Ensino Médio	[0,35]	-0,618	1,8%	2069
<i>Range</i>	30			
Faixa Etária^c				
60+ anos	[0,49]	-0,053	4%	2206
40-59 anos	[0,63]	0,540	7,7%	2006
20-39 anos	[0,38]	-0,486	3,2%	1889
<i>Range</i>	25			
Gênero^c				
masculino	[0,55]	0,183	6,6%	3050
feminino	[0,45]	-0,183	3,3%	3051
<i>Range</i>	10			
Zona^c				
Zona Central	[0,58]	0,322	6,4%	1559
Zona Sul	[0,50]	0,020	5,5%	1465
Zona Leste	[0,47]	-0,137	4,1%	1507
Zona Norte	[0,45]	-0,204	3,9%	1570
<i>Range</i>	13			

^aInput: 0,017. ^b $\chi^2 = 8,222(1)$, $p > 0,04$. ^cInput: 0,016.

[] indicam a não seleção da variável na análise de efeitos mistos.

Estrato Socioeconômico e Escolaridade foram analisadas separadamente por serem dependentes entre si no Critério Brasil de Estratificação Econômica: possuir nível superior conta pontos para a definição do estrato socioeconômico. Além disso,

os fatores da variável Estrato Socioeconômico foram amalgamados em dois de modo a simplificar a variável e a equilibrar os dados. Com o maior *range* dentre as variáveis sociais, os estratos superiores na escala social, A e B1, favorecem o surgimento do *ingliding*, enquanto os demais estratos, B2, C1 e C2, desfavorecem o processo. Na variável Escolaridade, é o Ensino Superior que favorece a aplicação, enquanto o Ensino Médio desfavorece. A suspeita de que o perfil favorecedor do processo seria o das camadas médias e superiores da população pareceria adequada a partir desta análise, portanto. Esse parece ser o perfil dos agentes sociais do *Filme Sobre um Bom Fim* que mais produzem *ingliding*. Se servem de modelo, conferem significados sociais à variável que a associam a esses grupos sociais.

É a segunda faixa etária, também conforme se suspeitava, que favorece a aplicação do processo. Novamente, a hipótese de que os anos 1980 são relevantes para o incremento da aplicação de *ingliding* pode ganhar força. Tendo ou não feito parte diretamente do chamado *movimento* jovem, quem era jovem ou adolescente nessa época e circulava na cidade ouvia as produções com *ingliding* e indexava seus significados sociais à variável. A terceira faixa etária apresenta *logodds* e pesos relativos neutros, enquanto a primeira faixa etária desfavorece o processo. Para essa faixa etária, mais distante da época referida, os significados sociais dos ditongos centralizados devem ter passado por um maior processo de ressignificação.

Idade, como variável contínua, também é selecionada como correlacionada ao processo na análise multivariada de efeitos fixos. A probabilidade de emprego de *ingliding* aumenta em 0,015 unidades de *logodds* para cada unidade de idade ($p < 0,001$). No entanto, é preciso destacar que, como apontam os resultados para Faixa Etária, a relação entre *ingliding* e idade não se dá de forma linear. A ideia de que quanto maior for a idade do informante, maior será sua proporção de aplicação de *ingliding*, não se sustenta: a terceira faixa etária tem maior proporção de aplicação de *ingliding* em relação à primeira, mas não em relação à segunda.

Em relação a Gênero, observa-se que o favorecimento se dá para o gênero masculino. Se a relação com o movimento do Bom Fim se comprova, parece esperado

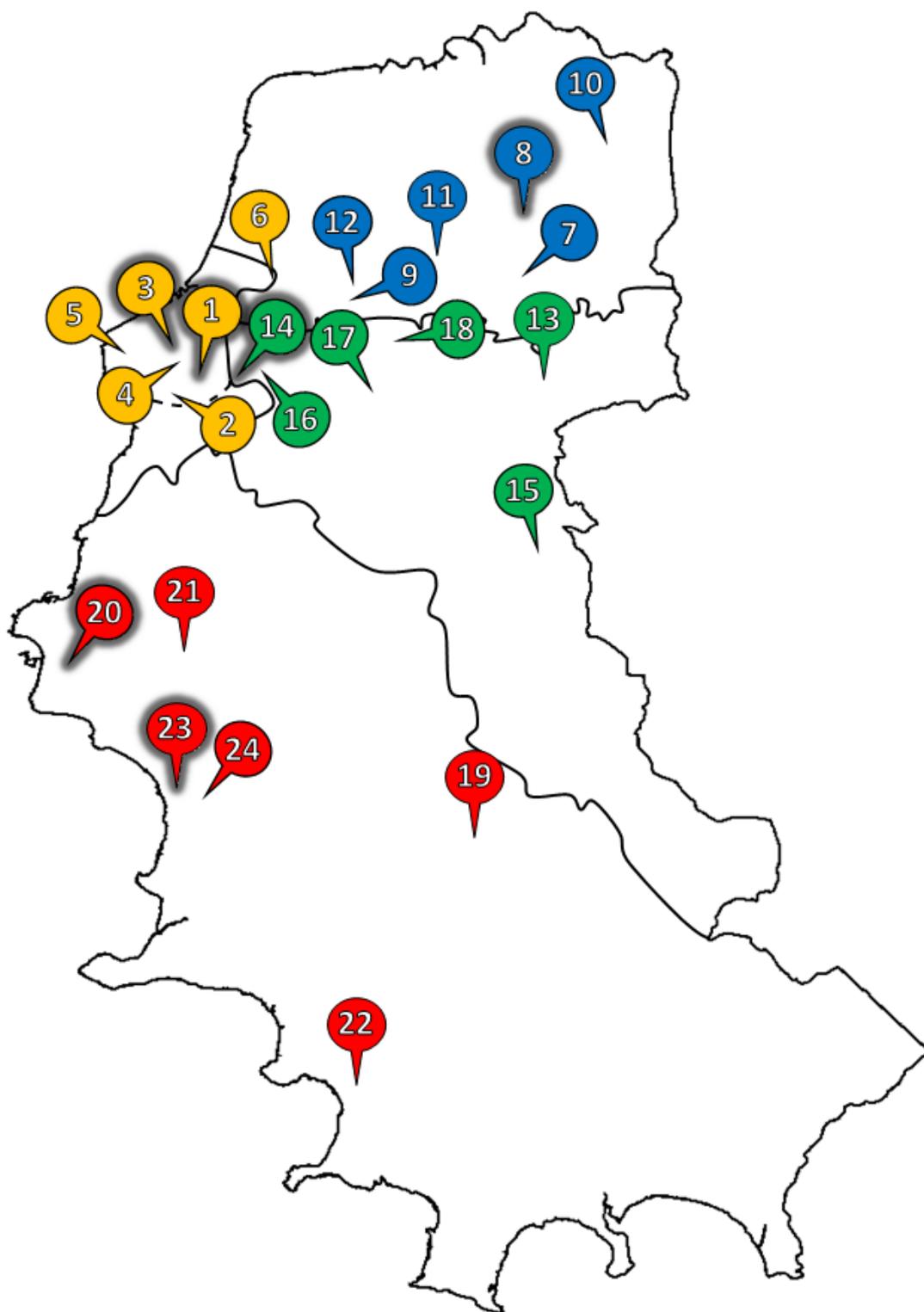
que os homens produzam mais *ingliding* do que as mulheres. Aparentemente, eles estavam à frente dos movimentos de vanguarda da época, mais do que as mulheres. No *Filme Sobre um Bom Fim*, produzem a maioria dos dados de fala da amostra. Mais sobre os resultados para Gênero será discutido a seguir.

Em relação à Zona, mais uma vez, a hipótese aventada acerca da relação com o Bom Fim parece se mostrar nos resultados de efeitos fixos. A Zona Central é a única que favorece o processo, enquanto as demais ou aproximam-se do ponto neutro, ou desfavorecem ligeiramente. É na Zona Central que o movimento jovem teve lugar, e é a Zona Central que conta, ainda hoje, com mais opções de programas culturais. Para aqueles que moram na Zona Central, portanto, o acesso a diversas atividades é facilitado. Além disso, desde o final do século XIX e início do século XX, conforme Monteiro (2012), o Centro era frequentado pela classe alta e pela elite intelectual, região a que os melhoramentos urbanos chegavam primeiro.

Pode haver, portanto, relação entre a produção de *ingliding* e a localização geográfica dos informantes na cidade. Os resultados para a variável Zona já apontam o Centro da cidade como região favorecedora, mas isso fica ainda mais evidente quando se localizam os 24 informantes da amostra no LínguaPOA no mapa de Porto Alegre. É o que se pode observar na Figura 8.

No mapa da Figura 8, cada ponto está identificado com uma cor e um número. O número diz respeito a cada informante da amostra, e a cor representa a zona considerada, observando as cores dos ônibus que circulam nas quatro zonas de Porto Alegre (ver Figura 7). Os informantes cujos balões estão sombreados são os que mais produzem *ingliding* na amostra (proporção de aplicação superior a 10%).

Figura 8 – Amostra de 24 informantes do LínguaPOA em mapa aproximado das quatro zonas de Porto Alegre.



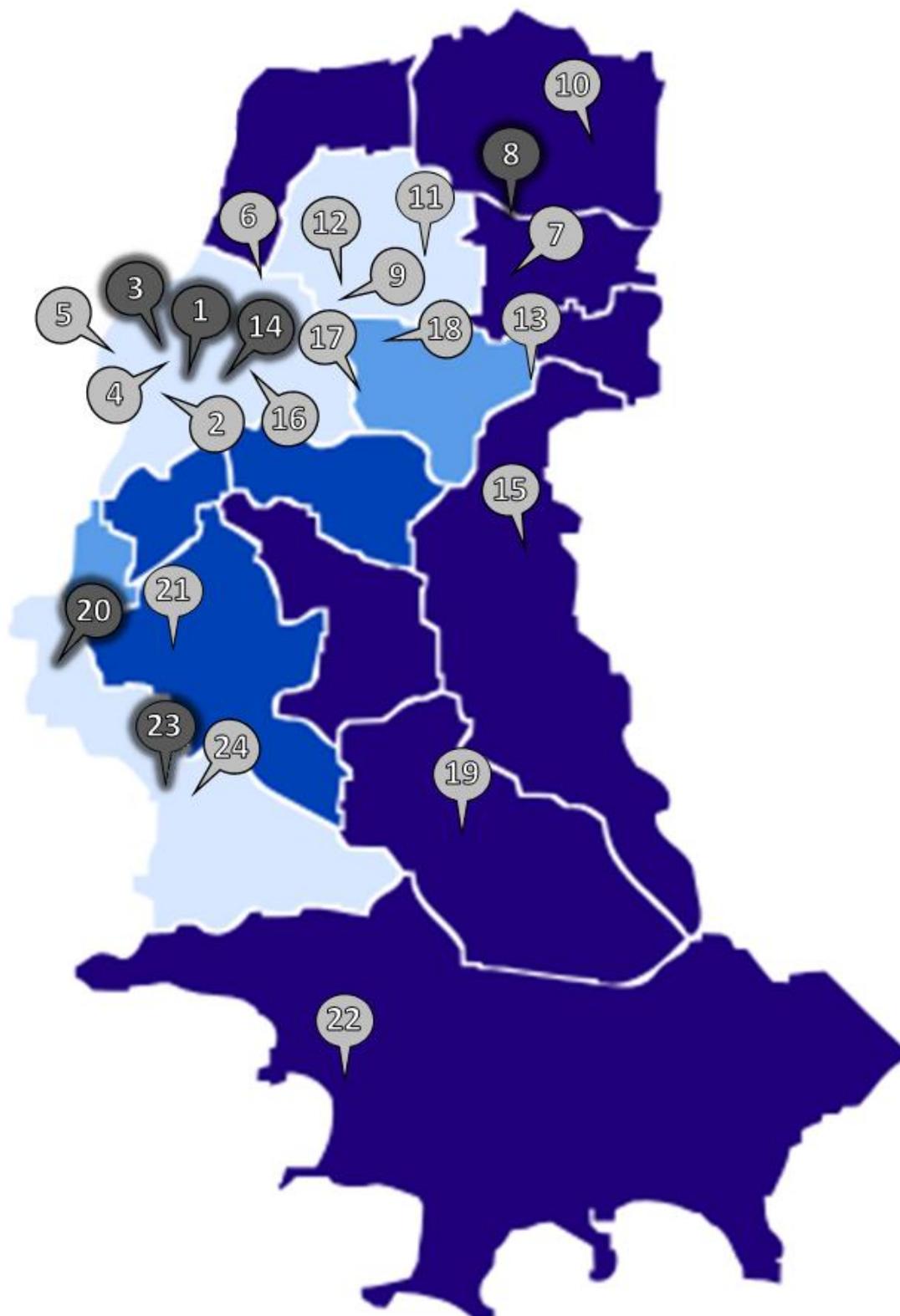
Fonte: o autor.

É interessante notar que o informante 14 mora em um bairro limítrofe entre o que se considera a Zona Central e a Zona Leste, e configura-se como o único informante da Zona Leste com maior produção de *ingliding*. Na Zona Sul, também não são os informantes mais afastados do centro que produzem *ingliding*. Aqueles que mais produzem estão mais próximos ao Guaíba, e não nas zonas periféricas de Porto Alegre. Os informantes 8 e 10 moram no mesmo bairro da Zona Norte. Dentre eles, o que mora mais longe do Centro produz menos *ingliding*.

Os resultados para as zonas também parecem se associar a índices econômicos. Embora a Renda do Bairro não tenha sido selecionada como variável correlacionada ao processo, o mapa presente na Figura 9 aponta que os índices econômicos das regiões parecem estar correlacionados ao processo. Neste mapa, os tons de azul mais claro representam maiores índices econômicos, ao passo que os tons de azul mais escuro representam os menores índices econômicos. Em cinza escuro estão os informantes que mais produzem *ingliding* na amostra.

Observa-se que, dos 6 informantes que mais produzem *ingliding*, 5 estão em regiões de melhores índices econômicos. Além dos informantes da Zona Central, o informante da Zona Leste e os da Zona Sul moram em regiões de bons índices. Na Zona Sul, a periferização é bastante visível na diferença dos índices no mapa. Não são os informantes de áreas periféricas e de baixos índices econômicos que produzem mais *ingliding*, portanto. Quem destoa é o informante 8. Esse informante, contudo, mora próximo a regiões de alto índice, em um ponto do mapa em que se observa uma mudança brusca entre os índices mais baixo e mais alto. Além disso, esse informante, embora more em um bairro de renda baixa, possui estrato socioeconômico A de acordo com o Critério Brasil de Estratificação Econômica.

Figura 9 – Amostra de 24 informantes do LínguaPOA em mapa do ObservaPOA (rendimento médio dos responsáveis por domicílio)



Fonte: o autor.

Embora os resultados da análise de efeitos fixos pareçam fazer sentido, o fato de nenhuma variável social ter sido selecionada na análise de efeitos mistos indica que as explicações precisam ser revistas. Além disso, a não seleção de variáveis sociais precisa ser investigada. É preciso uma análise que se detenha às proporções de aplicação por informante, portanto, tanto para interpretar os resultados quanto para pensar em novas possibilidades de análise. Em verdade, a amostra de 24 informantes do LínguaPOA revela padrões categóricos ou quase categóricos de não aplicação do processo. São esses os informantes que, na análise de efeitos mistos, despontam como desfavorecedores do processo. Uma análise que exclua esses informantes faz-se necessária para verificar se não há, mesmo, nenhuma variável social que possa condicionar o *ingliding*. A um só tempo, essa nova análise também verifica se as variáveis linguísticas selecionadas na amostra continuam sendo selecionadas e apresentando os mesmos padrões se os informantes que categoricamente não produzem *ingliding* são excluídos.

Excluem-se, nessa nova análise, os informantes com 0% a 1,3% de proporção de aplicação de *ingliding* (ver Anexo 3). São excluídos 13 informantes, de modo que a amostra (doravante “subamostra”) passa a contar com 11 informantes, com proporções de aplicação do processo que variam de 3,1% a 16,5%.

Na subamostra, há relativo equilíbrio para a variável Gênero (5 homens, 6 mulheres). A variável Faixa Etária, contudo, passa a ficar bastante desequilibrada (1 informante de 20-39 anos, 5 informantes de 40-59 anos, 5 informantes de 60+ anos). Por esse motivo, optou-se por reorganizar as faixas etárias: exclui-se a primeira faixa do cálculo e reorganiza-se a segunda faixa de maneira a integrar o informante de 35 anos de idade (afinal, pode não ser fortuito o fato de que o único informante da primeira faixa etária que se manteve na subamostra tem uma idade bem mais próxima dos 40 anos do que dos 20). Dessa forma, tem-se, para a variável Faixa Etária: 6 informantes de 35-59 anos e 5 informantes de 60+ anos. Os resultados das análises são interpretados considerando-se a relação entre Gênero e Faixa Etária da subamostra, que conta com a seguinte limitação de distribuição: Masculino (4 informantes de 35-59 anos; 1

informante de 60+ anos); Feminino (2 informantes de 35-59 anos; 4 informantes de 60+ anos). Idade como variável contínua passa a ter valores entre 35 e 78.

Zona e Renda do Bairro são consideradas separadamente nas rodadas *step-up/step-down* em virtude do fato de que, na subamostra, todos os informantes da Zona Sul moram em bairros de renda alta. As variáveis Escolaridade e Estrato Socioeconômico deixam de fazer parte das análises multivariadas da subamostra em razão de sua relação de exclusividade com as demais variáveis sociais³⁵. Tais interações serão consideradas na discussão dos resultados para que se possa interpretar os achados.

Repete-se, para a subamostra de 11 informantes do LínguaPOA, o mesmo procedimento metodológico das demais análises: primeiro, são realizadas análises multivariadas de efeitos fixos; depois, de efeitos mistos. A distribuição geral de *ingliding* na subamostra, que agora conta com 2961 ocorrências, está expressa na Tabela 11.

Tabela 11 – Distribuição geral de *ingliding* (LínguaPOA: subamostra)

Codificação	Nº de ocorrências	Proporção
Monotongo	2680	90,5%
Ditongo centralizado	281	9,5%
Nº total	2961	

De uma proporção total de aplicação de 5% na amostra completa, passa-se para um valor quase duas vezes maior: 9,5% de aplicação de *ingliding*. A proporção fica a meio caminho da proporção de aplicação da amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*, que engloba muito mais falantes (mas menos dados), dos quais alguns chegam a apresentar proporções de aplicação próximas de 40%. O que os três valores para proporção geral de aplicação de *ingliding* mostram é interessante: há mais aplicação de

³⁵ Somente dois informantes não são de estrato A/B1 (uma mulher de 60+ anos de estrato B2 e outra de estrato C1). Somente dois informantes (duas mulheres de 60+ anos) são de nível de escolaridade médio. Todos os informantes homens e todos os informantes de 35-49 anos (homens e mulheres) são de estrato A/B1 e de escolaridade superior. As zonas Leste e Sul possuem apenas informantes de estrato A/B1. As zonas Norte e Leste possuem apenas informantes de escolaridade superior.

ingliding entre os ícones estilísticos em discursos públicos, menos entre os informantes que devem reproduzir esses modelos, e menos ainda quando se considera uma amostra estratificada que busca ser representativa da cidade como um todo.

Apresentam-se, na Tabela 12, as variáveis linguísticas não correlacionadas com *ingliding* a partir dos dados da subamostra.

Tabela 12 – Variáveis linguísticas não correlacionadas com *ingliding* (LínguaPOA: subamostra) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Tipo de Sílabaa				
aberta	[0,52]	0,079	9,8%	2232
fechada	[0,48]	-0,079	8,5%	729
Contexto Fônico Precedente – Ponto de C^b				
pausa	[0,66]	0,684	16,7%	221
coronal	[0,52]	0,069	9,8%	1661
labial	[0,51]	0,055	9,7%	640
dorsal	[0,31]	-0,808	4,3%	439

^aInput: 0,091. ^bInput: 0,092.

[] indicam a não seleção da variável como significativa.

Não há uma mudança muito expressiva entre estes resultados e aqueles da amostra de 24 informantes do LínguaPOA. A diferença é que, na análise de efeitos fixos da amostra completa, Contexto Fônico Precedente tinha sido selecionada como correlacionada, o que não se comprovou na análise de efeitos mistos. Desta vez, nem mesmo na análise de efeitos fixos essa variável é selecionada, como ocorre na amostra do *Filme Sobre um Bom Fim*.

Renda do Bairro não é selecionada dentre as variáveis sociais, como já havia ocorrido na amostra maior. Na amostra menor, contudo, também Zona deixa de ser selecionada, como mostra a Tabela 13.

Embora não selecionada, a Zona Central continua sendo aquela com pesos e *logodds* mais elevados, seguida pela Zona Sul. Há inversão entre as Zonas Leste e Norte em comparação à amostra maior. Esses resultados mostram o que já se podia visualizar nos mapas que localizavam os informantes no espaço físico (Figuras 8 e 9). Mais do

que a Zona propriamente dita, importa a localização do informante em relação às regiões de melhores índices econômicos na cidade: a região central e a região da orla do Guaíba.

Tabela 13 – Variáveis sociais não correlacionadas com *ingliding* (LínguaPOA: subamostra) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Zona^a				
Zona Central	[0,54]	0,152	10,7%	887
Zona Sul	[0,53]	0,111	10,3%	736
Zona Norte	[0,50]	-0,004	9,3%	591
Zona Leste	[0,44]	-0,259	7,4%	747
Renda do Bairro^b				
renda baixa	[0,51]	0,04	9,9%	1088
renda alta	[0,49]	-0,04	9,2%	1873

^aInput: 0,093. ^bInput: 0,096.

[] indicam a não seleção da variável como significativa.

Em relação às tendências de emprego de *ingliding* de acordo com variáveis linguísticas, também não se observam mudanças consideráveis em relação ao que as análises da amostra maior já revelavam. Não havendo mudanças a considerar, as interpretações outrora mobilizadas também não sofrem alterações. O tamanho da amostra não teve repercussões expressivas sobre os padrões linguísticos da variável, portanto.

Além disso, na análise multivariada de efeitos mistos da subamostra, ou seja, com a inclusão de Item Lexical e de Informante como variáveis aleatórias, as tendências para as variáveis linguísticas permanecem praticamente as mesmas quando comparadas às tendências encontradas na análise de efeitos fixos (Anexo 2, Tabela C). É o que se observa na Tabela 14³⁶. O que muda é que Tonicidade da Palavra deixa de ser selecionada. Na rodada em que Tonicidade da Palavra foi incluída, Item

³⁶ Na subamostra, como na análise da amostra de 24 informantes do LínguaPOA, a diferença entre as vogais médias-baixas é estatisticamente significativa ($\chi^2 = 8,686(1)$, $p < 0,01$), mas a diferença entre as vogais médias-altas ($\chi^2 = 1,768(1)$, $p > 0,10$) e a diferença entre as vogais altas ($\chi^2 = 1,024(1)$, $p > 0,30$) não são estatisticamente significativas.

Lexical teve papel. Quando excluída da análise, todos os itens lexicais apresentaram pesos relativos neutros. Número de Sílabas continuou sendo selecionada. Se as rodadas testam coisas muito semelhantes, é esperado que Número de Sílabas apresente um resultado mais robusto do que Tonicidade da Palavra, já que, quando amalgamada, a variável conta com menos fatores.

Tabela 14 – Padrão de *ingliding* de acordo com variáveis linguísticas (LínguaPOA: subamostra) – análise multivariada de efeitos mistos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Vogal Nuclear^a				
[ɛ]	0,81	1,479	23,1%	606
[ɔ]	0,73	1,007	14,7%	320
[e]	0,59	0,358	8,2%	662
[o]	0,49	-0,027	5,6%	338
[i]	0,27	-1,012	2,3%	820
[u]	0,14	-1,805	0,9%	215
<i>Range</i>	67			
Contexto Fônico Seguinte – Ponto de C^{a b}				
pausa	0,59	0,376	13,8%	810
coronal	0,57	0,279	9%	1670
labial + dorsal	0,34	-0,655	3,7%	481
<i>Range</i>	25			
Número de Sílabas^{c d}				
1 sílaba	0,57	0,272	17,9%	630
2+ sílabas	0,43	-0,272	7,2%	2331
<i>Range</i>	14			

^aInput: 0,045. ^b $\chi^2 = 1,106(1)$, $p > 0,20$. ^cInput: 0,061. ^d $\chi^2 = 0,452(2)$, $p > 0,70$.

A motivação principal das análises da subamostra dizia respeito à análise multivariada de efeitos mistos com variáveis sociais. Buscou-se verificar se, excluindo-se os informantes que (quase) categoricamente não produzem *ingliding*, as variáveis sociais continuariam não tendo papel, como ocorreu na amostra de 24 informantes. Os resultados apontam que, na subamostra, Gênero e Faixa Etária são selecionadas na análise de efeitos mistos. Na verdade, para as variáveis sociais da subamostra, os resultados da análise de efeitos fixos (Anexo 2, Tabela D) e mistos são os mesmos. Não se pode esquecer, contudo, do fato de que, na subamostra, dentre os homens, 4 são da

segunda faixa e somente 1 é da terceira. Dentre a segunda faixa, 4 são homens e 2 são mulheres. Com a perda do equilíbrio para essas variáveis, os resultados de uma podem ter implicações sobre os resultados de outra. A Tabela 15 apresenta esses resultados sistematizados.

Tabela 15 – Padrão de *ingliding* de acordo com variáveis sociais (LínguaPOA: subamostra) – análise multivariada de efeitos mistos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Gênero				
masculino	0,58	0,339	14%	1371
feminino	0,42	-0,339	5,6%	1590
	<i>Range</i>	16		
Faixa Etária				
60+ anos	0,42	-0,317	5,9%	1381
35-59 anos	0,58	0,317	12,6%	1580
	<i>Range</i>	16		

Input: 0,045.

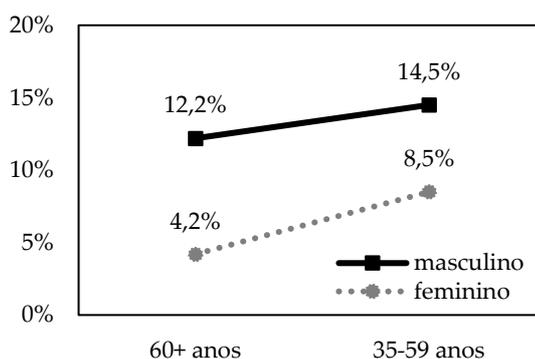
Tanto Item Lexical quanto Informante apresentaram pesos relativos neutros para todos os fatores nesta análise. Em relação à Idade, verifica-se que a probabilidade de emprego de *ingliding* decresce em 0,024 unidades de *logodds* para cada unidade de idade ($p < 0,01$). Esse resultado negativo, diferente do resultado da amostra maior, é esperado em razão de não haver mais a primeira faixa etária e de a segunda ser favorecedora.

O Gráfico 2 a seguir faz a tabulação cruzada das variáveis sociais selecionadas como correlacionadas ao *ingliding*. Nele, apresentam-se valores de proporção de aplicação de *ingliding* para cada gênero e faixa etária considerado.

Embora o Gráfico 2 apresente uma linha ascendente, não se trata de uma representação de um processo de mudança em progresso. Afinal, é preciso lembrar que os mais jovens (primeira faixa etária) foram excluídos da subamostra justamente por não apresentarem proporções consideráveis de *ingliding* em seu falar. Embora haja desequilíbrio nos dados, os padrões se mostram relativamente regulares: em cada um dos gêneros, a segunda faixa etária tem maiores proporções do que a terceira; em cada

uma das faixas etárias, gênero masculino tem maiores proporções do que gênero feminino. A interação Gênero*Faixa Etária foi incluída no modelo estatístico e não foi selecionada como significativa, o que indica que as variáveis são independentes.

Gráfico 2 – Tabulação cruzada: Gênero e Faixa Etária (LínguaPOA: subamostra)



Há que se lembrar, também, que a maioria dos dados amostra mantida foi produzida por informantes de estrato A/B1 e de escolaridade superior. Na verdade, todos os informantes dos padrões favorecedores são de nível superior e estrato A/B1, informação que influencia os resultados. É possível que todos esses fatores operem juntos, o que seria de se esperar a partir das expectativas suscitadas pela relação com atributos dos participantes do movimento jovem dos anos 1980.

Para interpretar os resultados a respeito dessas variáveis, é preciso considerar o que significa ser homem e o que significa ser mulher na sociedade porto-alegrense, bem como o que o favorecimento da segunda faixa etária pode estar indicando. A associação mais direta diz respeito aos perfis já discutidos no Capítulo 4. Além disso, considerar as práticas sociais dos informantes deve fornecer respostas para a relação entre *ingliding* e as categorias macrossociais correlacionadas com o processo.

Se os padrões revelam tendências, não se espera que todos aqueles que possuem o padrão em questão produzam *ingliding*, mas sim sua maioria. Mas se as variáveis não se ligam diretamente às categorias macrossociais, e sim indiretamente, algo existe entre os padrões e as tendências. Nesse caso, aposta-se na investigação do estilo e da

significação social do processo. Não se parte, então, de um movimento negativo – quem não produz *ingliding*, por que não produz? – porque as motivações, espera-se, são diversas, ainda mais em um processo de baixa proporção de aplicação geral como esse. Em relação ao *ingliding*, o que é distintivo é produzi-lo. Assim, buscam-se respostas para as questões: O que há em comum entre os informantes que mais produzem *ingliding*? Faz sentido agrupá-los? Volta-se, portanto, às questões que norteiam esta pesquisa: Quem produz *ingliding*? Com que propósitos?

A primeira pergunta já conta com pistas de resposta: quem produz *ingliding* são principalmente homens, pessoas de 35-49 anos, de ensino superior e estrato socioeconômico elevado, provenientes de regiões não periféricas da cidade, que contam com melhores índices econômicos. Resta explorar, na amostra em questão, os propósitos e o lucro simbólico que a produção de *ingliding* confere a seus usuários em contextos específicos. Para investigar a significação social, vale explorar que outros recursos estilísticos, além da produção de *ingliding*, são mobilizados pelos informantes de maneira a revelar *personae* e os estilos associados ao processo.

Para tanto, realiza-se análise de conteúdo de maneira a explorar as práticas sociais declaradas pelos informantes nas entrevistas sociolinguísticas. Dentre aqueles que compõem a subamostra do LínguaPOA, reúnem-se os que possuem proporção de aplicação de *ingliding* expressivamente maior em comparação aos demais. Selecionam-se 6 informantes com proporções de aplicação superior a 10% de *ingliding*, índice no mínimo duas vezes maior em relação aos demais informantes na subamostra.

Os quadros que seguem reúnem resultados das práticas desses informantes, sistematizadas e resumidas de acordo com os mesmos critérios. É preciso fazer a ressalva de que, embora todos os aspectos estejam presentes em todas as entrevistas, alguns informantes falam mais em determinados tópicos do que em outros, o que tem a ver com a busca pela fala espontânea nas entrevistas sociolinguísticas. Além disso, é evidente que a sistematização aqui apresentada já deve resultar de interpretação por parte do pesquisador, mesmo que, nessa etapa, a intenção fosse a de minimizar essa influência.

Os quadros, todos com uma página de tamanho, estão apresentados em sequência. O método adotado, e a escolha de apresentar esses quadros na íntegra, diz respeito ao compromisso científico com a falseabilidade dos resultados. Com os dados assim sistematizados, mesmo que a própria seleção de dados seja resultado inconsciente de interpretação e da complicada tarefa de resumir uma entrevista de cerca de 50 minutos em uma página (mesmo que de letras miúdas), busca-se não esconder fatos que possam apontar para direções opostas às aqui interpretadas.

Quadro 15 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 1)

INFORMANTE 1			
Gênero: Masculino	Faixa etária: 20-39 anos	Bairro: Cidade Baixa	Zona: Central
Idade: 35 anos	Estrato socioeconômico: B1	Escolaridade: Superior	Ingliding: 16,5%
Formação		Ocupação	
Letras (língua inglesa); Literatura de língua inglesa.		Professor universitário.	
Relação com Porto Alegre		Relação com bairro/zona	
Afirma sentir saudade de Porto Alegre quando viaja, mas também <i>pena</i> por tudo ser tão mal aproveitado na cidade. Acha que os porto-alegrenses não cuidam bem da cidade. Considera que a cidade tem lugares muito lindos, mas não se sente seguro para estar neles.		Considera morar em um prédio de <i>classe média</i> . Não é próximo de seus vizinhos. A Cidade Baixa, bairro em que mora, tem <i>tudo que ele precisa e muito do que ele gosta</i> . Afirma que a Cidade Baixa tem um <i>glamour decadente</i> e que é um bairro <i>urbano e agitado</i> . Considera que a rua em que mora tem uma vista linda e uma localização perfeita, mas que a rua em si é <i>horrível</i> .	
Práticas cotidianas/de lazer e gostos		Circulação nas zonas	
Trabalha muito no computador. Faz muitas coisas perto de casa (Cidade Baixa): cafés, cinema, bares, restaurantes, academia. Gosta de uma floricultura/café do bairro Tristeza (ZS). Gosta de cinema argentino, oriental e italiano. Pretende conhecer a Itália. Gosta de viajar. No Brasil, conhece o Rio de Janeiro (viaja para visitar familiares) e outras localidades (lazer, eventos acadêmicos). Cita viagens para o exterior que já realizou em países da Europa e da América do Norte.		Dirige há cerca de 5 anos. Zona Central: concentra suas atividades de lazer no bairro em que mora; visita amigos no Menino Deus (afirma amar o bairro) e na Independência. Zona Norte: cita o bairro Sarandi como <i>longe</i> e diz que a Zona Norte lhe causa a impressão de ser outra <i>cidade</i> (com casinhas, parques, pracinhas); considera a Av. Assis Brasil <i>deprimente</i> (paisagem). Zona Leste: visita familiar no Morro Santana; já trabalhou no Três Figueiras. Zona Sul: chama as casas na orla do Guaíba de <i>lindas, enormes e maravilhosas</i> ; considera a região residencial <i>desoladora</i> ; diz que tem lugares da Zona Sul que tem uma <i>cara de cidade pequena</i> .	
Necessidades de Porto Alegre		Veículos de mídia/comunicação	
Percebeu aumento da violência em Porto Alegre ao longo dos anos. Cita reclamações que ouve em relação a barulho, violência, sujeira e mendicância. Considera o transporte público deficitário. Acredita que aumentar o efetivo policial não adianta, é preciso treinar quem já constitui a polícia. Escolhe, como prioridades para a cidade: investimento em cultura e lazer (traz resultados a longo prazo) e preservação da natureza.		Considera que a TV sempre foi muito forte em sua vida. Quando criança, assistia muito à TV aberta (cita desenhos animados e programas da Xuxa, Sérgio Malandro e Mara Maravilha). Teve TV a cabo logo que ela surgiu (assistia ao Chaves em espanhol e à CNN em inglês). Afirma que investe em internet e TV a cabo. Embora considere-se <i>relativamente letrado digitalmente</i> , afirma que assinou Netflix muito recentemente. Cita <i>Twin Peaks</i> e <i>House of Cards</i> como séries que ama.	
Religião		Línguas adicionais	
Foi criado na igreja católica, mas atualmente não pratica nenhuma religião.		Pratica a língua inglesa. Considera que <i>se defende</i> em italiano. Estudou francês e japonês.	
Posicionamento: legalização das drogas		Posicionamento: política brasileira	
É favorável à legalização da maconha (legalização poderia fazer entrar dinheiro para os cofres públicos) e desfavorável à legalização de drogas <i>mais pesadas</i> (como o crack). Afirma que para a legalização funcionar, deveria haver boa regulamentação e revisão da formação das pessoas.		Classifica o quadro político atual como <i>decepcionante</i> . Afirma não defender um partido ou um só posicionamento político e acredita que os partidos são (<i>quase</i>) <i>todos podres</i> . Ao buscar bons exemplos, cita, com ressalvas, ações de políticos relativamente jovens: Manuela D'Ávila (PCdoB), Nelson Marchezan Júnior (PSDB) e Luciana Genro (PSOL).	

Quadro 16 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 3)

INFORMANTE 3			
Gênero: Masculino	Faixa etária: 60+ anos	Bairro: Centro Histórico	Zona: Central
Idade: 61 anos	Estrato socioeconômico: A	Escolaridade: Superior	Ingliding: 12,2%
Formação		Ocupação	
Desenho; Engenharia Civil (incompleto).		Técnico em edificações e saneamento aposentado.	
Relação com Porto Alegre		Relação com bairro/zona	
Afirma que gosta principalmente dos bairros da Zona Central em virtude de suas opções de lazer. Contudo, gostaria de morar em uma casa na Zona Sul, preferencialmente na Vila Assunção, bairro que considera <i>privilegiado</i> por ter menos edifícios altos (a não ser à beira do Guaíba).		Prefere <i>casa</i> , mas mora em <i>apartamento</i> (considera mais seguro). Não se relaciona muito com vizinhos do prédio. Gosta dos bairros próximos ao Centro Histórico (cita Bom Fim e Menino Deus), e do Centro Histórico por ter <i>tudo</i> (como teatro e parques) na região. Acredita que o Centro Histórico, que deveria ser conservado, hoje está <i>atirado</i> . Acredita que há muita gente no Centro que vem do <i>interior</i> .	
Práticas cotidianas/de lazer e gostos		Circulação nas zonas	
Faz atividade física (caminhada e exercícios) na academia. Cuida da neta para a filha (estudante universitária). Gosta de cozinhar e, em relação a gastronomia, afirma que gosta praticamente de tudo, de coisas que <i>inovam</i> , de aprender e degustar comidas <i>diferentes</i> . Em geral, faz as refeições em casa. Diz que viaja pouco e que gosta tanto de serra quanto de mar. Afirma ter um círculo de amigos <i>razoavelmente grande</i> de amigos que moram na região, com quem vai a bares e restaurantes. Gosta de ir ao teatro (embora vá pouco).		Ultimamente, anda mais a pé do que de carro. Afirma que transita nas quatro zonas, mas não aborda todas na entrevista. Zona Central: atualmente, transita mais no Centro Histórico e afirma que quase não usa carro. Zona Norte: não menciona. Zona Leste: não menciona. Zona Sul: nasceu na Tristeza; tem familiares que visita com pouca frequência na Vila Nova.	
Necessidades de Porto Alegre		Veículos de mídia/comunicação	
Aborda problema de acessibilidade ao Centro em razão de se localizar numa extremidade da cidade (às margens do Guaíba). Acredita que há bastante coisa em Porto Alegre, mas que falta educação cultural para que as pessoas se introduzam no meio artístico. Considera que o metrô resolveria parte dos problemas, mas transporte coletivo não é o problema principal, e trânsito é razoável. Escolhe, como prioridades para a cidade: aumento do efetivo policial (mas não adianta equipar a polícia se não há uma <i>política de policiamento</i>) e investimento em cultura e lazer. Percebe aumento do número de prédios (causam escuridão) e de violência (grande problema) na cidade (já foi assaltado 8 vezes).		Afirma que usa bastante internet (comunica-se com filhos por celular e redes sociais, como Facebook e Whatsapp) e assiste bastante à TV. Usa muito computador para livros e jornais (tem cegueira noturna). Acredita que hoje há mais acesso a cultura, mas falta educação. Diz que ouve pouco rádio, mas ouve no carro. Em relação aos programas de TV, afirma que gosta de <i>praticamente tudo</i> (cita programas de entrevista e de esporte), mas principalmente canais que <i>têm alguma coisa associada com cultura</i> .	
Religião		Línguas adicionais	
É espírita kardecista (tem amigos que frequentam).		Não fala nem entende nenhuma língua adicional.	
Posicionamento: legalização das drogas		Posicionamento: política brasileira	
Diz que já teve experiências em casa com drogas e é contra a liberação (não é a solução; maconha é <i>trampolim</i> para outras drogas), mas contrário a extremismos. Afirma que <i>na sua época</i> todos experimentavam maconha, mas poucos tinham dinheiro e acesso a drogas mais pesadas (como cocaína), diferentemente do que ocorre hoje.		Acredita que, de modo geral, os políticos brasileiros são <i>um lixo</i> : não trabalham para o povo, buscam mudanças que geram votos e não a longo prazo, buscam poder e dinheiro. Tem dificuldade em citar bom/mal exemplo. Ao abordar candidatos a prefeito (há dois dias da eleição), afirma não ter candidato definido, mas cita Raul Pont (PT) como o mais experiente.	

Quadro 17 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 8)

INFORMANTE 8			
Gênero: Masculino	Faixa etária: 40-59 anos	Bairro: Sarandi	Zona: Norte
Idade: 42 anos	Estrato socioeconômico: A	Escolaridade: Superior	Inglês: 15,1%
Formação		Ocupação	
Educação Física; Medicina do Esporte; Marketing e vendas.		Gerente de equipe de vendas.	
Relação com Porto Alegre		Relação com bairro/zona	
Em Porto Alegre, considera que a Zona Norte é a que tem mais opções (muitas opções de lazer em relação a variedade, preço e qualidade). Não trocaria o bairro em que mora por outro em Porto Alegre. Percebe que quem mora Zona Norte não quer morar na Zona Sul, e vice-versa. Pensa em viver em Santa Catarina (por ser próximo ao Rio Grande do Sul, mas melhor em segurança pública e ensino). Percebe que a urbanização (construção de prédios) está aumentando na cidade.		Utiliza três nomes distintos para o local em que mora: Sarandi; Passo da Mangueira; Jardim Barão do Cahy. Mora em uma casa (prefere, afirma ter mais <i>liberdade</i>) com academia, piscina e sistema de segurança. <i>Adotou</i> uma praça do bairro para cuidar. Mantém boa relação com vizinhos, que o consideram responsável por <i>tudo</i> em função de cuidar da praça. Gosta do Sarandi, afirma que <i>tudo</i> está perto do bairro (exemplifica citando shoppings), que é arborizado, antigo (tradicional, residencial), tem muitas boas opções de lazer e tem um público <i>diversificado</i> (diferentes índices econômicos).	
Práticas cotidianas/de lazer e gostos		Circulação nas zonas	
Viaja bastante pelo estado e transita pela cidade a trabalho. Trabalha bastante ao telefone. Visita família com frequência (moram perto), fazem churrasco juntos (reúnem-se em finais de semana para almoço/janta). Gosta de <i>sair</i> e praticar esportes (carrega roupas esportivas consigo; diz ser fanático por futebol). Não cozinha ou lava louça (faz outros trabalhos da casa). Em relação à comida, diz que é <i>básico</i> . Conhece outros estados brasileiros (Santa Catarina, Rio de Janeiro). Nas férias de verão, viaja para a praia (tem apartamento em cidade de praia, familiares também).		Circula de carro na cidade, utiliza pouco o transporte público. Afirma transitar em todas as zonas. Zona Central: considera como mais voltada ao trabalho; ao falar do lazer, menciona local da Zona Central (na orla do Guaíba) onde gosta de ir. Zona Norte: onde mais transita (afirma ter <i>mais raízes</i>); maioria dos familiares são da Zona Norte. Zona Leste: não menciona. Zona Sul: considera <i>mais afastada</i> , mas em crescimento; afirma que tinha público de poder aquisitivo maior, mas que isso está se desfazendo.	
Necessidades de Porto Alegre		Veículos de mídia/comunicação	
Acredita que a segurança pública é o maior problema de Porto Alegre (cita experiências de roubo de carro no bairro em que mora). Afirma que a violência é um problema antigo e que tem a ver com a desvalorização do ensino regular (já foi um dos melhores, hoje é <i>muito ruim</i>). Escolhe, como prioridades para a cidade: aumento do efetivo policial e investimento em ensino.		Afirma buscar não se limitar ao mundo virtual e envolver os filhos em atividades esportivas (não tem videogame para os filhos). Escuta rádio no carro e em casa: cita rádio Mix e rádio Gaúcha (programas do Macedo). Tem três TVs (a cabo) em casa. Assiste a canais de esporte, filmes e luta. <i>Não é muito chegado</i> em novelas. Assistia à TVCom. Na internet: ClicRBS, Facebook, e-mail (pessoal e da empresa), Whatsapp.	
Religião		Línguas adicionais	
É espírita (trabalhou numa casa, fez cursos). Esposa é católica, filhos são batizados na igreja católica.		Afirma ter conhecimento básico de espanhol e inglês.	
Posicionamento: legalização das drogas		Posicionamento: política brasileira	
Entende a droga (qualquer tipo) como algo que só traz malefícios à sociedade e que deve acabar. Acredita que a legalização <i>até poderia</i> ajudar a solucionar o problema, mas não seria suficiente. Considera a valorização da polícia necessária para conter o problema.		Afirma que sua confiança em políticos se perdeu há 2 ou 3 anos. Diz que nunca foi ligado a partido nenhum. Tem dificuldade em citar bons exemplo. Menciona acertos e erros de José Sartori (PMDB) como governador. Cita Renan Calheiros (PMDB) e Michel Temer (PMDB) como maus exemplos de políticos.	

Quadro 18 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 14)

INFORMANTE 14			
Gênero: Masculino	Faixa etária: 40-59 anos	Bairro: Santa Cecília	Zona: Leste
Idade: 40 anos	Estrato socioeconômico: B1	Escolaridade: Superior	Inglês: 14,3%
Formação		Ocupação	
Administração; Psicologia (incompleto); Ciências Sociais (incompleto); Linguística Aplicada.		Professor de inglês (curso livre); Administrador.	
Relação com Porto Alegre		Relação com bairro/zona	
Sempre gostou muito da Zona Central e <i>desgostou</i> das regiões mais <i>elitizadas</i> (como o Moinhos de Vento) da cidade, que classifica como <i>caretas</i> . Se fosse mudar de bairro, voltaria para o Centro Histórico (é mais <i>interessante</i> , tem <i>mais vida</i>). Gostaria de viver em Londres (cidade <i>maravilhosa</i> , com muitas opções em todos os sentidos).		Afirma gostar muito de onde mora (apesar de morar numa rua <i>suja</i>) e da localização do seu bairro, que define como Rio Branco/Santana/Bom Fim (não como parte da Zona Leste). Gosta do <i>tipo de pessoas</i> e do <i>tipo de vida</i> da região em que mora, em que se pode fazer muita coisa a pé. Considera o Bom Fim (e a Redenção) a área mais interessante da cidade.	
Práticas cotidianas/de lazer e gostos		Circulação nas zonas	
Diz que tem pouco tempo livre. Gosta de correr e caminhar (faz treino físico 2x por semana). Gosta de almoçar fora, tomar chope e viajar (no estado, menciona serra e praia). Gosta muito de filmes e séries (mas vai pouco ao cinema e vê pouco em casa). Integra uma banda com colegas de trabalho (que reproduz músicas dos anos 1960 e 1970). Práticas em família: almoço, caipirinha, churrasco. Com amigos, sai para jantar/almoçar, viaja junto, vai a parque e toma chimarrão. Cita restaurantes e bares da Zona Central (zona que sempre gostou). No passado, ia muito a bares e festas na Cidade Baixa (hoje, mais velho, pai, casado, vai menos). Gosta de viajar para o exterior, já viveu em países de língua inglesa. Também gosta de organizar viagens, de interagir com as pessoas.		Não tem carro próprio, somente carro familiar (da esposa). Mora perto do local de trabalho, vai a pé, de táxi ou de carona com a esposa. Acha que conhece bem a cidade, principalmente o <i>miolo</i> (do Menino Deus até o Boa Vista). Zona Central: cita diversos restaurantes e bares que gosta; afirma que saía muito à noite na Cidade Baixa, no passado; gosta de andar no Centro, embora esteja <i>degradado</i> ; fala bem da orla, apesar dos problemas. Zona Norte: considera Mont'Serrat um bairro <i>próximo</i> ; diz que vai pouco à Zona Norte (porção afastada do Centro). Zona Leste: considera ser a zona que conhece menos (regiões mais periféricas da Zona Leste). Zona Sul: conhece <i>relativamente</i> , se localiza bem nela; visita familiares que moram na Zona Sul com pouca frequência; considera Guarujá e Ipanema <i>longe</i> .	
Necessidades de Porto Alegre		Veículos de mídia/comunicação	
Percebe problemas de sujeira e, principalmente, de violência em Porto Alegre. Cita, também, desigualdade social, mendicância, trânsito. Acredita que a cidade está <i>bastante mal e regredindo</i> . Escolhe, como prioridades para a cidade: investimento em transporte e segurança. Ressalta, contudo, a importância do investimento em cultura e em educação.		Ouvia rádio quando tinha carro (hoje não ouve mais). Assiste pouco à TV (às vezes assiste a noticiários à noite). Com pouca frequência, assiste a jogos de futebol (seu time está uma <i>porcaria</i>), algo que gostava de fazer. Quando vê TV, assiste a séries e filmes (Netflix). Tem TV a cabo, mas vê pouco. Usa bastante internet (trabalho, notícias), mas nada muito <i>profundo</i> .	
Religião		Línguas adicionais	
É de família católica, mas não pratica nenhuma religião. Afirma que não sabe se é <i>ateu</i> ou <i>agnóstico</i> , mas não acredita em <i>nada</i> (embora respeite quem acredita).		Afirma que efetivamente só usa português e inglês. Estudou francês (consegue <i>se virar um pouquinho</i> na leitura) e espanhol.	
Posicionamento: legalização das drogas		Posicionamento: política brasileira	
Considera um assunto complicado, mas diz que, a princípio, é a favor da legalização (poderia resolver grande parte do problema). Diz que tem pessoas que sabem usar drogas (não se <i>atrapalham</i> usando), não acha que a maconha é uma droga perigosa (já provou, não é usuário), é favorável à sua legalização (mas <i>não sabe bem o que fazer</i> em relação às outras drogas).		Considera que a questão política está <i>muito difícil</i> . Acredita que estamos atrasados (políticos não são capacitados; dinheiro público é mal gerenciado; discussões estão polarizadas em <i>esquerda</i> e <i>direita</i>). Não é filiado a nenhum partido, mas sempre votou no PT (já se decepcionou bastante com o partido). Acredita que os governos do PT foram <i>golpeados</i> recentemente.	

Quadro 19 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 20)

INFORMANTE 20			
Gênero: Masculino	Faixa etária: 40-59 anos	Bairro: Tristeza	Zona: Sul
Idade: 45 anos	Estrato socioeconômico: A	Escolaridade: Superior	Ingliding: 11,6%
Formação		Ocupação	
Administração.		Executivo de contas – área de vendas.	
Relação com Porto Alegre		Relação com bairro/zona	
Gosta, principalmente, da Zona Sul. Antes, o bairro em que morava era mais calmo, muitas pessoas se mudaram para lá e o bairro ficou mais violento. Só sairia da Zona Sul se fosse morar no exterior. Considera que a Zona Sul tem um <i>ar mais despojado e jovem</i> , em oposição a bairros como o Moinhos de Vento.		Ama morar na Tristeza em virtude do rio (apartamento com vista para o rio), considera que é semelhante a morar na praia. Acredita que quem mora na Zona Sul não trocaria a Zona Sul por outra região. Acredita que a Zona Sul tem algumas coisas ruins agora, mas continua (depois do <i>boom</i> imobiliário) <i>tudo de bom</i> .	
Práticas cotidianas/de lazer e gostos		Circulação nas zonas	
Trabalha sem ponto fixo (<i>home office</i>), o que considera trazer vantagens (flexibilidade de agenda) e desvantagens (trabalhar à noite, no fim de semana). Viaja para a Florianópolis para visitar familiares. Gosta bastante de correr (faz musculação também). Gosta, também, de ir ao cinema e a bares com a namorada, mas a maior parte do tempo livre usa para treinar (correr). Não sabe cozinhar, mas gostaria (tem uma <i>ajudante</i> que prepara as suas <i>comidas de treino</i>). Hoje, seu prato favorito é sushi. Considera que já viajou bastante (América do Norte, Europa e América do Sul), mas gostaria de viajar mais e conhecer destinos <i>não muito comuns</i> , como Índia e Egito.		Afirma desconhecer o transporte público por andar de carro. Considera o trânsito da cidade caótico (gaúcho <i>acha que é o dono</i> , mas dirige muito mal). Afirma transitar em todas as zonas. Zona Central: afirma frequentar em razão do trabalho. Zona Norte: afirma frequentar em razão do trabalho (menciona áreas mais centrais da zona). Zona Leste: não menciona. Zona Sul: transita mais; considera que <i>parece praia</i> não sendo praia.	
Necessidades de Porto Alegre		Veículos de mídia/comunicação	
Escolhe, como prioridade para a cidade: aumento do efetivo policial. Acredita que o investimento em segurança melhoraria outros problemas da cidade (pessoas se sentiriam mais seguras para ir a programas culturais e andar de ônibus). Já foi assaltado duas vezes (à mão armada, teve o carro roubado).		Conversa com filho (mora em outro estado com a mãe) por Skype. Lê notícias pela internet, não assina mais jornal impresso (notícias velhas). Assiste à TV a cabo (Discovery, esporte) e poucos programas da TV aberta (Master Chef, The Voice). Tem Facebook e Instagram (filho que fez), mas evita superexposição. Cita frase ouvida no programa de rádio <i>Pretinho Básico</i> .	
Religião		Línguas adicionais	
Afirma ser católico e praticar a religião <i>quando possível</i> .		Considera que <i>se vira</i> com inglês no trabalho e que <i>se viraria</i> nos EUA (pretende viajar para estudar inglês). Fala/entende espanhol (tem família no Uruguai).	
Posicionamento: legalização das drogas		Posicionamento: política brasileira	
Afirma ser totalmente contra a legalização do uso das drogas. Diz que poderia ser uma forma de diminuir o tráfico (que gera violência), como ocorre em países de primeiro mundo, mas é contra a legalização por ser contra todo tipo de droga (nunca experimentou drogas não legalizadas), inclusive as legalizadas (como álcool e cigarro), por fazer mal. Hoje bebe pouco álcool (quer passar bom exemplo ao filho). Acredita que antes o uso de drogas era meio escondido, mas hoje é <i>escancarado</i> .		Acredita que o poder corrompe e que os políticos são um reflexo da sociedade (cita situações cotidianas de corrupção, como furar filas). Acha que os políticos roubam muito e fazem muito pouco. Não tem esperança de ver alguma mudança política no Brasil, mas afirma que, por mais que não concorde com alguns pensamentos da geração atual, acha que há mudanças boas vindo. Espera que mais políticos sejam presos, como aconteceu com Eduardo Cunha (PMDB).	

Quadro 20 – Informações selecionadas para análise de conteúdo (Informante 23)

INFORMANTE 23			
Gênero: Feminino Idade: 47 anos	Faixa etária: 40-59 anos Estrato socioeconômico: A	Bairro: Ipanema Escolaridade: Superior	Zona: Sul Ingliding: 12,5%
Formação		Ocupação	
Letras (língua portuguesa e língua inglesa); Arquitetura (incompleto).		Estudante.	
Relação com Porto Alegre		Relação com bairro/zona	
Gosta do local em que mora, considera Ipanema uma região turística da cidade. Afirma <i>ter loucuras</i> pelo Centro e cita diversos pontos que adora na região central. Se não morasse em Ipanema, gostaria de morar no Centro Histórico. Gostaria que o Centro fosse mais liberado, e não um <i>corredor</i> como é hoje. Critica identidade rural (gaudéria) criada pelo porto-alegrense, que considera <i>essencialmente urbano</i> .		Gosta de Ipanema, considera um bairro residencial, espaço de relaxamento com muito céu e verde. Tem boa relação com vizinhos próximos. Sente que <i>pertence</i> ao bairro. Ressente-se, apenas, por ser muito longe da <i>vida cultural de Porto Alegre</i> (áreas centrais). Tem casa com piscina, algo que considera difícil para a <i>classe média</i> ter em outras regiões. Chama o bairro de <i>bairro fantasma</i> , por ter muitos casarões não ocupados.	
Práticas cotidianas/de lazer e gostos		Circulação nas zonas	
Visita familiares (que moram perto) com muita frequência. Gosta muito de ler. Vê filme, mas vai pouco ao cinema (poucos cinemas alternativos na cidade). Visita amigas de sua geração/idade, sai para jantar (na Zona Sul) ou vai para a casa de uma amiga que cozinha e cada uma leva seu espumante. Detesta cozinhar (mal sabe fazer arroz, nunca fez feijão). Ama viajar, já foi para São Paulo, Santa Catarina e para o exterior. Família tem casa de veraneio em cidade de praia. Gosta de caminhar no calçadão, tomar chimarrão, ver amigos e ver o pôr-do-sol em Ipanema.		Não dirige (por escolha), usa ônibus ou lotação (quando quer mais conforto). Nunca demora menos de uma hora para chegar à universidade. Afirma conhecer o mapa de Porto Alegre (estudou a cidade por muitos anos). Zona Central: transita muito, adora o Centro Histórico (cita diversos pontos que visita). Zona Norte: não transita. Zona Leste: vai apenas para estudar (onde fica a universidade). Zona Sul: onde mora, sente que <i>pertence</i> ao seu bairro na Zona Sul; sai com amigas e realiza práticas de lazer.	
Necessidades de Porto Alegre		Veículos de mídia/comunicação	
Considera o transporte público da cidade deficitário e acredita que ônibus é uma forma <i>horrorosa</i> de deslocamento (poluidora, desconfortável). Metrô poderia solucionar parte do problema (não precisaria ser embaixo da terra). Considera que a cidade é muito <i>espalhada</i> , o que dificulta o trânsito. Acredita que a segurança é importante, mas que não é resolvendo a segurança que os outros problemas serão solucionados. Escolhe, como prioridades para a cidade: melhorar o transporte público e a infraestrutura. Acredita que no meio cultural a cidade tem várias opções.		Afirma utilizar bastante internet. Acompanha vários jornais pelo Twitter (procura jornais de fora e evita a Folha de São Paulo). Cancelou assinatura da Zero Hora, hoje assina o Correio do Povo (que considera ser <i>uma bosta também</i> , mas acredita que <i>não dá para ficar sem jornal impresso</i>). Assiste à TV a cabo (seriados, filmes). Usa muito celular e computador (considera que não pode ficar sem e que há muitos dados que não pode perder). Diz que é da geração que ouvia rádio e gravava fitas cassete, mas que não escuta rádio há muitos anos.	
Religião		Línguas adicionais	
Não pratica nenhuma religião e não se considera <i>nada</i> . Afirma que <i>Deus não existe</i> .		Além do inglês (formação universitária), afirma ler bem espanhol e diz que <i>não morreria de fome</i> na França.	
Posicionamento: legalização das drogas		Posicionamento: política brasileira	
É favorável à legalização das drogas e afirma ter postura <i>radical</i> : acredita que <i>todas as drogas</i> devam ser legalizadas. Acredita que o imposto compensaria o tratamento necessário para as doenças causadas pelas drogas. Afirma não ser usuária de drogas não legalizadas, mas ser usuária de drogas (aspirina, espumante, cigarro).		Considera a política um reflexo da <i>extrema confusão ideológica</i> que existe no Brasil e que muita gente gostaria de estar na posição dos políticos que hoje roubam. Afirma ter lutado muito por um sistema que está em falência (esteve presente no movimento <i>Diretas Já</i>). Cita, como políticos que admira, Dilma Rousseff (PT) e Lula (PT), por sua trajetória política.	

Na seção seguinte, os resultados da análise qualitativa interpretativa de conteúdo aqui sistematizados são recuperados para a análise de *ingliding* na perspectiva estilística. Ilustram-se alguns pontos com transcrições de trechos das próprias entrevistas sociolinguísticas.

5.3 Os estilos atrelados à produção de *ingliding* em Porto Alegre

Por que os agentes sociais fazem uso do ditongo centralizado no português de Porto Alegre? Certamente, o processo deve conferir alguma espécie de lucro simbólico, em um mercado linguístico, para os agentes que o utilizam. Considerando que a produção de *ingliding* é uma prática estilística, desvendar primeiramente a relação entre o processo e os estilos de vida dos agentes sociais que o utilizam deve, a um só tempo, produzir interpretações para os resultados quantitativos encontrados e pistas para os significados sociais da variável linguística em questão.

Parte-se do princípio de que, consciente ou tacitamente, o emprego da variante ditongada relaciona-se a estilos de vida e é um dos recursos para construção de estilos de *personae* ou tipos sociais. Localizar o uso dessa variável nos estilos de *personae* está no cerne do estudo da significação social da terceira onda da sociolinguística. Se os agentes sociais que mais produzem *ingliding* no *Filme Sobre um Bom Fim* se constituem como modelos que guiam a percepção social da variante em questão, é esperado que traços de suas identidades sociais ligadas a seus estilos de vida estejam disponíveis para interpretação também nos 6 informantes do LínguaPOA que mais produzem *ingliding*. Que traços são esses?

Não se espera, de forma nenhuma, que os agentes sociais se comportem de forma totalmente previsível ou homogênea. Mas o estilo não deve ser nem totalmente previsível, nem totalmente imprevisível (RICKFORD, 2011). Além disso, os significados sociais em *índices de segunda ordem* (SILVERSTEIN, 2003), como o *ingliding*, estão constantemente sujeitos a reinterpretação, de modo que aqueles significados a que o pesquisador consegue chegar devem ser considerados significados potenciais

associados à variante. Se os significados sociais associados a uma variante linguística podem ser ressignificados ou modificados, não se espera que isso se dê de maneira aleatória: pelo contrário, supõe-se que existam características comuns nos diferentes campos indexicais mobilizados por diferentes agentes, considerando que a coerência é uma propriedade emergente da ação social em relação a esses campos (JAFFE, 2016).

Portanto, o que se busca com uma análise interpretativa das práticas declaradas dos informantes do LínguaPOA em questão, à luz da teoria social de Bourdieu, é desvendar os significados sociais do *ingliding* através de uma exploração dos estilos de vida dos informantes por meio de práticas que se repetem, para assim esclarecer as *personae* que o *ingliding* ajuda a construir. A pergunta que se faz é se, afora o uso de *ingliding*, faz sentido agrupar esses 6 informantes em questão. Há práticas em comum para além do uso do ditongo centralizado? Há *personae* semelhantes mobilizadas nas entrevistas? Respostas afirmativas a essas perguntas, seguidas da exploração de tais práticas e estilos, dão um passo no estudo dos significados sociais do *ingliding*.

De um lado, para que as práticas linguísticas mobilizem capital, é preciso que sejam interpretadas pelos agentes sociais, o que garante certa repetição nas práticas e atribui significados às variantes. De outro, cada agente social, ao fazer uso de uma dada variante, tanto reconhece (alguns dos) seus significados sociais quanto os recria a seu modo.

Uma das possibilidades de análise interpretativa dos 6 informantes que mais produzem *ingliding* é a de reuni-los, com base nas práticas e gostos que compõem seus estilos de vida (ver Quadros 15-20), em dois grupos estilísticos. Para fins de organização das informações, tais grupos serão aqui referidos como A e B. No grupo A, reúnem-se os informantes 1, 3, 14 e 23. No grupo B, reúnem-se os informantes 8 e 20. Mais uma vez, ressalta-se que não se entendem esses grupos como homogêneos. A reunião dos informantes nesses grupos é baseada nas declarações feitas nas entrevistas que, a partir de alguns traços comuns, possibilita novos olhares sobre os significados sociais do *ingliding*.

Do grupo A, o informante 3, o único com mais de 60 anos dentre os 6 informantes que mais produzem *ingliding*, é o que partilha menos traços com os demais. Contudo, suas práticas o fazem evidentemente mais associado ao grupo A do que ao grupo B. Já o informante 14 partilha alguns traços do que está se entendendo como grupo B, mas interpreta-se que a maioria de suas práticas declaradas permitem que o mesmo esteja considerado como associado ao grupo A.

No **grupo A**, os informantes em questão têm, à exceção do informante 3 (técnico em edificações e saneamento aposentado), formação e ocupação semelhantes: são profissionais da área de Letras (língua inglesa), professores atuantes ou em formação. Além disso, ao abordar sua relação com Porto Alegre e com os bairros e zonas em que moram, todos relatam práticas voltadas à Zona Central da cidade. Os informantes 1 e 3 moram no Centro. A informante 23 mora na Zona Sul, mas afirma adorar o Centro Histórico. O informante 14 mora na Zona Leste, mas não se entende, de fato, como morador da zona (mora em bairro limítrofe entre Zona Central e Leste), e sim como morador da Zona Central, área que considera a mais interessante da cidade.

Em relação à circulação na cidade, os informantes do grupo A destacam, então, suas práticas voltadas à Zona Central. As zonas menos mencionadas, consideradas como zonas que não conhecem ou como zonas *distantes* são as zonas Norte e Leste. A Zona Sul é apontada por todos os informantes desse grupo como uma zona que conhecem ou que visitam. O informante 1 frequenta um lugar no bairro Tristeza e classifica a zona como de casas *lindas, enormes e maravilhosas*, e que tem *cara de cidade pequena*. O informante 3 nasceu no bairro Tristeza e visita familiares, com pouca frequência, no bairro Vila Nova. Além disso, embora goste do Centro Histórico, gostaria de morar na Vila Assunção, bairro da Zona Sul. O informante 14 considera a Zona Sul *longe*, mas visita familiares lá (com pouca frequência) e afirma se localizar bem na zona, que conhece *relativamente*. A informante 23 mora na Zona Sul, menciona sensação de *pertencimento* ao bairro em que mora (Ipanema) e cita práticas de lazer, com as amigas, na região.

Parece compreensível, portanto, que os resultados para as análises multivariadas de efeitos fixos da amostra de 24 informantes do LínguaPOA tenham apontado a Zona Central como favorecedora e a Zona Sul como de ponto neutro em relação ao *ingliding*. A circulação na cidade parece ter papel importante na criação estilística dos informantes reunidos no **grupo A**. Essa já era uma suspeita desde o teste-piloto de percepções e atitudes (OLIVEIRA, 2015). No teste, todos os informantes que frequentavam e gostavam da Zona Central atribuíram ao centro um *falar porto-alegrense*, ao passo em que aqueles que não gostavam e nem frequentavam o centro não demonstraram tal percepção.

Há, entre os informantes do grupo A, a noção de que o centro de Porto Alegre é onde se tem *tudo* e onde está localizada a *vida cultural* da cidade. Morar no Centro garante, portanto, mais acesso a bens culturais por proximidade a teatros, cinemas e museus. A realização de *práticas culturais* no centro da cidade é um dos traços que partilham esses informantes, que se voltam para um estilo *alternativo* que parece lhes conferir distinção. A menção a tais práticas pode ser, juntamente com a realização do ditongo centralizado, uma forma de distinção no espaço social. Nesse caso, há relação com os significados sociais que se supõe que tenha o *ingliding* para os participantes do *Filme Sobre um Bom Fim*. Os trechos a seguir, das entrevistas sociolinguísticas, permitem situar os informantes a esse respeito.

“Agora, a Cidade Baixa, ela tem tudo que eu preciso, sabe, e muito do que eu gosto. Então, assim, tem muitos cafés legais, tem muita opção de comida boa, tem farmácia – pra quem gosta de farmácia –, uma a cada esquina, tem supermercado perto, tem a academia que fica a duas quadras da minha casa [...], tem o Guion, que é uma coisa que eu acho maravilhosa, porque ainda é um cinema que mantém um pouco mais cara de cinema, coisa que a gente não tem mais em Porto Alegre, né... Sem contar que é, assim, um cardápio alternativo, que as pessoas chamam, de filmes, né, fora daquelas coisas que a gente costuma ver num cinema comercial, né... Muito por causa do Guion eu desenvolvi, assim, um gosto por cinema argentino, sabe, por cinema oriental. É o tipo de coisa que se a gente depender só de shopping a gente não tem, né”.

“E a Cidade Baixa também tem um glamour meio decadente, assim, sabe. Sim, as festas são maravilhosas, a comida é abundante. Tá, tem que administrar outras questões, né, por isso que eu digo que é um glamour decadente”.

“As vezes que eu vou ao Sarandi, a impressão que eu tenho é que eu tô indo pra uma outra cidade [...] Porque a minha perspectiva é a perspectiva do porto-alegrense do bairro urbano, do bairro mais agitado”.

(INFORMANTE 1)

“Eu gosto mais [...] Bairros, assim, que eu gosto, é... do Centro, bairros próximos do Centro, que seria o Centro Histórico, Bom Fim, Menino Deus, né... E a Zona Sul.”

“[Gosto do Centro Histórico] porque tem tudo aqui. Tem teatro, tem parques, tem tudo que uma, por exemplo, os outros bairros... Tu tem que te deslocar [...] E aqui tu não precisa, aqui tu tem tudo”.

“Não é que não tenha [muita coisa em termos de teatro], tem um monte de coisa, tem horrores de coisa, só que a gente não tem conhecimento disso aí. [...] Falta educação cultural, ou seja, assim ó, alguém responsável pela [...] manutenção do aparelhamento né, de ensino... Trabalhar as pessoas pra que elas, culturalmente, vão se introduzindo no meio artístico, no meio, né, cultural em si, né. [...] Se tu vai, por exemplo, numa vila, ninguém sabe nem o que que é teatro. Agora muito menos [reforma do Ensino Médio], não vai ser mais obrigado a pessoa a pensar, né”.

(INFORMANTE 3)

“Eu sempre gostei de sair na Cidade Baixa [...] Eu sempre desgostei muito dessa área aqui [região onde foi feita a entrevista, Rio Branco/Moinhos de Vento] mais, chamada de patricinhas ou mais elitizada, assim, achava muito careta, assim. Então eu sempre gostei muito, eu morava no Centro, morei sete anos na Fernando Machado, e vivia na Cidade Baixa [...] na João Alfredo, tinha os primeiros barzinhos que tavam abrindo, então eu ia umas três vezes por semana dar uma saída”.

“Pra mim a área mais interessante da cidade é o Bom Fim, a Redenção. E o meu bairro, ele é Rio Branco/Santana/Bom Fim. Então, hoje, por exemplo, eu fui correr na Redenção, fui até a minha ginástica e voltei, depois vim pra cá de táxi”.

(INFORMANTE 14)

“Tenho estado bem preguiçosa pra ir ao cinema... Primeiro lugar porque assim [...] aquele tipo de cinema que faria com que eu saísse de casa, né, de Ipanema, pra ir a um lugar pra assistir, é um tipo de filme que dificilmente eu encontro, passa pouco, ou muito longe. Então eu sou preguiçosa, eu vejo filme em casa”.

“Eu gosto do bairro, eu cresci lá, então tenho bastante intimidade com o bairro. Eu me ressinto por ele ser muito longe, né, da vida cultural de Porto Alegre. Lá, é um outro esquema de viver, assim. Só que ao mesmo tempo, ele te dá um certo descanso dessa coisa muito agitada das partes mais centrais de Porto Alegre, né”.

“Então a gente acaba se sentindo seguro, porque tem uma sensação de pertencimento, foi o lugar em que eu fui criada, né”.

“Eu gosto muito da zona central. Tenho loucuras pelo centro [...] Eu gosto muito do centro. Realmente eu tenho paixão, eu adoro o Mercado, eu adoro a Praça da Alfândega, eu adoro a Praça da Matriz. Eu adoro andar pelas ruazinhas ali, [...] o espaço aquele da Fernando Machado, dos antiquários...”

tenho paixão. Os bares que têm lá, eu gosto muito. Tenho loucuras pelo centro”.

(INFORMANTE 23)

Para Bourdieu (1998 [1993]), o espaço social se apresenta no espaço físico através da distribuição de diferentes bens e serviços, e, também, de agentes individuais ou de grupos fisicamente localizados. É na relação de distribuição de bens e agentes que se define, para o autor, o valor das diferentes regiões no espaço físico, que é o espaço social reificado. A relação com o centro da cidade não revela apenas uma relação com o espaço físico, portanto, na medida em que o centro, historicamente ocupado pela elite, é entendido como espaço privilegiado, onde está a vida cultural e muitos dos pontos turísticos que representam a cidade de Porto Alegre para quem é de fora da cidade. Domina esse espaço quem detém capital para tanto, e essa proximidade no espaço físico tem a ver com uma proximidade no espaço social. Os espaços da região central, como o Sarau Elétrico, demandam capital econômico, cultural e social de seus frequentadores, de modo que fazer parte desse espaço é como fazer parte de um *clube*, o que proporciona capital cultural e simbólico aos seus frequentadores, que partilham *habitus* de classe.

O estilo de vida *alternativo*, em oposição a um estilo mais elitizado/comercial, fica também evidente nas entrevistas. Isso se percebe quando os informantes 1 e 23 falam sobre os filmes que os interessam, que não são aqueles ditos “comerciais”, que se encontra nos shoppings. Conhecer o que culturalmente acontece na cidade, estar *por dentro*, pode ser uma marca importante dos estilos dos informantes entendidos como do grupo A. Sobre isso, o informante 3 afirma que existem muitas coisas associadas a *teatro* em Porto Alegre, mas que essa informação acaba não chegando nas periferias, por exemplo. Ao dizer isso, ele se marca como um daqueles que *sabem* o que acontece na cidade, movimento que se repete no falar dos demais informantes quando relatam suas práticas no centro. O mesmo faz a informante 23, que, em outro momento da entrevista, cita diferentes práticas culturais em Porto Alegre para sustentar a opinião de que a cidade está bem nesse aspecto.

O *glamour decadente* da Cidade Baixa, conforme aborda o informante 1, muito se assemelha ao que se poderia pensar do Bom Fim nos anos 1980. O que aparece no *Filme Sobre um Bom Fim*, e também nas entrevistas, como a da informante 23, é que a Cidade Baixa hoje se assemelha ao que o Bom Fim era nos anos 1980, de modo que os estilos daqueles que frequentam a Cidade Baixa podem, também, ser semelhantes aos que frequentavam, à época, o Bom Fim. De fato, quando mencionam bares frequentados, os informantes do grupo A citam lugares na Cidade Baixa, marcando-se como frequentadores do bairro.

A esse respeito, vale destacar a oposição que o informante 14 faz entre os bairros que frequenta e bairros mais *elitizados/caretas*, oposição também evidente entre os participantes do *Filme Sobre um Bom Fim*. O *ingliding*, para os participantes do filme, parece ser justamente uma das marcas que opõem o *careta* ao *descolado*, o que se mostra no discurso do informante 14. Outra comparação interessante, feita por esse mesmo informante em outro momento da entrevista, diz respeito ao que seria um estilo de vida *europizado* em comparação a um estilo de vida *americanizado*. De acordo com o informante, a área central, do Bom Fim e da UFRGS, atrai gente mais jovem, estudante, e pessoas interessadas em uma vida *a pé*, mais *europizada*. O estilo mais *americanizado* é atribuído à região do Shopping Iguatemi pelo informante, mais afastada do centro.

Essa oposição evidencia o estilo de vida de que o informante faz ou quer fazer parte: *europizado, a pé*, de áreas centrais como a do Bom Fim. Há um *glamour* (mesmo que *decadente*) em fazer parte desse estilo que, mesmo em uma metrópole como Porto Alegre, se compõe de práticas *a pé*. Em relação ao estilo *europizado*, é interessante destacar que o informante 14 afirma gostar muito de Londres a ponto de afirmar que, se não tivesse uma vida estável em Porto Alegre, gostaria de morar na cidade. Para ele, Londres oferece muitas opções em todos os sentidos, inclusive culturalmente. Faria (2011), ao abordar a década de 1980, relata uma geração que queria ser, dentre outras coisas, *roqueira* e *londrina*. Hoje, o informante 14 integra uma banda que reproduz músicas de *rock inglês* dos anos 1960 e 1970, influentes para o movimento do Bom Fim dos anos 1980.

A circulação primordialmente *a pé* é outro dos traços que faz com que os informantes em questão possam ser reunidos no grupo A. Sair mais a pé do que de carro é, como os próprios informantes afirmam, uma escolha, em razão da proximidade entre os locais que frequentam e o local onde moram. Não quer dizer, portanto, que esses informantes não tenham as condições necessárias para circular de carro. Os informantes 1 e 3 possuem e utilizam carro, mas fazem mais coisas a pé, perto de casa. O informante 14 tinha carro, mas não tem mais: circula a pé e, quando necessário, pega carona com a esposa ou anda de táxi. A informante 23 não dirige porque, segundo ela, não gosta. Ela realiza práticas perto de onde mora e, para se deslocar da Zona Sul, usa ônibus ou lotação (essa última opção reserva para momentos em que tem *preguiça* ou quer *mais conforto*).

Como necessidades de Porto Alegre, os informantes do grupo A apontam a segurança/violência como um problema da cidade. No entanto, todos afirmam que *aumentar o efetivo policial e equipar a polícia* (alternativa lida para todos) não é suficiente para solucionar o problema. Para o informante 1, é preciso, antes disso, recapacitar os policiais. Para o informante 3, é necessário haver uma política de policiamento que torne a polícia mais inteligente. Para o informante 14, a segurança é um problema social que não se resolveria apenas com reforço policial. Para a informante 23, a segurança é importante, mas não a prioridade. Além disso, a informante ressalta que “não vai ser botar policial com cassetete a bater em pessoas e fazer *blitz* em negro que vai resolver”. Além da visão crítica do trabalho da polícia, os informantes apontam outras prioridades: investimento em cultura e lazer, educação, infraestrutura, transporte coletivo e preservação da natureza.

Em relação aos veículos de mídia utilizados pelos informantes do grupo A, a resposta de todos é bastante semelhante. Tendo mais ou menos tempo para lazer, todos utilizam muito a *internet* e assistem à TV a cabo. As fontes de notícia variam, mas a maioria dos programas citados são de filmes e séries. O informante 3 também menciona programas de entrevista e de esporte, mas ressalta que prefere

principalmente canais que *têm alguma coisa associada com cultura*. Todos afirmam não ouvir rádio hoje em dia, ou ouvir pouco (nas poucas vezes em que utilizam carro).

Em relação às práticas religiosas e às línguas adicionais, os informantes 1, 14 e 23 são muito semelhantes: não praticam nenhuma religião e são fluentes em inglês e mais outra língua, podendo ter estudado ainda outras. Os três informantes em questão têm formação ou estão em formação na área de Letras, o que pode ter a ver com sua exposição a línguas adicionais. A exceção, no grupo A, é o informante 3: é espírita karcedista e não pratica outra língua adicional.

Não praticar nenhuma religião é, ideologicamente, uma possível forma de enfrentamento a uma sociedade religiosa como a brasileira. Uma série de dogmas religiosos tradicionais foram combatidos no movimento dos anos 1980, como a busca por liberdade sexual, por exemplo, citada no *Filme Sobre um Bom Fim*. A organização de algumas religiões é vista por alguns agentes sociais como reprodutora de uma ideologia tradicional e conservadora, oposta ao que se pode ter como um estilo de vida *descolado*. Se *ingliding* tem a ver com *transgressão* em alguma medida, faz sentido que os informantes não adotem práticas e discursos religiosos. Igualmente, sua abertura à cultura estrangeira deve passar pela fluência em inglês e outras línguas, o que também se observa em grande parte do grupo A.

O posicionamento em relação à legalização do uso das drogas também tem tudo a ver com as práticas declaradas dos agentes do *Filme Sobre um Bom Fim*. Nos relatos, a transgressão via uso das drogas é evidente como marca do estilo ao qual os ditongos centralizados estão associados. Nos informantes do grupo A, isso não é diferente: à exceção do informante 3, todos são favoráveis à legalização do uso das drogas. Alguns não estão certos de que a liberação deva incluir todas as drogas, mas todos concordam a respeito da legalização do uso da maconha. Os relatos a seguir, sobre o assunto, merecem atenção.

“Eu acho que legalização do uso da maconha tá caindo de madura, opinião minha, se eu fosse político essa é uma das coisas nas quais eu investiria.”

(INFORMANTE 1)

“Tem pessoas que sabem usar drogas. Acho que, por exemplo, a maconha, embora eu não seja um usuário, já provei. Não gosto de usar, mas acho que tem muita gente que curte e não se atrapalha usando. E acho que absolutamente ela não é perigosa”.

(INFORMANTE 14)

“Sou totalmente a favor. Não sou usuária de drogas não legalizadas. Eu sou usuária de drogas, eu acho que é isso que tá faltando as pessoas entenderem. Eu uso drogas, eu tomo aspirina quando eu tenho dor de cabeça, eu tomo espumante quando eu quero me divertir, e eu até fumo um cigarro eventualmente quando eu tô bebendo, né”.

(INFORMANTE 23)

Dos três informantes, somente a 23 acredita que todas as drogas devam ser legalizadas. A informante, ao afirmar isso, diz que tem uma posição *radical*. Em relação à maconha, ela afirma achar *inócua*. A visão partilhada da maconha como uma droga que não oferece tantos riscos à sociedade se relaciona com a visão daqueles que compunham a *fumaceira* na Osvaldo Aranha nos anos 1980, conforme relatada pelos participantes do *Filme Sobre um Bom Fim*. Isso fazia parte do estilo desencanado da época, e parece fazer parte desse estilo ainda hoje.

O informante 3 é o único que se apresenta como desfavorável à descriminalização das drogas no grupo A, acreditando que a maconha deve funcionar como um *trampolim* para outras drogas. Contudo, o informante afirma ser contrário a extremismos, se afastando de uma visão mais radical da proibição. A visão do informante 3 sobre o problema tem a ver com ter presenciado, em casa, problema com drogas. Em relação à época em que era jovem, ele relata:

“Por exemplo, na minha época, todo mundo experimentava (maconha) né. [...] Muito pouca gente só tinha dinheiro e tinha acesso a droga pesada que seria... Cocaína, isso aí, né. Hoje não. Hoje é [...] muito fácil de conseguir”.

(INFORMANTE 3)

Na visão do informante 3, o problema é o fácil acesso a drogas pesadas que se tem atualmente. Hoje, portanto, a maconha pode ser *trampolim* para drogas mais pesadas, o que *na sua época* não era necessariamente verdade, já que o acesso a elas era mais limitado. Contrário à legalização, mas oposto a extremismos, o informante 3 afirma ter participado de um meio em que *todo mundo experimentava* maconha. Embora tenha ressalvas ao seu uso, contudo, o informante não faz juízo de valor explícito

contra a maconha em si, mas sim contra as drogas *mais pesadas* a que os usuários de maconha podem eventualmente se expor.

Embora tenha tais diferenças perceptíveis em relação aos demais informantes do grupo A, o que torna o informante 3 parte do grupo em questão diz respeito, principalmente, às suas práticas culturais relacionadas ao Centro Histórico. Além disso, no que diz respeito ao posicionamento político, o informante 3 também se alinha aos demais. É praticamente consenso entre os relatos dos informantes do LínguaPOA uma visão pessimista e negativa da política brasileira. As críticas são várias, e englobam desde uma visão de que a corrupção está nas mais diversas camadas da população até a visão de que o poder corrompe. Na grande maioria das entrevistas, na intenção de evidenciar os posicionamentos políticos dos informantes, perguntou-se se eles poderiam citar um exemplo de bom e mau político. Como resposta, há certa repetição entre os informantes do grupo A.

Os informantes 3, 14 e 23 evidenciam relação com o Partido dos Trabalhadores (PT) ao abordarem o assunto, embora o façam, muitas vezes, com ressalvas. O informante 3 afirmou não ter candidato a prefeito definido no momento da entrevista (a 3 dias da eleição em questão), mas mencionou o candidato Raul Pont (PT) como o mais experiente dentre os candidatos³⁷. O informante 14 afirmou que sempre votou nos governos do PT, embora também já tenha se decepcionado com o partido. Ele acredita que os governos do PT foram *golpeados* recentemente, evidenciando seu posicionamento a respeito do processo que resultou no afastamento da presidenta Dilma Rousseff (PT) para o cargo em que foi eleita democraticamente em 2014. A informante 23 afirma admirar a trajetória do ex-presidente Lula (PT) e respeitá-lo *imensamente*, bem como a então presidente Dilma Rousseff (PT).

³⁷ A entrevista com o informante 3 foi realizada em 2016, ano em que foram eleitos Prefeitos e Vereadores. Os candidatos à prefeitura de Porto Alegre foram: Nelson Marchezan Júnior (PSDB) – eleito no segundo turno; Sebastião Melo (PMDB) – candidato que concorreu, também, no segundo turno; Raul Pont (PT); Mauricio (PTB); Luciana Genro (PSOL); Fabio Ostermann (PSL); Marcello Chiodo (PV); Julio Flores (PSTU); João Rodrigues (PMN).

O informante 1 não menciona nenhum político do PT como bom exemplo, mas menciona pessoas de partidos de posição político-ideológica declarada de *esquerda*: Manuela D'Ávila (PCdoB) e Luciana Genro (PSOL). O informante as cita ao buscar bons exemplos de políticos, mas faz ressalvas, também mencionando atitudes das duas com as quais não concorda. O informante também menciona o atual³⁸ prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan Júnior (PSDB), de visão político-ideológica oposta ao das primeiras duas. Contudo, o faz na busca de encontrar algo de positivo em sua postura, afirmando “Pra não dizer que tudo no Marchezan é a treva total...”, o que evidencia que, de um modo geral, sua postura é contrária à do prefeito.

Novamente, a relação com o movimento jovem dos anos 1980 no Bom Fim fica evidente. No *Filme Sobre um Bom Fim*, movimentos atrelados à posição ideológica defendida por partidos ditos de esquerda compõem o cenário de questionamento da época. A única líder política a compor o filme é Vera Guasso, integrante do PSTU, partido que tem extrema-esquerda como espectro político. Embora não se suponha total unanimidade de posicionamento político dentre os participantes do *Filme Sobre um Bom Fim*, os relatos presentes no documentário permitem a interpretação de que as ideologias de esquerda eram as mais partilhadas dentre seus representantes. No Sarau Elétrico, a carta de Eliana Chiossi também evidencia sua relação com o PT, na medida em que afirma que escolheu torcer para o Internacional provavelmente pela cor vermelha da bandeira, como a do PT.

Os traços aqui reunidos permitem localizar, nos informantes do grupo A, associações mais ou menos diretas com características daqueles que participaram do movimento jovem dos anos 1980. A hipótese a partir da análise piloto do LínguaPOA (OLIVEIRA, 2016) com a informante que, nesta amostra, é a 23, se reafirma na medida em que outros informantes que partilham semelhantes traços estilísticos surgem na amostra ampliada. O estilo inovador dos modelos culturais parece presente nesses informantes, de modo que faz sentido pensar que *ingliding* é uma estratégia para

³⁸ A entrevista do informante 1 foi realizada em 2017, ano em que Nelson Marchezan Júnior (PSDB) tomou posse como prefeito de Porto Alegre.

mobilização de *personae* que possam ser interpretadas como inovadoras. Não se trata, nos informantes do grupo A, da *persona* do *jovem louco* dos anos 1980 propriamente dita, mas de *personae* que partilham traços desse *jovem* e que estão na base daquilo que se percebe como *descontraído, descolado, desencanado e morador de regiões centrais*.

Ressignificado ao longo do tempo, os significados sociais do *ingliding* hoje parecem ligados, também, a quem é do *meio cultural*, termo guarda-chuva que abrange diversas práticas associadas ao consumo e à apreciação de diferentes manifestações artísticas. É isso que parece presente no Sarau Elétrico e que está no cerne do que une os informantes do grupo A, razão pela qual se supõe que fazer uso do ditongo centralizado é tanto uma estratégia de pertencimento a um estilo de vida quanto uma maneira de mobilizar capital cultural.

Os gostos de um agente social, para Bourdieu (2015 [1979/1982]), estão associados aos gostos dos demais agentes da mesma classe e grupo social, de forma que se pode pensar em um *gosto de classe* como manifestação de estilos de vida. Faz sentido, portanto, reunir os informantes no grupo A por seus gostos por práticas artísticas/culturais que têm a ver com sua posição no espaço social. Afinal, não se tratam dos *gostos da necessidade* das camadas mais pobres da população, mas de gostos de quem é dotado de certo capital econômico. Se o que dizem sobre os seus gostos é o que praticam de fato, não há como saber, mas o que declaram é suficiente para que se percebam estratégias de enquadramento a um estilo de vida e a uma classe.

Contudo, nem todos os informantes que mais produzem *ingliding* na amostra de 24 informantes do LínguaPOA partilham dessas características mencionadas. Dois dos seis informantes foram reunidos em outro grupo justamente por diferenciarem-se substancialmente do grupo A. Tratam-se dos informantes 8 e 20, aqui reunidos no **grupo B**.

Os informantes 8 e 20 do grupo B moram, respectivamente, na Zona Norte e na Zona Sul de Porto Alegre. Os informantes afirmam preferir as zonas em que moram, de forma que não gostariam de viver em outra região dentro de Porto Alegre. Ambos só se mudariam se fosse para fora do Rio Grande do Sul: para Santa Catarina

(informante 8) ou para fora do Brasil (informante 20). Ao abordar a circulação na cidade, nenhum deles menciona a Zona Leste. Abordam primordialmente as zonas em que moram, onde mais transitam, e afirmam que a Zona Central é frequentada somente a trabalho. Isso é um primeiro traço que os distingue dos informantes do grupo A, que relatam práticas de lazer/culturais na Zona Central.

A ocupação dos informantes do grupo B é semelhante: ambos trabalham na área de vendas da empresa de que fazem parte. O informante 8 trabalha com venda de medicamentos e o informante 20 trabalha em uma empresa da área de tecnologia de computação. Essa é outra diferença interessante em relação aos informantes do grupo A que são, em sua maioria, profissionais da área de Letras.

Ainda em relação às zonas da cidade, o informante 8 faz uma oposição entre as Zonas Norte e Sul. Os dois informantes apresentam motivos para gostarem mais das zonas em que moram. Os trechos a seguir ilustram tais posicionamentos.

“Eu gosto do bairro pela aproximação que a gente tem de shoppings, tá tudo muito perto, assim, muito próximo da gente... É um bairro muito arborizado [...] É um bairro que não tem muito prédio também, ainda permanecem as casas ali, um bairro mais tradicional, mais antigo. E tem de tudo um pouco, né, é um bairro que oferece, que tem um público, assim, diversificado”.

“De Porto Alegre, acho que a Zona Norte é a que tem mais opções”.

“O que eu só percebo que é forte é: quem mora na Zona Norte não quer morar na Zona Sul. Quem mora na Zona Sul não quer morar na Zona Norte”.

(INFORMANTE 8)

“Eu amo morar lá [bairro Tristeza] [...] Porque, já que a gente não tem mar, pelo menos eu tenho rio. Meu apartamento tem vista pro rio. Então, eu adoro. Até por gostar de correr na rua. É meio que, tipo, morar na praia, quase, não sendo na praia”.

“Quem mora na Zona Sul, eu vou dizer que é difícil trocar pra morar noutro lugar. [...] Se eu tiver que sair de Porto Alegre, da Zona Sul, é pra ir pra fora do Brasil”.

“[Sobre mudanças na Tristeza] Lá era um bairro bem menor do que é hoje. Então, assim, era mais fácil morar lá, porque tinha menos gente. O trânsito era mais fácil. Era quase tu morar no interior, assim, tando numa grande cidade. [...] Acho que teve um boom imobiliário lá na Zona Sul. Então teve propagandas: ‘A Zona Sul é tudo de bom’, tinha os adesivos que os caras usavam no carro. E aí eu acho que atraiu muita gente. Tem muita gente lá que eu sei que não morava lá, que foram morar lá, eu conheço muita gente na Zona Sul”.

(INFORMANTE 20)

O contato com a natureza (bairro arborizado; semelhante a uma praia) é uma característica apontada pelos dois informantes do grupo B. Embora o informante 8 ressalte certa oposição entre Zona Sul e Norte, os informantes em questão partilham diversos traços, mesmo morando em zonas “opostas”. Dentre esses traços, está a relação com as práticas esportivas, já evidentes no trecho do informante 8, que afirma que adora correr na rua. O informante 20 também gosta muito de correr, conforme relata. Dentre as atividades de lazer, correr é a que mais pratica. Os trechos a seguir evidenciam esse aspecto dos informantes do grupo B.

“Só que fiz Educação Física porque sempre fui envolvido com esporte, mas não exerci”.

“Esporte, pra mim, sempre foi... Sempre gostei muito”.

“E ontem, tipo, bah, três horas tava tranquilo, fui dar uma corrida”.

(INFORMANTE 8)

“Eu me dividia, no meu tempo livre, entre treinar, que eu gosto bastante de correr, faço musculação, também [...]”.

“Eu gosto de ir a cinema. Saio pra barzinho com a namorada. Mas 70% do tempo eu tô treinando”.

(INFORMANTE 20)

Correr é uma prática ao ar livre que ambos os informantes do grupo B gostam e praticam, portanto. A razão para o informante 20 gostar tanto de onde mora diz respeito ao contato com a orla do Guaíba, motivo que faz com que o informante 8 frequente, também, pontos da Zona Central. Além disso, ambos costumam viajar para a praia nas férias. O informante 8 tem uma casa em cidade de praia, bem como seus familiares, e gostaria de viver em Santa Catarina, destino muito procurado em razão do litoral. Igualmente, o informante 20 relata viajar para cidade litorânea para visitar familiares, além de considerar que a Zona Sul lhe proporciona algo semelhante ao que encontra na praia.

Se isso teria alguma semelhança com o estilo *surfista* atrelado ao movimento jovem dos anos 1980, é difícil confirmar. Afinal, o que as práticas dos informantes do grupo B evidenciam não se trata do estilo *surfista cabeludo hippie* do Rio de Janeiro. Talvez se relacione ao estilo que a música *Surfista Calhorda* parodia, que tem a ver com agentes de elevados índices econômicos que vendem o perfil *surfista*, mas também não

há evidências suficientes para sustentar essa afirmação. O que se pode afirmar é que o estilo de vida dos informantes do grupo B manifesta o gosto por esporte/praias, de forma que se há alguma relação com o *surfista* mencionado no *Filme Sobre um Bom Fim*, essa relação não é direta. Pode ser que, nas ressignificações pelas quais passou o *ingliding*, a relação com as práticas esportivas seja uma das quais continuou indexada à variável para diferentes agentes sociais.

A prática esportiva é uma semelhança evidente entre os informantes, que dedicam seu tempo livre a corrida e outras atividades, mas sem dúvida não é a única. Trabalhando como vendedores, ambos circulam bastante a trabalho pela cidade. O informante 8, além de circular na cidade, também viaja pelo estado a trabalho. Diferentemente do grupo A, os informantes do grupo B circulam primordialmente de carro, e pouco ou nada utilizam o transporte público.

Para os dois, o investimento em segurança é o principal para a cidade. Para o informante 8, é preciso aumentar o efetivo policial. Ele acredita, além disso, que o problema da segurança tem a ver com a desvalorização do ensino regular, e que é necessário, portanto, investimento em ensino. Para o informante 20, o investimento em segurança promoveria outras mudanças na cidade, razão pela qual deve ser tomado como prioridade.

Em relação às mídias, novamente os dois informantes apresentam comportamento semelhante, e diferente aos daqueles do grupo A. Ambos afirmam utilizar internet, mas ressaltam evitar a superexposição nas redes ou buscar não se limitar ao mundo virtual. O informante 8 menciona que seus filhos não têm videogame e que estão também envolvidos em atividades esportivas. Em relação ao que assistem na TV a cabo, ambos mencionam canais esportivos. O informante 8 afirma ver canais de esporte, filmes e luta. O informante 20 afirma assistir canais de esporte e Discovery, bem como evitar TV aberta. Contudo, há alguns programas da TV aberta que assiste, como *Master Chef* e *The Voice*.

Além disso, ambos mencionam programas de rádio que escutam. O informante 8 diz escutar rádio no carro e em casa, e menciona a rádio Mix e a rádio Gaúcha. O

informante 20, em dado momento, cita frase ouvida no programa Pretinho Básico, da rádio Atlântida. A circulação de carro pela cidade deve ter impactos sobre o consumo de rádio para esses informantes. Além das mídias gaúchas já citadas, o informante 8 também afirma acessar o ClicRBS na internet e menciona que assistia à TVCom na época em que o canal existia.

Os informantes do grupo B praticam religião, diferentemente da maioria dos informantes que compõem o grupo A. O informante 8 é espírita, já o informante 20 afirma ser católico. Em relação às línguas adicionais, ambos afirmam ter conhecimento de língua inglesa e de língua espanhola.

Em relação à legalização do uso das drogas, ambos são desfavoráveis, embora reconheçam que a legalização poderia ajudar a solucionar o problema. Para o informante 8, a droga só traz malefícios à sociedade, de forma que é preciso acabar com ela. Para ele, a polícia é necessária para resolver o problema. O informante 20 afirma ser contrário à legalização por ser contra as drogas, inclusive as legalizadas, principalmente porque fazem mal ao corpo. O informante diz que tinha muitos amigos que usavam drogas, mas que ele, que se considera *meio careta*, nunca usou absolutamente nada. Além disso, hoje ele afirma beber pouco álcool para passar um bom exemplo ao filho. O informante acredita que antes o uso das drogas era mais *escondido*, mas hoje é *escancarado*.

Em relação à política brasileira, ambos os informantes do grupo B demonstram dificuldade em citar bons exemplos. O informante 8 aponta erros e acertos do atual governador do Rio Grande do Sul, José Sartori (PMDB), e cita Renan Calheiros (PMDB) e Michel Temer (PMDB) como maus exemplos. O informante 20 não cita bons exemplos, mas afirma que espera que mais políticos sejam presos, como aconteceu com Eduardo Cunha (PMDB).

Diferentemente do grupo A, portanto, os informantes do grupo B têm uma visão mais negativa das drogas, inclusive da maconha, e não apresentam políticos de partidos de esquerda ou centro-esquerda como bons exemplos. Esses são mais indícios de que os informantes do grupo B mobilizam outras *personae* constituídas em outros

estilos de vida, diferentes dos informantes do grupo A. Os traços que reúnem os informantes em dois grupos podem ser, por oposição, resumidos da seguinte forma:

Grupo A [informantes 1, 3, 14, 23]: circulação principal no centro da cidade; práticas culturais associadas ao centro; circulação principalmente a pé na cidade; segurança não é o único/principal problema da cidade, aumentar o efetivo policial por si só não proporciona mudanças; bastante uso da internet, consumo de TV a cabo (filmes e séries, programas culturais); favorável à legalização das drogas/visão não negativa da maconha; menção a políticos de partidos de esquerda como bons exemplos.

Grupo B [informantes 8, 20]: circulação principal longe do centro da cidade; práticas esportivas atreladas à orla; circulação principalmente de carro na cidade; segurança é o principal problema da cidade, aumentar o efetivo policial se faz necessário; bastante uso da internet (mas com ressalvas à superexposição e ao mundo virtual), consumo de TV a cabo (programas esportivos) e de rádio; desfavorável à legalização das drogas/visão negativa de todas as drogas; dificuldade em mencionar bons exemplos de políticos.

É interessante notar que os traços que permitem, nos informantes do grupo A, recuperar alguma relação com os estilos salientes no movimento jovem dos anos 1980 do Bom Fim, são opostos àqueles dos informantes do grupo B. Isso mostra que o *ingliding* pode ser mobilizado como recurso para construção estilística por agentes de diferentes estilos. Quais seriam as explicações para esse fato? Há algum propósito em comum na utilização da variante ditongada pelos diferentes grupos de falantes?

Localizar, nos estilos dos informantes do grupo A, características daqueles que mais produzem *ingliding* no *Filme Sobre um Bom Fim*, resulta da concepção de que os falantes se orientam a partir de *personae*, ou modelos culturais, para atribuir significados sociais às variantes linguísticas. Utilizar o ditongo centralizado, nesse sentido, é invocar aspectos de *personae* descoladas presentes no *Filme Sobre um Bom Fim*. Hoje, o Bom Fim é uma memória do que foi. Tal como se observa no Sarau Elétrico, a memória do movimento, associada ao falar com *ingliding*, é uma forma de

mobilização de capital cultural ligada aos *transgressores* que abriram espaço para as expressões culturais de hoje. Para os informantes do grupo A, utilizar *ingliding* parece ser um prolongamento desses significados sociais, o que se observa a partir de seus estilos de vida. Eles não são os artistas típicos, mas, com a variável (dentre outros traços) podem, também, mobilizar capital cultural, operando a partir de *personae* semelhantes às da época. Isso está evidente em suas práticas “europeizadas” associadas ao uso de espaços culturais da área central, a gostos alternativos e à inovação.

Para os informantes do grupo B, contudo, os significados sociais do *ingliding* parecem ser outros. Eles têm um estilo de vida “americanizado”, considerando a oposição feita pelo informante 14, circulando primordialmente de carro na cidade. Se, conforme Jaffe (2016), a postura também funciona como governadora dos índices das variáveis linguísticas, não é de se espantar que os significados sejam distintos para o grupo A e para o grupo B. Há a possibilidade, inclusive, de eles não participarem da mesma história indexical. Se não frequentavam a Zona Central à época do movimento dos anos 1980, podem ter tido menor contato com as manifestações da época, de forma que foram expostos à variante ditongada por outras vias. A afirmação do informante 20 sobre o uso das drogas parece, mesmo, oposta ao que afirmam os participantes do *Filme Sobre um Bom Fim*. A imagem que esses fazem da Osvaldo Aranha como um espaço composto de uma *fumaceira* em que se ofereciam substâncias ilícitas a quem passasse é oposta à percepção do informante 20 de que, antes, o uso das drogas era *meio escondido*, mas agora é *escancarado*.

Agentes sociais diferentes, e de diferentes estilos, indexam significados sociais diferentes a uma mesma variável linguística. Para quem frequenta a Zona Central somente a trabalho, faz sentido que os significados do *ingliding* sejam distintos. Mesmo se não tiveram maior contato com o movimento jovem dos anos 1980 no Bom Fim, contudo, é certo que os informantes do grupo B foram expostos ao ditongo centralizado. O contato com mídias gaúchas/porto-alegrenses evidenciado nos relatos dos informantes é uma das fontes desse contato. Quem esteve mais perto do

movimento do Bom Fim pode ter tido contato com o que acontecia “por trás” dos programas que iam ao ar no rádio e na TV, o que se percebe nos relatos dos participantes do *Filme Sobre um Bom Fim*. Quem não esteve no movimento, mas consumia a programação das emissoras da região, também teve contato com o ditongo centralizado, mas seus campos indexicais da variável são certamente distintos.

O que se argumenta é que a variável, com certos valores simbólicos para os jovens do Bom Fim nos anos 1980, adquire outras significações no campo dos comunicadores. Há a possibilidade de o traço em questão estar hoje atrelado ao falar midiático propriamente dito, sem a necessária especificação estilística associada à história indexical daqueles que encabeçaram o movimento jovem. Para alguns, portanto, esse falar pode ser o falar típico da mídia porto-alegrense, dos comunicadores, consumidos pelos informantes do grupo B.

Mas se os movimentos estilísticos são movimentos ideológicos, e se deve haver uma coerência entre os campos indexicais, mesmo que ressignificados, deve haver algo em comum entre os significados de *ingliding* para o grupo A e para o grupo B. Que traços são esses?

Fica evidente, inclusive a partir dos resultados das macrocategorias sociais, que todos os informantes em questão ocupam posições superiores no espaço social. Isso se revela em suas práticas, mas também é evidente a partir do fato de que todos enquadram-se no estrato socioeconômico A/B1 e possuem escolaridade superior. É possível que, tanto para o grupo A quanto para o grupo B, o *ingliding* seja uma estratégia de mobilização/manutenção de capital econômico. Em outras palavras, fazer uso da variante ditongada é uma estratégia de distinção que, nesse caso, serve para que os agentes sociais se marquem como pessoas que ocupam posições relativamente superiores no espaço social.

Tanto o gosto por práticas culturais quanto por práticas esportivas não são gostos da necessidade. Interessantemente, há gostos diferentes nas classes sociais altas (ou dominantes), que muito têm a ver com a circulação na cidade e com o modo de

circulação na mesma: de carro ou a pé. Quem não se locomove primordialmente de carro dentre os informantes, contudo, o faz por escolha, não por limitações financeiras.

A *hexis* corporal dos participantes do *Filme Sobre um Bom Fim* aponta para a relação entre *ingliding* e o que Bourdieu (2015 [1979/1982]) considera uma maneira *burguesa* de uso do corpo, marcada por uma amplitude de gestos que manifesta, no espaço físico, o lugar que se ocupa no espaço social. O uso do *ingliding* é, articulatoriamente, um reflexo dessa amplitude, que se associa à *liberdade* dos agentes sociais associada às condições de existência que, nesse caso, se expressa também como liberdade econômica. Nesse sentido, a sugestão de que *liberdade* deva ser um elemento central dos campos indexicais do *ingliding* (OLIVEIRA, 2016) parece ganhar força.

O processo parece atrelado à *classe social*, portanto, na medida em que é um dos resultados da partilha de *habitus de classe* de informantes tanto do grupo A quanto do grupo B. Mas se *ingliding* também compõe estilos de *personae*, não sendo pura e simplesmente uma manifestação de classe social, deve haver, também, características estilísticas que partilham os informantes do grupo A e do grupo B. Essas características comuns estariam no cerne da coerência entre diferentes campos indexicais para a variável.

Uma característica interessante diz respeito à *sociabilidade* dos informantes considerados. À exceção do informante 3, todos os informantes que mais produzem *ingliding* possuem ocupações que se dão a partir do uso da linguagem com várias pessoas, muitas vezes desconhecidas e/ou grandes públicos. Os informantes 1, 14 e 23, do grupo A, são profissionais da área de Letras, professores formados ou em formação. Os informantes 8 e 20, do grupo B, trabalham na área de vendas. Para que obtenham sucesso tanto ao ministrar uma aula quanto ao realizar uma venda, tais agentes sociais devem mobilizar capital simbólico e signos de autoridade para que sejam interpretados como confiáveis naquilo que dizem. É disso que precisam, também, os comunicadores de rádio e televisão.

Surge daí a hipótese de *ingliding* também como estratégia de mobilização de capital social e simbólico. Pode ser que seu uso não só indexe altos índices econômicos

ou uma relação de distinção com práticas culturais, mas também que seja um signo que confere legitimidade ao discurso daqueles que precisam ser convincentes e confiáveis para seus interlocutores. A produção do ditongo centralizado, ao resultar de relaxamento articulatorio em posições proeminentes da frase entoacional, pode ser uma estratégia para demonstrar conforto e liberdade na interação que parece só combinar com quem, em seu trânsito social, fala bastante e está seguro daquilo que fala. A proeminência de que resulta o *ingliding* produz a sensação de que se *canta* para falar, e confere também certo tom *explicativo* ao que se fala, com um ritmo marcado que facilita a compreensão do ouvinte, razão pela qual se entende por que parece uma estratégia utilizada por comunicadores.

O ditongo centralizado parece, então, uma marca de quem está habituado a falar e de quem está seguro do que fala. Nos anos 1980, estava presente no falar de quem circulava por diferentes grupos e vendia uma ideia de inovação. Nos informantes que produzem *ingliding* no LínguaPOA, está presente no falar de quem dispõe de várias relações sociais em seu trânsito social. Ao mesmo tempo em que confere autoridade e credibilidade, o ditongo centralizado parece ser uma marca de capital social. Se o discurso público tem papel sobre a aplicação de *ingliding*, faz sentido, também, que o processo tenha maiores proporções de aplicação nos dados públicos do *Filme Sobre um Bom Fim* do que nas entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA. Nesse sentido, supõe-se que o *ingliding* possa ser mais frequente em discursos públicos não somente porque nesses eventos há maior monitoramento de fala e empenho em enfatizar as estratégias estilísticas de distinção, mas porque seu uso confira lucro simbólico e social na própria situação comunicativa em questão, que compõe um mercado linguístico. Ou seja, pode ser que o uso da variante não esteja evidenciado no discurso público apenas como uma maneira de destacar uma marca estilística, mas como uma forma de buscar sucesso na própria situação comunicativa, ou lucro no mercado linguístico, o que demanda um uso seguro da linguagem no qual o ditongo centralizado é um signo de riqueza.

Uma maneira interessante de aprofundar a investigação dessa hipótese é acompanhar um mesmo agente social em diferentes situações de comunicação, mais ou menos monitoradas, com mais ou menos interlocutores, conhecidos ou desconhecidos. Será que alguns agentes sociais produzem *ingliding* somente em situações comunicativas de discurso público, e não em outras?

O informante 3 é o único dentre os seis que, mesmo antes de aposentado, não tinha uma ocupação que parecia demandar situações de uso da linguagem como os demais. No entanto, a sociabilidade também é um traço que se pode inferir do que declara o informante. Ele afirma, por exemplo, que “conhece um monte de gente” quando fala das reuniões em bares da região central. O informante 14, a esse respeito, afirma que gosta muito de “conversar com as pessoas, de interagir”. Isso parece evidente no desenrolar de todas as seis entrevistas, em que não parece ter havido constrangimento dos informantes em relação à situação de gravação; pelo contrário, todos pareceram confortáveis com o momento de entrevista. O informante 8, embora considere-se mais *discreto* e como alguém que não tem tantos amigos, afirma ser conhecido no bairro e, dentre sua lista de afazeres para o trabalho, afirma usar muito o telefone, fazer muitas reuniões e viajar bastante pelo estado. Ele chega a afirmar que se não tivesse desligado o telefone no momento da entrevista, não conseguiria conversar com os entrevistadores.

Para além disso, todos os seis informantes podem ser interpretados como *descolados* a seu modo. A oposição ‘descolado’ *versus* ‘careta’ (‘inovador’ *versus* ‘conservador’) funciona de maneira mais clara nos informantes do grupo A por conta de suas práticas e posicionamentos ideológicos (mais claramente associados aos participantes do *Filme Sobre um Bom Fim*). Contudo, o estilo *descolado* tem a ver com uma *liberdade* de que dispõem tanto os agentes do grupo A quanto os agentes do grupo B, que veiculam diferentes estilos de vida de uma classe social (dominante) no mínimo semelhante. Essa liberdade não é apenas financeira, mas também estilística, estando associada aos modos de agir e de portar o corpo. Trata-se da liberdade de quem não sabe (e não precisa saber) cozinhar, de quem pratica mais de uma língua, de quem

gosta de viajar e está aberto às culturas estrangeiras, dentre outras coisas. O *despojamento*, portanto, é perceptível tanto nas práticas culturais alternativas do grupo A quanto nas práticas esportivas do grupo B, de contato com a natureza (com a orla do Guaíba) e com viagens para a praia. Um exemplo disso está nas declarações do informante 20 sobre os motivos que o fazem gostar da Zona Sul.

“A Zona Sul é isso [...] parece praia, e não sendo. [...] É mais comum tu ir pra um restaurante da Zona Sul e ver as pessoas de bermuda, camiseta, no final de semana... Então assim... chinelo. Coisa que em alguns bairros de Porto Alegre, por exemplo, Moinhos de Vento, tu não vai ver, tu vai ver as pessoas arrumadas como se tivessem indo... Então lá tem um ar mais despojado e um ar mais jovem, assim, acho que a Zona Sul tem isso”.

(INFORMANTE 20)

Se as práticas sociais do informante não permitem que esse reproduza o estilo de modelos culturais do Bom Fim dos anos 1980, a maneira como descreve a zona em que mora é, também, como se descrevem aqueles que compuseram o movimento dos anos 1980: *despojado* e *jovem*. A afirmação do informante 20 e o contraste da região em que mora com a região do Moinhos de Vento, tipicamente percebida como uma área elitizada de Porto Alegre, também está presente no informante 14 que, por tantos outros motivos, se distancia dos informantes do grupo B. O que há de comum é a oposição a práticas ostensivas/luxuosas/opulentas tomadas como características da elite dominante, embora as oposições possam se dar por diferentes motivos.

O informante 14, do grupo A, opõe-se aos bairros elitizados por estarem em uma região mais *careta*, de *patricinhas*. O informante 20, do grupo B – que se considera *careta* em relação ao uso das drogas –, destaca a oposição evidente no vestuário, entre ser *despojado* (bermuda, camiseta, chinelo) e estar *arrumado*. Os participantes que mais produzem *ingliding* no *Filme Sobre um Bom Fim*, e aqueles que frequentam o Sarau Elétrico, opõem práticas políticas e artísticas antigas, empoladas, conservadoras, à inovação cultural marcada por enfrentamento e transgressão. Há, além disso, a constante menção ao termo *jovem* por aqueles que produzem mais *ingliding*.

São esses aspectos que podem conferir coerência aos campos indexicais do *ingliding* por diferentes agentes sociais. Todos ocupam posições superiores no espaço

social e, mesmo que de maneiras distintas, se opõem a uma ideia de elite contida (formal, fechada, séria), ou mesmo esnobe, alinhando-se com um estilo mais *jovem* e *descolado*. Se são essas características que unem os agentes sociais, para além do uso do *ingliding*, é provável que o *ingliding* esteja, justamente, indexando tais significados sociais. É isso que há em comum nas diferentes combinações de práticas estilísticas dos agentes. Em *personae* diferentes, no grupo A e no grupo B, o lucro simbólico promovido pelo *ingliding* pode ser semelhante. Assim, se se exercitasse a elaboração de um campo indexical como o de Eckert (2008) da Figura 1, *descolado* e *relaxado* estariam a meio do caminho entre as *personae* construídas pelo grupo A e pelo grupo B, ao passo que *formal* ou *contido* deve estar distante de ambos. Já significados como *transgressor*, *louco* e *maconheiro* estariam mais próximos do grupo A, e *esportista* e *praieiro* estariam mais próximos do grupo B.

Nos anos 1980, pelo que se infere dos comentários aqui mobilizados, produzir *ingliding* era um dos traços de quem construía *personae* transgressoras, mas também do *surfista* que não era do “movimento mesmo”. Também mais de um estilo de vida podia estar associado ao processo, que podia envolver desde artistas de vanguarda até “filhinhos de papai”, ironizados pela música *surfista calhorda*. A afiliação ao significado *despojado* permeia ambos os estilos de vida, possivelmente associados à produção de *ingliding*.

Nesse estudo, uma questão que se coloca é: de que maneira essa exploração dos estilos de vida e de *personae* associados ao *ingliding* pode explicar os resultados para as variáveis sociais estatisticamente correlacionadas ao processo? Na análise multivariada de efeitos mistos da subamostra do LínguaPOA, gênero e faixa etária apareceram como correlacionadas ao processo. O que explicaria esses resultados quantitativos?

Em relação à faixa etária, há a suposição de que, nos anos 1980, houve incremento e difusão do *ingliding*, razão pela qual a segunda faixa etária desponta como favorecedora: aqueles da segunda faixa etária eram jovens ou adolescentes nos anos 1980. Contudo, se os significados sociais aqui discutidos estão associados ao

ingliding, e se o processo pode ter, também, relação com o falar midiático e para grandes públicos, o traço não deve ser exclusivo dessa faixa etária. Além disso, não se pode perder de vista que o falar com *ingliding* é muitas vezes percebido (pelos não porto-alegrenses) como típico de Porto Alegre, de modo que, em determinados contextos, sua utilização pode significar pertença à cidade. Uma análise em tempo real, estudo de tendência, analisando dados futuros, poderia verificar se a variável se manteve relativamente estável ou se houve progressão/diminuição, ou favorecimento por outras faixas etárias.

Para discutir o resultado de gênero masculino como favorecedor do *ingliding*, é preciso explorar como *gênero* é compreendido neste trabalho. Como Battisti e Oliveira (no prelo), parte-se da noção de Butler (2017 [1990]) de *gênero performativo*, como algo que se *faz* e não que se *é*. Nessa perspectiva, o gênero é criado a partir de performances sociais contínuas, de maneira que uma identidade de gênero *real* ou *original* é uma ficção reguladora que resulta de estruturas restritivas da heterossexualidade compulsória e da dominação masculina. Embora tenha-se operado com as categorias *masculino* e *feminino* para gênero, no LínguaPOA os informantes têm espaço para preencher sua informação de gênero sem categorias pré-definidas, o que resulta da compreensão de que o binarismo de gênero é limitador e, também, conforme Bourdieu (2012 [1998]), de que a diferença biológica entre os sexos é uma justificativa naturalizada da diferença construída socialmente entre gêneros, que se dá a partir de relações de dominação inscritas na subjetividade e na objetividade.

Battisti e Oliveira (no prelo) afirmam que, para Bourdieu (2012 [1998]), *gênero* tem existência relacional e se constitui como produto de uma construção teórica e prática. A construção simbólica de gênero, para Bourdieu (2012 [1998]), vai além da *performatividade* de que trata Butler (2007 [1990]), na medida em que se realiza em uma transformação duradoura e profunda dos corpos *em* um trabalho e *por* um trabalho de construção prática que impõe uma *definição diferencial* dos usos legítimos do corpo para a produção do artefato social do *homem viril* e da *mulher feminina*. A exclusão de tudo o que não se conforma ao artefato social de natureza binária é uma forma de violência

simbólica que resulta, para Bourdieu (2012 [1998]), de um trabalho incessante e histórico de reprodução e recriação de estruturas subjetivas e objetivas de dominação de que diversos agentes sociais fazem parte, com a Escola, o Estado, as instituições, as famílias e a Igreja.

Outro aspecto observado por Battisti e Oliveira (no prelo) é o de que, para Bourdieu (2012 [1998]), gênero interfere em qualquer análise de *classe e estilo de vida*, ou apresentando uma dinâmica independente, ou interagindo diretamente. Tanto Bourdieu (2012 [1998]) quanto Butler (2017 [1990]) consideram uma transformação e subversão da ordem dos gêneros possível, mas ressaltam a tendência à manutenção da ordem social em que gênero é uma categoria de dominação.

Em relação ao *ingliding*, é importante ressaltar que os modelos culturais estereotipados do *jovem descolado* associado à variante ditongada são figuras masculinas. O personagem *Magro do Bonfa* ('descolado' do Bom Fim), que integrou a Escolinha do Professor Raimundo, da Rede Globo, é um exemplo disso. André Damasceno diz ter se inspirado em um aluno de pré-vestibular de 22 anos para a criação do personagem que foi ao ar em 1993. O humorista, à época professor de matemática, relata que o jovem, que não trabalhava, desviava das perguntas do professor e afirmava não compreender as explicações. Esse jovem malandro é o que Flu S., participante do *Filme Sobre um Bom Fim*, deve chamar de *louco*. Na busca de exemplos de *loucos* de outros lugares, Flu S. menciona *João Gordo*, outra figura masculina, para dizer que não se trataria propriamente de um louco como o do Bom Fim, visto que *louco mesmo não sabe nem o que que é trabalhar*.

Essa noção também está presente nos relatos dos informantes 14 e 23 que, quando perguntados sobre o *Magro do Bonfa*, respondem de maneira semelhante. Para o informante 14, o personagem diz respeito a um jovem malandro que tem o falar do morador do Bom Fim. Para o informante, que diz ter tido contato com o personagem desde sua criação, o *Magro do Bonfa* é uma mistura do *porto-alegrês* com *jovem*. Para a informante 23, o Wander Wildner (um dos participantes do *Filme Sobre um Bom Fim*

com maior proporção de aplicação de *ingliding*) é o Magro do Bonfa típico. A informante em questão afirma:

Na minha época de adolescente, quando eu tinha mais ou menos a idade de vocês³⁹, ou um pouco menos até, o grande... A CB⁴⁰ de Porto Alegre era o Bom Fim, tá... E existia, então, um grupo muito característico que é... Vocês já ouviram falar do Wander Wilder, vocês já ouviram falar. Então, Wander Wilder é o Magro do Bonfa típico, é o pessoal que frequentava a noite e fazia Ocidente, fazia outros bares que tinham por lá, que era uma penca, assim. [...] Tem aquela linguagem específica de grupo, né, então é uma gíria específica, é um jeito de falar específico, é um arrastar muito característico de Porto Alegre, mais arrastado e mais cantado ainda do que... A gente canta quando fala, e eles cantam mais ainda, é uma coisa incrível. E aí um humorista [...] criou a persona, a personagem o Magro do Bonfa, porque ele pegou todos os estereótipos daquela galera que se reunia na minha adolescência. Que seria mais ou menos se hoje um cara pegasse a galerinha da CB, o cara da CB, entende. [...] O Bonfa é o equivalente à CB, né. Então o Magro do Bonfa era esse pessoal que frequentava lá. A maioria deles, assim, era músicos, era mais forte o rock and roll na minha juventude, mais do que qualquer coisa. [...] Um pop rock, assim, tava nascendo. [...] Esse tipo de coisa a gente escutava, escutava muita música que vinha de fora, mas Porto Alegre tinha um cenário de rock bastante forte, né. Então a gente tinha Cascaveletes, TNT, bah, era muito, tinha muita banda de rock progressivo em Porto Alegre, bastante forte na época. E aí era esse pessoal, assim, meio pop rock, alternativo, que circulava pelo Bom Fim. Tinha ainda um pouco de punk, também, na época, né, bastante forte. E... e esse tipo de pessoa assim, um jeito de falar mais cantado, mais arrastado, com uma gíria bem específica, esse é o Magro do Bonfa [risos]. [...] É muito parecido com o que é hoje a CB, só que o tipo de música é diferente, o tipo de interesse é diferente. [...] A preocupação era outra na nossa época. Era uma preocupação de se levantar. [...] De repente nós tínhamos voz, tinha acabado a ditadura, né, então, de repente, a gente podia fazer, tá na noite, se reunir dez, vinte, tomar trago na noite, cair bêbado na sarjeta que não ia dar nada. Podia, o que antes não podia, né. Então ainda não existiam... eram outras questões que eram importantes. Eu acho isso importante. Hoje a questão, por exemplo, do respeito às... à diversidade de gênero, à diversidade étnica, tudo, né [...] é a grande discussão que tá acontecendo não só em Porto Alegre, no mundo inteiro. Na nossa época, eram outras questões, né, ainda era bastante heterossexual, branco, classe média. Mas era ainda a questão de: estamos podendo, estamos tendo voz como jovem, né, coisa que a geração da minha mãe já não teve, porque foi sufocada em plena adolescência com a ditadura militar. Então, de repente, surgiu, nós podíamos falar, podíamos berrar, podíamos cantar, podíamos fazer... Então a gente fez coisas que vocês nem imaginam [risos]. Nós fomos muito piores do que vocês são hoje, e isso é uma coisa que as pessoas também não enxergam. A falta de memória do adulto é dolorosa, porque nós fomos muito, muito piores. Muito. Vocês são maravilhosos, uns anjinhos, perto do que a gente foi.

³⁹ As entrevistas da amostra-piloto foram realizadas por mim e por Viviane Tebaldi Moras, ambos bolsistas de iniciação científica do projeto LínguaPOA à época. Nossas idades quando da realização desta entrevista eram, respectivamente, 21 e 20 anos de idade.

⁴⁰ Cidade Baixa, bairro da Zona Central de Porto Alegre.

Nós somos sobreviventes, de repente, desse afã de liberdade que surgiu nos anos oitenta, né. O adolescente dos anos oitenta é um adolescente extremamente louco. Louco, louco, louco.

(INFORMANTE 23)

O relato da informante 23 associa o *estilo de vida* desse jovem com o falar *cantado* associado ao *ingliding*, bem como ilustra muitos dos pontos explorados nesse trabalho a respeito do perfil desse jovem, das práticas do Bom Fim e do fato de que a Cidade Baixa é hoje entendida como bairro mais próximo ao que o Bom Fim foi nos anos 1980. A informante 23 considera que o adolescente dos anos 1980 em Porto Alegre é um sobrevivente de um *afã* de liberdade, reforçando a ideia do jovem dos anos 1980 como *louco*. É interessante notar a caracterização da época pela informante como de perfil ainda bastante *heterossexual, branco, classe média*. Isso reforça a compreensão do movimento e do *ingliding* como associado a classe social, que não atingiu exatamente as periferias da cidade (daí a impressão de alguns de que quem fala assim é *filhinho de papai*), mas também demonstra que, embora tenha se proposto também como um movimento de libertação sexual, o que se pode perceber em alguns trechos do *Filme Sobre um Bom Fim*, a percepção da informante é de que o movimento ainda era *heterossexual* e não tinha as discussões de gênero como pauta principal.

Em suma, supõe-se que o *ingliding* deva ter significados semelhantes para homens e mulheres no que diz respeito ao *despojamento* (com maior ou menor grau de *transgressão*), mas que os papéis de gênero influenciem o uso da variante em razão das construções simbólicas do que é ser homem e do que é ser mulher na sociedade. À medida em que as mulheres conquistam espaços e conseguem se livrar das expectativas que as associam a uma posição contida de dominação, isso deve ser perceptível também no uso da linguagem.

Explorar a relação entre *ingliding* e gênero requer que se compreenda os significados sociais da variável em relação aos papéis de gênero dos agentes sociais considerados na pesquisa. Não se trata de naturalizar as diferentes performances de gênero, mas sim de compreendê-las criticamente como associadas a construções práticas de dominação que têm repercussões no trânsito social. As mulheres, nesse

sentido, podem encontrar barreiras muito maiores para que *transgridam* política ou artisticamente, o que se explica pelas expectativas dos agentes que opõem o *homem viril* à *mulher feminina*. Bourdieu (2012 [1998]) explica que a dominação masculina tem resultados nas divisões do trabalho, em que as mulheres são afastadas do mercado de trabalho e entendidas, pelo resultado da construção que resulta em violência simbólica, como associadas às funções da casa. Desde o século XIX, conforme Monteiro (2012), as tavernas e botequins eram frequentadas pelos homens em Porto Alegre, enquanto as mulheres ficavam com as tarefas de casa e com opções de lazer associadas à igreja.

Enquanto manifestação de quem é *descolado* e associado ao *jovem transgressor*, o *ingliding* pode ser favorecido por homens porque essas posições foram, no movimento dos anos 1980, dominadas por homens. Eram os homens aqueles que estavam mais legitimados a ocupar os bares do Bom Fim dos anos 1980. Supõe-se, nesse sentido, que o movimento de *transgressão* ou de busca por *liberdade* da mulher tenha que ser ainda maior, por esbarrar em expectativas de gênero, o que pode ter dificultado sua participação no movimento dos anos 1980, daí a grande discrepância quantitativa entre participantes homens e mulheres no *Filme Sobre um Bom Fim*.

Embora isso possa explicar as tendências de uso do *ingliding* no falar porto-alegrense, não significa que as mulheres já não estejam se apropriando de espaços a que já deveriam ter acesso há muito tempo. No Sarau Elétrico, comandado por Katia Suman, há um momento de crítica à mulher *boazinha* idealizada que demonstra a oposição ideológica dos agentes sociais que participam do Sarau em relação a essa visão limitadora. Os significados sociais do *ingliding* no Sarau Elétrico têm a ver com esse posicionamento ideológico que questiona os papéis de gênero. Mas se a subversão da dominação masculina é lenta e desafiadora, faz sentido que os resultados quantitativos para o *ingliding* ainda apontem os homens como favorecedores do ditongo centralizado.

Além disso, é importante ressaltar que, embora a informante 23 considere que o movimento dos anos 1980 era primordialmente *heterossexual*, há relatos de

participantes do movimento que afirmam o contrário, o que inclusive tem a ver com certa noção compartilhada, principalmente para os *outsiders*, de que o Bar Ocidente era/é um bar exclusivamente voltado ao público *gay*. A possibilidade de que o falar com *ingliding* possa estar atrelado à orientação sexual para alguns agentes sociais, embora isso não tenha sido explorado neste trabalho, não deve ser descartada.

Em relação à consciência do ditongo centralizado em seu próprio falar, alguns trechos são elucidativos. O trecho da entrevista da informante 23 mostra que ela reconhece o falar *arrastado* e *cantado* como *muito característico de Porto Alegre*. Ela se enquadra no grupo de pessoas que “cantam” para falar, mas considera que *canta* menos do que aqueles jovens que constituem a *persona magro do bonfa*. O informante 1 também faz afirmações a respeito do seu modo de falar e afirma ter *consciência do seu sotaque*. Contudo, ao chamar atenção para traços do seu falar, não aborda o *ingliding* de vogais tônicas. É o que mostram os trechos a seguir:

“O meu pai veio da colônia italiana, mesmo, né”.

“O pai, até os sete, oito anos, ele falava ca[r]inho ao invés de ca[h]inho... Falava maca[r]ão...”

“O meu pai tinha muito preconceito linguístico com ele mesmo”.

“Eu tenho consciência do meu sotaque, porque eu sei que todo mundo tem um sotaque, mas eu não paro pra pensar muito nisso quando eu tô aqui porque todo mundo fala mais ou menos parecido, né. [...] A minha mãe, por exemplo, nunca perdeu o sotaque de Cruz Alta, mesmo morando em Porto Alegre há, sei lá, mais de cinquenta anos, ela ainda fala azeit[e], né, quando ela quer me xingar ela diz que eu sou i[r]everent[e]”.

“Nem sei se o meu sotaque é tão forte assim. Eu vejo que tem gente que fala de ‘detergen[t̪i]’, sabe, ‘a água tá quen[t̪i]’. São marcas, né, da nossa fala, da nossa identidade, é onde a gente mora. ‘Oh, a gent[t̪i]’ [risos]”.

(INFORMANTE 1)

O que se percebe nos trechos da entrevista do informante 1 é que, ao elencar características que diferenciam o seu falar (falar porto-alegrense) dos falares dos pais, não porto-alegrenses, ele mobiliza outras variáveis que não o *ingliding* de vogais tônicas. O informante opõe o uso da fricativa velar ou glotal ao uso do tepe ou da vibrante alveolar em posição de ataque; a elevação da vogal média-alta postônica final à não elevação; e a palatalização das oclusivas alveolares à não palatalização. Tais variáveis linguísticas são, portanto, mais salientes para o informante do que a realização do ditongo centralizado. Isso significa que o uso de *ingliding* está abaixo do

nível da consciência para esse informante, podendo ter se automatizado em seu falar. Além disso, conforme Eckert (2016), a falta de consciência dos falantes não atenua o seu efeito sobre o que fazem. Assim, mesmo que o informante 1 esteja mobilizando *personae* com o uso de *ingliding*, essa mobilização estilística não precisa ser socialmente intencional e consciente.

É interessante, por fim, observar como o falar do informante 1 se opõe ao falar de seus pais, não porto-alegrenses. Para o informante, o lucro simbólico do uso do *ingliding* também diz respeito à oposição entre Porto Alegre e demais regiões, entre capital/urbano e colônia/rural. Nesse sentido, o uso de *ingliding* diz respeito à pertença à Porto Alegre.

A oposição entre rural e urbano também é abordada pela informante 23. A informante critica a visão de um *gaudério* em Porto Alegre, construída a partir de uma ideia de coronelismo, afirmando que Porto Alegre nunca foi rural, tendo sido, inclusive, um dos lugares que se manteve ao lado do império durante a Revolução Farroupilha. Esse aspecto é tratado pela informante 23 como um *problema de identidade* bastante sério de Porto Alegre, uma cidade que, para a informante, é formada por pessoas essencialmente urbanas.

Mas o argumento deste trabalho é que mais do que significar pertença, os estilos atrelados ao *ingliding* buscam representar ou reivindicar aquilo que um porto-alegrense é. A esse respeito, e aproveitando a oposição declarada pelo informante 1 entre o seu falar e o falar dos seus pais, vale chamar atenção para o adjetivo que o informante 1 recupera ao relatar um *xingamento* de sua mãe em relação a ele: *irreverente*. Se essa é uma forma de *xingar* o filho, deve haver uma oposição entre o informante 1 e seus pais também nas práticas sociais e posicionamentos ideológicos. Ser *irreverente* é um dos possíveis significados sociais do *ingliding* de vogais em sílabas tônicas, aqui entendido como estratégia linguística para construção de estilos de *personae* associados a estilos de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do *ingliding* de vogais em sílabas tônicas do falar porto-alegrense avançou consideravelmente a partir deste trabalho. Considera-se que o objetivo geral de explorar os significados sociais e os estilos de vida associados ao processo, a partir de abordagem integrada das três ondas da sociolinguística, foi cumprido por meio da associação entre métodos estatísticos e interpretativos que possibilitaram tanto definir padrões de variação linguística quanto compreender possíveis motivações e lucros simbólicos que o *ingliding*, como prática estilística, em diferentes contextos, confere aos agentes sociais que dele fazem uso. Sistematizam-se, a seguir, as questões-norteadoras do trabalho, as hipóteses e os resultados.

(i) Quais são os padrões de variação do *ingliding* em Porto Alegre?

As hipóteses a respeito das tendências de emprego de *ingliding* de acordo com variáveis linguísticas foram, em grande medida, confirmadas com os resultados obtidos. Os resultados para a amostra do *Filme Sobre um Bom Fim* e para a amostra do LínguaPOA confirmam que o processo surge somente no elemento mais proeminente da frase entoacional, o que indica que o *ingliding* marca a borda desse constituinte prosódico, como antes (BATTISTI e OLIVEIRA, 2014; OLIVEIRA, 2016) aventado. As vogais que favorecem o *ingliding* são as vogais médias-baixas, o que pode ser explicado pelo fato de essas vogais estarem mais próximas articulatoriamente do *glide* central que surge no ditongo centralizado, e por possuírem, também, maior duração intrínseca (LEHISTE, 1970) do que as demais vogais, o que aumenta as chances de uma articulação heterogênea que pode resultar no ditongo em questão.

O *ingliding* também é favorecido quando há pausa como Contexto Fônico Seguinte, o que confirma a ideia (BATTISTI, 2013) de que o ditongo centralizado não resulta de assimilação do segmento vizinho, mas sim surge da própria vogal em sílaba tônica, razão pela qual se acredita que a duração tenha efeitos sobre o processo (DONEGAN, 1978). Além disso, o processo é favorecido por segmentos de ponto coronal, e desfavorecido por segmentos de ponto labial e dorsal. Supõe-se que

contextos seguintes que, por razões articulatórias, encurtem a duração da vogal precedente, inibam o surgimento de *ingliding*.

Na amostra do LínguaPOA, Número de Sílabas também está correlacionado ao processo, que é favorecido por monossílabos. Pode influenciar nesse resultado, contudo, o fato de que a grande maioria dos monossílabos do *corpus* considerado são das emissões “é” e “né”, constituídos de vogal nuclear média-aberta e precedidos por pausa, fatores que estão estatisticamente mais fortemente correlacionados ao *ingliding*.

As proporções gerais de aplicação de *ingliding* parecem corroborar a hipótese de que os frequentadores do Bom Fim dos anos 1980 utilizam o traço para construir *personae*, visto que a proporção de aplicação do processo é maior no *Filme Sobre um Bom Fim* – 15,5% – do que no LínguaPOA. Na subamostra do LínguaPOA, a proporção é de 9,5%, ao passo que, na amostra de 24 informantes do LínguaPOA, a proporção é de 5%. Embora o *ingliding* seja um dos traços que identifica o falar porto-alegrense (em oposição ao falar de quem não é da capital) para quem não mora na cidade, sua proporção de aplicação é relativamente baixa na amostra estratificada.

Em relação às variáveis sociais correlacionadas ao processo, os resultados confirmam a hipótese de que a segunda faixa etária favorece a aplicação de *ingliding*. Nas análises multivariadas de efeitos mistos da amostra de 24 informantes do LínguaPOA, contudo, nenhuma variável social é selecionada, o que demonstra que informantes específicos estão influenciando os resultados. Na subamostra, excluindo-se dados dos informantes de não aplicação categórica do processo, Gênero e Faixa Etária são selecionados, bem como Idade como variável contínua. A hipótese de que o processo deva ser favorecido por pessoas de estrato socioeconômico alto e que moram ou frequentam o centro (OLIVEIRA, 2015) também se confirma, visto que os informantes mantidos na subamostra e que mais produzem *ingliding* tendem a apresentar esse perfil.

Os resultados confirmam a hipótese de que deve ter havido incremento na proporção de aplicação de *ingliding* nos anos 1980 por conta do movimento jovem do Bom Fim, visto que o perfil favorecedor se associa às características desses jovens. O

favorecimento por parte dos homens não foi uma hipótese adotada de partida neste estudo, mas integrou a pesquisa após a constatação de que o *Filme Sobre um Bom Fim* foi constituído em sua grande maioria por relatos de homens, indicando que o movimento pode ter se construído, principalmente, em torno de figuras masculinas.

(ii) Que estilos se constroem nas práticas sociais com o *ingliding*?

A hipótese de que *personae* vinculadas ao movimento jovem do Bom Fim nos anos 1980 constituam modelos culturais dos quais a aplicação de *ingliding* faz parte (OLIVEIRA, 2016) ganha força na medida em que práticas, gostos e posições ideológicas desses jovens – do *Filme Sobre um Bom Fim* – são semelhantes a práticas, gostos e posições ideológicas de parte dos informantes porto-alegrenses que mais produzem *ingliding* na amostra do LínguaPOA.

Há considerável discrepância entre as proporções de aplicação de *ingliding* por participante no *Filme Sobre um Bom Fim*. O processo é marcado principalmente nos falares de artistas e jornalistas/comunicadores, que mobilizam um estilo *descolado* (*transgressor, louco*) alinhado a movimentos contraculturais em busca de inovação artística e política. Há, contudo, quem perceba o *ingliding* como marca de quem é *surfista* ou *filhinho de papai*, e não como de agentes que construíram o que pode ser considerado um movimento jovem. As diferentes percepções a respeito da variável fazem com que os agentes sociais queiram ou não fazer uso da mesma, demonstrando aproximação ou afastamento aos estilos de vida por ela construídos.

Dentre os informantes que mais produzem *ingliding* no LínguaPOA, há aqueles que, a partir de suas práticas estilístico-ideológicas, associam-se ao estilo dos modelos culturais dos anos 1980. São pessoas (grupo A) que frequentam o centro de Porto Alegre (onde realizam práticas culturais), que circulam principalmente a pé na cidade, que entendem que aumentar o efetivo policial não é uma medida prioritária para a cidade, que utilizam bastante a internet, que consomem filmes/séries/programas culturais na TV a cabo, que são favoráveis à legalização da maconha, e que mencionam políticos de partidos de esquerda como bons exemplos.

Contudo, há um outro grupo (grupo B), dentre os informantes do LínguaPOA, com elevada proporção de aplicação de *ingliding*, que não partilha dessas mesmas práticas. Essas pessoas não frequentam primordialmente o centro da cidade (realizam práticas esportivas ao ar livre, na orla de Porto Alegre), circulam principalmente de carro na cidade, acreditam que aumentar o efetivo policial é uma das prioridades para a cidade, fazem ressalvas em relação à superexposição no mundo virtual, consomem programas esportivos na TV a cabo e ouvem rádio no carro, são desfavoráveis à legalização de qualquer droga e têm dificuldade em mencionar bons exemplos de políticos.

Esses resultados apontam que o *ingliding* é parte de campos indexicais (ECKERT, 2008) distintos para agentes sociais de diferentes estilos de vida, que podem ser enquadrados em classes (ou frações de classes) dominantes. O que uma observação das práticas revela, contudo, é que o lucro simbólico produzido pela aplicação de *ingliding* é semelhante, mesmo que os campos indexicais da variável se distanciem consideravelmente a depender dos estilos de *personae* e de vida.

É interessante notar que os resultados mostraram, tanto na análise do *Filme Sobre um Bom Fim* quanto na análise do LínguaPOA, a relevância de se considerar as ocupações dos informantes em estudos sociolinguísticos, principalmente quando se tem interesse em explorar *estilo* e *classe*. As ocupações foram, neste estudo, exploradas qualitativamente. Explorá-las quantitativamente, em estudos de larga escala, também deve ser esclarecedor.

(iii) Quais são os significados sociais do *ingliding*?

Os significados sociais do *ingliding* estão sujeitos à reinterpretação a cada novo uso da língua, como se espera de índices de segunda ordem (SILVERSTEIN, 2003). As hipóteses a respeito desses significados, resultantes do que aponta o estudo-piloto de percepção e avaliação, são reforçadas a partir das análises aqui realizadas. Para os ícones estilísticos, ou modelos culturais (GAL, 2016), do *Filme Sobre um Bom Fim*, os significados do *ingliding* abrangem, conforme suspeita, os termos *descontraído*, *desencanado*, *descolado* e *preguiçoso*, em oposição a *formal*, *nerd*, *conservador* e *trabalhador*.

Tais significados são semelhantes àqueles que devem estar presentes nos campos indexicais da variável para os informantes do grupo A do LínguaPOA, bem como para aqueles que participam do Sarau Elétrico.

Participar do Sarau Elétrico e do Bom Fim faz surgir um *efeito de clube*, em que os agentes sociais se distinguem dos demais através da detenção de capital econômico, cultural e social (BOURDIEU, 1998 [1993]). Os participantes desse *clube* exprimem, em sua relação com o espaço físico da área central da cidade, suas posições superiores no espaço social, na medida em que circulam em um bairro de bons índices econômicos, frequentado por artistas, e que possibilita proximidade a diversas manifestações culturais. Nesse sentido, o *ingliding* confere lucro simbólico a quem o utiliza, e é uma estratégia de mobilização de capital cultural, também observada pela frequente celebração do passado do Bom Fim no Sarau Elétrico, movimento estilístico que confere legitimidade aos agentes que, relembrando o passado e produzindo *ingliding*, alinham-se às *personae* dos jovens dos anos 1980. O Bom Fim, portanto, não é apenas espaço físico, mas também signo.

Contudo, nem todos os informantes porto-alegrenses partilham da mesma histórica indexical (JAFFE, 2016). Alguns devem ter tido contato com a variável por outras vias, como através do falar da mídia, sem acesso ao contexto contracultural dos anos 1980 de maneira mais ampla. Esse pode ser o caso dos informantes do grupo B, que não se organizam em torno das mesmas práticas estilísticas que os frequentadores do Bom Fim ou que os informantes do grupo A, mas que, na verdade, revelam posições ideológicas contrastantes.

As posições relativamente superiores no espaço social são uma característica comum entre informantes do grupo A e do grupo B, que partilham *habitus* de classe e distanciam-se dos gostos da necessidade (BOURDIEU, 2015 [1979/1982]). Assim, um dos possíveis significados sociais do *ingliding* pode estar ligado justamente à mobilização de capital econômico. Além disso, a maioria dos informantes que mais produzem *ingliding* são de ocupações que demandam um uso cuidadoso da linguagem (professores, vendedores), característica partilhada por comunicadores. O *ingliding*

pode, portanto, não só indexar altos índices econômicos, como também conferir legitimidade àqueles que precisam ser convincentes e confiáveis para seus interlocutores, e que mobilizam, para tanto, capital simbólico e social. Por esse motivo, o falar com *ingliding* pode ser um recurso na busca pelo sucesso na situação comunicativa atrelada a discursos públicos.

Além disso, o que se observa dos posicionamentos dos informantes, tanto do grupo A quanto do grupo B, permite interpretar significados do *ingliding*: todos os informantes são *descolados* a seu modo. O *despojamento* é evidente tanto nas práticas culturais alternativas do grupo A quanto nas práticas esportivas ao ar livre, em contato com a natureza, do grupo B. No grupo A, há uma oposição entre ser *descolado* e ser *careta* (de bairros *elitizados*). No grupo B, há uma oposição entre ser *despojado* e estar sempre *arrumado* (em bairros *elitizados*). Em linhas gerais, os significados *transgressor*, *louco* e *maconheiro*, por exemplo, estão atrelados aos jovens dos anos 1980 do Bom Fim, com os quais os informantes do grupo A parecem se alinhar. Já os significados *esportista* e *praieiro* estariam associados aos informantes do grupo B. O *ingliding* pode indexar esses significados, mas também outros, como *descolado*, *despojado* e *relaxado*, que servem tanto para os informantes do grupo A quanto para os informantes do grupo B, em oposição a um ideal de elite mais *formal*, *contida*, ou até mesmo *esnobe*.

Esses significados comuns giram em torno de uma *liberdade*, não só financeira, mas também estilística, que tem reflexos na *hexis* corporal: o *ingliding* surge justamente de relaxamento articulatório, o que pode ter a ver com recusa às censuras, de forma que a realização do *ingliding* pode ser uma reivindicação de *liberdade* nos modos de agir em diferentes aspectos. Em um contexto social de dominação masculina (BOURDIEU, 2012 [1998]), faz sentido que os resultados apontem os homens como favorecedores, uma vez que o *ingliding* pode estar atrelado a essa *liberdade*. Na medida em que as mulheres ocupam espaços que são seus por direito, dos quais foram historicamente apartadas, também a reivindicação de um estilo *despojado* ou *transgressor* pode se tornar mais proeminente em suas práticas, o que deve ter reflexo nos usos linguísticos.

O que a investigação também apontou é que o *ingliding* não é necessariamente um traço mobilizado conscientemente, o que não atenua os efeitos de seu uso (ECKERT, 2016). Os movimentos estilísticos, embora sempre sejam ideológicos, nem sempre são socialmente intencionais.

O estudo dos significados sociais e dos estilos construídos por meio do *ingliding* não se esgota a partir da análise realizada neste trabalho. Avança-se bastante, contudo, na medida em que as práticas sociais são consideradas em relação às categorias macrossociais de um estudo de larga escala, mas também em relação a demais práticas estilísticas que demandam um estudo interpretativo abrangente. Nesse sentido, a adoção de uma teoria social se fez necessária para que fossem identificados traços previsíveis nos estilos de vida e de *personae* dos agentes sociais considerados.

Embora não tenha sido o objetivo desta pesquisa, analisar minuciosamente as práticas dos falantes que não produzem *ingliding* pode dar força aos resultados encontrados. É interessante investigar, por exemplo, motivações para que falantes com perfis considerados favorecedores do processo não produzam *ingliding*, considerando que suas práticas sociais devem ser reveladoras. Outra possibilidade relevante para o estudo é a de investigar se há concentração de *ingliding* em certos pontos das entrevistas, a depender do tópico abordado e do nível de monitoramento da fala. Uma investigação como essa seria capaz de identificar se há momentos nas entrevistas sociolinguísticas em que, por conta daquilo sobre o que se está falando, os informantes aumentam o uso de ditongos centralizados para construir certas *personae*. Para tanto, é preciso considerar, na análise, a totalidade das entrevistas.

É relevante para este estudo, também, considerar o *ingliding* como variável contínua, e não fatorial, em futuras análises. Tratar o *ingliding* como variável contínua implicaria considerar medidas de F1 e F2, o que possibilitaria explorar o grau de centralização dos ditongos. Como os resultados encontrados até então apontam para o papel da duração, é importante aprofundar a investigação considerando também a duração como variável contínua. Um estudo acústico do *ingliding* poderá testar resultados encontrados e produzir novas descrições e explicações sobre o processo.

Também é preciso realizar investigações que explorem mais detidamente os efeitos de contexto seguinte na realização de *ingliding*. Este estudo chegou a resultados interessantes, apontando os contextos de *pausa* e de ponto *coronal* como favorecedores do processo. Novas etapas poderão reorganizar a variável Contexto Fônico Seguinte com vistas a buscar diferentes explicações para o surgimento de *ingliding* que possam contemplar os contextos coronais que mais favorecem a variante ditongada. Além disso, etapas futuras podem trazer novas respostas relativas aos contextos que bloqueiam o surgimento de *ingliding*.

Está no horizonte de ampliação desta pesquisa investigar como o *ingliding* é percebido por porto-alegrenses e não porto-alegrenses, de diferentes localidades brasileiras, em um estudo robusto, a contar com grande número de dados. Essa investigação daria conta de explorar como a percepção e a avaliação estão condicionadas linguisticamente e socialmente, o que traria mais respostas a respeito dos significados sociais do *ingliding*. O que os resultados do estudo já realizado apontam é que o campo indexical do *ingliding*, de Battisti e Oliveira (2016), precisa ser revisto e ampliado a partir da construção de uma representação que inclua grupos sociais e *personae* e que não seja organizada em pares de opostos. Resultados de testes de percepção e avaliação analisados estatisticamente possibilitarão a modelagem de um campo indexical menos impressionístico. Tais testes devem permitir que os próprios participantes proponham termos para classificar o *ingliding*.

Além disso, uma pesquisa etnográfica em uma comunidade de prática de interesse, como a de comunicadores porto-alegrenses, aprofundará a compreensão de *ingliding* como prática estilística, buscando comparar os efeitos simbólicos que o uso da variável confere a seus usuários em diferentes situações comunicativas. Um estudo do *ingliding* a partir de estilo como gerenciamento de *personae* (COUPLAND, 2001) certamente seria revelador se um mesmo agente social pudesse ser acompanhado em diferentes contextos sociais, de maneira a contrastar usos públicos de usos não públicos da linguagem e explorar a indexação da variável nas diferentes comunidades de prática de que o agente faz parte em seu trânsito social.

A realização dessas novas etapas está prevista para dar continuidade à pesquisa a respeito do *ingliding* e das *personae* a ele correlacionadas. A partir desses procedimentos metodológicos, e de outros que considerem a natureza interdisciplinar dos estudos sociolinguísticos, planeja-se seguir explorando os significados sociais do *ingliding* em uma pesquisa que busca ser tanto descritiva quanto explicativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUDACITY TEAM. Audacity(R): Free Audio Editor and Recorder [Computer application]. Version 2.2.1, 2017.

BARBOSA, P. At least two macrorhythmic units are necessary for modeling Brazilian Portuguese duration: Emphasis on automatic segmental duration generation. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 31, p. 33-53, jul-dez, 1996.

BARBOSA, P.; MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental: Aplicação a dados do português*. São Paulo: Cortez, 2015.

BATTISTI, E. Realizações variáveis de vogais tônicas em Porto Alegre (RS): Ditongação ou *ingliding*? *Fragmentum*. Santa Maria, n. 39, p. 58-76, out-dez, 2013.

BATTISTI, E; OLIVEIRA, S. Alongamento e *ingliding* de vogais em sílabas tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). *(Con)Textos Linguísticos*. Vitória, v. 8, n. 11, p. 39-56, 2014.

_____. Significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). *Revista Todas as Letras*, n. 2, v. 18, p. 14-29, 2016.

_____. Classe social e significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no português de Porto Alegre (RS). *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN*. Parte 3. Niterói: Letras da UFF, p. 1527-1536, 2017.

_____. Sexo, gênero e orientação sexual na pesquisa sociolinguística. In: CARVALHO, D.; BRITO, D. (Orgs.) *Gênero e Língua(gem): Teoria e prática*. Salvador: EDUFBA, no prelo.

BELL, A. Language style and audience design. *Language in Society*, vol. I3, p. 145-204, 1984.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, v. 5, n. 2, p. 189-224, 1989.

_____. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, v. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.

_____. Ditongos derivados: Um adendo. In: LEE, S. (Org.) *Vogais além de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 57-65, 2012.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: Doing phonetics by computer* [Computer program]. Versão 6.0.16, 2016.

BONNEWITZ, P. *Primeiras Lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1977.

_____. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998 [1993].

_____. *A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008 [1982].

_____. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012 [1998].

_____. *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2015 [1979/1982].

BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017 [1990].

CAGLIARI, L. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese de Livre Docência. Universidade Estadual de Campinas, 1981.

CAMPBELL-KIBLER, K. *Listener perceptions of sociolinguistic variables: The case of (ing)*. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006.

CATFORD, J. *A practical introduction to Phonetics*. Oxford: Clarendon Press, 1988.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.

CLEMENTS, G.; HERTZ, S. An integrated approach to phonology and phonetics. In: DURAND, J.; LAKS, B. (Eds.) *Current trends in phonology*. University of Salford Publications, 1996.

CLEMENTS, G.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.) *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, p. 245–306, 1995.

COLLEY, M. *Diphthongization in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. Houston: Rice University, 2009.

COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.) *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 185-210, 2001.

CRYSTAL, D. *A dictionary of Linguistics and Phonetics*. 6a. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008

DEPREZ, K; PERSOONS, Y. Attitude. In: AMMON, U; DITTMAR, N; MATTHEIER, K. (Ed.). *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. Berlin/New York: De Gruyter, v.1, p. 125-132, 1987.

DONEGAN, P. *On the natural phonology of vowels*. PhD Dissertation. Graduate School of the Ohio State University, 1978.

D'ONOFRIO, A. Sociolinguistic knowledge of a sound change in progress: Perceptions of California TRAP backing. Paper presented at 88th Annual Meeting of the Linguistics Society of America. Minneapolis: MN, 2014.

DURANTI, A. *Linguistic anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

_____. *Variation, convention, and social meaning*. Plenary talk. Annual meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, CA, 2005.

_____. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*. 12/4, p. 453-476, Blackwell Publishing Ltd. 2008.

_____. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, 41, p. 87-100, 2012.

_____. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, N. (Ed.) *Sociolinguistics: Theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 68-85, 2016.

ERICKSON, F. *Qualitative methods in research on teaching*. New York: Macmillan Publishing Company, 1990.

ESCUADERO, P.; BOERSMA, P.; RAUBER, A.; BION, R. A cross-dialect acoustic description of vowels: Brazilian and European Portuguese. *The Journal of the Acoustical Society of America*. Acoustical Society of America: p. 1379-1393, 2009.

FARIA, A. *Um século de música*. Porto Alegre: CEEE, 2011.

FEDOZZI, L.; SOARES, P. (Orgs.). *Porto Alegre: Transformações na ordem urbana*. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015.

FISCHER-JØRGENSEN, E. Sound duration and place of articulation. *Zeitschrift für Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung* 17, p. 175-207, 1964.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, jan/fev/mar/abr, p. 58-78, 1999.

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Lisboa, 1998.

GAL, S. Sociolinguistic differentiation. In: COUPLAND, N. (Ed.) *Sociolinguistics: Theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 113-135, 2016.

GILES, H. Evaluative reactions to accents. *Educational Review*, 22:3, p. 211-227, 1970.

GOFFMAN, I. *A Representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1989.

Handbook of the International Phonetic Association: A guide to the use of the IPA. Cambridge University Press, 1999.

HAY, J.; DRAGER, K. Stuffed toys and speech perception. *Linguistics* 48, 4, p. 269-285, 2010.

HAYES, B. *Introductory phonology*. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

HEBDIGE, D. *Subculture: The meaning of style*. New York: Methuen, 1984.

IRVINE, J. "Style" as distinctiveness: The culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (eds.) *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 21-43, 2001.

JAFFE, A. Indexicality, stance and fields in sociolinguistics. In: COUPLAND, N. (Ed.) *Sociolinguistics: Theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 86-112, 2016.

JEKOSCH, U. *Voice and speech quality perception*. Assessment and Evaluation. New York: Springer, 2005.

JOHNSON, D. Getting off the GoldVarb standard: Introducing Rbrul for mixed-effects variable rule analysis. *Language and Linguistics Compass*, vol. 3(1), p. 359-383, 2009.

_____. *RBrul*. Version 3.1.1., 2017.

JUNG, N. *A (re)produção de identidade sociais na comunidade e na escola*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W.; ASH, S.; BOBERG, C. *The Atlas of North American English (ANAE)*. Berlin/New York: Mouton The Gruyter, 2006.

LADD, D. *Intonational phonology*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

LAMBERT, W.; HODSON, R.; GARDNER, R.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, vol. 60(1), 44-51, 1960.

LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning: Legitimate peripheral participation*. New York: Cambridge University Press.

LEHISTE, I. *Suprasegmentals*. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1970.

LE PAGE, R.; TABOURET-KELLER, A. *Acts on identity: Creole-based approaches to language and ethnicity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

LEVON, E.; FOX, S. Social salience and the sociolinguistic monitor: A case study of ING and TH-fronting in Britain. *Journal of English Linguistics*, vol. 42(3), p. 185-216, 2014.

LOPEZ, B. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. Los Angeles: University of California, 1979.

MALINOWSKI, B. *Argonauts of the Western Pacific*. London: Routledge, 1922.

MIGOTTO, B. *Filme sobre um Bom Fim*. [Filme-vídeo]. Roteiro e Direção de Boca Migotto. DVD / NTSC, 88min. Porto Alegre, 2015.

MONTEIRO, C. *Breve história de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Cidade, 2012.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

OBSERVATÓRIO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE (ObservaPOA).

OLIVEIRA, S. O estereótipo do falar porto-alegrense: Percepções e atitudes sobre o falar com *ingliding* e alongamento vocálico. *An@is Fórum FAPA: XIV Fórum FAPA*. Edição 7. Porto Alegre, p. 358-374, 2015.

_____. *O ingliding característico do falar de Porto Alegre (RS): Um estudo de produção, percepção e atitudes*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras). Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

_____. *O ingliding do falar porto-alegrense: Da percepção à produção linguística*. *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN*. Parte 3. Niterói: Letras da UFF, p. 1308-1320, 2017.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: Avaliação, produção e percepção linguística*. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Departamento de Linguística. São Paulo: USP, 2015.

_____. *Introdução à estatística para linguistas*, v.1.0.1 (dez/2017). Disponível em <https://doi.org/10.5281/zenodo.822069>. Licença Creative Commons 4.0. Atribuição – Não comercial. Acesso em 26/07/2018. 2017.

PEDROSO, L. *Transgressão do Bom Fim*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

PETERSON, G.; LEHISTE, I. Duration of syllable nuclei in English. *Journal of the Acoustical Society of America* 32, p. 693-703, 1960.

PODESVA, R. *Phonetic detail in sociolinguistic variation: Its Linguistic Significance and Role in the Construction of Social Meaning*. Stanford, CA, Tese (Ph.D), 2006a.

_____. *Intonational variation and social meaning: Categorical and phonetic aspects*. *UPenn Working Papers in Linguistics*, 12, p. 189-202, 2006b.

PRESTON, D. *Perceptual Dialectology: Nonlinguists' views of Areal Linguistics*. Dordrecht – Holanda/Providence: Foris Publications, 1989.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. 2018.

RICKFORD, J. Style and stylizing from the perspective of a non-autonomous sociolinguistics. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (eds.) *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 220-231, 2001.

ROSA, R. *A comunidade de fala de Porto Alegre no estudo da variação linguística: Identificando subcomunidades*. Monografia (Licenciatura em Letras). Instituto de Letras. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

SERRA, C. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: Fala espontânea e leitura*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SILVA, H. A situação etnográfica: Andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, 2009.

SILVA, T. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and Communication*, v. 23, p. 193-229, 2003.

SPRADLEY, J. *The ethnographic interview*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

TARNÓCZY, T. Can the problem of automatic speech recognition be solved by analysis alone? *Rapports du 5^o Congrès International d'Acoustique*, Volume II, Conférences générales (Liège: D. E. Commins), p. 371-387, 1965.

WENGER, E. *Communities of practice: Learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WETZELS, W. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 5-15, jul./dez., 2000.

ANEXOS

Anexo 1 – Roteiro de entrevista do LínguaPOA

Família	Como é tua família? É grande? Tens irmãos (filhos, netos)? O que eles fazem? Estudam, trabalham? Onde moram? Visitas teus familiares? Quem? Com que frequência? O que fazem juntos?
Trabalho	Trabalhas/estudas? Onde? Se em empresa, é nacional ou multinacional/faz comércio exterior? Se funcionário público: De que área? Quando fizeste o concurso? Como são teus horários/rotina de trabalho? Como é o teu local de trabalho (estudo)? É longe da tua casa? Como fazes para ir até lá? Por que escolheste tua ocupação? Realizas algum trabalho voluntário? Se sim: Qual?
Lazer Amizades Culinária	O que tu costumavas fazer no teu tempo livre? Com quem? Onde? Vais ao cinema, assistes a filmes em DVD/TV a cabo/Internet? Teus amigos, como são? Tens um melhor amigo? Como ele é? Sabes cozinhar? Gostas? Qual é teu prato favorito? Como é preparado? Costumas comer comidas diversificadas? Quais? Onde? Tu viajas? Quando? Por quanto tempo? Para onde?
Bairro Habitação Transporte	Há quanto tempo moras neste bairro/local? Gostas do lugar? Como era antigamente? Já aconteceu algo contigo que te fizesse pensar: 'Que bom morar aqui!', ou 'Morar aqui não é bom'? Se sim, o que aconteceu? Moras em casa ou em apartamento? Tens vizinhos? Como são eles? Os moradores do lugar se reúnem para alguma atividade? Quais? Associação de Bairro? Festa da comunidade? Participas? Como é o transporte aqui? Tem muitas linhas de ônibus? Tu usas? Quais?
Cidade	Como é o trânsito em <i>Porto Alegre</i> ? Lembras da cidade há alguns anos? O que mudou aqui? Em termos de trabalho/emprego, como está <i>Porto Alegre</i> ? O que se faz aqui? As pessoas têm emprego? Quais são os empregos mais comuns? Considere as quatro zonas de Porto Alegre - sul, norte, leste, central. Tu transitas em alguma delas? Com que propósito? Com que frequência? Gosta dela(s)? Sim/não, por quê? O que tem lá de diferente? Como as pessoas são? Têm um jeito específico de vestir, agir, falar, etc.? Gostarias de viver em outro lugar? Por quê? O que tu achas mais importante para <i>Porto Alegre</i> ? Escolha dois dos seguintes itens: () Aumentar o efetivo policial e equipar a polícia. () Investir em cultura e lazer. () Preservar a natureza. () Melhorar o transporte coletivo.
Religião	Praticas alguma religião? Qual? Tem missa/culto? Fazes parte?
Línguas	Falas/entendes outra língua? Qual? Com quem falas? Em que situações usas a língua?
Infância	O que tu lembras de tua infância? Brincavas de que/com quem? Ouvias estórias? Quem contava? Lembras de alguma? Qual? Conta.
Estudos	Foste/vais à escola? Qual? Como eram/são as aulas? Lembras de algum professor/disciplina/matéria/aula? Por quê? Fazes algum curso complementar? Qual?
Costumes antigos	Como eram as celebrações (Natal, Páscoa, aniversário, Ano Novo) em família? Lembras de ter ganhado algum presente marcante? O que fazias nas férias? Onde passavas as férias? Lembras de alguma viagem? Para onde foste? O que fizeste? Já correste algum risco de vida? Se sim: Qual? Se não: Conheces alguém que já correu?
Vida afetiva	Tens algum relacionamento afetivo? Como conheceste teu marido/esposa/namorado(a)? Como foi o namoro/casamento?
Comportamento	Como vivem os jovens hoje? Como é seu comportamento em relação aos pais/trabalho/namoro/estudo? Qual é a tua opinião sobre a descriminalização do uso das drogas? O que te parece o comportamento de certas pessoas em público ao falar ao celular/fumar/transitar com animais de estimação/não usar fones de ouvido no ônibus?
Violência	Tu achas <i>Porto Alegre</i> violenta? Na tua opinião, quais são as causas da violência? O que se poderia fazer a respeito?
Política	O que achas dos políticos brasileiros em geral? Há algum que te chame atenção por seu bom exemplo/mau exemplo? Quem?
Meios de comunicação	Assistes a TV? Que programas? Ouves rádio? Quais? O que achas dos programas?
Computador/ Web	Usas Internet (computador/smartphone/tablet)? Quando/para quê?

Anexo 2 – Resultados das análises multivariadas de efeitos fixos

Tabela A – Padrão de *ingliding* de acordo com variáveis linguísticas
(*Filme Sobre um Bom Fim*) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Vogal Nuclear				
[ɔ]	0,80	1,408	34,2%	111
[ɛ]	0,70	0,868	23,6%	335
[e]	0,68	0,766	21,5%	404
[o]	0,51	0,044	11,7%	256
[i]	0,31	-0,779	5,5%	399
[u]	0,09	-2,307	1,2%	162
<i>Range</i>	71			
Contexto Fônico Seguinte – Ponto de C^a				
coronal	0,55	0,190	17,2%	963
pausa	0,54	0,179	16,8%	310
labial + dorsal	0,41	-0,369	10,2%	394
<i>Range</i>	14			

Input: 0,106. ^a $\chi^2 = 1,434(1)$, $p > 0,20$.

Tabela B – Padrão de *ingliding* de acordo com variáveis linguísticas (LínguaPOA) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Vogal Nuclear^a				
[ɛ]	0,78	1,264	11%	1376
[ɔ]	0,73	0,985	7,1%	703
[e]	0,60	0,421	4,5%	1301
[o]	0,52	0,083	3%	659
[i]	0,30	-0,872	1,3%	1608
[u]	0,13	-1,881	0,4%	454
<i>Range</i>	65			
Contexto Fônico Seguinte – Ponto de C^{a b}				
pausa	0,57	0.300	6,9%	1772
coronal	0,57	0.265	4,8%	3306
labial + dorsal	0,36	-0.565	2%	1023
<i>Range</i>	21			
Número de Sílabas^{c d}				
1 sílaba	0,55	0,22	8,6%	1439
2+ sílabas	0,44	-0,22	3,8%	4662
<i>Range</i>	11			
Contexto Fônico Precedente – Ponto de C^a				
pausa	0,61	0,466	9,3%	485
coronal	0,50	-0,004	5,1%	3329
labial	0,50	-0,010	4,7%	1336
dorsal	0,39	-0,452	2,4%	951
<i>Range</i>	22			
Tonicidade da Palavra^e				
monossílabo tônico	0,60	0,398	8,6%	1439
oxítone	0,46	-0,172	2,5%	773
paroxítone	0,50	-0,016	4,1%	3646
proparoxítone	0,45	-0,210	3,7%	243
<i>Range</i>	15			

^aInput: 0,016. ^b $\chi^2 = 0,864(1)$, $p > 0,30$. ^cInput: 0,021. ^d $\chi^2 = 0,566(2)$, $p > 0,70$.

^eInput: 0,018.

Tabela C – Padrão de *ingliding* de acordo com variáveis linguísticas (LínguaPOA: subamostra) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Vogal Nuclear^a				
[ɛ]	0,81	1,479	23,1%	606
[ɔ]	0,73	1,007	14,7%	320
[e]	0,59	0,358	8,2%	662
[o]	0,49	-0,027	5,6%	338
[i]	0,27	-1,012	2,3%	820
[u]	0,14	-1,805	0,9%	215
<i>Range</i>	67			
Contexto Fônico Seguinte – Ponto de C^{a b}				
pausa	0,59	0,376	13,8%	810
coronal	0,57	0,279	9%	1670
labial + dorsal	0,34	-0,655	3,7%	481
<i>Range</i>	25			
Número de Sílabas^{c d}				
1 sílaba	0,57	0,272	17,9%	630
2+ sílabas	0,43	-0,272	7,2%	2331
<i>Range</i>	14			
Tonicidade da Palavra^e				
monossílabo tônico	0,62	0,489	17,9%	630
oxítone	0,44	-0,227	4,8%	378
paroxítone	0,49	-0,022	7,7%	1832
proparoxítone	0,44	-0,241	7,4%	121
<i>Range</i>	18			

^aInput: 0,045. ^b $\chi^2 = 1,106(1)$, $p > 0,20$. ^cInput: 0,061. ^d $\chi^2 = 0,452(2)$, $p > 0,70$.

^eInput: 0,05.

Tabela D – Padrão de *ingliding* de acordo com variáveis sociais (LínguaPOA: subamostra) – análise multivariada de efeitos fixos

	P.R.	Logodds	%	Nº Total
Gênero				
masculino	0,58	0,339	14%	1371
feminino	0,42	-0,339	5,6%	1590
<i>Range</i>	16			
Faixa Etária				
60+ anos	0,42	-0,317	5,9%	1381
35-59 anos	0,58	0,317	12,6%	1580
<i>Range</i>	16			

Input: 0,045.

Anexo 3 – Amostra de 24 informantes do acervo LínguaPOA

Informante	Zona	Gênero	Faixa Etária	Idade	Bairro / Renda do Bairro	Escolaridade	Estrato	% <i>ingliding</i>	Nº Total
1	Central	Masculino	20-39 anos	35	Cidade Baixa / Baixa	Superior	B1	16,5%	303
2	Central	Masculino	40-59 anos	40	Menino Deus / Alta	Superior	A	0%	234
3	Central	Masculino	60+ anos	61	Centro Histórico / Alta	Superior	A	12,2%	294
4	Central	Feminino	20-39 anos	23	Cidade Baixa / Baixa	Superior	C2	0,5%	195
5	Central	Feminino	40-59 anos	44	Centro Histórico / Alta	Médio	B2	1,2%	243
6	Central	Feminino	60+ anos	76	Floresta / Baixa	Médio	C1	3,1%	290
7	Norte	Masculino	20-39 anos	21	Jardim Itu / Alta	Superior	B2	0%	162
8	Norte	Masculino	40-59 anos	42	Sarandi / Baixa	Superior	A	15,1%	272
9	Norte	Masculino	60+ anos	60	Boa Vista / Alta	Médio	A	1,3%	301
10	Norte	Feminino	20-39 anos	26	Sarandi / Baixa	Superior	B2	0%	264
11	Norte	Feminino	40-59 anos	48	Cristo Redentor / Baixa	Médio	B2	0,8%	252
12	Norte	Feminino	60+ anos	78	Boa Vista / Alta	Superior	B2	4,4%	319
13	Leste	Masculino	20-39 anos	26	Morro Santana / Baixa	Médio	C1	1,3%	228
14	Leste	Masculino	40-59 anos	40	Santa Cecília / Alta	Superior	B1	14,3%	252
15	Leste	Masculino	60+ anos	69	Agronomia / Baixa	Médio	B1	0,7%	287
16	Leste	Feminino	20-39 anos	28	Rio Branco / Alta	Superior	A	0,8%	245
17	Leste	Feminino	40-59 anos	41	Bom Jesus / Baixa	Superior	A	3,6%	223
18	Leste	Feminino	60+ anos	61	Chácara das Pedras / Alta	Superior	A	4%	272
19	Sul	Masculino	20-39 anos	22	Restinga / Baixa	Superior	B1	0,4%	230
20	Sul	Masculino	40-59 anos	45	Tristeza / Alta	Superior	A	11,6%	250
21	Sul	Masculino	60+ anos	62	Cavalhada / Baixa	Superior	A	0%	237
22	Sul	Feminino	20-39 anos	35	Belém Novo / Baixa	Médio	B2	1,1%	262
23	Sul	Feminino	40-59 anos	47	Ipanema / Alta	Superior	A	12,5%	280
24	Sul	Feminino	60+ anos	67	Ipanema / Alta	Médio	A	5,8%	206